



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**SILVANA DA SILVA RIBEIRO**

**UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE POR PARTE DE IDOSAS DE  
UMA CASA DE REPOUSO EM FORTALEZA-CE: A EMERGÊNCIA DE VOZES  
SILENCIOSAS E SILENCIADAS**

FORTALEZA

2015

**SILVANA DA SILVA RIBEIRO**

**UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE POR PARTE DE IDOSAS DE  
UMA CASA DE REPOUSO EM FORTALEZA-CE: A EMERGÊNCIA DE VOZES  
SILENCIOSAS E SILENCIADAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- D1e DA SILVA RIBEIRO, SILVANA.  
Um estudo das representações sociais da velhice por parte de idosas de uma casa de repouso em Fortaleza-CE : a emergência de vozes silenciosas e silenciadas / SILVANA DA SILVA RIBEIRO. – 2019.  
217 f.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Profa. Dra. LÍVIA MÁRCIA TIBA RÁDIS BAPTISTA.
1. Representações sociais. 2. velhice. 3. idosas. 4. abrigo. I. Título.

CDD 410

---

SILVANA DA SILVA RIBEIRO

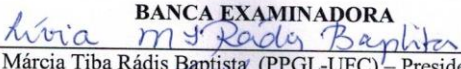
UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE POR PARTE DE  
IDOSAS DE UMA CASA DE REPOUSO EM FORTALEZA-CE: A  
EMERGÊNCIA DE VOZES SILENCIOSAS E SILENCIADAS

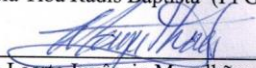
Tese apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade  
Federal do Ceará, como  
requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutor

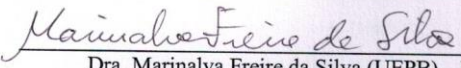
Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

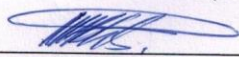
Orientadora: Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista

**BANCA EXAMINADORA**

  
Dra. Lívia Márcia Tiba Rádís Baptista (PPGL-UFC) – Presidente – Orientadora

  
Dr. Francisco Laerte Juvêncio Magalhães (Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação -UFPI) –Membro externo

  
Dra. Marinalva Freire da Silva (UEPB) – Membro externo

  
Dr. Messias Holanda Dieb (FACED-UFC) – Membro externo

  
Dr. Ricardo Lopes Leite (PPGL-UFC) – Membro interno

Suplentes:

Dra Bárbara Olímpia Ramos de Melo (Mestrado em Letras –UESPI) –Membro externo

Dra Elisângela Teixeira (PROFLETRAS/ UFC) – Membro externo

À pessoa idosa, cuja integridade deve ser defendida também no universo acadêmico.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me proporcionaram uma vida de disciplina e estudos.

Aos professores, que me deixaram alguma lição.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL da Universidade Federal do Ceará – UFC, bem como ao pessoal da Coordenação do supracitado programa.

À Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, pela orientação de pleno rigor científico e pela sensibilidade necessária à construção de uma tese.

À Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi, por toda a disponibilidade para auxiliar-me sempre que necessário.

À Profa. Dra. Sandra Maia Farias de Vasconcelos, pela relevante contribuição por ocasião da qualificação da tese.

Ao Prof. Dr. Ricardo Leite, pela participação na banca de qualificação do projeto, bem como pelas contribuições advindas desse momento.

Ao Prof. Dr. Júlio Araújo, pelo carinho, amizade e orientações imprescindíveis em muitas conversas.

Ao Prof. Dr. Messias Dieb Holanda, da Faculdade de Educação – FACED/UFC, pela profunda contribuição teórica e pela amizade.

A todos os colegas feitos durante o curso das disciplinas ofertadas no Programa de Pós-Graduação em Linguística de 2011 a 2013, em especial, a: Elias Maurício da Silva Rodrigues, Triciane Rabelo e Elinaldo Silva.

Ao todos os amigos (professores e alunos) da Universidade Estadual do Piauí, aos quais agradeço pela força e encorajamento, a mim dispensados, no curso deste estudo.

À Profa. Dra. Valdênia Falcão, pela amizade, pela leitura que rendeu contribuições valiosas para esta pesquisa, e ainda, pela acolhida em seu lar durante um bom tempo do curso.

À amiga Ivana da Silva Costa, pelo auxílio constante no desenvolvimento deste trabalho, no que concerne às leituras e traduções em Língua Inglesa.

Aos meus irmãos: Francisca e Ronaldo e ao amigo Apolinário (*in memoriam*).

À Leuda, minha mãezinha, no Ceará.

A todas as idosas que colaboraram com esta pesquisa, bem como à Irmã Terezinha, diretora da instituição, que autorizou a realização da presente pesquisa.

A todos cujos nomes não estão presentes nesta seção, mas que contribuíram cada um a seu modo, para o cumprimento e êxito deste trabalho.

A Deus, por tudo o que me possibilitou  
vivenciar e vencer durante esta pesquisa.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo”.

(Albert Einstein)

## RESUMO

O presente trabalho surgiu de nossa intenção em desenvolver um estudo crítico do discurso de pessoas idosas que vivem sua velhice em casas de repouso, buscando analisar suas representações acerca do referido objeto e a relevância dessas para um estudo de seus discursos numa perspectiva crítica. Desse modo, buscamos resposta à questão central da pesquisa: Quais são e como se constituem, a partir dos Estudos Críticos do Discurso, as representações acerca da velhice por parte de idosas que se encontram em casas de repouso? Duas questões norteadoras da análise: 1) Os temas recorrentes nos discursos dos sujeitos investigados são passíveis de categorização no que se refere à constituição da representação da velhice? 2) As representações da velhice podem ser relacionados com os temas mais recorrentes em seus discursos? **Referencial teórico:** Para o alcance dos objetivos propostos, centramo-nos numa articulação entre a teoria de base – Estudos Críticos do Discurso na perspectiva de Teun van Dijk (2000, 2003, 2008), que focaliza preferencialmente temas e situações passíveis de uma análise crítica, por exemplo, preconceito e violência gerados e ou percebidos por meio da Análise do Discurso Crítica, e explora, no discurso, desde os aspectos formais aos semânticos e pragmáticos. Propusemos uma relação interepistemológica entre os ECD na perspectiva de Teun van Dijk (2000, 2003, 2008, 2012) e a Teoria das Representações Sociais, especificamente a partir dos postulados de Moscovici (1976, 2009) e Jodelet (2001) para propor uma análise do discurso crítica. **Metodologia:** A geração dos dados ocorreu por meio de um projeto-piloto no qual se utilizou a técnica de associação livre de palavras, depois de associação orientada de palavras (uma adaptação da referida técnica), para dirimir dúvidas que permaneciam após a aplicação da associação livre de palavras e de entrevistas semiestruturadas. Procedemos à análise dos dados (entrevistas) dos sujeitos (idosas que moravam em casas de repouso) fundamentados na metodologia de Bardin (2010) centrando nossa atenção, primeiramente nos temas constantes das entrevistas semiestruturadas aplicadas com nossos sujeitos, posteriormente nas respostas dadas às questões constantes das entrevistas semiestruturadas, e por último nas expressões introdutórias das representações acerca da velhice, perceptíveis em seus discursos. O corpus compôs-se por 20 (vinte) entrevistas (eventos discursivos de um mesmo grupo social), para possibilitar a verificação da exequibilidade da hipótese principal de nossa tese de que a teoria vandeikiana dos Estudos Críticos do Discurso pode ser desenvolvida de forma exitosa e profícua por meio do emprego de adaptações da Teoria das Representações Sociais, que contempla aspectos de natureza social e cultural, e que também se vincula a processamentos linguísticos e cognitivos,

assemelhando-se e complementando-se, de modo que a primeira teoria corresponderá ao arcabouço teórico e a segunda, ao metodológico, conforme preceitua Teun van Dijk (2003, 2008, 2012) nos Estudos Críticos do discurso. Este procedimento foi adotado pela pesquisadora por razões metodológicas. **Resultado:** As análises realizadas evidenciaram que os sujeitos que moram na casa de repouso investigada representam a velhice dos seguintes modos: a) representação da velhice relacionada com a fase do surgimento de doenças, compartilhada por sete sujeitos. E dentre essas, representações compartilhadas por dois sujeitos: a) a aceitação da velhice; b) negação da velhice; c) velhice como uma fase de purificação dos pecados; d) associação da velhice com a inércia, o ócio, ou o tempo em que se para de trabalhar. Além disso, obtivemos as representações que foram apresentadas apenas por um sujeito: resignação diante da vida, aceitação da velhice; identificação da velhice no outro; velhice compreendida como sofrimento. Em suma, consideramos pertinente elucidar que os dados evidenciaram uma correlação entre os temas constantes das histórias de vida dos sujeitos, no que concerne à construção de suas representações sociais de velhice. O que, em nosso entendimento, corrobora a defesa de Jodelet (1989, 2001) sobre a qualificação das representações como um saber prático, no que se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos quadros e condições nos quais o é, e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para se agir sobre o mundo e sobre os outros. Em termos gerais, este estudo oferece relevantes elementos para se analisar as representações dos sujeitos investigados. Além disso, há uma contribuição para os estudos que investigam a relação entre linguagem e representação, haja vista até o momento da realização deste estudo o tema ainda não ter contemplado o sujeito idoso e a sua representação sobre como ele é tratado em sua velhice, na perspectiva crítica como já fora explanado neste estudo.

**Palavras-chave:** Estudos Críticos do Discurso. Teoria das Representações Sociais. Representações sociais. Ideologia. Velhice.

## ABSTRACT

The present work emerged from our preoccupation on visualizing the relation between the discursive questions and the opinions of old women about oldness and its objective principal was to proceed to a critical study of the discourse of persons of old age that live in nursing homes, seeking to analyze their representations about oldness and the importance of that to a critical study of their discourse in a critical perspective. Among the main questions, as for example the central research question: what are and as if constitute, from the Critical Studies of discourse, the representations about oldness for part of old women that live in nursing homes? The guiding questions: 1. Themes (matters) appealing in the discourse of the investigated individuals are likely to be categorized in the way that refer to the constitution of the representation of oldness? 2. Representations of oldness can be related with the themes more appealing in their discourses? Theoretical Referential: Toward the reach of the proposal objectives, centralizing in the articulation between the theoretical base of Critical Studies of the discourse in the perspective of Teun van Dijk (2000, 2003, 2008), that focalize themes preferential and possible situation of a critical analysis, as for example, prejudice and generational violence and/or perceived through Analysis of the Critical Discourse, and explore, in the discourse, and customs. Proposing an interepistemological between the ECD in the perspective of Teun van Dijk (2000, 2003, 2008, 2012) and the Theory of the Social Representations, specification from postulate of Moscovici (1976, 2009) and Jodelet (2001) for propose an Analysis of the Critical discourse. Methodology: the data generation occurred by means of a pilot project in that it used the technique of association free form words, after association oriented of words (a adaptation of technique referred), for nullify doubts that would stay same after application of association free form words and at last of interviews semistructured. Proceeding to the analysis of the data (interviews) of the individual (old woman that live in nursing home) well founded in the methodology of Bardin (2010) centralizing our attention, first of all in the themes constants of the interviews semistructured applied with our individuals, posteriorment in the gave answers on the questions constants of the interviews semistructured and at last in the introductory expressions of the representations about oldness, perspectives in his discourses. Assemblies composed itself for twenty (20) interviews (discursive events of a same social groups), to make possible the practicability verification of the principal hypothesis of our thesis so that the theory Vandeykiana of the Critical Studies of Discourse can be developed of successful form and profitable by means of employment of adaptation of the Theory Social Representations, that contemplate

aspects of social and cultural nature and that if bond the linguistics processing and cognitives, to making oneself similar and complementing oneself so that at first theory will correspond to the support theoretical and the second, to the methodological, conform prescribe Teun van Dijk (2003, 2008, 2012) in the Critical Studies of Discourse. Result: Analyses accomplished evidenced that the individuals that live in nursing home represent the oldness of the following manners: a) representation of oldness related with the phase of the emerging of diseases, shaded for seven individuals. And obtaining as representations shaded for two individuals, following; b) the acceptance of oldness; c) oldness negation; d) oldness with a phase of sins purification; e) oldness association with the inertia, the leisure, or the time that if stop to work, moreover obtaining the representations that were showed only for the individual: resignation in the presence of life, acceptance of oldness; identification of oldness in the other; oldness understood with suffering. In short, considering pertinent elucidate that the data evidence that there is a correlation between the themes constants of the life histories of the individuals, in that concern on the constructions their social representations of oldness. What, in our understating, corroborate the defense of Jodelet (1989, 2001) about the qualification of the representations as a practical know, in that if refer on the experience from what it is produced, to the lists and conditions in the what the is, and overcoat to the fact of that representation serve to act about the world and about the others. By and large, this study officer elements importance to observe itself the representations of research individuals. Moreover, there is a contribution to the studies that investigate the relations between and representation, witness until the moment of accomplishment of this study, the theme has not been touched until contemplating the individual old aged and his opinion about as he is agreement in his oldness, in the critical perspective as it was already previously explained in this study.

**Keywords:** Critical Studies of Discourse. Theory of Social Representations. Social representations. Ideology. Oldness.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AC	Análise de Conteúdo
ADC	Análise de Discurso Crítica
ECD	Estudos Críticos do Discurso
EP	Entrevista de Profundidade
MC	Modelo de Contexto
RS	Representação Social
RSC	Recanto Sagrado Coração
TRS	Teoria das Representações Sociais
TRS	Teoria da Representação Social

## LISTA DE QUADROS TEMÁTICOS

Quadro temático - Entrevista 01 – D. Sinhazinha.....	84
Quadro temático - Entrevista 02 – D. Eline .....	86
Quadro temático - Entrevista 03 – D. Cybele .....	87
Quadro temático - Entrevista 04 – D. Bárbara .....	87
Quadro temático - Entrevista 05 – D. Viviana .....	88
Quadro temático - Entrevista 06 – D. Vera .....	90
Quadro temático - Entrevista 07 – D. Celina .....	91
Quadro temático - Entrevista 08 – D. Edna.....	92
Quadro temático - Entrevista 09 – D. Olívia.....	94
Quadro temático - Entrevista 10 – D. Zélia.....	96
Quadro temático - Entrevista 11 – D. Cacilda.....	99
Quadro temático - Entrevista 12 – D. Helena .....	100
Quadro temático - Entrevista 13 – D. Carla .....	103
Quadro temático - Entrevista 14 – D. Ilza.....	103
Quadro temático - Entrevista 15 – D. Marina .....	107
Quadro temático - Entrevista 16 – D. Ester.....	108
Quadro temático - Entrevista 17 – D. Mariana .....	110
Quadro temático - Entrevista 18 – D. Mentinha .....	112
Quadro temático - Entrevista 19 – D. Mazé.....	113
Quadro temático - Entrevista 20 – D. Maroca.....	115

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Características relacionáveis entre a TRS e os ECD.....	688
Gráfico 02 – Síntese da Proposta Metodológica .....	800
Gráfico 03 – Representações geradas com base nas vinte Entrevistas.....	12020
Gráfico 04 – Representações acerca da velhice e Hipóteses Interpretativas.....	121

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
1.1 Considerações Iniciais.....	22
1.2 Estudos Sobre o Envelhecimento .....	22
1.3 O Estatuto do Idoso: Direitos Assegurados .....	40
<b>2 APROFUNDAMENTO TEÓRICO QUANTO AO OBJETO DE PESQUISA</b> .....	45
2.1 Teoria das Representações Sociais: o Fenômeno, o Conceito, a Grande Teoria .....	48
2.1.1 <i>As Dimensões das Representações Sociais</i> .....	49
2.1.2 <i>A Circulação e Reprodução das RS</i> .....	51
2.1.3 <i>Sobre o Campo de Fenômenos da Representação Social</i> .....	51
2.1.4 <i>Abordagens Complementares à Teoria das Representações Sociais – TRS</i> .....	52
2.1.5 <i>Relações Entre o Conhecimento Reificado e o do Senso Comum</i> .....	56
2.2 Definição da Velhice Enquanto Objeto de Representação .....	57
2.3 Estudos Críticos do Discurso – ECD (TEUN VAN DIJK, 2000, 2003, 2008, 2012).....	59
2.3.1 <i>Representação e Ideologia: a Proposta dos ECD de Teun Van Dijk</i> .....	67
2.4 Correlação Entre as Teorias e o Objeto de Pesquisa .....	71
<b>3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	73
3.1 Características Gerais da Pesquisa.....	73
3.2 Os Sujeitos da Pesquisa.....	73
3.3 A Geração de Dados Quanto aos Procedimentos e os Instrumentos Empregados.....	74
3.4 Procedimentos .....	77
<b>4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS</b> .....	83
4.1 Análise dos Dados Gerados com Base nas Entrevistas .....	83
4.2 Representações Sociais Acerca da Velhice.....	116
4.3 Síntese da Representação Acerca da Velhice: Campo Representacional, Informação e Atitude.....	117
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	119
5.1 Retomada das Questões de Pesquisa .....	124
5.2 Contribuições e Implicações da Pesquisa.....	125
5.3 Concluindo .....	126
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	128
<b>ANEXO A – Questões introdutórias à Entrevista Semiestruturada</b> .....	133
<b>ANEXO B - Termo de Livre Consentimento Esclarecido – TCLE</b> .....	134
<b>ANEXO C - Entrevistas semiestruturadas</b> .....	135

## 1 INTRODUÇÃO

A construção do discurso e de suas consequências para a vida dos sujeitos tem nos inquietado a ponto de centrarmos nossos estudos nos aportes teóricos de uma corrente cuja investigação científica é denominada como crítica. E em conformidade com essa perspectiva, nos embasaremos em van Dijk (2000, 2003 e 2008) para justificar a escolha de nosso objeto de pesquisa, bem como da análise metodológica que proporemos para a materialização de nosso trabalho.

O supracitado autor considera que o discurso é uma ferramenta de dominação e de demonstração de poder. E por entendermos que aqueles sujeitos cujas vozes estão emudecidas, seja em função da discriminação, ou devido ao poder presente ou ausente em suas vidas merecem ter sua voz apresentada à sociedade à qual pertencem, resolvemos aderir a essa abordagem dos estudos do discurso – Estudos Críticos do Discurso. Assim, decidimos estudar o discurso dos idosos – um grupo social, que embora tenha crescido bastante em nosso país, não tem tido o espaço reservado para a sua voz, para expressar suas opiniões, suas necessidades sociais, seus desconfortos, seus problemas. Em função de nossa área de estudo ser a Linguística Aplicada, mais especificamente, os Estudos Críticos do Discurso, focaremos esses problemas em sua perspectiva discursiva, a fim de permitirmos uma visualização mais clara da forma como a pessoa idosa vem representando a velhice e que relevância tem esse conhecimento para outros estudos que abordam a velhice, mesmo que a partir de outras temáticas.

Van Dijk (2008, p. 9) defende no primeiro capítulo da obra supracitada *Discurso e dominação: uma introdução*, que prefere a denominação Estudos Críticos do Discurso - ECD à Análise do Discurso Crítica, devido ao fato de compreender o primeiro como “um movimento científico especificamente voltado à formação da teoria e da análise crítica da reprodução discursiva do abuso de poder, em forma de dominação que resultam em desigualdades e injustiças”. Assim, concordamos que por causa da sua complexidade tais estudos devem focalizar as dimensões de poder, passíveis de serem diretamente relevantes ao estudo do uso linguístico, do discurso e da comunicação. De nossa parte, nos centraremos em sua primeira dimensão, a do uso linguístico, uma vez que tomaremos para a constituição de nosso corpus, ou seja, as entrevistas semiestruturadas nas quais os sujeitos devem desenvolver temas, a fim de que seja possível verificarmos a perspectiva crítica preceituada por Teun van

Dijk (2008), embora saibamos da existência de outras teorias que o fazem, optamos por trabalhar com esta última.

A velhice, um tema, que embora não seja tão frequente nos estudos do discurso conforme se percebeu na constituição de seu estado da arte, requer reflexões, e a anuência de que este não é assunto para tratarmos no futuro, pois de acordo com um levantamento do IBGE publicado no *Diário Oficial da União*, em 28 de junho de 2012, o nosso país possui, atualmente, uma população de 202.768.562 habitantes, dos quais 22 milhões são idosos. Este número representa aproximadamente 11% do total da população. E para as próximas décadas deve aumentar de forma acelerada, pois de acordo com as projeções realizadas, o número que em 2012, chegava a cerca de 15% da população, tende a atingir 30% em 2050 e 40% até 2060. A cada ano, são 750 mil idosos a mais na sociedade brasileira. E assim, seguindo a média nacional, a população de idosos no Ceará, estado onde residem os sujeitos que participaram deste estudo, varia de 914 mil a 1 milhão de pessoas, o que representa aproximadamente 11% da população.

O objetivo da presente investigação consiste, principalmente, em demonstrar que a velhice é um objeto de representação social constituído de múltiplas dimensões (cognitiva, discursiva, linguística e social) e que, por meio da análise de sua organização semântica, presente nas manifestações discursivas dos sujeitos, ao se posicionarem sobre o tema, pode-se mapear o significado constituído para a velhice enquanto objeto de conhecimento.

Atendendo ao objetivo proposto, formulamos as seguintes indagações para conduzir nossa pesquisa:

- Quais e como são constituídas as representações da velhice por parte de idosas que moram em casas de repouso de acordo com os ECD?

E ainda, para nortear a análise:

1 Os temas (assuntos) recorrentes nos discursos dos sujeitos investigados são passíveis de categorização no que se refere à constituição da representação da velhice?

2 As representações da velhice podem ser relacionadas com os temas mais recorrentes em seus discursos?

Entender como as representações sociais se constroem e são compartilhadas, possibilita-nos compreender *como* e *por que* determinadas práticas se estabelecem entre os grupos. Dessa forma, em nossa pesquisa, visamos estudar o discurso do idoso acerca da velhice, particularmente, daqueles que se encontram em casas de repouso, com a intenção de contribuir para o avanço das discussões nesse campo do saber e propiciar subsídios para a compreensão das implicações de suas práticas no processo de envelhecimento e ainda, das

consequências que tais práticas acarretam para os sujeitos envolvidos nesse processo. Daí filiar-mos a representação da velhice ao como objeto de conhecimento, visto que esta dota o idoso de capacidade de conhecer a fase denominada socialmente como velhice, bem como lhe propicia adquirir formas de compreensão sobre a referida fase; compreenda-se então como ser idoso, ou seja, adquira a sua própria representação da velhice.

A representação da velhice vincula-se à função conhecimento, pois ela é o guia dos comportamentos e das práticas de pessoas que se encontram na referida fase. Isso demonstra que as representações sociais não se restringem ao campo meramente simbólico, mas, ao que é relevante; pois funcionam interligando-se às relações concretas, de acordo com Abric (2009).

Desse modo, determinamos os seguintes objetivos específicos para nosso trabalho:

Analisar a forma como as idosas moradoras da casa de repouso Recanto Sagrado Coração, de Fortaleza–CE, se posicionam acerca da velhice.

Identificar a representação social presente no posicionamento das idosas da Casa de Repouso Sagrado Coração de Fortaleza–CE.

Categorizar os temas recorrentes nos discursos dos sujeitos quanto ao campo semântico: velhice.

Relacionar as representações da velhice com os temas mais recorrentes em seus discursos.

Para atingir os objetivos do presente trabalho baseamo-nos numa articulação entre a Teoria das Representações Sociais, focalizando o aporte teórico de Moscovici (1978, 2009), Jodelet (2001) e os Estudos Críticos do Discurso propostos por van Dijk (2000, 2003, 2008). Esse procedimento justificou-se em função da complexidade de uma pesquisa interepistemológica. Desse modo, almejamos desenvolver um trabalho que abranja o objeto de pesquisa com base na Linguística Aplicada, Teoria das Representações Sociais e Estudos Críticos do Discurso, haja vista o fato de investigarmos a relação que se estabelece entre o posicionamento de idosas quando estas expõem suas representações acerca da velhice tomando como base a situação de moradia específica - casa de repouso. Conforme detalharemos no capítulo de análise, consideramos os temas que compõem as representações sociais como elementos constituintes de suas representações, daí sua relevância como categoria de análise em nossa pesquisa.

Ressaltamos que embora a velhice seja, tradicionalmente, objeto de estudo de psicólogos, geriatras, profissionais da área de saúde e de investigadores de áreas afins, as questões relacionadas com os temas e a representação da velhice no discurso de idosas

encontram acolhimento no campo da Linguística Aplicada, especificamente, nos Estudos Críticos do Discurso – ECD, em que inserimos nosso trabalho.

Quanto à representação social (RS) compartilhada pelos idosos, no presente trabalho, discutiremos aquela(s) que a idosa constrói acerca de seu processo de envelhecimento e que influencia(m) o seu comportamento. Nessa perspectiva, trataremos de questões como: Quando e por que o idoso foi morar na casa de repouso? Que representação social as idosas, em casas de repouso, compartilham sobre a velhice? Qual a relação entre os temas e a representação da velhice para os sujeitos investigados? De que forma essa representação se concretiza nas práticas cotidianas dos sujeitos? Para tanto, apoiar-nos-emos nos pressupostos teóricos de Moscovici (1978, 2009) e Jodelet (2001) dentre outros pesquisadores.

Em nosso entendimento, entre os sentidos conferidos à velhice, enquanto objeto do conhecimento, há aqueles que as idosas moradoras de casas de repouso constroem e que marcam o seu conhecimento no âmbito do “senso comum”, corroborando a RS partilhada pelos sujeitos. A discursivização dessas RS, no sentido de apreendê-las e problematizá-las justifica-se em função de expressarem um conhecimento prático que influencia em suas vidas cotidianas, assim como os posicionamentos que assumem (acerca da velhice, família, felicidade), e a forma como expressam e compreendem fatos que os perpassam, isto é, suas experiências de vida. Desse modo, analisar e discutir como e por que tal representação é construída, naturalizada e difundida pode resultar em questionamentos que visem à promoção de mudanças capazes de contribuir para a adoção de condutas e práticas que objetivem facilitar a vivência dessas idosas em casas de repouso e que repercutam na formação de novas representações, e conseqüentemente, novas práticas, não somente por parte das idosas, mas da sociedade como um todo, englobando desde os membros de sua família, dos abrigos nos quais convivem e da sociedade em geral.

Quem sabe, até mostrando as suas famílias que seus familiares idosos preferem morar com os filhos e/ou parentes a ter de morar em casas de repouso. E que eles somente optarão por morar longe de suas famílias se isso lhes parecer algo que incomode ou que não há em suas casas, apartamentos, lugares, espaços que lhes caibam.

Outra questão a ser destacada em nossa tese refere-se a nossa compreensão da velhice enquanto “objeto de conhecimento”. E nessa perspectiva, nos embasamos em Moscovici (1978) que considera relevante os estudos das RS, que possibilitam a análise e interpretação de determinados sentidos construídos cultural e socialmente, gerando objetos de conhecimento (ou representações). Pois, tomando como base as investigações no campo da Psicologia Social de Moscovici (1978, 2009) e de Jodelet (1984) postulam que o exame das

representações permite considerar os contextos de produção e difusão dos conhecimentos situados social e historicamente e passíveis de controle por determinados grupos, no nosso caso, o grupo de idosas que residem em casas de repouso.

Desse modo, pressupomos que o fato de compreendermos a velhice como objeto de conhecimento requer e constitui apreender-lhe os sentidos elaborados, observando-lhe os aspectos organizados social e culturalmente e, ainda, considerar o contexto sócio-histórico em que o “conhecimento” sobre a velhice é construído, socializado e compartilhado, de modo a conferir as identidades dos sujeitos dos grupos sociais. Pois, entendemos que as RS de velhice investigadas no grupo em questão, idosas moradoras da referida casa de repouso, de algum modo, lhes identifica, assemelha e/ou diferencia no universo composto por pessoas da chamada terceira idade, ou seja, da sociedade idosa.

Para cumprimento de nossos objetivos, organizamos o presente trabalho em capítulos. O primeiro capítulo, denominado Considerações iniciais, centrou-se, particularmente, no estado da arte cuja composição contou com os estudos sobre o envelhecimento, que por sua vez, focava as abordagens do tema *velhice* em diversas áreas de investigação, buscando identificar nesses as representações acerca da velhice de acordo com cada área de conhecimento em que as pesquisas foram desenvolvidas.

O segundo capítulo, versou acerca do objeto de representação. Para tanto, expomos alguns dos principais aspectos da Teoria das Representações Sociais – TRS, centrando-nos em suas dimensões, sua forma de circulação e reprodução, e ainda, em algumas relações entre o conhecimento reificado (universo científico) e conhecimento de senso comum, conforme preceituado na supracitada teoria. Identificamos ainda, a definição da velhice enquanto objeto de representação. E para complementar a parte teórica tratou-se ainda dos Estudos Críticos do Discurso nos termos de Teun van Dijk, promoveu-se um diálogo entre as teorias TRS e ECD e partiu-se então, para o estudo da Representação e ideologia: a proposta dos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk (2000, 2003 e 2008), abordando, particularmente os conceitos de representação social e ideologia. Além disso, destacamos os temas, as representações sociais e as ideologias e refletimos acerca das representações comuns na sociedade, especificamente em casas de repouso, que denotam a expressão de limitação do idoso no contexto social supracitado.

O terceiro capítulo foi destinado à apresentação de alguns esclarecimentos acerca da pesquisa, no que concerne aos seus aspectos metodológicos: a exposição da metodologia empregada; a assunção da natureza qualitativa da pesquisa; os critérios observados para procedermos a geração do *corpus*, escolha dos sujeitos, as categorias teórico-analíticas e os

procedimentos de análise, bem como a justificativa de sua inserção na área da Linguística Aplicada, apresentando-a como um estudo interfacial, abrangendo a Teoria das Representações Sociais - TRS e os Estudos Críticos do Discurso – ECD.

No quarto, expomos a análise do *corpus* em duas etapas. Na primeira, identificamos os temas mais recorrentes nas entrevistas tomados como constituintes do objeto de representação. Na segunda etapa, analisamos o posicionamento dos sujeitos por meio de entrevistas semiestruturadas e propusemos hipóteses interpretativas para estas.

No quinto e último capítulo, expomos as considerações finais, cuja composição contou com uma revisão dos principais objetivos da pesquisa e de seu alcance como propomos em nosso estudo. Mais adiante, apontamos os subsídios desse estudo para a investigação sobre a representação da velhice, bem como de sua contribuição para tomada de consciência por parte da sociedade idosa dos problemas inerentes ao processo de envelhecimento e de que o conhecimento destes possibilitará um melhor enfrentamento tanto por parte do idoso como de seus familiares ou cuidadores. Por último, apresentamos as referências e os anexos com o teste de associação de palavras empregado quando realizamos a pesquisa exploratória, por meio da aplicação de um projeto piloto e as entrevistas transcritas dos originais gravados em áudio e vídeo, utilizados como *corpus* de análise da pesquisa. Ressaltamos que o referido teste foi usado apenas na aplicação do projeto piloto.

Desse modo, devido à necessidade de aprofundarmos os estudos que investigam a representação da velhice por parte de idosos em casas de repouso, ressaltamos a relevância da presente pesquisa, que entre outros benefícios, possibilitará o conhecimento de problemas intrínsecos ao processo de envelhecimento, subjacentes às representações encontradas, bem como das motivações que lhes subjazem e determinam. Ademais, fornece subsídios para refletirmos a representação da velhice na perspectiva crítica do discurso, bem como sua influência na vida das pessoas, sejam elas jovens ou idosos. O estudo também pode fomentar reflexões acerca da velhice e isso, possivelmente, oportunizará um cuidado mais adequado da pessoa idosa, ou seja, o aspecto discursivo contemplado nesse estudo fomentará mudanças nas práticas dos sujeitos pesquisados.

Apresentamos, as considerações acerca das motivações desta pesquisa como, por exemplo, seus objetivos, questões norteadoras, a metodologia empregada e, ainda, enfatizamos a relevância do tema abordado. Além disso, exporemos a composição da pesquisa, de modo a propiciar uma visão mais completa do presente trabalho.

## **1.1 Considerações Iniciais**

No capítulo ora apresentado, exporemos o estado da arte acerca dos estudos sobre o envelhecimento. Para tanto, faremos uma breve exposição de acordo com a área e o tema da pesquisa. Observamos, em primeiro, o referencial teórico utilizado, visto que estamos em busca do estudo da Representação Social na perspectiva moscovicianiana. E nos centraremos, em segundo, no tema das referidas pesquisas, visto que é nosso objetivo verificar o estudo da RS de velhice. Averiguaremos, portanto, o tema velhice e o referencial teórico e metodológico das pesquisas.

## **1.2 Estudos Sobre o Envelhecimento**

Ao iniciar o desenvolvimento deste trabalho, isto é, ainda ao gerar os dados para o nosso trabalho de compreensão das representações dos idosos sobre a velhice nos defrontamos com problemas que às vezes nos vinham em forma de pergunta e outras, em forma de afirmações que nos fazíamos, cada vez que realizávamos as nossas leituras e percebíamos que o estudo das representações é bastante frequente nas mais diversas áreas, conforme apresentaremos adiante, bem como sobre os mais diversos objetos de representação, embora não tão frequente em nossa área, por exemplo.

Em princípio, a nossa apreensão centrava-se na forma de captar, obter as representações acerca da velhice por parte dos idosos, sem interferirmos em seu processo de produção, atentando para que os resultados da pesquisa se apresentassem de forma natural. Com os devidos cuidados, construímos hipóteses sobre as representações sociais dos sujeitos acerca da velhice. Desse modo, focamos nossa atenção em sujeitos específicos, a saber: idosas moradoras de uma casa de repouso anteriormente mencionada, porque supúnhamos que suas representações seriam diferentes de outras. Para nós, a não convivência no espaço familiar e sem as condições de interação que este convívio permite, poderá gerar representações distintas sobre a velhice.

Posteriormente, nos preocupávamos com a dificuldade em trabalhar com a Teoria das Representações (doravante, TRS), bem como a de escolher a corrente dos referidos estudos que poderia ser mais profícua e útil ao problema de pesquisa que nos afligia. Decididos a trabalhar com a teoria embasada por Moscovici (2009) e complementada por Jodelet (2001),

já desenvolvendo um projeto piloto acerca do tema em questão fomos orientados a organizar um estado da arte sobre os estudos em representação, na atualidade.

Não nos limitamos a catálogos de publicações ou a resumos de trabalhos de instituições de ensino superior, porque pretendíamos verificar, a princípio, os trabalhos de Mestrado e Doutorado de conceituadas instituições de Ensino Superior, buscando identificar dentre estes os que tratavam sobre Representações Sociais de velhice, centrando-nos, particularmente em seu desenvolvimento quanto ao aporte teórico-metodológico – a Teoria das Representações Sociais e o tema de nosso interesse – a velhice.

Desse modo, as leituras dos referidos trabalhos nos possibilitaram a identificação da dificuldade para encontrar o que procurávamos, indicando que nossa delimitação estava demasiadamente específica. Em função disso, resolvemos focar os trabalhos cujo embasamento teórico fosse a Teoria das Representações e fomos buscando manter o foco da pesquisa direcionando-o, ora para a temática das representações, ora para a da velhice. Esse aspecto evidenciado logo no início da elaboração do estado da arte acerca da temática em questão foi benéfico, pois conseguimos perceber com maior clareza os principais pontos de enfoque das pesquisas realizadas.

Cumpre-nos observar que a Teoria das Representações Sociais representa um campo de pesquisa bastante profícuo e, como era previsível, está muito mais voltada para os estudos em Sociologia, Psicologia e para outras áreas como a Saúde, por exemplo.

O estudo com a temática e o objeto em questão não é tão frequente em cursos de pós-graduação em Letras ou em Linguística, como percebemos analisando em noventa e dois trabalhos distribuídos em 37 (trinta e sete) áreas, a saber:

a) trabalhos em nível de doutoramento: 02 em Educação; 01 em Sociologia; 02 em Psicologia Social; 03 em Psicologia Clínica; 02 em Enfermagem; 01 em Ciências Sociais; 01 em Ciência Política e Social; 02 em Saúde Coletiva.

b) trabalhos em nível de mestrado: 07 em Gerontologia; 04 em Serviço Social; 01 em Enfermagem e Assistência à saúde; 01 em Medicina; 03 em Psicologia Social; 07 em Sociologia; 01 Interdisciplinar; 05 em Enfermagem; 02 em Educação; 01 Profissionalizante em Gestão de Políticas Públicas; 01 em Gerontologia Interdisciplinar; 03 em Antropologia Social; 11 em Psicologia; 03 em Comunicação; 05 em Saúde Coletiva; 02 em Psicologia do Desenvolvimento; 02 em Educação Física; 01 Mestrado Multidisciplinar em Desenvolvimento Humano e 01 em História.

A partir da elaboração do Estado da Arte de pesquisas em Teoria das Representações Sociais, foi possível perceber as áreas e os objetos de pesquisa que trabalham mais comumente com a referida Teoria.

Em algumas pesquisas cuja temática é a velhice observamos uma abordagem mais voltada para as suas condições de saúde, como, por exemplo, cursos de doutoramento em Antropologia; Enfermagem; Psicologia; Psicologia (Social); Psicologia (Clínica); Saúde Coletiva; cursos de Mestrado em Medicina; Comunicação e Saúde Pública; Enfermagem; Enfermagem e Assistência à Saúde; Gerontologia com base em Psicologia, e ainda cursos de base Multi e Interdisciplinar e até em Pedagogia, em Psicologia, focado no Desenvolvimento; na Psicologia Social; Saúde Coletiva; Serviço Social; na área Multidisciplinar, focando o envelhecimento humano, bem como Cursos Profissionalizantes em Fisioterapia e Terapia Ocupacional e em Ciências da Saúde. Dentre esses trabalhos respeitando os critérios estabelecidos para a elaboração desse estado da arte, que deviam ser realizados de acordo com, no mínimo duas condições: a) tratem sobre a temática da velhice; b) fazê-lo, embasando-se na TRS (MOSCOVICI, 2009). Estas tiveram que ser adaptadas para não incorrerem no risco de não encontrar o que procurávamos em nossa investigação.

Portanto, tivemos a oportunidade de ter acesso à visão de Sá (1998, p.86) em Nascimento (2012, p.12) que elucidou, que a prática articulada mais comum da pesquisa em representações sociais combina a coleta de dados através de entrevistas individuais com a técnica para o seu tratamento conhecida como “Análise de Conteúdo”. Já havíamos percebido essa associação nas leituras para a organização do estado da arte, em que os trabalhos em Teorias das Representações Sociais combinam a Análise de Conteúdo (Bardin, 1970, 2010) para complementar as análises e interpretação dos dados de trabalhos em TRS.

Dessa maneira, passaremos a apresentar as pesquisas de caráter social desenvolvidas por Rodrigues (2003); Paulino (2007) e Gomes (2003).

A pesquisa em Serviço Social, de Rodrigues (2003) objetivava identificar as representações sociais da velhice elaboradas no pensamento do idoso intelectual acadêmico e analisar as formas por meio das quais esses processos simbólicos se articulam com a realidade das práticas cotidianas, conta-se com o embasamento teórico da TRS e da entrevista semiestruturada contendo um roteiro de perguntas previamente determinado como método para a coleta dos dados e a escolha dos sujeitos tomando com base alguns critérios como a idade, a lucidez e disponibilidade e interesse em colaborar com a pesquisa. Notamos que a predominância da análise metodológica ficou mais para a Análise de Conteúdo do que para a Teoria das Representações moscovicianas, diferentemente do que fora assumido no estudo.

A autora destaca que resultados da análise, como por exemplo, a caracterização dos sujeitos e o mapeamento dos tópicos discursivos possibilitaram-lhe novas aproximações, que lhe indicaram a extensão simbólica das falas, oportunizando-lhe interpretações e inferências que proporcionaram perceber formas de pensamento e o modo como os sujeitos da pesquisa articulavam essas formas na elaboração das representações sociais da velhice. No entendimento da autora, isso se dá pela repetitividade das palavras, pelo estilo da linguagem, pela ênfase observada em certas expressões presentes nos conteúdos comunicacionais, por meio dos quais ela chegou a algumas inferências, a serem naturalmente evidenciadas em sua dissertação. Entretanto, destaca que também se conferiu análises e discussões perceptíveis no evento da pesquisa exploratória, quando buscava sustentação teórica para o trabalho, em torno de questões manifestas na discriminação, marginalidade, perda de papéis, falta ou pouca assistência do Estado, descaso da sociedade, da família e outras situações em que se encontra inserida a velhice.

Desse modo, a autora defende que conseguiu organizar categorias como trabalho, velhice, longevidade, sabedoria e experiência, que foram referidas pelos entrevistados, dentre outras que, implícita ou explicitamente, aparecem na linguagem dos sujeitos pesquisados, em momentos diversos, conforme é mostrado no decurso de sua análise.

Portanto, consideramos relevante destacar alguns pontos que a autora faz questão de salientar:

As respostas, a simbologia presente nas falas dos entrevistados revelam três pontos importantes:

- a) – o idoso sujeito da pesquisa, que é um intelectual de idade avançada, mantém lucidez suficiente para elaborar argumentos;
- b) – com a convivência acadêmica, a mente do idoso é beneficiada, permanecendo ativa e a decrepitude é, se não evitada, pelo menos adiada;
- c) – a construção desses argumentos deixa implícito que a ausência do exercício mental, a falta de convívio e de oportunidades de crescimento traz ao idoso o estacionamento e muitas vezes a regressão de sua capacidade intelectual. (RODRIGUES, 2003, p.84)

Estas revelações são bastante incisivas, entretanto ainda se tornam mais veementes quando Rodrigues (2003, p.86-87) ressalta que é plausível, nas falas dos sujeitos de sua investigação, os símbolos da discriminação, do abandono, da desassistência e que se revelam nos segmentos discursivos, nas construções linguísticas a queixa de outros; os problemas de muitos; a denúncia contra as ações políticas. Apreendemos, com base nos resultados apresentados pela autora que esses discursos demonstram o processo de construção de suas representações.

Desse modo, a autora destaca a competência, a capacidade produtiva, a ânsia de reconhecimento e a consciência crítica do idoso reminescente ao comportamento da sociedade em relação à velhice.

Rodrigues (2003, p.86-87) conclui, em sua pesquisa, que a velhice está exigindo um “novo olhar”, uma nova compreensão, a fim de que o sonho de uma longevidade bem vivida não se desfaça na irresponsabilidade e na cegueira política que teimam em renegar o direito à velhice.

Os estudos da autora corroboram muitas de nossas impressões acerca das representações da velhice, responde algumas de nossas dúvidas e contribui para as pesquisas em TRS (MOSCOVICI, 2009) trazendo ao seu texto um reforço da concepção de Moscovici (1981, apud DEBERT, 1998, p.182-183) acerca das representações enquanto fenômeno, esclarecendo que o estudo das RS significa, de fato, o estudo de seres humanos que pensam, e não apenas manipulam informação ou agem de acordo com seus próprios interesses.

Focando também a temática da representação da velhice no âmbito dos estudos na área de Serviço Social, Paulino (2007) se propôs a realizar um levantamento sobre as representações sociais de velhice, incluindo a cegueira e direitos sociais em instituições especializadas. A referida pesquisa buscava identificar as possíveis inter-relações entre essas representações com os movimentos de reivindicação e cumprimento dos direitos sociais dos grupos de idosos e/ou deficientes.

A própria autora verificou que a questão da cegueira toma espaço central na investigação, com a velhice ocupando lugar secundário, bem como que o tipo de vínculo institucional e a forma como este é apreendido são fundamentais para a construção de suas representações sociais. A partir dos resultados da pesquisa é pertinente afirmar que as práticas alteram as RS das pessoas e que se tomarmos como base esse caso, o processo não se dá numa via de mão única, uma vez que os seres humanos têm a capacidade de refletir sobre o que se passa com eles e como os comportamentos podem às vezes se alterar a partir de seus discursos ou da forma como este é tratado. O tratamento dispensado a uma pessoa ou a grupos é revelador da forma de pensar daqueles que lhes tratam.

A autora recorreu à pesquisa bibliográfica e à de campo, para a realização de seu estudo em instituições do Rio de Janeiro. Os procedimentos metodológicos foram compostos por trabalho com história de vida, tomando idosos como sujeitos aos quais se aplicavam entrevistas semiabertas com profissionais, bem como a observação participante em atividades regulares dos referidos idosos. E os dados obtidos passaram por análises de caráter quantitativo e qualitativo.

De acordo com a autora, verificou-se que a questão da cegueira é central na vida dos idosos, deixando a percepção da velhice em segundo plano; e que o tipo de vínculo institucional, bem como a forma como este é realizado e apreendido, é de fundamental importância para a construção das representações dos sujeitos investigados.

Paulino (2007) ressalta ainda, sobre a relevância da ação interdisciplinar, tanto para uma análise científica do contexto e do grupo estudados, quanto no que se refere a uma construção conjunta de espaços, informação, discussão e luta pela legitimação e cumprimento de leis que garantam a cidadania da população idosa, em especial, aquela que apresente algum tipo de deficiência, no caso específico deste estudo, ao idoso deficiente visual.

Desse modo, as oficinas de música e dança de Salão propostas aos grupos de idosos de ambas as instituições nas quais a pesquisa foi realizada superaram as expectativas de todos, sendo muito bem recebidas pelos idosos, apresentando benefícios visíveis, em termos de bem-estar subjetivo e socialização entre os próprios idosos e com os profissionais das instituições.

Com base em nossas leituras acerca da temática velhice, bem como do período de convivência com um grupo de idosas que compõe o grupo de sujeitos de nossa investigação, concordamos que as reflexões propostas por Paulino (2007) podem e devem ser aplicadas a uma diversidade de situações e realidades sociais comuns na vida da pessoa idosa.

A afirmação da autora no parágrafo anterior ratifica nossa impressão inicial ao decidirmos trabalhar com a temática velhice de que os trabalhos que versam sobre esta temática abordam-na focalizando o aspecto da saúde, diferentemente do que pretendemos fazer em nossa pesquisa.

Compondo os trabalhos na área de Psicologia Social e também voltado para a temática velhice, Gomes (2007), em sua tese *A Velhice e suas representações no Cinema Brasileiro* defende que o aumento da população idosa nas sociedades contemporâneas tem fomentado reflexões sobre as transformações e demandas produzidas nos diversos níveis sociais.

A autora defende que sua pesquisa analisa as imagens da velhice construídas em quatro obras da cinematografia brasileira, em duas épocas distintas, comparando os diferentes modos de representação do processo de envelhecimento e, a partir de uma perspectiva fenomenológica, apresentando uma reflexão sobre as formas de ser-no-mundo-com-o-outro do idoso, propondo, então, uma avaliação crítica dos valores que regulam o projeto de ocupação produtivista da cotidianidade contemporânea.

Em sua concepção, a comparação entre as quatro obras selecionadas, produzidas no Brasil, entre as décadas de 1970 e 2000, aponta, ainda que discretamente, para uma mudança nas formas de representação da velhice na sociedade brasileira, refletindo, através de seus

personagens, as transformações sociais relacionadas ao aumento da longevidade e ao envelhecimento populacional.

Gomes (2007) afirma que se defrontou em sua pesquisa com trabalhos que tratavam sobre a velhice na perspectiva da saúde e estes foram mais recorrentes e outros que tratam sobre o mesmo assunto, mesmo sem focalizar o sujeito, mas, as representações de pessoas de seu convívio como o médico, o cuidador do idoso, ponto comum perceptível na organização do estudo ora apresentado.

De acordo com a autora, é relevante entender que o cinema, enquanto expressão artística e registro histórico-cultural, reproduz as formas de relacionamentos dos indivíduos, seus valores morais, crenças, perspectivas e suas representações acerca dos diversos grupos sociais. Desse modo, a problemática de estudo situa-se, portanto, na confluência de dois processos marcantes das sociedades atuais, caracterizados tanto pela transição demográfica ocorrida em meio a um conjunto de mudanças culturais que deságua, nesse momento, no envelhecimento populacional, quanto pela apropriação e exposição desse grupo social pela imagem associada ao consumo, que constitui um dos principais alicerces das sociedades capitalistas contemporâneas.

As quatro obras analisadas na referida pesquisa revelam uma diversidade de representações acerca da velhice e mostram que o bem-estar e a realização dos projetos existenciais são resultados das escolhas feitas por cada um. Isto é, pelo modo como cada indivíduo lida com as interpelações inerentes a sua existência.

As representações da velhice são construções do impessoal, e é na impessoalidade que o homem pode reconhecer-se e reconhecer o outro, a partir do modo como a sua sociedade se configura e, assim, lhe é possível construir sua identidade.

A autora conclui que, considerando o novo cenário de interação entre diferentes culturas, característico das sociedades contemporâneas, é possível sugerir a hipótese de uma convergência nas representações sobre o indivíduo idoso em todo o mundo e nesta perspectiva, os filmes da década de 1970 estão mais centrados nas questões relativas ao “ciclo de vida na cultura ocidental” e os da década de 2000, por sua vez, enfatizam o tema “relações sociais na velhice”.

Além disso, representando a maior recorrência, temos os trabalhos cujo foco recai na área de Saúde: Batista (2008) - Mestrado em Enfermagem; Bimbato (2008) - Mestrado em Medicina; Brito (2007) - Mestrado em Gerontologia; Kamkhagi (2007) - Doutorado em Psicologia Clínica; Costa (2006) - Doutorado em Psicologia; Menochi (2005) e Rotta (2009) - Mestrado em Psicologia.

Nesta perspectiva, Batista (2008) objetivava analisar as representações sociais de idosos acerca de sua situação de fragilidade em domicílio, considerando a presença de uma ou mais características, conforme definição estabelecida pelo Ministério da Saúde. Sua pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo descritivo e de natureza qualitativa, fundamentado em princípios teórico-metodológicos da TRS. Consideramos este estudo relevante, pois embora seu foco não seja a velhice, tem como sujeitos investigados os idosos e a forma como eles se sentem no que diz respeito a sua fragilidade enquanto seres idosos.

Para a análise dos resultados, a autora utilizou-se da TRS e da AC, nos termos de Bardin (2000), com temática na vertente de elaboração das representações, centralizada na totalidade do discurso dos sujeitos chamada de “sujeitos genéricos” contextualizados e capazes de representar o grupo no indivíduo. E realizou entrevista semiestruturada acompanhada de formulário e observação participante.

De acordo com a autora, os resultados deste estudo indicam que a maioria dos sujeitos investigados expressavam-se com dificuldade para falar ou dar significado aos termos fragilidade e ser frágil, mesmo considerando que a maioria dos sujeitos investigados apresentavam um ou mais aspectos da síndrome da fragilidade.

A partir deste estudo, Batista (2008, p.72) destaca que foram encontradas as seguintes expressões no discurso dos sujeitos: fragilidade como doença e doença como envelhecimento; o envelhecimento e a fragilidade como causadores de mudanças e dificuldades na vida diária; a importância da presença de familiares na vida da pessoa idosa frágil; a percepção de que ser frágil torna o idoso uma pessoa diferente e a fragilidade não faz parte da vida do idoso.

A autora declara ter inferido, a partir do contexto da TRS, que a representação estudada - a situação de fragilidade - está ancorada no contexto domiciliar, nas atividades da vida diária, nas condições de saúde, nas alterações fisiológicas percebidas e nas dificuldades de vida encontrada. E definiu que a partir desses processos o “ser frágil” transformou-se em algo familiar, mostrando que o significado da fragilidade além da definição científica encontrada nos universos reificados pode ser ressignificado e construído nos universos consensuais. De acordo com a autora, na visão dos idosos, a equipe do Programa Saúde da Família e os enfermeiros ainda não são representados como profissionais presentes e atuantes.

Notadamente, esta pesquisa apresenta uma melhor articulação entre o estudo da representação social, de seu objeto de pesquisa com a teoria e com os resultados encontrados, interpretados, bem como sua correlação com a TRS.

Por sua vez, Bimbato (2008) desenvolve seu estudo centrando atenção nas representações da velhice construídas por parte de profissionais da área de saúde, que

atuassem em Núcleos de Saúde da Família, com a finalidade de analisar as possíveis implicações advindas dessas concepções dos profissionais, na assistência ao idoso dentro do contexto estudado.

A referida pesquisa centrou-se em analisar as representações de velhice por parte dos profissionais que atuam nos Núcleos de Saúde da Família I, II, III, IV e V do Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo – CSEFMRP/USP), utilizou-se da abordagem qualitativa e de entrevistas semiestruturadas com dezenove profissionais que atuavam nesses núcleos, dentre os quais: agentes comunitários de saúde, auxiliares de enfermagem, enfermeiros, médicos e dentistas (BIMBATO, 2008, p. 9).

De acordo com Bimbato (2008, p. 9) as concepções de velhice se apresentaram em função de determinadas variáveis como, por exemplo: formação, idade e experiência dos entrevistados, constituindo certas expressões: *fase de sabedoria e experiência de vida; evolução natural do corpo humano; estado de espírito; fase que se assemelha ao mundo infantil; fase de decadência ou solidão e melhor idade.*

A autora defende que há a compreensão por parte dos entrevistados de que a velhice é um conjunto bio-psicossocial-espiritual, sendo, por estes manifestada a dificuldade em prestar uma assistência de qualidade em um cenário tão complexo.

Bimbato (2008) revelou, com base em (BOGDAN e BIKLEN, 1997), que os elementos analisados eram materiais registrados como transcrições de entrevistas, notas de campo, diários, fotografias, vídeos, documentos oficiais e artigos, jornais, revistas, documentos pessoais (cartas pessoais, autobiografias) e que os dados quantitativos mais do que apenas quantificar-se prestavam à visualização do contexto para a compreensão do fenômeno.

De acordo com a autora, as concepções sobre idoso, velhice e envelhecimento apresentadas pelos sujeitos entrevistados indicam como estes (profissionais) encontram-se despreparados para enfrentar o grande desafio de melhorar o atendimento oferecido pelo serviço de saúde, principalmente, levando-se em consideração o aumento acentuado do número de idosos neste país. Ela sugere como aspecto negativo de sua pesquisa, o fato de os governos em seus âmbitos municipal, estadual e federal ainda não estarem preparados para atender às necessidades demandadas pelos idosos como rege o Estatuto do Idoso.

Quanto aos entrevistados, a autora ressalta que estes se demonstraram surpresos ao serem questionados sobre o que é velhice, fato que revelou que eles não haviam, como eles mesmos assumem, parado para pensar no assunto até o momento da entrevista. E assim, relata a dificuldade em conceituar o termo “velho”, “velhice”, “envelhecimento”, o que

assemelhando esse resultado ao mesmo encontrado por Néri (1991), em um estudo que objetivava avaliar as atitudes das pessoas não idosas frente à velhice.

Bimbato (2008, p.49) ressalta que o estudo do discurso dos sujeitos revela que a velhice é entendida e descrita como uma evolução natural do corpo humano, relacionado com perdas, limitações ou dificuldades. Assim, a velhice também é associada com a ideia de sabedoria ou experiência de vida. A sua inferência é de que a ideia dos médicos acerca da velhice entendida como uma fase de sabedoria, maior experiência de vida e evolução natural pode estar vinculada à formação comum entre eles, ou seja, em virtude de todos eles terem cursado Residência em Saúde da Família, e ainda ressalta que o profissional que cursou Residência em Saúde da Família parece ter uma maior capacidade de identificar as necessidades de saúde, seja individual ou coletiva, capazes de fazer uma abordagem integral dos problemas e de qualidade acerca das ações de intervenção.

Convém assumirmos que este é um ponto relevante para a reflexão sobre os cuidados no que se refere à saúde da pessoa idosa, assim, é extremamente necessário que os governos fomentem a realização de cursos de aperfeiçoamento desta natureza a todos os profissionais que se disponham a trabalhar com o atendimento da pessoa idosa, bem como façam acontecer fóruns, debates, simpósios que conscientizem a sociedade civil dentre adolescentes, jovens e adultos sobre a necessidade de uma preparação para lidar com os idosos de forma saudável tanto para eles quanto para com a sociedade, enfatizando todos os cuidados que devem ser observados nessa convivência.

Corroboramos, por meio da leitura da supracitada pesquisa, algo já havíamos percebido em nossas leituras de outras pesquisas envolvendo idosos, no que diz respeito ao fato de que os comportamentos dos profissionais que trabalham cuidando de pessoas idosas, dispensam ao idoso tratamento análogo ao dispensado à criança. A título de ilustração, a autora ressalta que as palavras utilizadas no cuidado e tratamento ao idoso, se destacam pela terminação “inho”, considerando tal fato como redução da pessoa, devido a sua dependência no cuidado, bem como em uma postura infantilizadora da pessoa idosa.

Em outros termos, Costa (2006), com sua tese na área de Psicologia, com titulação *A tomada de consciência e o grupo focal na transformação das representações sociais do envelhecimento: uma proposta de intervenção* ressalta que existe um consenso nos resultados de estudos das representações sociais da velhice, a saber: *declínio, doenças e perdas* (físicas, familiares e da capacidade de trabalho), de um lado; de outro, a valorização da experiência do idoso e das questões sociopolíticas a ela relacionada.

A autora destaca três aspectos na Psicologia do envelhecimento, a saber: o declínio do suporte familiar ao idoso, a experiência e valores relacionados ao envelhecer e a defesa de trabalhos sobre a capacitação dos cuidadores, majoritariamente centrados no aspecto físico do envelhecimento e desse modo, assumiu o desafio proposto por Fávero (2005), no tocante a criar uma situação que engendrasses uma transformação das representações sociais da velhice nos cuidadores de uma instituição para idosos. O aporte teórico-metodológico usado para tal empreitada está composto por estudos com Grupo Focal, Atos da fala e Tomada de consciência, no sentido desenvolvimental piagetiniano.

De acordo com a pesquisadora, os resultados apontaram dois focos - o envelhecimento visto como experiência negativa e a ênfase nas perdas físicas, intelectuais e sociais - sustentados por um paradigma calcado na relação aspecto físico, beleza e afetividade, indicando uma articulação entre as representações sociais do envelhecimento e de gênero. A tomada de consciência dos sujeitos levou, num primeiro momento, à justificativa desses focos e num segundo, à reformulação do dito paradigma, ou seja, a mudança de determinados aspectos das representações sociais do envelhecimento.

A autora ressaltou que os resultados das análises dos atos da fala apontaram mudanças das representações sociais em aspectos, por exemplo: o reconhecimento das diferenças entre a velhice feminina e masculina, a ênfase nas questões de gênero; as perdas físicas responsáveis pela ausência da beleza, da juventude e da felicidade; a importância da atividade produtiva tanto para os homens como para as mulheres que moram na instituição, como elemento favorecedor da qualidade de vida. E apontou, como conclusão da pesquisa, o fato de o método adotado ser pertinente para o estudo das mudanças das representações sociais, em pesquisas de intervenção desenvolvidas em pequenos grupos.

Focando nossa atenção, ainda nos trabalhos da área de Saúde, Menochi (2009) defende em sua dissertação *Representações Sociais de Professores e Alunos sobre Envelhecimento Humano e Educação em um Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade*, que o rápido aumento da população de idosos no mundo, nas últimas décadas, serviu ao mesmo tempo como resultado e estímulo para a produção de conhecimento e oferta de serviços a este novo contingente populacional.

A autora apresenta como objetivo principal dos programas dessa natureza a criação de condições para que os idosos se apropriem de conhecimentos e se construam enquanto sujeitos. E afirma que sua pesquisa se propôs analisar as representações sociais de alunos e professores em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade a respeito da velhice, bem como questões relativas à aprendizagem nessa fase da vida. Para tanto, tomou como base

os pressupostos TRS e características normativas dos discursos científicos voltados à discussão das questões do envelhecimento humano.

Menochi (2009, p.149) ressalta que a Teoria das Representações Sociais serviu como modelo teórico e metodológico de análise dos dados obtidos nesta pesquisa, por meio de diferentes instrumentos de coleta, e permitiu conhecer a formação do universo de pensamento de professores e alunos, a partir das relações sociais estabelecidas por estes e pela associação de elementos subjetivos.

A autora defende que os resultados de sua pesquisa indicaram, de modo geral, que as representações dos professores dos referidos programas sobre a pessoa idosa, velhice e aprendizagem nessa fase da vida foram mais positivas que as representações dos próprios alunos. Quanto à questão da aprendizagem, os idosos também parecem ter indicado suas dificuldades mais claramente do que os professores. Ressaltando, além disso, a necessidade de modificações em alguns aspectos didáticos das atividades oferecidas pelo programa.

Menochi (2009, p.150-156) defende que os resultados podem indicar que os professores, em sua maioria, jovens universitários, concebem de forma positiva e até gratificante o processo de envelhecimento e vivência da velhice, em razão, possivelmente, da convivência com pessoas mais velhas. A autora conclui que esse “aprendizado sobre a velhice” é um dos grandes benefícios dos programas voltados a pessoas idosas que congregam gerações diferentes. Na tentativa de justificar os altos escores obtidos nas respostas dos professores sobre o fenômeno pesquisado, defende ainda a correta referência a uma possível “idealização” do idoso ou uma aproximação ao conceito de “terceira idade”, que em si, apesar de trazer uma nova representação da velhice, mais positiva e repleta de possibilidades, carrega a homogeneização da velhice e do processo de envelhecimento.

Mais próximo do tema mais recorrente no que concerne às pesquisas na área de Saúde, Rotta (2009), com sua pesquisa em Psicologia, chama a atenção para a necessidade do estudo e investigação das representações sociais de saúde, doença, velho e velhice por parte de idosos atendidos em uma unidade básica de saúde. A pesquisadora defende que a velhice ainda é vista por muitos profissionais, pesquisadores e pela sociedade, em sua maioria, com preconceito, visto que, esta ainda é uma fase da vida caracterizada por perdas, sendo por vezes, até mesmo confundida com doença.

Os objetivos de sua pesquisa contemplavam a identificação da representação social da saúde, doença, velho e velhice para pessoas acima de sessenta anos, tanto daquelas que faziam parte de um grupo de atividade física, quanto das que não faziam, bem como a identificação

de suas características sociodemográficas; o conhecimento de sua relação com a imagem corporal e verificação do nível de autonomia desses sujeitos.

A referida pesquisa foi realizada por Rotta (2009) na Unidade Básica de Saúde da Família São Benedito em Campo Grande - MS, e obteve a participação de vinte idosos, que eram atendidos pela Unidade e colaboraram com a pesquisa por livre e espontânea vontade. Esses responderam a uma entrevista estruturada, que incluiu dados sociodemográficos, questões relacionadas à representação social de saúde e doença, velho, velhice e atividade física; bem como questões sobre sua autonomia funcional finalizando com a realização de um teste de satisfação com relação ao seu próprio corpo.

A partir de então, Rotta (2009) afirma ter verificado que a maioria dos participantes da pesquisa era do sexo feminino, com idade média de 69,4 anos; instrução escolar, em sua maior parte, em ensino fundamental incompleto e renda proveniente de aposentadoria ou pensão, com valor médio de um salário. A análise dos dados ocorreu por meio de procedimentos de natureza qualitativa, com o embasamento da TRS.

Conforme a pesquisadora, o problema de saúde que mais afetava o grupo era a hipertensão arterial e a dor nas costas, e desse modo, a maioria dos sujeitos encontrava-se sem comprometimento funcional ou com comprometimento funcional leve. Quanto à satisfação com a imagem corporal, tanto os participantes do grupo que praticavam a atividade física quanto os que não o faziam encontravam-se insatisfeitos, havendo diferença entre os sexos, pois os homens na maioria são satisfeitos com sua imagem, independentemente do grupo.

A pesquisa proporcionou a conclusão de que as representações sociais de saúde, doença, velho e velhice não foram apresentadas de forma diferenciada entre os grupos; que os participantes de atividades físicas relacionaram saúde com aspectos subjetivos e doença com algo que provoca sensações físicas; e que o termo velho foi entendido como algo que não existe, ou como um termo pejorativo. Assim, o termo velhice, por sua vez, é visto como uma situação de incapacidade, quando não se aguenta mais fazer as mesmas coisas que se fazia na juventude.

Rotta (2009) conclui que os sujeitos da pesquisa que faziam parte do grupo de atividade física reconhecem os exercícios físicos como um comportamento preventivo e auxiliar na promoção de saúde, reforçando a importância de tal prática, o que significa que os objetivos propostos foram alcançados e a autora conseguiu apresentar os resultados de sua pesquisa de forma objetiva.

Por último, representando as pesquisas que focalizam outras áreas, tem-se: Santos (2007) e Pereira (2006), ambas vinculadas ao Mestrado em Meio-Ambiente e Sustentabilidade.

A dissertação de Santos (2007), de natureza sociológica, *As práticas e representações sociais acerca da velhice e do cuidar entre cuidadores de idosos dependentes residentes na zona rural do município de Santa Rita de Minas - MG* focalizou a temática velhice e revelou que a família contemporânea está sofrendo modificações ocasionadas por diferentes arranjos familiares reduzindo a disponibilidade de cuidadores domiciliares. Esclareceu, sobretudo, que o meio rural é um universo de representações simbólicas que guarda particularidades históricas, socioculturais e ecológicas com uma realidade própria.

A autora elucida que sua pesquisa teve por objetivo conhecer e analisar as representações sociais dos cuidadores de idosos dependentes, residentes na zona rural do Município de Santa Rita de Minas/MG, bem como as relações e práticas que se estabeleciam entre os cuidadores, os idosos, a comunidade e o Estado, configurando-se como uma pesquisa qualitativa na área de saúde, a qual foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e observações de campo.

Santos (2007) ressalta que a análise permitiu-lhe a percepção de que a contrapartida social e pública de redes de segurança e atenção ainda é feita de forma embrionária, o que ocasiona um *déficit* de cuidado com impactos especiais sobre as mulheres. De igual modo, percebe-se o agravamento da situação no campo devido à precariedade de acesso a bens e serviços.

Um aspecto relevante da pesquisa da autora refere-se à contradição que as representações sociais encontradas denotam, pois se percebe que a prática do cuidar é declarada, simultaneamente, pelo cuidador como algo positivo, de um lado bom e prazeroso e de uma carga negativa que os aflige, trazendo-lhes a impressão de esgotamento causado pela atividade laboral.

O trabalho conseguiu atingir os objetivos propostos em parte, uma vez que este não consegue mostrar as representações de acordo com a perspectiva moscoviciana, que era o nosso alvo. Infere-se que, provavelmente, isso ocorreu pela falta do aporte teórico que permitisse a visualização das representações sociais nos termos de Moscovici (2009).

Com a pesquisa, buscava-se compreender como as experiências vividas pelos indivíduos influenciavam em suas representações acerca da temática velhice, como os papéis de gênero se relacionavam com tais representações e os motivos que teriam levado esses idosos a participarem de grupos de terceira idade.

Pereira (2006) declara que os dados foram colhidos através da Observação Participante, Grupo Focal e Entrevistas Individuais realizadas com os sujeitos que participavam do “Forró”, de sexo masculino e feminino, com idade igual ou superior a 45 anos, aposentados, viúvos entre outros. A autora destaca que, em relação às representações sociais de velhice, observou-se a conotação negativa da velhice e a valorização da juventude. Assim, foram geradas, no referido grupo, outras representações sociais de velhice, tais como: a velhice como categoria de idade, como exclusão social e finitude.

A pesquisa também discrimina os tipos e suas representações, destacando que há, entre os sujeitos aqueles que se sentem velhos e entendem a velhice como uma categoria de idade; as mulheres mais velhas e alguns que se sentem ‘discriminados’ pela família e pela sociedade. E defende que as formas de sociabilidade buscadas pelos idosos unem grupos geracionais específicos, o que em seu entendimento, justifica a sensação de estar acompanhado dentro do “Forró”, bem como a de estar abandonado mesmo no ambiente familiar. Entre os sujeitos apenas alguns associaram a velhice à morte. Quanto às diferenças de gênero, vários demonstraram que, parar de dançar, de conhecer pessoas novas não são atribuições que podem ser caracterizadas como de homens ou de mulheres.

Entretanto, outros idosos relataram que a velhice para o homem é pior, pois eles compreendem que a sensação de liberdade que a aposentadoria e a velhice pode lhes trazer é apenas ilusória.

Por fim, Pereira (2006) expõe em sua pesquisa a aquiescência com o fato de que realmente ocorrem mudanças na vida das pessoas a partir do envelhecimento, mas que isto não significa que a vida do jovem é melhor, nem que a velhice pode ser melhor para um dos sexos, já que eles envelhecem de formas diferentes e de acordo com critérios históricos e sociais, genéticos e ambientais. Desse modo, a autora conclui que os programas para a terceira idade são boas alternativas, mas ressalta a necessidade de que algumas questões passem por reformulação e que não haja a generalização do processo de envelhecimento, que é pessoal, social e histórico, alcançando os objetivos aos quais se propõe atingir de acordo com o aporte teórico que utiliza.

Por último, tem-se a pesquisa de Santos (2011), com uma pesquisa na área de Educação, centrando atenção no estudo de outras representações além da velhice e apresenta uma particularidade em sua investigação, a saber: focar seu estudo nos idosos, mas voltando-se para a forma como estes compreendem o par educação-cuidado de si, tendo desenvolvido sua investigação na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade do Estado do Pará (UnATI/UEPA). O referido estudo, embasado na Teoria das Representações Sociais,

especificamente, na Teoria do Núcleo central, aborda os seguintes temas: educação, educação em saúde, cuidado e cuidado de si. Seus procedimentos metodológicos são de natureza quanti-qualitativa, com a participação de 82 idosos na primeira etapa (técnica de associação livre de palavras) e com 12 idosos na segunda etapa (entrevistas semiestruturadas). Para tanto, na análise dos dados obtidos na etapa 1 empregou-se o software EVOC 2003 (quadro de quatro casas) e para os obtidos na etapa 2, foi feita a análise de conteúdo temático-categorial.

No que diz respeito à estrutura da RS do par educação-cuidado de si, o autor considera as categorias cognitiva, valorativa, afetiva, educativa e vivencial como provável núcleo central. Com relação aos conteúdos, são destacadas categorias que reforçam a estrutura: educação e cuidado de si; relações e cuidado de si; educação e afetos; atitude e cuidado de si, bem como novas categorias: inclusão, direito e transcendental.

O autor concluiu que a UnATI/UEPA se constitui como espaço de produção e circulação de representações sociais sobre o par educação-cuidado de si, encerrando repercussões/implicações sobre o agir cuidativo dos idosos durante e após essa experiência. Constituiu-se como espaço educativo não escolar em que ensinantes e aprendentes compartilharam saberes, comunicaram e elaboraram teorias implícitas sobre o binômio educação-cuidado de si. E recomenda o incremento de iniciativas que coloquem os idosos como centro das discussões, de modo a garantir a qualidade de vida por meio da ressignificação social da velhice, a fim de que eles possam contribuir para a organização e mobilização dos idosos e da sociedade em geral.

A análise das pesquisas que compõem o Estado da Arte que tratam sobre a temática velhice e suas representações produzidas por diferentes segmentos da sociedade permitem perceber-se que o tema velhice está em pauta nas discussões acadêmicas e científicas, mostrando resultados bastante reveladores da forma como o idoso é tratado na sociedade brasileira.

Entre os resultados têm-se trabalhos centrados no idoso buscando apreender-lhe as representações da velhice, como os de Rodrigues (2003) da área de Serviço Social, centrado nas representações da velhice, por parte de idosos acadêmicos no qual a pesquisadora conclui que a velhice está exigindo um novo olhar, que possibilite ao idoso envelhecer com dignidade. E ainda, na área de Serviço Social, o trabalho de Paulino (2007), centrado em representações sociais de velhice, de cegueira e direitos sociais do grupo de idosos em instituições especializadas possibilitaram resultados que revelaram que a cegueira toma a centralidade na pesquisa deixando a questão da velhice em segundo plano, evidenciando que

atividades como oficinas de música e dança são bem aceitas pelos idosos e promove-lhes bem-estar subjetivo e socialização destes para com os profissionais da instituição.

E representando os trabalhos desenvolvidos na área de Psicologia Social, tem-se (GOMES, 2007) que analisou as imagens da velhice em quatro obras da cinematografia brasileira, no período de 1970 a 2000 e revelou que os filmes da década de 1970 estão mais centrados nas questões relativas ao “ciclo de vida na cultura ocidental” e os da década de 2000, por sua vez, enfatizam o tema “relações sociais na velhice”. Este panorama é construído com base nas transformações sociais relacionadas ao aumento da longevidade e ao envelhecimento populacional. Nesta perspectiva, a problemática de estudo situa-se na confluência de dois processos marcantes das sociedades atuais, caracterizados tanto pela transição demográfica ocorrida em meio a um conjunto de mudanças culturais que deságua, nesse momento, no envelhecimento populacional, quanto pela apropriação e exposição desse grupo social pela imagem associada ao consumo, que constitui um dos principais alicerces das sociedades capitalistas contemporâneas.

No que concerne aos trabalhos da área de saúde, tem-se o de Batista (2008) cujo foco recai sobre as representações de fragilidade em domicílio construídas por idosos. O estudo foi desenvolvido numa equipe de saúde da família, centrando-se nos idosos e nos profissionais da equipe. Entre os resultados foram encontradas as seguintes representações no discurso dos sujeitos: fragilidade como doença e doença como envelhecimento; o envelhecimento e a fragilidade como causadores de mudanças e dificuldades na vida diária; a importância da presença da família na vida da pessoa idosa frágil, negação da fragilidade na vida do idoso e por último, a forma como a fragilidade torna o idoso diferente. A conclusão a que a autora chegou, com sua investigação, foi a de que os membros da equipe ainda não são representados como profissionais presentes e atuantes. Esta interpretação foi embasada teórica e metodologicamente pela TRS (MOSCOVICI, 2009) e pela AC (BARDIN, 2000), com temática na vertente de elaboração das representações, centralizada na totalidade do discurso dos sujeitos chamada de “sujeitos genéricos” contextualizados e capazes de representar o grupo no indivíduo.

Ainda representando as pesquisas na área de saúde, Bimbato (2000) desenvolve sua pesquisa focando as representações da velhice construídas também por profissionais da área de saúde, mas atuantes em Núcleos de Saúde da Família. Os resultados obtidos foram: a representação da velhice como evolução natural do corpo humano, relacionada com perdas, limitações ou dificuldades; velhice como sabedoria, experiência de vida. Essa última representação foi associada ao fato de os profissionais da área pesquisada terem cursado

Residência em Saúde da Família, o que lhes possibilitou fazer uma abordagem integral dos problemas e das qualidades das ações de intervenção social. Além disso, a pesquisa também revelou que o tratamento dispensado ao idoso é parecido ao dispensado à criança.

Finalizando o Estado da Arte, proposto neste estudo, tem-se o trabalho de Santos (2000), da área de educação, que tinha por objetivo identificar como os idosos de uma Universidade da terceira idade UNATI-UEPA, compreendiam o par educação-cuidado de si. O autor considera as categorias cognitiva, valorativa, afetiva, educativa e vivencial como provável núcleo central dessa RS e como novas categorias: inclusão, direito e transcendental e conclui que a UNATI-UEPA se constitui como espaço de circulação e reprodução das RS do par educação-cuidado de si encerrando repercussões e implicações sobre o agir cuidativo dos idosos durante e após essa experiência, bem como que no referido espaço os aprendentes compartilham saberes, comunicam e elaboram teorias implícitas sobre o binômio: educação-cuidado de si. Além disso, o autor recomenda que o idoso seja colocado no centro das discussões na sociedade, de modo a garantir-lhe qualidade de vida, por meio da ressignificação social da velhice, a fim de contribuir para a organização e mobilização dos idosos e da sociedade em torno dessa questão.

As pesquisas revisitadas foram de suma importância para esta tese, visto que necessitava-se conhecer trabalhos desenvolvidos com base na Teoria das Representações Sociais, bem como verificar se havia trabalhos focando a temática velhice com base na TRS.

As leituras foram proveitosas e nos permitiram perceber que as pesquisas da área da Saúde apresentam maior recorrência quanto ao desenvolvimento de pesquisas focalizando a temática acerca das representações sociais da velhice, que áreas como a Educação também o fazem e que a temática velhice estudada com base na Teoria das Representações Sociais não é habitual em estudos de Letras ou Linguística. Apesar disso, consideramos útil o esforço aqui empreendido. Assim, seguiremos com nossa investigação, passando para a próxima etapa, que é desenvolver a nossa própria pesquisa, que se diferencia dos demais aqui apresentados, por se centrar no conjunto dos trabalhos que desenvolvem uma análise discursiva na perspectiva crítica, conforme preceituam os Estudos Críticos do Discurso, empregando a TRS com base em Moscovici (2009) e Jodelet (2001) com suporte metodológico da Análise de conteúdo, conforme Bardin (2012) e de Teun van Dijk (2000, 2003, 2008).

Tendo em vista o fato de a pessoa idosa, no Brasil, ter conquistado a condição de possuir seus direitos e deveres garantidos por uma legislação específica e particular, faremos uma síntese de alguns dos pontos que consideramos mais relevantes para a qualidade de vida

do idoso. Nesse documento, centraremos nossa atenção sobre a questão da moradia e do tratamento por parte da família e da sociedade em geral com relação ao idoso.

### **1.3 O Estatuto do Idoso: Direitos Assegurados**

O idoso tem seus direitos garantidos pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Em suas disposições preliminares, art. 1º, há o esclarecimento sobre a regulação dos direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

E inaugurando a lista de direitos que devem ser garantidos à pessoa idosa o art. 3º determina que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

O que se pode comprovar é que, lamentavelmente, alguns dos direitos supracitados não têm sido observados e considera-se que, em nossa sociedade, é forçoso reconhecer o direito à dignidade da pessoa idosa principalmente aquela representada pelos sujeitos que compõem o *corpus* das pesquisas apresentadas nesse estado da arte.

E se for focada a pessoa idosa que mora em casas de repouso, pelo menos no caso específico de nossa pesquisa, esta não tem podido usufruir de seu direito à convivência familiar, embora tal garantia seja enunciada novamente no parágrafo único do artigo 3º, inciso V, que determina a priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

Além disso, no Art. 4º fica prescrito que nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei. A esse respeito observa-se que, em nosso país, a pessoa idosa não tem tido tal direito resguardado, fato perceptível por meio das pesquisas até aqui elencadas.

Atentando para o parágrafo §1º do supracitado artigo, no qual se determina que é dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso, fica evidente que todos têm o dever de cuidar para que os direitos do idoso sejam respeitados.

Para demonstrar a gravidade de não acatamento ou desrespeito para com o idoso o texto do artigo 6º adverte sobre o dever que todo cidadão tem de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação ao Estatuto do Idoso, desde que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento.

O 2º parágrafo do artigo 6º prescreve o respeito ao idoso, que consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais. Este parágrafo nos impele a uma reflexão sobre a observância da manutenção da integridade psíquica e moral, bem como da preservação da identidade de uma pessoa que não tem o direito de permanecer com seus filhos mesmo querendo, que muitas vezes não tem sequer o direito de expressar sua vontade, sua opinião a respeito da forma como gostaria de viver ou morar.

O estatuto também resguarda o que são denominados como direitos fundamentais do Idoso em seu título II, capítulo I, que versa sobre o direito à vida, no artigo 8º, que preceitua que o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção, por sua vez, um direito social, nos termos desta lei e da legislação vigente.

O art. 9º determina que é obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

Especificamente, no aspecto da saúde da pessoa idosa, o art. 18, do capítulo IV, prescreve que as Instituições de Saúde devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idoso, promovendo treinamento e capacitação dos profissionais, assim como orientação a cuidadores, familiares e grupos de autoajuda. Nessa perspectiva, o cuidador da pessoa idosa deve receber treinamento para desempenhar tal função, pois como o idoso se encontra numa fase na vida na qual está em condições de limitações físicas e/ou emocionais deve receber tratamento especializado.

É importante observar também que há regulação para a forma como deve ser prestada a Assistência Social à pessoa idosa no art. 35, que determina que todas as entidades de longa permanência, ou casa-lar, são obrigadas a firmar contrato de prestação de serviços com a pessoa idosa abrigada. No caso desse tipo de instituição a cobrança de participação do idoso prescreve-se que é facultada a cobrança de participação do idoso no custeio da entidade, no caso de entidades filantrópicas, ou casa-lar.

No que se refere à moradia, o Art. 37 prescreve que é direito do idoso ter moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada.

No artigo supracitado em seus parágrafos 2º e 3º ainda são estabelecidas algumas condições que devem ser observadas pelas referidas instituições:

§ 2º Toda instituição dedicada ao atendimento ao idoso fica obrigada a manter identificação externa visível, sob pena de interdição, além de atender toda a legislação pertinente.

§ 3º As instituições que abrigarem idosos são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis às normas sanitárias e com estas condizentes, sob as penas da lei.

As medidas de proteção ao idoso estão prescritas no título III, capítulo I do art. 43, que trata das disposições gerais:

As medidas de proteção ao idoso são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

I - por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;

II - por falta, omissão ou abuso da família, curador ou entidade de atendimento;

III - em razão de sua condição pessoal.

Tratando-se ainda, acerca das medidas de proteção, a prescrição é que no caso de se verificar qualquer das hipóteses previstas no art. 43, o Ministério Público ou o Poder Judiciário, a requerimento daquele, poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

I - encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade;

II - orientação, apoio e acompanhamento temporários;

III - requisição para tratamento de sua saúde, em regime ambulatorial, hospitalar ou domiciliar;

IV - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação;

V - abrigo em entidade;

VI - abrigo temporário.

Abordando a política de atendimento do idoso, bem como suas linhas de ação, o capítulo 1, nos artigos 46 e 47 determinam, respectivamente, que a política de atendimento ao idoso deve ser realizada por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não

governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios; e que as linhas de ação da política de atendimento são as seguintes:

- I - políticas sociais básicas, previstas na Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994;
- II - políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que necessitarem;
- III - serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;
- IV - serviço de identificação e localização de parentes ou responsáveis por idosos abandonados em hospitais e instituições de longa permanência;
- V - proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos dos idosos;
- VI - mobilização da opinião pública no sentido da participação dos diversos segmentos da sociedade no atendimento do idoso.

Para adequação das instituições que desenvolvam programas de institucionalização de longa permanência deverão ser adotados os seguintes princípios, de acordo com o previsto no artigo 47:

- I - preservação dos vínculos familiares;
- II - atendimento personalizado e em pequenos grupos;
- III - manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior;
- IV - participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo;
- V - observância dos direitos e garantias dos idosos;

Considera-se pertinente ressaltar que o artigo 47 trata de uma questão muito relevante para o idoso: a preservação dos vínculos familiares. Apreende-se, neste estudo que a pessoa idosa, especialmente, aquela que mora em casas de repouso prioriza os laços familiares. Observa-se, também que as idosas da casa de repouso que compõe o *corpus* em análise, praticamente não recebiam visitas de seus parentes e familiares.

O Estatuto do Idoso é uma lei que evidencia as principais necessidades do idoso e prevê as formas de atendimento de tais necessidades. Entretanto, considera-se que esta lei, dada a sua relevância, visto que está centrada num segmento da sociedade que tem crescido cotidianamente, ainda é pouco conhecida pelas famílias e pelos jovens. Considerando-se que o Brasil que era até bem pouco tempo um país de crianças já está sendo associado a um país de idosos, o que é pertinente, se se refletir sobre os dados que revelam que até 2050 a previsão é de que se chegue a ter 30% da população brasileira composta por idosos.

Considera-se que a população brasileira ainda não está sensibilizada para tal realidade, possivelmente, pelo fato de a sociedade não saber de tal informação. Ainda são perceptíveis casos de inobservância do estatuto do idoso por parte da referida população. Percebe-se que a

pessoa idosa ainda sofre muitos tipos de violência, como violência física, econômica, moral e psicológica.

Urge uma melhor divulgação do Estatuto do Idoso, bem como a sua observância em todos os seus artigos e capítulos por parte de nossa sociedade, que deve ser conclamada a conhecê-lo, a respeitá-lo de forma integral e vigiar, para garantir que a pessoa idosa tenha um tratamento adequado pela sociedade, especialmente, pelas suas famílias.

## 2 APROFUNDAMENTO TEÓRICO QUANTO AO OBJETO DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentar-se-ão as proposições teóricas em que se baseiam a Teoria das Representações Sociais - TRS e suas ampliações; a proposta dos Estudos Críticos do Discurso – ECD, com base em Teun van Dijk (2008). E proceder-se-á ainda, a uma revisão teórica da TRS, focando, notadamente, nos trabalhos de Moscovici (2001, 2009), Jodelet (2001), Doise (2001) e Abric (2001), às complementações teóricas elaboradas por Sá (1998) e Nóbrega (2001), por serem obras de considerável contribuição à grande teoria. Igualmente, discutir-se-á sobre a questão da consideração da velhice como um objeto de representação social e as possíveis implicações perceptíveis nos posicionamentos e atitudes das idosas moradoras de casas de repouso.

Faz-se necessário que seja definido o conceito de representação adotado no presente estudo com vistas a alcançar o objetivo proposto de comprovar que a velhice pode ser concebida como um objeto de representação social composto por dimensões múltiplas.

Não será feita uma apresentação extenuante da TRS, também conhecida como *Grande Teoria*, pois se visa enfatizar apenas os aspectos conceituais fundamentais, notadamente, o de representação social. Dessa forma, se abordará a origem do conceito, as bases da teoria moscoviciana e suas principais abordagens.

É conveniente elucidar que pretende-se desenvolver uma pesquisa sobre as representações acerca da velhice, trabalhando com a Teoria das Representações Sociais, mas de forma adaptada, pois nossa pesquisa situa-se na área da Linguística Aplicada, particularmente, nos Estudos Críticos do Discurso, nos termos preceituados por Teun van Dijk (2000, 2003, 2008). Denominamo-lhe “adaptada” porque não se trabalhará propriamente com a TRS moscoviciana (1976, 2009), mas com a adaptação da teoria, tomando como base Jodelet (2001) para elaboração de categorias quanto ao estudo discursivo na perspectiva crítica, conforme Teun van Dijk (2000, 2003, 2008). Desse modo, pretende-se inaugurar uma teoria analítica do discurso na perspectiva crítica focando na abordagem de Jodelet (2001) da TRS e dos ECD de Teun van Dijk (2000, 2003, 2008) focando nas representações construídas por meio dos temas presentes no discurso dos sujeitos, que constituirão o *corpus* deste estudo - as senhoras idosas moradoras de uma casa de repouso.

O presente estudo centrar-se-á nos discursos de idosas que moram em uma casa de repouso localizada na Avenida da Universidade, nº 3106, no bairro Benfica, na cidade de

Fortaleza, estado do Ceará, CEP 60.020-181, porque supom-se que essas idosas têm diferentes representações sobre a velhice e pretende-se identificá-las e analisá-las.

Esta pesquisadora apresenta-se mais propensa a trabalhar com os aspectos discursivos dos estudos com linguagem. E, no que concerne à temática em questão, justifica-se devido a algumas preocupações que provocaram um sentimento de inquietação, na doutoranda, ao serem observados alguns problemas pelos quais passavam as hóspedes do local em que esta também estava hospedada no curso do doutoramento: um convento, que complementa sua receita hospedando pessoas que estejam em tratamento de saúde pela capital, ou estudantes, que dispusessem de referências de antigos moradores ou hóspedes e também idosas, sob a observância dos critérios anteriores, em duas modalidades: a) aquelas que recebam um salário mínimo e contribuem com as despesas de água, energia e alimentação, conforme quota estabelecida internamente, dispendo de quartos mais simples, mantidos e organizados por elas próprias e b) aquelas que podem pagar uma mensalidade superior ao salário mínimo, que por sua vez, têm direito a quartos maiores e organizados também conforme suas preferências. Nessa convivência, que inicialmente era apenas na situação de hóspede, e que mais tarde passou a ser a de também moradora da casa, pôde-se perceber que aquelas idosas apresentavam muito interesse em conversar e mostrar suas opiniões acerca de problemas sociais, mas tinham pouca oportunidade para fazê-lo. Diante disso, surgiu a ideia de desenvolver o presente trabalho de pesquisa. E para ver a exequibilidade da pesquisa recebeu-se a orientação para desenvolver um projeto piloto, uma amostra do que fora realizado apenas com três das trinta e duas senhoras moradoras da casa de repouso denominada Recanto Sagrado Coração. Atualmente, o estudo conta com apenas vinte idosas entrevistadas, uma vez que a seleção tem como requisito a idade e a lucidez, para poder contribuir com o objetivo da pesquisa, bem como o interesse em colaborar com a realização do estudo.

A perspectiva do discurso com a qual se pretende trabalhar está embasada em Teun van Dijk (2003, 2008), que preceitua um estudo crítico da realidade, em seus termos, conforme se comentou neste trabalho, deve contribuir para a mudança ou a melhora da vida da sociedade.

Côncios de seu papel enquanto linguistas, analistas do discurso crítico, sabe-se que alterar a realidade, melhorá-la em termos de ações será impossível, até porque esse não é o papel do linguista, mas tem-se convicção de que o esclarecimento, a evidenciação, a publicização de problemas sociais que podem vir à tona a partir do estudo dos discursos dos sujeitos, que estão imersos nessa natureza de problemas, poderá ser útil, bem como vir a fomentar medidas, reflexões por profissionais de outras áreas como terapeutas, psicólogos,

geriatrias, educadores físicos, cuidadores, enfermeiros, ou até mesmo, levar à reflexão àquelas famílias que muitas vezes não sabem como lidar com seus idosos, por não estarem em sintonia com a forma como eles pensam e se sentem diante da velhice, às vezes por não mais se sentirem úteis aos filhos, conhecendo a dura face de se sentir como estorvo, atrapalhando a vida dos jovens; e ainda, especialmente aos órgãos públicos responsáveis por assegurar ao idoso seus direitos e medidas de proteção, conforme preceitua o Estatuto do Idoso (Lei nº 10741/01.10.2003).

Ressalte-se que este trabalho tem como ponto determinante o discurso da pessoa idosa e se configura como um estudo de linguagem; e buscou-se, para tanto, outras fontes teóricas em virtude da pretensão em trabalhar o Discurso sem desprezar sua dimensão afetiva, como preceitua Spink (2011, p.98) “as representações são também uma expressão da realidade intraindividual; uma exteriorização do afeto” e essa dimensão afetiva poderia ser melhor compreendida, abrangendo o processo de elaboração dessa representação, no caso desse estudo, possibilitando a visualização da forma como os sujeitos em questão se reportavam à *velhice*, tendo em vista suas interações nesse espaço.

Considera-se que o presente estudo pode ser útil para todas as áreas já mencionadas, bem como para a própria linguística que não tem dentre as pesquisas consultadas para a elaboração do estado da arte, mesmo após a realização de uma extenuante procura dentre todas as instituições de ensino superior, tanto em cursos de mestrado quanto de doutorado, trabalhos que tenham sido embasados com as teorias as quais nos propomos desenvolver este estudo, muito menos abordando a dimensão afetiva conforme fora aventado anteriormente citando-se Spink (2011).

É relevante ressaltar que esta pesquisa está situada na grande área Linguística, na linha denominada Linguística Aplicada ao Ensino - L.A, especificamente nos Estudos Críticos do Discurso - ECD com base em van Dijk (2000, 2003, 2008) e será desenvolvida interepistemologicamente entre a área supracitada e a Teoria das Representações Sociais, de Moscovici (2009).

Cientes de que não se pode estudar o discurso de um sujeito sem levar em consideração aspectos, como por exemplo, o seu sentimento de pertença a um grupo social, a uma determinada cultura e/ou história, muito menos se pode fazê-lo desconsiderando a sua dimensão cognitiva e afetiva (crenças, valores, representações), razão pela qual acedemos à postura de que os ECD poderão ser desenvolvidos a partir do aporte teórico-metodológico da TRS, ainda que de forma adaptada, visto que esta não é uma pesquisa pura em RS, pois apesar de termos observado o que se preceitua numa pesquisa etnográfica, haja vista o fato de a

pesquisadora ter morado no mesmo espaço que os sujeitos investigados correspondendo a certos padrões típicos de pesquisas Etnográficas, a sua análise terá outra teoria que norteará sua construção metodológica, conforme Bardin (2012), mais especificamente a Análise de Conteúdo. Para tanto, passaremos a uma breve exposição acerca da Teoria das Representações Sociais - TRS, na perspectiva moscoviciana.

## **2.1 Teoria das Representações Sociais: o Fenômeno, o Conceito, a Grande Teoria**

O termo Representações Sociais designa tanto o conjunto de fenômenos como o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los. Essa teoria nasceu de um vasto campo de estudos psicossociológicos e foi inaugurado por Serge Moscovici, através de sua obra seminal *La psychanalyse, son image, et son public* (1961, 1978) sobre a representação social acerca da psicanálise por parte da população parisiense em fins dos anos cinquenta, com o objetivo declarado de redefinir os problemas e os conceitos da psicologia social a partir do fenômeno das representações sociais.

Na realidade, a inspiração para a construção da pesquisa de Moscovici (1976) é advinda do conceito de representação cuja base teórica havia sido proposta por Émile Durkheim. Como o conceito trabalhado por este autor abrangia um amplo leque de fenômenos sociais, intencionando abarcar o aspecto mais essencial e imutável capaz de caracterizar a humanidade, além de tratar dos conceitos de representação coletiva e individual de forma dicotômica não teve à época o reconhecimento devido, tendo ficado apagado por quase um século, devido às lacunas que foram deixadas em seu desenvolvimento.

Para o preenchimento de tais lacunas, surge Moscovici com a Teoria das Representações Sociais, atentando para algumas brechas deixadas por Durkheim, que até a década de 1970 continuava incólume. O próprio Lagache declarou, no prefácio da citada obra, que o estudo sobre a representação social feito por Moscovici (1978) não era um trabalho de Psicanálise, como de fato, não o é, mas uma pesquisa de Psicologia Social e Sociologia do Conhecimento. O prefaciador da obra ainda pontuou que seu objetivo principal com a obra consistia em averiguar em que se converte uma disciplina científica e técnica quando passa do domínio dos especialistas para o domínio comum, observando a forma como o grande público a representaria e a modelaria e de que maneira construiria sua imagem. A pesquisa foi desenvolvida, conforme Lagache, atendendo a primeira parte do objetivo, utilizando-se de pesquisas de opinião e de questionários endereçados a amostras da população, e a segunda,

por meio de uma análise minuciosa dos conteúdos da imprensa francesa por um determinado período.

Moscovici (1978, p.14) ressalta que “numerosos estudos de campo e laboratório foram consagrados a esse fenômeno”, referindo-se à Representação Social, que tanto abrange o conceito, como o próprio fenômeno representação social e aos estudiosos aos quais atribui os estudos, como citados, na supracitada parte de sua obra: “Chombart de Lauwe, Hertzlich, Jodelet, Kaës, por uma lado, e nos de Abric, Codol, Flament, Henry, Pêcheux e Poitou, por outro”. Segundo o autor estes estudiosos citados possibilitaram uma compreensão mais eficaz da representação social, bem como de seu papel na comunicação e na gênese dos comportamentos sociais. Mas ele próprio ambicionava com o estudo da representação social, enquanto fenômeno, a redefinição dos problemas e conceitos da Psicologia Social.

Sá (1996) indica algumas referências relevantes para demonstrar o contexto teórico no qual se insere a teoria do núcleo central: Moscovici (1981, 1984, 1988); Jodelet (1984, 1989a); Ibañez (1988); Doise (1990, 1993); Vala (1993a); Sá (1993a); Abric (1994a) e Wagner e Elejabarrieta (1994).

Moscovici (1976, p. 39) declara sobre o conceito e noção de Representações Sociais: “se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é”. E reitera também a dificuldade acerca da noção de representações sociais: “a noção de representações ainda nos escapa”. Moscovici (1976, p.61).

O sociólogo sugere uma coleta de variadas noções do campo cognitivo e cultural para compor o seu conceito ou proporcionar-lhe parentescos analógicos. Esse ponto de vista também é defendido por Tomás Ibañez (1988), que identifica a composição polimorfa das representações sociais.

Nessa perspectiva, Moscovici (1978, 2009) defende que as representações sociais podem ser entendidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. De acordo com o autor, em nossa sociedade, essas podem equivaler aos mitos e sistemas de crenças de sociedades tradicionais podendo, ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

### ***2.1.1 As Dimensões das Representações Sociais***

Moscovici (1976, p.66-69) defende que a estrutura das representações sociais se configura ao longo de algumas dimensões. Para esclarecer tal afirmação ele situa a informação, o campo de representação e atitude:

a **informação** se refere à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social; o **campo de representação** remete à imagem de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objeto da representação; a **atitude** termina por focalizar a orientação global em relação ao objeto da representação social.

Moscovici (1976, p.72) defende que a atitude é a mais frequente dentre as três dimensões – ele esclarece que as pessoas se informam e representam alguma coisa somente depois de terem tomado uma posição e em função dessa posição tomada, isto é, de tomar uma atitude.

O psicólogo social define a representação social como uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Desse modo, o autor defende que uma representação social, alternativamente, é o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado.

Nesta perspectiva, Ibañez adverte para a necessidade de observação dos elementos diversos que compõem a representação social como processos cognitivos, inserções sociais, fatores afetivos, e sistemas de valores.

Outros autores têm propostas que muito contribuem para a definição das representações sociais. Nesse sentido, Jodelet (1989a, p.36) reflete sobre o que parece consensual entre os estudiosos das representações sociais na seguinte fórmula concisa: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Jodelet (1989a) acrescenta a esta definição algumas observações elucidativas, como se segue:

- a) Uma representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto (de natureza material, social ou ideal).
- b) A representação se encontra em uma relação de simbolização (está em seu lugar) e de interpretação (confere-lhe significados) no que se refere ao objeto.
- c) A representação é uma construção e uma expressão do sujeito, que pode ser considerado do ponto de vista epistêmico (processos cognitivos) ou psicodinâmico (mecanismos intrapsíquicos, motivacionais etc.), mas também social ou coletivo (porque devem ser considerados sempre na análise daqueles processos o pertencimento e a participação social e cultural do sujeito).
- d) A representação social enquanto forma de saber se apresenta como uma modelização do objeto, que pode ser apreendida em diversos suportes linguísticos, comportamentais ou materiais.

A autora esclarece, ainda, que “qualificar esse saber como prático se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos quadros e condições nos quais o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para se agir sobre o mundo e sobre os outros” (JODELET, 1989a, p.43-45).

### ***2.1.2 A Circulação e Reprodução das RS***

Doise (1990, p.125), privilegiando os níveis de análise posicional e ideológicos, que ele mesmo propõe, defende que as “representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligadas a inserções específicas em um conjunto de relações sociais e que organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações”.

O próprio autor atribui a primeira parte dessa definição a Bordieu (1977) e o conjunto, a Moscovici (1976). Doise (1993) considera que o melhor exemplo de um estudo sobre a inserção de representações na organização de relações simbólicas entre atores sociais está na segunda parte do livro de Moscovici (1976), mais especificamente, quando ele estabelece a distinção entre os diferentes sistemas de comunicação que caracterizavam as relações apresentadas por três distintas instâncias que a imprensa francesa tinha com seus leitores.

**1) a difusão**, típica da imprensa de grande circulação, caracterizada por uma ausência de diferenciação entre a fonte e os receptores da comunicação e cujo principal objetivo era criar um interesse comum sobre um dado assunto, como a psicanálise, bem como adaptar-se aos interesses dos seus leitores;

**2) a propagação**, identificada na imprensa ligada à Igreja Católica, objetivava expandir sua organizada visão de mundo, acomodando seletivamente os conteúdos de outras doutrinas, como a psicanálise, ao seu próprio sistema;

**3) a propaganda**, localizada na imprensa comunista, cujo objetivo era o de diferenciar antagonisticamente entre supostos conhecimentos verdadeiro e falso, representado o primeiro pelas suas próprias perspectivas e o segundo, pela psicanálise.

Cabe ressaltar ainda, que o conceito de representação social não é fácil de ser apreendido devido a sua posição mista, na encruzilhada de uma série de conceitos de natureza sociológica e psicológica.

### ***2.1.3 Sobre o Campo de Fenômenos da Representação Social***

Moscovici (1978, p.45) adverte que a representação social deve ser encarada em face de um contexto psicológico autônomo, sendo, portanto, própria de nossa sociedade, de nossa cultura.

Sá (1996) destaca o levantamento dos assuntos ou objetos de representação que têm sido investigados como outra forma de caracterização do estudo das representações sociais e justifica que tal posicionamento corrobora a relevância da estratégia, no que concerne à aptidão para tratar dos problemas de nosso tempo de forma adequada e atual.

Jodelet (1984), por sua vez, mapeia o campo de estudo das representações sociais a partir da forma subjacente de elaboração das representações sociais:

- (1) ênfase à atividade puramente cognitiva pela qual o sujeito constrói sua representação;
- (2) acentuação dos aspectos significativos da atividade representativa;
- (3) tratamento da representação como uma forma de discurso;
- (4) consideração da prática social do sujeito na construção da representação;
- (5) Determinação da dinâmica das representações pelo jogo das relações intergrupais;
- (6) ênfase sociologizante, na qual o sujeito é um portador das determinações sociais responsáveis, em última instância, pela produção das representações.

#### ***2.1.4 Abordagens Complementares à Teoria das Representações Sociais – TRS***

Poderiam ainda ser consultadas algumas obras para ter-se uma noção dos objetos de estudo das representações, dentre as quais, *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais* de Sá (1998).

Nessa linha de pensamento, Ibañez (1988) inclui, nas representações sociais, as representações coletivas. Este posicionamento é adotado, também por Moscovici (1988), bem como por Wagner e Elejabarrieta (1994), com a única diferença que estes últimos fazem as representações emancipadas corresponder exclusivamente à apropriação do conhecimento científico.

Assim, as representações emancipadas são a consequência da circulação do conhecimento e das ideias pertencentes a subgrupos que se encontram em contato mais ou menos estreito. Cada subgrupo cria sua versão e a partilha com outro.

Essas representações emancipadas possuem certo grau de autonomia em relação aos segmentos interagentes da sociedade, que têm uma função complementar por resultarem do

intercâmbio e partilha de um conjunto de interpretações ou signos, sendo sociais em virtude da divisão de funções e da informação reunida e coordenada por seu intermédio.

Representações geradas no curso de conflitos sociais, de controvérsias sociais, não compartilhadas pela sociedade como um todo, determinadas por relações antagonísticas entre seus membros e orientadas para serem mutuamente exclusivas são representações polêmicas, que devem ser vistas no contexto de uma oposição ou de luta entre grupos e são frequentemente expostas e expressas em termos de um diálogo com um interlocutor imaginário, conforme Moscovici (1978).

Em síntese, Moscovici (2009) defende uma transição do conceito das representações coletivas – visão uniforme – para o de representações sociais, com uma visão diferenciada, mais próxima da realidade.

O Psicólogo faz questão de ressaltar que não há representações sociais de tudo. O fato de que as representações sociais estejam estruturadas indica também que não há porque existir uma representação social para cada objeto em que possamos pensar (IBANEZ, 1988, p.34).

Referido-se às condições sociais que afetam a emergência ou não da representação social de um dado objeto no âmbito de um determinado grupo, na opinião de Vala (1993a, p.363), são decorrentes da “enorme pluralidade das clivagens socioeconômicas e dos quadros de referência normativo-valorativos” diretamente responsáveis pela “pluralidade de representações sobre um mesmo objeto”.

Nessa perspectiva, a dispersão da informação reenvia para um defasamento quantitativo e qualitativo entre a informação disponível e a informação necessária para a compreensão sólida de um problema ou objeto (tanto a informação não circula da mesma forma, como não circula o mesmo tipo de informação em todos os grupos sociais, quanto à ambiguidade da informação não se manifesta da mesma forma para todos).

Quanto à focalização, percebe-se que os recursos educativos, os interesses profissionais ou ideológicos parametrizam a focalização dos indivíduos em diferentes domínios do meio e geram a pertinência da elaboração de uma representação ou de uma representação mais sólida ou mais fluida acerca de um objeto.

No que se refere à pressão para a inferência, há entre a constatação de um fenômeno e a necessidade de uma tomada de posição um lapso de tempo mínimo.

Sá (1996, p.42) destaca que há pseudofenômenos de representação social, engendrados pela própria prática especializada de pesquisa, em função da liberdade de provocação de respostas que as técnicas de entrevista ou questionários detêm.

Sobre a explicação teórica das representações sociais Moscovici (1976, p.26) enfatiza o caráter distintivo da dimensão funcional do fenômeno, de modo que tanto em função de sua gênese social quanto o fato de elas serem socialmente compartilhadas seriam insuficientes para distingui-las de outros sistemas de pensamento coletivo, como a ciência e a ideologia, por exemplo.

De acordo com Moscovici (2009), o termo representação social deveria ser reservado exclusivamente àquela modalidade de pensamento particular que tem por função (exclusiva) a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos no quadro da vida cotidiana. Desse modo, uma explicação adequada dos fenômenos de representação social deve dar conta de suas origens, de seus fins ou funções e das circunstâncias de suas produções.

Nessa perspectiva, Abric (1994a) sistematizou a questão das finalidades próprias das representações sociais, atribuindo-lhe as seguintes funções essenciais:

- a) funções de saber: permitem compreender e explicar a realidade;
- b) funções identitárias: definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos;
- c) funções de orientação: guiam os comportamentos e as práticas;
- d) funções justificatórias: permitem justificar, *a posteriori*, as tomadas de posição e os comportamentos.

Sá (1996) presume que o primeiro passo para a elaboração de uma teoria das representações sociais terá sido a estrutura de dupla natureza – conceptual e figurativa atribuída por Moscovici desde o início da construção da teoria. O próprio Moscovici (1976, p.55) comprova isso ao propor que se considerasse a representação como “um processo que torna o conceito e a percepção de algum modo intercambiáveis, visto que se engendram reciprocamente”.

Desse modo, a representação seguiria, por um lado, a linha do pensamento conceptual, capaz de se aplicar a um objeto não presente, de concebê-lo, dar-lhe um sentido, simbolizá-lo. Por outro, à maneira de atividade perceptiva, trataria de recuperar esse objeto, dar-lhe uma concretude icônica, tornando-o “tangível”.

Portanto, Moscovici assume que a representação tem duas faces indissociáveis como a frente e o verso de uma folha de papel, a face figurativa e face simbólica, fazendo compreender “em toda figura um sentido e em todo sentido uma figura” (MOSCOVICI, 1978, p.63). Daí, surgem informações sobre os processos formadores da representação. Quanto à duplicação de um sentido por uma figura, pela qual se dá materialidade a um objeto abstrato,

é cumprida pelo processo de objetivação. E a duplicação de uma figura por um sentido, pela qual se fornece um contexto inteligível ao objeto é cumprida pela ancoragem.

Alguns autores, continuadores, contribuintes da TRS também trataram desses processos.

Na concepção de Jodelet (1984), a ancoragem consiste na integração cognitiva do objeto representado a um sistema do pensamento social pré-existente e nas transformações implicadas em tal processo. Quanto à objetivação, consiste em uma “operação imaginante e estruturante” pela qual se dá uma forma - ou figura - específica ao conhecimento acerca do objeto, tornando concreto, quase tangível, o conceito abstrato, como que “materializando a palavra”.

Doise (1990, p.128), concebe a ancoragem como a “incorporação de novos elementos de saber em uma rede de categorias mais familiares”.

Para Moscovici (1980, p.30), ancorar é classificar, denominar: “coisas que não são classificadas e nem denominadas são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”.

Moscovici (1984, p.38) defendeu, ainda, que “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser imprecisos, reproduzir um conceito em uma imagem”, porque, acrescenta “desde que nós pressupomos que as palavras não falam de nada, somos compelidos a ligá-las a alguma coisa, a encontrar equivalentes não verbais”.

Dessa maneira, o autor introduz a noção de núcleo figurativo, entendido por um complexo de imagens que reproduz visivelmente um conjunto de ideias. “Uma vez que a sociedade tenha adotado tal paradigma ou núcleo figurativo fica mais fácil falar de qualquer coisa que possa ser associada ao paradigma, e por causa dessa facilidade, as palavras referentes a ele são usadas mais frequentemente” (MOSCOVICI, 1984, p.38-39).

O autor esclarece, ainda, outra proposição teórica, qual seja, a transformação de algo não familiar em algo familiar, e que serve aos princípios de ancoragem e objetivação.

Sá (1996, p.48-49) esclarece que enquanto Durkheim compreendia as representações coletivas como fatos sociais, coisas reais por elas mesmas, a teoria das representações sociais na versão original em que foi elaborada, buscava dar conta de uma representação emancipada, por exemplo, a representação da psicanálise pela população parisiense estudada por Moscovici.

A esse respeito, Moscovici (1984, p.18-19) declara que as representações sociais em que estava interessado não eram aquelas de épocas remotas, mas as da sociedade presente, de nosso solo político, científico e humano que nem sempre tiveram tempo suficiente para

permitir a sedimentação que as transformasse em tradições imutáveis. E sua importância continua a crescer, em proporção direta à heterogeneidade e flutuação dos sistemas unificadores – ciências oficiais, religiões, ideologias – e às mudanças pelas quais eles devem passar, a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum.

Desse modo, pode-se afirmar que as representações coletivas não constituem problemas para a teoria das representações sociais, pois estas, as representações coletivas ou hegemônicas, fazem parte da teoria geral das representações sociais mesmo que não sejam por ela explicadas. E é importante, pois, ressaltar, conforme Sá (1996, p.50), que a teoria do núcleo central parece reservar mais explicitamente em sua construção hipotética um lugar para as representações sociais do tipo hegemônico.

### ***2.1.5 Relações Entre o Conhecimento Reificado e o do Senso Comum***

Na Teoria das Representações Sociais, o pensamento social deve ser trabalhado em sua dinâmica e diversidade. Assentindo ao pressuposto de que existem formas de conhecer e de se comunicar guiada por objetivos distintos, formas que são móveis. Moscovici define duas delas, a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo.

De acordo com Arruda (2002), essas formas podem ser concebidas como: a) universo consensual – que é compreendido como aquele que se constitui, principalmente na conversação informal, na vida cotidiana; e b) universo reificado (ou científico), por sua vez, cristaliza-se no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna.

De acordo com a autora, as representações sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques. Nessa perspectiva, as sociedades são representadas por grupos de iguais e, portanto, todos podem falar com a mesma competência. Em consequência disso, a RS pode ser concebida como o senso comum, que é acessível a todos.

Quanto ao conceito de universo reificado pode-se relacioná-lo à sociedade composta por especialistas com divisão de áreas de competência. E desse modo, a realidade é retratada pela Ciência, de forma independente de nossa consciência; com estilo e estrutura fria e abstrata.

Moscovici progride com esta sistematização, pois chega a uma reabilitação do senso comum, do saber popular, do conhecimento do cotidiano. Se antes este saber era considerado confuso, inconsistente, equivocado; posicionamento comum ao iluminismo e ao marxismo, que postulavam a superação do erro e da ignorância pela via do pensamento científico,

Moscovici questionou a racionalidade científica e insurgiu-se contra a ideia de que as pessoas comuns, na vida diária, pensam irracionalmente. O autor defendeu que se tal afirmação pudesse ser feita seria com relação a algum grupo, qual seja, o dos intelectuais. Ele corrobora tal afirmação advertindo que a primeira violência antisemita ocorreu nas universidades, não nas ruas (1998, p.375).

A biografia de Moscovici (1997) confirma que o motivo da sua pesquisa se inscreveu na história da sua vida, testemunha da opressão nazista durante a Segunda Guerra mundial, fato que o impeliu à formulação das questões que intencionavam elucidar o porquê de conhecimentos práticos servirem de base para as vidas das pessoas. Em meio a tanta pesquisa busca para uma organização da construção do conhecimento comum ou científico nasceu a sua obra inicial, sua tese, na qual se percebe uma desconstrução da fronteira entre razão e senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto. A realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada da sua inscrição social. Portanto, Moscovici propõe uma psicossociologia do conhecimento, com forte apoio sociológico, mas sem prescindir dos processos subjetivos e cognitivos.

## **2.2 Definição da Velhice Enquanto Objeto de Representação**

Spink (1993) baseia-se em Jodelet (1985) para elucidar a definição clássica das representações sociais entendidas como modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos.

Nessa perspectiva, as representações sociais passam a ser concebidas como formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos, com imagens, conceitos, categorias, teorias, mas que não podem ser reduzidas aos seus componentes cognitivos.

Por serem elaboradas e compartilhadas socialmente, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitando a comunicação. Assim, as representações se constituem fenômenos sociais, que apesar de acessados por meio de seu conteúdo cognitivo precisam ser compreendidas a partir do seu contexto de produção. Esse contexto de produção compreende as funções simbólicas e ideológicas às quais as RS servem e as formas de comunicação onde elas circulam.

É relevante ressaltar a transversalidade como característica marcante da representação social, que se encontra situada na interface dos fenômenos individual e coletivo podendo interessar, conforme coloca Jodelet (1989), a todas as ciências humanas.

A delimitação de nosso objeto de pesquisa levou-nos a escolher, no que se refere ao seu aspecto metodológico, a abordar a concepção da velhice, enquanto objeto de conhecimento, centrando o presente estudo nas dimensões abalizadas por Jodelet (1985): dimensão cognitiva – pretendendo-se averiguar o processo de construção dos conhecimentos que as idosas possuem sobre o tema, especialmente aqueles através dos quais tal conhecimento torna-se consensual entre os integrantes do grupo; dimensão discursiva – intenciona-se focalizar o discurso ideológico em torno do tema, visto que os discursos impregnam as representações sociais, estes podem ser analisados com vistas a uma compreensão do campo de representação, das informações e das atitudes dos sujeitos; dimensão linguística – objetivamos analisar índices linguísticos (temas), que os sujeitos empregam na construção dos sentidos, e, ainda, a representação social que emerge das manifestações discursivas dos sujeitos ao se posicionarem sobre o tema; dimensão social – procura-se compreender a função social que a representação da velhice desempenha na sociedade contemporânea, particularmente, a representação social da velhice no contexto específico de idosas moradoras de casas de repouso, tendo em vista a relação que se estabelece entre os sujeitos partícipes na esfera social, especialmente, idosas.

Considera-se relevante destacar a anuência ao embasamento em Jodelet (1989), ao conceber as representações sociais como formas de conhecimento prático, inserindo-as entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum, o que representa uma ruptura com as correntes clássicas das teorias do conhecimento, visto que estas abordam o conhecimento como saber formalizado. Segundo Spink (1993), esta postura manifesta a inserção do estudo das representações sociais entre os esforços de desconstrução da retórica da verdade.

A contestação da retórica da verdade pode ser visualizada em três etapas: da epistemologia clássica à incorporação do social; relativização da objetividade; a ampliação do olhar, que significa deixar de ver o senso comum como cidadão de segunda classe para vê-lo como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais. Este é um resultado da definição da representação social no âmbito da Psicologia Social. Com isso a linguagem e a comunicação ocupam posições centrais na Psicologia Social. Desse modo, as representações enquanto conhecimentos práticos são, ao mesmo tempo, campos socialmente estruturados que somente podem ser compreendidos quando referidos às condições de sua produção e aos núcleos estruturantes da realidade social, o que lhes confere dinamicidade, flexibilidade e

permeabilidade, distinguindo-se das representações coletivas de Durkheim, das representações culturais de Sperber (1989), aproximando-as das modernas análises de discurso influenciadas por Wittgenstein (1953) que se centram na relação entre linguagem e ação.

### **2.3 Estudos Críticos do Discurso – ECD (TEUN VAN DIJK, 2000, 2003, 2008, 2012)**

Van Dijk (2012) constrói a introdução desta obra esclarecendo alguns pontos sobre o desenvolvimento dos estudos acerca do contexto, incluindo os seus próprios estudos. E um desses esclarecimentos está voltado para a questão do estudo do contexto como um pano de fundo social ao discurso, postura que, ao que parece, não satisfaz ao estudioso do discurso.

O autor se reporta à forma como o contexto é concebido no estudo da língua e do discurso, em termos de variáveis sociais independentes, como o gênero, a classe, a etnia, a idade ou em termos de condições sociais do texto e da fala. Ele também se reporta aos estudos da indicialidade em termos semânticos ou ainda, ao que denomina trabalho limitado às orientações espaciais ou temporais dos participantes; aos estudos realizados por parte das teorias dos atos de fala que, em sua análise, não deram conta das condições contextuais; à Análise de Discurso Crítica – ADC que, em sua avaliação também não conseguiu desenvolver teorias do contexto mais específicas.

A esse respeito, van Dijk (2000) defende que os estudos do discurso, numa perspectiva crítica, necessitam ter acesso ao contexto como um todo e em toda sua complexidade a fim de possibilitar o entendimento do modo como o discurso produz a estrutura social que o perpassa, o que poderíamos verificar como semelhante ao proposto na Teoria das Representações Sociais, que também define a necessidade de preenchimento de condições tais como: o fato de o objeto da representação ser relevante o suficiente para justificar o seu estudo; que seja o objeto de representação não somente de um indivíduo, mas de um grupo; e por fim, que as pessoas cujos discursos estão sendo estudados tenham um sentimento de pertença ao grupo.

O autor insere a Psicologia Cognitiva e a Inteligência Artificial no grupo daquelas disciplinas, áreas que, mesmo tendo proporcionado *insights* fundamentais sobre modelos mentais e do conhecimento quanto ao processamento e uso do discurso deixaram a desejar no que concerne ao estudo do contexto no processamento do discurso. Entretanto, como exemplo de áreas que desenvolveram de forma mais adequada os estudos do contexto relacionado ao

discurso são citadas a Psicologia Social, a Antropologia, a Etnografia da fala e a Antropologia Linguística. Nesses termos, van Dijk (2012) alerta para a necessidade premente de desenvolver teorias explícitas a respeito do contexto e da maneira como este se relaciona com o discurso e com a comunicação.

O autor defende que *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva* (2012) e *Society in Discourse* (2008) exploram o estudo do contexto nas ciências sociais e representa uma tentativa de desenvolvimento de uma teoria do contexto, examinando (o uso da) noção de contexto e seus possíveis componentes em Linguística, Sociolinguística e Psicologia Cognitiva. Não é demais reiterar que o estudo linguístico-discursivo a que se propõem será embasado por alguns dos pressupostos teóricos do autor supramencionado.

Teun van Dijk (2012) direciona cada uma das obras a um público específico: situando *Society in Discourse* (2008) como mais ligada à Psicologia Social, Sociologia e Antropologia e Ciência Política e *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva* (2012) como uma obra para leitores interessados em (Socio)linguística e Psicologia Cognitiva; e defende a independência de cada uma das obras considerando-se seus direcionamentos distintos no que concerne ao público-alvo. O autor defende, ainda que a última dedica-se à noção de contexto e deve ser encarada como um estudo exploratório e teórico inspirado por ideias e desenvolvimentos ocorridos na Linguística, na Sociolinguística e na Psicologia Cognitiva.

Van Dijk (2012) chama a atenção para um cuidado necessário: que uma teoria do contexto não se torne uma teoria de tudo, pois nem tudo que é compreendido como pano de fundo do discurso faz parte de seu contexto. Em seu entendimento, desenvolver uma teoria do contexto significa selecionar elementos de uma situação comunicativa relevante para a fala e o texto, devendo-se primeiramente cuidar da definição de contexto em Linguística, Sociolinguística, Psicologia Cognitiva e Social, Sociologia e Antropologia e somente a partir daí, voltar-se para os critérios que cabem ou não na teoria do contexto.

O analista do discurso assegura que Van Dijk (2012) não é uma resenha, mas uma tese teórica muito simples e crucial para a compreensão do que é o contexto e de sua relação com o discurso, visto que, em sua opinião, não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele), mas a maneira como os participantes definem essa situação. Isto nos faz perceber como a representação é relevante para a compreensão da relação entre contexto e discurso.

Para o referido autor, a teoria do contexto precisa evitar o positivismo, o realismo e o determinismo sociais, uma vez que os contextos são construídos dos participantes. Assim, traz à tona, a noção de modelo mental – aquilo que os modelos de contexto fazem ou necessitam

fazer – e destaca a relevância da tarefa fundamental para os estudos humanísticos, para as Ciências Sociais em geral, e para os estudos discursivos mostrarem, de maneira exata, como o texto e a fala dependem dos contextos e como os influenciam e são também influenciados por eles.

No primeiro capítulo de van Dijk (2012), intitulado rumo a uma teoria do contexto, o autor utiliza-se de um discurso de Tony Blair, primeiro ministro britânico, por meio do qual propõe uma moção que autorizaria à ação militar contra o Iraque, justificada pela reiterada inobservância por parte do Iraque das resoluções do Conselho de Segurança.

De acordo com van Dijk (2012, p.17), o entendimento pragmático do discurso de Blair depende, de sua contextualização, requerendo que se façam interferências sobre a sua definição da situação comunicativa, uma definição que pode não ser afinada com aquela dos membros do parlamento. O autor chama a atenção para o fato de que produzir e compreender o texto e a conversação envolve aquilo que tradicional e informalmente, se costuma chamar de ‘contexto’ abrangendo categorias como as identidades e os papéis dos participantes, o lugar, o tempo, a instituição, as ações políticas e o conhecimento político, entre outros componentes.

É relevante entender que van Dijk (2012, p.18) conclui que “a análise ‘contextual’ do discurso ultrapassa as análises e empreendimentos gramaticais, ‘textuais’ ou interacionais”. Analogamente, essa análise ultrapassa as análises cognitivas comuns. Isso significa que o autor entende que o contexto deve ser estudado de forma inter-relacionada com a compreensão, a conversação, o texto e a fala, não deixando de considerar o que são os contextos e como estes precisam ser analisados, chegando-se exatamente ao modo como os usuários da língua chegam a esse tipo de compreensão. Daí se entende porque o estudo de van Dijk (2012) está colocado como uma abordagem sociocognitiva, porque não prescindirá da análise cognitiva do contexto e nem dos aspectos sociais de sua função cognitiva realizada pelos usuários da língua.

Para iniciar o desenho de sua teoria do contexto, o autor volta-se para a definição de seu próprio objeto. A esse respeito destaca a importância de que o contexto não seja tratado como ocorre com noções gerais, citando como exemplo: ‘língua’, ‘discurso’, ‘ação’, ‘mente’, ‘conhecimento’, ‘sociedade’ ou ‘poder’, que, em seu entendimento, não são definidas de maneira satisfatória, ou porque podemos estar lidando com noções fundamentais, para as quais o tratamento adequado deveria ser procedido a partir de teorias complexas ou de disciplinas completas para dar conta de suas propriedades. O autor defende que o contexto, aparentemente controla o estilo do discurso.

Delimitando o contexto nos estudos humanísticos e nas ciências sociais, van Dijk (2012, p.20) esclarece que o estudo das literaturas e das artes, em vários momentos da história, sofria pressões para uma realização dos estudos das obras artísticas e de suas estruturas por si mesmas, ignorando o contexto social e condições psicológicas do autor, embora tais posicionamentos isolacionistas tenham sido mais tarde abandonados em nome de um estudo conduzido de forma mais contextualizada, considerando propriedades como circunstâncias psicológicas, sociais, culturais ou históricas.

De acordo com o autor, em se tratando da linguística, a postura isolacionista também esteve presente no desenvolvimento de estudos formalistas, estruturalistas ou transformacionais, tal postura também foi comum aos estudos do discurso, e à ADC, que embora tenha realizado um amplo estudo das dimensões sociais e políticas do discurso, não produziu uma teoria própria do contexto e das relações entre contexto e discurso. Postura diferente fora inaugurada pela análise da conversação e de abordagens próximas do estudo da língua em uso e da interação, segundo van Dijk (2012). Nesse sentido, o autor esclarece que a Antropologia Linguística se tornou uma das disciplinas-piloto por causa de estudiosos como Hymes, Gumperz, Duranti e Hanks entre outros, que desenvolveram estudos que tratavam explicitamente de contexto.

A Psicologia concentrou-se primeiramente no comportamento individual das pessoas e mais tarde em suas ‘mentes’, e muito menos no contexto que fica além das condições experimentais do laboratório’, e de acordo com van Dijk (2012), nas últimas décadas, o interesse no papel exercido pelo contexto no processamento do discurso cresceu rapidamente em Psicologia Cognitiva, mas mesmo com as abordagens sociais do discurso, os psicólogos cognitivistas têm ignorado amplamente a natureza cognitiva do entendimento contextualizado.

O estudo da cognição social na Psicologia Social moderna limitou-se, em geral, ao estudo de esquemas mentais e a experimentos de laboratório formalísticos e somente a partir dos anos 1980 fora constatado um desenvolvimento em direção a uma abordagem mais discursiva e interacionista para a Psicologia Social.

Van Dijk (2012) defende que o contexto é estudado em outras disciplinas, mas que em cada uma destas se investe de um sentido e implicações levemente diferentes. Como exemplificação de sua afirmação cita-o no caso da língua e dos estudos sobre o discurso, no qual o contextualismo implica que os fenômenos precisam ser estudados em relação a uma situação ou entorno; e no da Filosofia, especialmente da Epistemologia, na qual a supracitada abordagem rompe com uma teoria do conhecimento em termos de verdade absoluta e

descontextualizada, e em que o conhecimento é tradicionalmente definido como crenças justificadas como verdadeiras. Caso análogo ao das representações da velhice para idosas em casas de repouso.

O analista de discurso se propõe observar os usos do termo contexto, para o que cita a pesquisa em um famoso site de buscas e, a partir dos resultados obtidos, destacando, em primeiro, que o termo contexto é menos utilizado do que termos com sentidos próximos ao pesquisado e que provavelmente este seja mais usado em eventos comunicativos mais formais ou escrito. Em segundo, que os dicionários listam basicamente dois sentidos, distinguindo o contexto verbal e da noção de circunstâncias ou situação social, política, econômica, ou histórica, ou considerada em relação à extensão geográfica, como em contexto internacional. O autor destaca que em terceiro lugar, nos usos efetivos encontrados na imprensa (EUA, Espanha), prevalece o sentido de situação ou ocasião para o termo citado.

Van Dijk (2012, p.34) ressalta, ainda, que não pretende explorar os usos da palavra contexto, mas “traçar os elementos de um quadro para um conceito teórico de ‘contexto’ que possa ser usado nas teorias de língua, do discurso, da cognição, da interação, da sociedade, da política e da cultura”.

Para tratar de uma teoria do contexto nova e multidisciplinar, o autor lança o que ele denomina de principais pressupostos de sua definição. Para tanto, van Dijk (2012, p.34-44) define os contextos como construtos subjetivos dos participantes, o que implica dizer-se que estes são definições subjetivas das situações interacionais ou comunicativas; que os contextos são experiências únicas, ou seja, são construtos únicos e condicionam consequentemente discursos únicos.

O autor defende, teoricamente, que os construtos subjetivos dos participantes serão explicados em termos de modelos mentais, mais especificamente, modelos de contextos. Os contextos, nessa perspectiva, são um tipo específico de modelo da experiência, porque representando situações comunicativas são também um tipo especial de modelos mentais que as pessoas constroem, passo a passo, acerca das situações e entornos de suas vidas diárias.

Os modelos de contextos são esquemáticos, haja vista que consistem em esquemas de categorias compartilhadas, convencionadas dotadas de uma base cultural, que facultam uma interpretação rápida de eventos comunicativos únicos em curso. Nessa perspectiva, têm-se contemplado em sua contribuição os aspectos cognitivo e sociocultural.

Os contextos controlam a produção e compreensão do discurso; têm bases; são dinâmicos, porque se desenvolvem ‘à medida’ e ‘on-line’, isto é, desenvolvem-se em paralelo com a interação e (outros) pensamentos.

Com frequência, os contextos são amplamente planejados - planejar e antecipar o conhecimento dos contextos são duas ações possíveis, em primeiro porque a partir de esquemas e categorias gerais de contextos (compartilhados culturalmente) constroem-se contextos específicos e em segundo, porque as pessoas têm lembranças acumuladas de eventos comunicativos semelhantes ocorridos no passado.

Van Dijk (2012) defende que a principal função dos modelos de contexto é garantir que os participantes possam produzir textos ou fala adequados na situação comunicativa presente, sendo capazes de compreender a adequação dos textos ou falas dos outros. Consideramos possível até, nesta perspectiva, e com base na reflexão que os discursos como os expostos aqui podem ser entendidos como práticas discursivas, como preceituado por Bazerman (2005). Além disso, estes ainda podem ser tomados como categorias passíveis de análise das representações como Van Dijk (2012) destaca quando se refere mais adiante a teoria das representações.

Cabe observar que os contextos enquanto modelos mentais não podem ser reduzidos ao texto ou à fala, visto que os contextos não são os textos, embora algumas de suas propriedades possam tornar-se parte dos contextos.

Assim, como os discursos, os contextos também podem ser classificados em tipos diferentes, relacionáveis, por sua vez, a diferentes gêneros discursivos, podendo variar culturalmente.

Van Dijk (2012, p.43) considera que “uma teoria do contexto de bases cognitivas é parte de uma teoria social mais ampla das relações entre sociedade e discurso”. O autor considera, ainda, em se tratando de uma teoria das situações sociais, que “uma teoria do contexto precisa estar inserida em teorias mais gerais da representação ou da compreensão das situações sociais e da interação com essas situações” (VAN DIJK, 2012, p.43). Nessa perspectiva, toma-se a TRS para apropriação das estruturas linguísticas na forma de representações sociais da velhice produzidas por idosas em situação social de moradoras de casas de repouso, considerando que o conhecimento da velhice é definido pelas crenças perpassadas, social e culturalmente em suas relações sociais e culturais com o grupo de senhoras idosas com o qual convivem na casa de repouso em que moram. A fim de evitar confusões terminológicas, van Dijk (2012, p.44-45) distingue como ele próprio destaca os termos teóricos contexto e modelo de contexto, definindo modelo de contexto como:

[...] um modelo mental específico ou como uma interpretação subjetiva feita pelos participantes das propriedades relevantes da situação (social, interacional ou

comunicativa) da qual participam. Em outras palavras, onde os estudos mais antigos usam frequentemente 'contexto', eu uso 'situação' (comunicativa).

Fica evidente a distinção feita pelo autor e cabe, a partir dessa orientação, convencionalizar que, quando houver referência, neste estudo, à situação comunicativa se estará tratando, de fato, daquela noção de contexto entendido como entorno situacional do discurso; quando se enunciar contexto se estará referindo a modelo mental, conforme van Dijk (2012), embora não se pretenda tratar especificamente, nesta tese, do contexto como modelo mental.

Van Dijk (2012, p.45) coloca a dificuldade de definição da noção de situação em seu próprio quadro teórico, convencionando que um modelo de contexto, nesta perspectiva, "é uma seleção específica ou uma reconstrução de um modelo de situação". A partir desta perspectiva é que se trabalhará com o contexto, isto é, como modelo mental de compreensão e representação mental, e em função do aporte teórico adotado em nosso estudo sobre representação social.

Entendendo que a distinção entre contexto e texto é outro problema teórico, o autor esclarece que os contextos (enquanto modelos mentais) são modelos dos episódios comunicativos e não apenas do entorno situacional do discurso. Desse modo, o autor deixa claro que: "O fato crucial é que esse par terminológico pressupõe que o discurso é ele próprio um objeto, uma ação ou um evento, e o contexto, algum tipo de 'entorno' como vimos ser o caso na noção de contexto" (VAN DIJK, 2012, p.45).

Segundo van Dijk (2012), uma das contribuições valiosas de seu livro é a investigação das relações entre propriedades fundamentais da língua e do discurso, tais como a coerência, por um lado, e aspectos filosóficos e psicológicos da mente, como o conhecimento compartilhado associado com a 'situação da fala', por outro lado.

Van Dijk (2012, p.147) defende que "o discurso e sua interpretação (subjéctiva) podem influenciar diretamente no modelo de contexto dos receptores: as pessoas e as relações sociais são avaliadas com base naquilo que fazem e dizem". Nesta perspectiva, percebe-se a subjéctividade do discurso, mas também se pode perceber que o discurso refletirá o que o sujeito pensa, como ocorre, por exemplo, naqueles casos em que nos esforçamos para não deixar transparecer uma opinião pessoal a respeito de um assunto, e acabamos por evidenciá-la de forma muito mais enfática.

Sobre isso, van Dijk (2012, p.154) ressalta que "uma das dificuldades dos modelos de contextos definidos como modelos mentais dos participantes é que não podemos observá-los

diretamente”. Isso não é possível porque o referido modelo está no plano cognitivo, mental, sobre o qual não se tem ainda, aparelhos capazes de flagrar o seu funcionamento. van Dijk (2012, p.154), então, propõe:

Um método para o estudo dos contextos consiste em estudar sistematicamente suas ‘consequências’, isto é, as variações do discurso em situações diferentes, como fazemos mais geralmente no estudo dos fenômenos não observáveis em qualquer ciência.

O autor sugere vários procedimentos para o referido estudo, aos quais não nos ateremos porque não serão apresentados, neste momento inicial, tanto em função do espaço que o gênero nos permite dispor, bem como pelo fato de que não se trabalhará aqui com os modelos de contexto, na perspectiva que o autor postula. Contudo, se indaga se as representações sociais, que são organismos cognitivos poderiam ser compreendidas como esses modelos de contexto.

Van Dijk (2012) salienta, ainda que, assim como outros tipos de modelos mentais, os modelos de contexto podem ser a base de uma narrativa cotidiana. Como por exemplo, ocorre nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

O analista de discurso defende também que o objetivo fundamental do capítulo contexto e cognição foi elaborar de maneira mais detalhada sua tese geral de que:

[...] os contextos não são algum tipo de situação social ou comunicativa, mas sim construções subjetivas ou ‘definições’ das dimensões relevantes de tais situações por parte dos participantes. Esses construtos foram definidos como modelos mentais específicos, os modelos de contexto, localizados na memória episódica, e como casos especiais dos modelos da experiência mais gerais que controlam nossa conduta diária (VAN DIJK, 2012, p.157-158).

O autor assumiu que esses modelos de contextos precisam ser relativamente simples e compõem-se apenas de algumas categorias gerais que, entretanto, podem ser culturalmente variáveis. O autor deu atenção especial às categorias mais marcadamente cognitivas dos modelos de contextos, como por exemplo, o Eu-mesmo, as intenções, e as importantes estratégias do uso do conhecimento.

Entende-se que a teoria dos modelos de contexto não será útil para o nosso trabalho de análise com relação aos discursos dos idosos a serem investigados, fato pelo qual se justifica a revisão dos aspectos aqui tratados.

Passar-se-á a uma breve apresentação da Representação Social e Ideologia, de acordo com o proposto nos ECD de Teun van Dijk (2003).

### ***2.3.1 Representação e Ideologia: a Proposta dos ECD de Teun Van Dijk***

Segundo van Dijk (2003, p.07), o fato de as ideologias se configurarem como sistemas de ideias de grupos e movimentos sociais, estas, não somente dão sentido ao mundo (desde o ponto de vista do grupo), mas também proporcionam o fundamento das práticas sociais dos membros participantes dos grupos, assemelhando-se ao que ocorre com a Teoria das Representações Sociais. Nesse contexto, ao postular que as ideologias estão na base das representações sociais, van Dijk (2003) parte do seguinte argumento: se as ideologias são as crenças básicas compartilhadas pelos grupos, devem-se entendê-las também como a base da memória social, uma vez que além de serem formadas pelas crenças socialmente compartilhadas, são relacionadas ao conhecimento sociocultural indispensável na comunicação e na interação entre as pessoas. Dessa forma, as ideologias condicionam as representações sociais dos grupos, e em consequência, as práticas e os discursos sociais de seus membros (VAN DIJK, 2006, p.28).

Ao tratar do conceito ideologia, van Dijk (2006, p.21) explicita que “as ideologias podem ser definidas sucintamente como a base das representações sociais compartilhadas pelos membros de um grupo”. Nesse sentido, ressalta-se e acede-se à proposição de Moscovici (2009) de que tratar das representações sociais demanda desenvolver uma reflexão sobre as ideologias que conformam sua base fundamental. Esse aspecto também está presente na seguinte conceituação de Abric (2001, p.156), que compreende e define a representação como um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação, que pode ser determinada tanto pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), quanto pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e, ainda, pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social.

Em consonância com essa perspectiva, entende-se que uma análise das representações implica também levar em conta as questões de cunho ideológico que as constituem e determinam. Trata-se, em suma, do estudo de como, e por que, as pessoas partilham suas crenças, suas opiniões, e desse modo, constituem uma realidade comum, e de como as ideias determinam suas práticas.

De acordo com Moscovici (2009, p.41), as representações possuem um caráter dinâmico e, não são criadas por um indivíduo isoladamente, pessoas e grupos criam

representações no decurso da comunicação e de forma cooperativa, daí a justificativa da denominação social. Para o autor, o estudo deve centrar a representação do grupo e não de um indivíduo, pois de outro modo não se teria RS - Representação Social, mas a representação individual como era trabalhada por Durkheim, à qual Moscovici já propôs e conseguiu fazer um acréscimo criando o conceito de representação social com toda a sua complexidade enquanto fenômeno. O psicólogo social destaca, de forma muito relevante que as representações adquirem vida própria, elas circulam, se atraem, se repelem, dão lugar ao nascimento de novas representações, enquanto algumas já desgastadas velhas morrem.

O mais curioso e necessário a se destacar é a semelhança que ocorre no processo de estabelecimento, de construção das ideologias. Para van Dijk (2003, p.07), a maior parte das ideologias é compartilhada em um grupo por meio da leitura e da conversa entre seus membros, podendo serem aprendidas quando se assiste à televisão, leem-se livros de textos na escola, jornais, revistas ou mesmo ao se participar das conversações de cada dia entre amigos. O autor também ressalta o fato de que as ideologias são gradualmente adquiridas e podem sofrer mudanças ao longo do tempo, dependendo dos contextos nos quais as pessoas, de modo geral, precisem estar inseridas. Assim, alguém pode se tornar um pacifista ou uma feminista devido às experiências acumuladas e aos discursos a que tenham acesso, possibilitando-lhe a adesão a um determinado grupo de pertença.

Outro aspecto digno de atenção refere-se ao fato de as ideologias estarem relacionadas a grupos tal como as representações que devem ser colhidas, porque somente são geradas em grupos, devendo ter uma espécie de relevância social para serem consideradas com tal.

Nesta perspectiva podem-se estabelecer características perfeitamente relacionáveis entre ambos os fenômenos:

*Gráfico 01 – Características relacionáveis entre a TRS e os ECD*

TRS RS - REPRESENTAÇÃO SOCIAL	ECD IDEOLOGIAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• dinâmicas;</li> <li>• sociais;</li> <li>• criadas, construídas em grupo;</li> <li>• circulam, se atraem, se repelem, se modificam, se renovam.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• compartilhada em um grupo;</li> <li>• vêm pela leitura, conversa;</li> <li>• podem ser apreendidas (TV, literatura, jornais, revistas);</li> <li>• gradualmente adquiridas, podendo sofrer mudanças com o tempo.</li> </ul>

**Fonte:** elaborado pela autora.

Van Dijk (2005, p.02, apud Nascimento, 2012, p.72) defende que “Os diferentes tipos de ideologias são definidos pelo tipo de grupos que “têm” uma ideologia tais como os movimentos sociais, os partidos políticos, as profissões, ou as igrejas, entre outros”.

O autor destaca que isso se torna mais evidente no nível do conteúdo ou do significado do discurso, em outras palavras, “naquilo que as pessoas falam, nos temas que escolhem ou evitam, nas informações que expressam de maneira explícita ou implícita, enfim, nas práticas de interação cotidianas”. (VAN DIJK, 2003, p.59)

Há exemplos de análises que o autor realiza sobre a forma como o discurso racista pode ser expresso, transmitido, compartilhado e reproduzido na sociedade. Como pode ser corroborado nas próprias palavras do autor ao ressaltar que muitas vezes “uma oração na voz passiva pode obscurecer o agente responsável nos modelos mentais que formamos acerca de um evento racista”, bem como a metáfora “uma invasão de refugiados” pode acentuar a opinião negativa que temos acerca dos Outros. (VAN DIJK, 2008, p.138)

Ainda tratando dos grupos e das ideologias, van Dijk (2003, p.31), salienta que um agrupamento social pode ser definido considerando-se aspectos como: origem, idioma, religião; atividades típicas e objetivos específicos (por exemplo, ensinar aos estudantes, curar um paciente, publicar notícias). O autor alerta-nos para o fato de que levando em consideração o ponto de vista social é possível definir-se uma série de propriedades que as pessoas usam de maneira rotineira para se identificar e identificar aos demais como membros de dentro ou de fora de um grupo e reagir em consequência disso.

Desse modo, van Dijk (2003) defende que a natureza institucional das ideologias no que concerne ao discurso e suas formas de reprodução não se manifestam apenas por meio da linguagem oral ou escrita, mas, dependem, sobretudo, de muitas práticas não verbais, de estruturas organizativas e de outros aspectos relacionados com as empresas e as instituições. O autor ilustra tal afirmação por meio do fato de as ideologias das notícias não se limitarem ao conteúdo e ao estilo dos artigos. Elas também incluem as formas de captação das notícias, as fontes de informação, a interação entre os jornalistas e a própria organização das atividades profissionais a serem desempenhadas normalmente como a participação em reuniões, editoração e pautas.

Com base nas considerações até aqui ressaltadas, entende-se que a reflexão e análise em torno das práticas discursivas de idosos em situação de abrigo, bem como das categorias que serão criadas a partir da descrição de tais discursos, elaboradas por sujeitos sociais de um grupo específico – os abrigos – representam um caminho viável para a compreensão das ideologias que constituem as representações sociais mobilizadas por tais sujeitos.

Cabe observar que van Dijk (2008) propõe alguns conceitos para um enquadre teórico em ECD, salientando que pelo fato de a Análise do Discurso Crítica - ADC não constituir uma diretriz específica de investigação, nem possuir um enquadre teórico único, os estudos nessa área devem ser conduzidos norteando-se por alguns conceitos básicos, a saber:

*macro versus micro* – entende-se que o poder, a dominação, a desigualdade entre os grupos sociais são pertencentes ao micronível de análise, enquanto que o uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao macronível da ordem social. Assim, existem diferentes formas de analisar e relacionar esses níveis, alcançando-se uma análise crítica unificada, que deve considerar as seguintes concepções: membros-grupos, ações-processos, contexto/estrutura social e cognição pessoal e social;

*o poder como controle* - a partir do qual van Dijk (2008) esclarece que a noção central na maioria dos trabalhos críticos sobre o discurso é a de poder, mais especificamente, de poder social de grupos ou instituições, definindo o poder social em termos de controle. E nessa perspectiva, o que chama a atenção é a afirmação de van Dijk (2008) de que o poder dos grupos dominantes pode estar integrado a leis, regras, normas, hábitos e mesmo a um consenso geral, assumindo assim, a forma do que Gramsci (1971) denominou hegemonia;

*o controle do discurso político* - o autor nos traz reflexões acerca do acesso à comunicação e ao discurso público, ressaltando que a maior parte das pessoas comuns são alvos de textos orais e escritos, explicitando as condições de acesso e controle aos discursos, para concluir que se o discurso é definido em termos de eventos comunicativos complexos, o acesso e controle pode ser definido tanto pelo contexto quanto pelas próprias estruturas dos textos orais e escritos. E assim, o contexto é uma importante estrutura constituída por categorias tais como: *a definição global da situação, o cenário (tempo, espaço), as ações em curso, os participantes em vários papéis comunicativos sociais ou institucionais, assim como suas representações mentais: metas, conhecimentos, opiniões, atitudes ou ideologias; as relações de controle do discurso são explicitadas pelo autor com relação ao controle da mente*, tal controle é entendido como uma das formas de reproduzir a dominação e a hegemonia. O controle que se baseia no contexto origina-se no fato de que as pessoas compreendem e representam não apenas os textos orais e escritos, mas também toda a situação comunicativa, como ocorre, por exemplo, no caso das Representações Sociais – RS.

As pesquisas em ECD podem versar sobre diversas questões como, por exemplo, desigualdade de gênero; o discurso na mídia; discurso político; bem como etnocentrismo, antissemitismo, nacionalismo e racismo. Aqui se inclui a questão do trabalho com o idoso que

também sofre com o preconceito e a discriminação pela condição de idoso numa sociedade que valoriza predominantemente o que é capital diante daquilo que é social.

Van Dijk (1998a) defende que ainda restam lacunas teóricas e metodológicas nos Estudos Críticos do Discurso e que a interface cognitiva entre as estruturas do discurso e as do contexto social local e global raramente é explicitada, surgindo normalmente apenas em termos das noções de conhecimento e ideologia. Dessa maneira, os estudos sobre os detalhes da teoria multidisciplinar, que deve contemplar as relações entre discurso e ação com cognição e sociedade ainda estão em pauta. Além disso, ainda existe uma lacuna entre os estudos mais linguisticamente orientados da escrita e da fala e as várias abordagens baseadas no social. Desse modo, o autor considera a integração de várias abordagens muito relevante para chegar-se a estudos satisfatórios em ECD, fator motivador da escolha da TRS para tratar sobre a representação da velhice por parte de idosas moradoras de casas de repouso da cidade de Fortaleza.

Um dos relevantes conceitos trabalhados por van Dijk nos ECD refere-se às ideologias, que formam as representações sociais das crenças compartilhadas de um grupo e funcionam como o marco de referência que define a coerência global dessas crenças. Portanto, as ideologias permitem inferir facilmente opiniões sociais novas, que se adquire e distribuem dentro de um grupo quando este e seus membros enfrentam acontecimentos e situações novas, como o caso da imigração em grande escala durante as últimas décadas na Europa (VAN DIJK, 2003).

Conforme indica van Dijk (2003), nem sempre fica claro que, dentro de um discurso as pessoas se comprometam ideologicamente com o que acreditam. Para o estudioso do discurso, pode haver um abismo entre as ideologias abstratas e gerais e a forma como se produz e se entende o discurso. E para corroborar a tese defendida neste estudo, passa-se agora a traçar um paralelo correlacional entre as teorias supramencionadas, a fim de construir a tese, que se baseia na convergência das teorias já mencionadas anteriormente, dos ECD com a TRS, confluindo para o desenvolvimento dos estudos críticos do discurso, com base no que preceitua Van Dijk (2000, 2003, 2008) ao se reportar aos ECD.

## **2.4 Correlação Entre as Teorias e o Objeto de Pesquisa**

A maior parte dos estudos acerca do envelhecimento está atrelada à questão da saúde. O que consideramos uma prática coerente, uma vez que a ausência de saúde é um dos fatores

marcantes para o idoso em nosso país. Entretanto, dada a natureza discursiva deste estudo, bem como dos aportes teóricos que fundamentam o objetivo de pesquisa não se centrará a atenção no referido ponto, mas nas revelações que os discursos dos sujeitos trouxeram, para que se possa explicitá-las por meio do aparato metodológico selecionado para este fim, qual seja: a TRS, os ECD de Teun van Dijk, com as ideologias e a AC de Bardin (2012).

Cabe ressaltar que, embora o número de idosos tenha crescido significativamente no Brasil, as políticas públicas de assistência ao idoso não têm sido satisfatórias, no que concerne a atender as suas necessidades nos aspectos social, psíquico e emocional. Isso ocorre não por falhas na lei criada para fazê-lo, mas em nosso entendimento, ocorre muito mais pela carência de sensibilização para a questão da velhice com todas as suas implicações físicas, psíquicas, emocionais e sociais.

Em síntese, considera-se relevante que a sociedade brasileira, especialmente, os profissionais da área de saúde, inclusive os cuidadores institucionais e familiares, a própria família do idoso, principalmente aquelas pessoas que lidam diretamente com a pessoa idosa leia, se informe sobre as implicações da velhice, para que possa compreender as dificuldades inerentes ao processo de envelhecimento e preparar-se para o tratamento e o cuidado com a pessoa idosa. Isso é exequível, se se considerar que a representação social é um conhecimento prático, que também orienta as práticas dos grupos. Assim, por meio das análises da representação social da velhice, no capítulo 4 desta tese, pretende-se assimilá-la e compreendê-la, a fim de que se possa deixar sugestões e orientação para a forma como a pessoa idosa está percebendo, sentindo e representando a velhice, bem como uma forma mais adequada para que a sociedade possa adotar, para melhor atender às necessidades do idoso, como compete ao linguista crítico nos termos de Teun van Dijk (2003, 2005, 2008, 2012).

### **3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

No presente capítulo, de caráter teórico-metodológico, serão abordados os seguintes aspectos: 1. a área em que se insere esta pesquisa e sua natureza; 2. o perfil e a caracterização dos sujeitos; 3. os procedimentos e instrumentos utilizados para a geração dos dados; e 4. as bases teóricas da Análise de Conteúdo, com foco nas etapas da pesquisa: pré-análise, análise do material e interpretação dos dados, cujo embasamento nos permitiu proceder à identificação dos temas constantes das entrevistas dos sujeitos que compunham o nosso *corpus*, articular, nestes, a identificação das representações, detectar o perfil sociocultural dos sujeitos e buscar identificar ainda a representação compartilhada nos termos de van Dijk (2005).

#### **3.1 Características Gerais da Pesquisa**

Em função da natureza humanística da pesquisa optou-se por uma análise “quali-quantitativa”. Será desenvolvido, com o *corpus*, uma análise centrada em seu processo de constituição e, em especial, na relação deste com as representações de um grupo determinado, no caso, de idosas moradoras de uma casa de repouso. A escolha se justifica também em virtude da natureza crítica da pesquisa vinculada para a semanticidade - as análises contemplaram os temas constantes das entrevistas - e pragmaticidade - as práticas subjacentes às representações-, visto que atentamos para a recorrência de temas, que apresentavam entre si algum tipo de proximidade semântica, que contribuísse para a construção da representação social do objeto velhice. Desse modo, o trabalho com os dados impôs o caráter quali-quantitativo, ao que Bardin (2010, 2012) atende satisfatoriamente, conforme nossos objetivos.

#### **3.2 Os Sujeitos da Pesquisa**

O público-alvo desta pesquisa constituiu-se de vinte senhoras idosas, observando-se o cumprimento das seguintes condições:

- a) senhoras que tivessem entre 60 e 80 anos;
- b) senhoras que tivessem como escolaridade mínima o Ensino Fundamental Incompleto;

c) que morassem no convento, a casa de repouso denominada Recanto Sagrado Coração (Dispensário dos pobres), situado na Avenida da Universidade, 3106, CEP 60.020.181, no bairro Benfica, em Fortaleza-CE;

d) que as idosas se encontrassem em pleno gozo de suas faculdades mentais, com consciência e lucidez, de acordo com informações prestadas pela Coordenação da casa de repouso.

Embora a entrevista tenha sido realizada com todas as idosas moradoras da casa de repouso em questão, foram analisadas, a princípio, apenas aquelas de cujas senhoras se enquadravam nos critérios estabelecidos nos itens de “a” a “d”.

As senhoras que residem na referida casa de repouso têm algumas semelhanças em sua história de vida, como, por exemplo, o fato de serem viúvas, solteiras e/ou sem filhos. Entretanto, há algumas que, embora tendo filhos, preferem morar no convento a morar com seus filhos, irmãos ou parentes com os quais moravam antes de ir para a casa de repouso.

A presente pesquisa submetida à avaliação pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CONEP, que a encaminhou ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, devido ao fato de não realizar experimentos com seres humanos, cuja aprovação ocorreu em 06.06.2013.

Após o período de convivência de um ano na mesma casa de repouso que as idosas, expus para a administradora da casa o meu interesse em desenvolver a pesquisa tomando como sujeitos desta, as moradoras da casa. A administradora consultou às demais irmãs que não se opuseram e autorizaram a realização do estudo desde que fosse da vontade das idosas, que consultadas uma a uma aceitaram participar de uma entrevista gravada em áudio e vídeo, assinando um Termo de Livre Consentimento Esclarecido – TCLE, para autorização da veiculação de seus depoimentos e imagens.

O total de moradoras era de trinta e duas idosas, mas quando estabelecemos os critérios de participação ficaram apenas vinte idosas. O principal critério foi que as idosas se encontrassem em pleno gozo de suas faculdades mentais com consciência e lucidez. A princípio, se havia estabelecido que idosas com idade superior a oitenta anos não participariam da pesquisa, mas como elas demonstravam interesse em fazê-lo e, ao entrevistá-las, percebeu-se que elas atendiam ao critério principal, ou seja, apresentavam consciência e lucidez, decidiu-se permitir-lhes participar da pesquisa.

### **3.3 A Geração de Dados Quanto aos Procedimentos e os Instrumentos Empregados**

Por ocasião do curso de doutoramento, na fase de cumprimento das disciplinas obrigatórias, num período de aproximadamente um ano, a pesquisadora morava no convento supramencionado, que também hospeda estudantes, pessoas que estão na cidade para tratamento de saúde dentre outras situações, a fim de angariar fundos para suprir as despesas básicas de funcionamento e administração. Quanto à geração dos dados, foram utilizadas as técnicas mencionadas: entrevistas semiestruturadas, questionários, gravações e anotações. Considerando-se o tempo de residência no local da pesquisa, vivenciando momentos da vida das idosas pôde-se identificar nesta pesquisa traços de uma pesquisa etnográfica<sup>1</sup>, dada a geração dos dados da pesquisa, bem como a realização, de forma experimental, de um projeto piloto que guiou sua condução. O referido projeto consistiu de gravação de conversas com quatro das vinte e duas moradoras da casa de repouso para a elaboração de lista de termos associados à velhice. E funcionou como pesquisa de cunho exploratório que nos permitiu corroborar a exequibilidade desta.

Para iniciar, aplicou-se uma entrevista semiestruturada com as senhoras para a familiarização da pesquisadora com as idosas, visto que já havia sido realizado um projeto piloto com três destas.

As vinte entrevistas que continham a solicitação de seus nomes completos, idade, naturalidade, o tempo que elas moravam na casa de repouso; a opinião sobre a velhice, a felicidade e a solidão foram aplicadas a cada idosa por vez, conforme se preceitua em termos metodológicos, na entrevista semiestruturada. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, conforme transcrições constantes nos anexos. A identidade das idosas foi preservada, uma vez que as referências aos dados gerados foram feitas com pseudônimos. Nessa entrevista, bem como em todos os dados gerados com os referidos sujeitos foram observados os procedimentos básicos preceituados pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010, 2012).

Os critérios de escolha, constantes do subitem 3.2, foram pensados em função da preocupação com o perfeito ou pelo menos, o melhor gozo de faculdades mentais como a consciência e lucidez por parte dos sujeitos, uma vez que tais condições são fundamentais para a colaboração conforme as necessidades da pesquisa desenvolvida, que foi reveladora de suas condições, de suas opiniões acerca da velhice e de como se sentiam com relação à

---

<sup>1</sup> Etnografia é o estudo descritivo da cultura dos povos, sua língua, raça, religião, hábitos etc., como também das manifestações materiais de suas atividades. É a ciência das etnias. Do grego *ethos* (cultura) + *graphie* (escrita). A pesquisa etnográfica tem bases antropológicas ou etnográficas, baseia-se na observação e levantamento de hipóteses, onde o etnólogo procura descrever o que, na sua visão, ou seja, na sua interpretação, está ocorrendo no contexto pesquisado.

Fonte: <http://www.significados.com.br/etnografia/>

questão proposta. E tomou-se tal decisão, porque durante a aplicação do projeto piloto, a Coordenação da casa informou que algumas senhoras não dispunham mais de lucidez para participar da pesquisa devido a problemas de saúde como a demência dentre outras complicações e problemas oriundos da velhice.

Depois de aplicada a entrevista, foram empregados outros procedimentos metodológicos com base em Bardin (2010, 2012):

- 1) a técnica da escuta flutuante, para a identificação das representações sociais demonstradas pela recorrência de temas (assuntos) mais recorrentes;
- 2) anotações (gravadas) de suas falas antes e depois das entrevistas em conversas informais;
- 3) a busca de associação semântica entre os significados dos termos mais recorrentes nas entrevistas e as representações sobre a velhice;
- 4) a proposição de categorias de análise;
- 5) a análise e interpretação das anotações já referidas neste texto;
- 6) a formulação de hipóteses interpretativas dos dados gerados.

Ressalta-se que o cumprimento de todas as etapas expostas foi focado no objetivo de trabalhar a velhice como objeto de representação, ou seja, centrando na forma como os sujeitos investigados a representavam cognitivamente e culturalmente.

Dentre todos os procedimentos empregados com a finalidade precípua de visualizar as representações das idosas acerca da velhice, foram empregados meios, como a identificação dos temas (assuntos) mais recorrentes, presentes nos discursos ou nos textos das entrevistas, nos questionários como um todo, ou ainda nas anotações durante a fase de convivência com os sujeitos. Focaram-se, inicialmente, as palavras empregadas pelos sujeitos, observando-lhes os aspectos semânticos e pragmáticos, para somente a partir desse ponto identificar, sequencialmente, os temas e, por último, chegar às representações sociais dos sujeitos em questão acerca do objeto da representação.

Procedeu-se à análise crítica das representações sociais, detectadas nos discursos das idosas, na perspectiva dos ECD com base em van Dijk (2000, 2008). Isto foi feito sem perder de vista a presente tese de que os ECD podiam ser desenvolvidos de forma teórica e metodológica por meio do emprego da TRS, respectivamente, como preceitua o próprio van Dijk (2003, 2008) ao ressaltar que as pesquisas em ECD devem seguir uma linha

multidisciplinar, o que está se desempenhando empregando como aporte metodológico a AC (BARDIN, 2012).

Investigou-se a construção das RS, contemplando os aspectos cognitivo, mental e cultural ativados para a construção da representação do objeto velhice por parte dos sujeitos específicos, no caso, as idosas moradoras da casa de repouso. E, para analisar a geração das representações de cada uma das idosas, focou-se o discurso, para detectar as representações sociais acerca da velhice, com base em van Dijk (2003) a fim de verificar-se as ideologias subjacentes às representações sociais da velhice por parte dos sujeitos da investigação.

### **3.4 Procedimentos**

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa e quantitativa, a partir do emprego de entrevista de profundidade, aplicação de questionários, bem como de outros recursos mencionados (anotações, gravação e transcrição das entrevistas). O rigor científico a que se refere e se ampara está pautado nas entrevistas gravadas em áudio e vídeo, que podem vir a ser consultadas a qualquer tempo a fim de ratificar a fidedignidade dos dados.

Foram propostos os temas como categorias de análise, bem como a formulação de hipóteses interpretativas dos dados gerados a fim de chegar-se às representações dos sujeitos acerca da velhice, porquanto estes são instrumentos metodológicos aconselháveis para o trabalho com a TRS, embora não tenha sido esta a única teoria com a qual se trabalha. Pois, emprega-se a AC (BARDIN, 2010, 2012) como procedimento metodológico de análise dos dados gerados na presente pesquisa.

Analisaou-se, ainda, algumas anotações do momento em que as entrevistas foram executadas, bem como de fatos ocorridos durante o convívio com as idosas (um ano em residindo na referida casa de repouso), pois já havia sido percebido que estas divagavam bastante quando expunham sobre um determinado assunto, procurando em suas memórias, datas, nomes de pessoas, de lugares constantes dos fatos relatados; e isso nos fez considerar que as anotações também poderiam ser úteis para a identificação de suas representações.

Esta pesquisa foi embasada na Análise de Conteúdo, com Bardin (2012) em função de esta adequar-se de forma satisfatória aos estudos em representações com base em Moscovici (2009).

Bardin (2012, p.49) distingue o objeto de estudo da Linguística e da Análise de Conteúdo defendendo, embora aparentemente, a linguística e a análise de conteúdo tenham o mesmo objeto de estudo, isso não corresponde à verdade, uma vez que:

O objeto da linguística é a língua, quer dizer, o aspecto coletivo e virtual da linguagem, enquanto que o da análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atual (em ato) da linguagem. [...] O seu papel resume-se, independentemente do sentido deixado à semântica, à descrição das regras de funcionamento da língua, para além das variações individuais ou sociais tratadas pela psicolinguística. Pelo contrário, a análise de conteúdo trabalha a fala, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis.

A autora adverte que as diferentes fases da análise de conteúdo ou experimentação organizam-se em torno de três polos cronológicos: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

De acordo com Bardin (2012), a pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Geralmente, nesta primeira fase, o analista deve buscar cumprir os seguintes objetivos: i) proceder à escolha dos documentos que serão submetidos à análise; ii) sistematizar suas hipóteses e objetivos iniciais e iii) elaborar os indicadores que fundamentarão sua interpretação final. A sistematização desses três fatores não obedece, necessariamente, a uma ordem cronológica, mas configura-se como um norte metodológico para o pesquisador.

Bardin (2012, p.126-130) determina que de acordo com o cumprimento dos objetivos supramencionados devem ser levadas em conta algumas atividades que devem ser realizadas pelo analista, a saber:

- a) A leitura flutuante - consiste nos primeiros contatos do analista com os documentos que compõem seu *corpus* de análise, a fim de conhecer-se melhor o texto e tomar notas das suas impressões.
- b) A escolha dos documentos - o analista deverá observar as seguintes regras na seleção do *corpus* de análise: i). Regra da exaustividade – todos os critérios de coleta previamente estabelecidos devem ser rigorosamente observados e anotados; ii). Regra da representatividade – deve-se efetuar uma amostragem representativa do universo inicial. Os resultados obtidos serão generalizados ao todo; iii). Regra da homogeneidade – por esta regra, os documentos selecionados devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha, sem que apresentem demasiada singularidade não prevista nos critérios de seleção; iv). Regra de pertinência – consiste na observância da adequação de todos os documentos do *corpus* ao tema pesquisado.
- c) formulação das hipóteses e dos objetivos – a formulação das hipóteses e objetivos constará de perguntas ou problemas levantados *a priori* e que dependerão da análise para confirmação ou negação;
- d) a referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores;
- e) a preparação do material – o material deverá ser totalmente preparado antes de ser submetido à análise. Dessa forma, se o *corpus* compõe-se de entrevistas gravadas, estas deverão ser transcritas na íntegra. Nesse momento, é aconselhável a retirada

de cópias e a numeração de fichas entre outros procedimentos organizacionais que zelem pelo rigor da pesquisa.

Vale ressaltar de acordo com Sá (1998, p.86), que é habitual e adequado associar-se a coleta de dados através de entrevistas individuais com a “análise de conteúdo” para seu tratamento. Isso foi corroborado na elaboração do Estado da Arte para esta pesquisa.

Há ainda a segunda fase da AC, que se configura exploração do material – uma etapa mais simples, conforme Bardin (2012, p.131), “se as operações da pré-análise forem convenientemente concluídas”, a fase denominada análise será simplesmente “a aplicação sistemática das decisões tomadas”. A terceira fase é denominada tratamento dos resultados obtidos e interpretação, fase em que os resultados devem ser submetidos a provas e testes de validação.

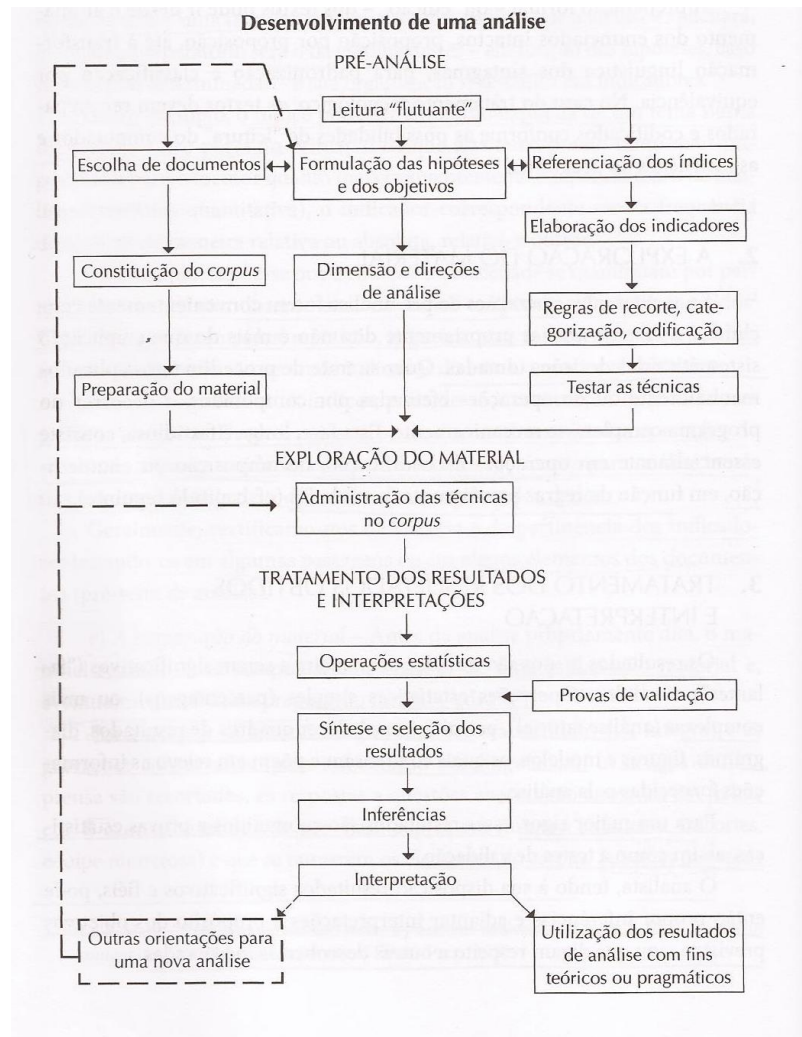
Desse modo, Bardin (2012, p.132) defende que:

[...] os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas podem servir de base a outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticadas graças a técnicas diferentes”.

Para elucidar o desenvolvimento metodológico que se adotou para o desenvolvimento desta pesquisa, apresenta-se o quadro de Bardin (2012, p.132) que sintetiza os objetivos e os procedimentos em cada uma de suas etapas da análise de conteúdo que não se segue à risca, mas nos serviu de roteiro metodológico no momento da tomada de decisões sobre que dados considerar e prescindir, visto que a citada análise não está totalmente vinculada à Análise de Conteúdo, embora a siga em alguns pontos de nossas análises, por exemplo, nos quadros temáticos das entrevistas, no capítulo 4.

A seguir, o Gráfico 02, de Bardin (2012), síntese da proposta metodológica da AC, empregado nos procedimentos de análises dos dados, no que concerne à tomada de decisões nessa fase, sem prescindir do rigor científico, compreendendo as fases metodológicas e analíticas inerentes à pesquisa.

Gráfico 02 – Síntese da Proposta Metodológica



Fonte: Bardin (2012, p.132)

Considera-se relevante também focar-se no que Bardin (2012, p.133) define, com relação ao texto, como codificação, que compreende uma transformação dos dados brutos do texto, que deve ser feita seguindo regras precisas, ou explicitada também pela autora com base em O. R. Holsti (1978) como “processo pelo qual os dados brutos são transformados em sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características do conteúdo”.

A definição de Bardin (2012) e O. R. Holsti (1978) e as fases inerentes à organização da codificação, que segundo a autora, são relevantes, apresenta três escolhas ao pesquisador em se tratando de uma análise quantitativa e categorial: a) o recorte: escolha das unidades; b) a enumeração: escolha das regras de contagem; e a c) classificação e a agregação: escolha das categorias.

Considera-se relevante, ainda atentar para outro ponto definido pela autora também referente ao texto e aos objetivos da análise que se pretende desenvolver, que é a compreensão acerca da *unidade de registro*, compreendida como unidade de significação codificada, correspondente ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, que visa à categorização e a contagem frequencial e da unidade de contexto, que serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões, que são superiores às da unidade de registro, são relevantes para que se alcance a compreensão das unidades de registro.

É relevante ressaltar que, segundo Bardin (2012), o critério de recorte da AC é sempre de ordem semântica, embora seja frequente a correspondência com unidades formais como, por exemplo, a palavra; palavra e tema; frase e unidade significativa.

Nesta perspectiva, opta-se por identificar os temas constantes das entrevistas, porque sendo o discurso um ambiente natural para a manifestação das representações e das ideologias intui-se que os dois primeiros fenômenos poderiam ser melhor elucidados uma vez que fossem identificados os temas constantes das entrevistas que compunham o *corpus* desta pesquisa.

A procura pela identificação dos temas levou à identificação de uma estrutura discursiva recorrente na maior parte das entrevistas, que foi a história de vida, que se denominou como categoria recorrente nos referidos discursos.

Passar-se-á daqui em diante, a descrever os procedimentos a ser empregados para a geração e interpretação dos dados.

Sá (1998, p.81) defende que:

A rigor é difícil especificar qual é o método mais bem autorizado por cada uma das diferentes perspectivas complementares à *grande teoria*. Se quiséssemos insistir em uma apresentação esquemática e simplificada da questão diríamos o seguinte: à perspectiva de Jodelet correspondem os métodos ditos qualitativos; à perspectiva de Doise, os tratamentos estatísticos correlacionais; à de Abric, o método experimental. Mas embora essas preferências possam ser originalmente verdadeiras, observa-se hoje uma interpenetração entre elas.

Os dados ora apresentados são resultantes da transcrição das vinte entrevistas semiestruturadas, aplicadas a cada idosa por vez. As questões destas continham indagações sobre o nome completo da idosa, sua naturalidade, data de nascimento, estado civil, sobre o fato de ainda ter parentes, como e há quanto tempo veio morar na casa de repouso e a sua representação da velhice. Para corroborar o que se assumiu aqui passar-se-á à análise dos

temas que compuseram as entrevistas semiestruturadas com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2012). Baseou-se em Bardin (2012), bem como em sugestões de Nascimento (2012), para observar os temas como elementos condensadores das representações sociais. Apreende-se que os temas cumprem tal papel.

Desse modo, focou-se inicialmente os temas e posteriormente buscou-se identificar, no item histórias de vida de cada um, os elementos dessas histórias que pudessem vir a contribuir para a constituição da RS da velhice para os sujeitos entrevistados, que foi denominado na pesquisa como perfil sociocultural de cada idosa. Além disso, buscou-se verificar também a ideologia subjacente às representações sociais da velhice construída pelo sujeito em questão. Para tanto, voltou-se a seus discursos a fim de se observar o que preceitua van Dijk (2003). Consecutivamente, centrou-se na síntese da representação social acerca da velhice, observando-lhe o campo representacional, a informação e a atitude em sua composição e por fim, se focalizou a representação social da velhice, atentando para a ideologia revelada nesse objeto de conhecimento.

Os perfis socioculturais apresentados contam, de forma resumida, a história de vida das idosas, elemento que também compõe a representação social da velhice, uma vez que a representação social é sempre um constructo cognitivo que está clivado pelos aspectos sociais e culturais inerentes ao ambiente social em que o sujeito está inserido, de acordo com Moscovici (2009).

Desse modo, expõe-se o perfil sociocultural dos sujeitos observando a ordem correspondente a da apresentação das entrevistas no capítulo 5, nos quadros adaptados para o atendimento dos objetivos desta pesquisa tomando como base os quadros sugeridos em Bardin (2012, p.100-103).

## **4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Este capítulo centra-se no estudo das entrevistas transcritas, observando-lhes os aspectos relevantes para a construção da representação social de velhice por parte dos sujeitos desta pesquisa - idosas moradoras de uma casa de repouso. O procedimento que será aplicado consiste na exploração das entrevistas para a identificação dos temas mais frequentes nas falas das idosas a respeito da velhice, passando pela interpretação do surgimento e recorrência desses temas, a fim de que se possa chegar à representação da velhice por parte do grupo de sujeitos investigados.

### **4.1 Análise dos Dados Gerados com Base nas Entrevistas**

As análises das entrevistas evidenciaram que as idosas que moram em casas de repouso representam a velhice da seguinte forma: como fase das limitações físicas, como a fase em que se perde alguém como o companheiro, os pais e aquela pessoa que lhe cuidava ou fazia companhia; ela está vinculada a perda de seus bens e em consequência disso, ter como única opção morar em casas de repouso. A aceitação da velhice de forma resignada, ocorrência menos frequente nesses discursos, empregada apenas por aqueles sujeitos que fazem questão de acomodar-se com a realidade como vontade superior ou algo comum na vida.

Os dados ora apresentados são resultantes da transcrição da entrevista semiestruturada aplicada a cada idosa por vez. Da referida entrevista constaram indagações sobre o nome completo da idosa, sua naturalidade, data de nascimento, estado civil; sobre o fato de ainda ter parentes, como e há quanto tempo vieram morar na casa de repouso. Tais informações foram coletadas por questões metodológicas inerentes ao fazer científico e que antecedem qualquer trabalho desenvolvido com sujeitos.

Proceder-se-á à análise dos temas que compuseram as entrevistas semiestruturadas com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2012). Baseando-nos na autora e em sugestões de Nascimento (2012), atenta-se para a peculiaridade de os temas funcionarem como condensadores das representações sociais.

Desse modo, se focará inicialmente os temas e posteriormente buscar-se-á identificar, no item histórias de vida de cada um, os elementos dessas histórias que possam vir a contribuir para a constituição da RS da velhice para os sujeitos entrevistados, que foi

denominado na pesquisa como perfil sociocultural de cada idosa. Além disso, se verificará também a ideologia subjacente às representações sociais da velhice construída por parte das idosas. Assim, centramo-nos em seus discursos. Sequencialmente, na síntese da representação social acerca da velhice, observando-lhe o campo representacional, a informação e atitude em sua composição e por fim, focaliza-se a representação social da velhice, atentando para a ideologia constituinte desse objeto de conhecimento.

Desse modo, se passará a expor o perfil sociocultural dos sujeitos, observando a ordem correspondente a da apresentação das entrevistas no capítulo 5 nos quadros adaptados para o alcance dos objetivos propostos, tomando como base os quadros temáticos sugeridos em Bardin (2012, p.100-103).

**Quadro temático - Entrevista 01 – D. Sinhazinha**

Temas	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Análise sequencial	RS de velhice
Seu nascimento	parto difícil, milagre;	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  Sinhazinha: velhice é tanta da coisa, eu já sofri tanta coisa...  difícil	sofrimento
Doação dos filhos	Famílias nordestinas		
O fenômeno da secas	na época das secas para não morrerem de fome		
Sua opção por não casar-se muito jovem	Reponsabilidade com a família adotiva		
Aposentadoria	Reconhecimento de seu trabalho		
Cirurgia	engasgamento com espinha de peixe;		
O casamento dos filhos de criação e problemas de saúde	motivadores para a sua vinda para a casa de repouso;		
Amparo	por parte da família que a criou		
A influência na vida dos filhos de criação	no casamento de um de seus filhos de criação e o reconhecimento como mãe legítima cerimônia de casamento dele		
Sua velhice, como sua vida, foi sem escolhas, sem opção	sofrimento		
Abstenção de viver	a infância, da juventude e de prazeres em nome de suas responsabilidades.		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O desenho do perfil sociocultural de D. Sinhazinha constrói-se em sua entrevista semiestruturada com base em sua história de vida. A idosa tem setenta anos. Foi criada desde pequena por uma família rica, como se fosse afilhada. Desde quando começou a morar com a

família, assumiu a casa como se fosse sua, no sentido de cuidá-la, limpando-a, cuidando das crianças desde recém-nascidas. E ela recebeu a missão de não somente cuidar da casa, mas também da criação dos filhos, o que é comprovado no episódio no qual a idosa relata durante sua entrevista que uma das crianças, saindo de perto dela depois da mudança da casa que ela cuidava, estava adoentada e com uma febre sem motivo aparente, o médico examinou-a nos braços da mãe num choro ininterrupto, quando terminou o exame ela fora dada a idosa para que ela a segurasse e a criança calou-se. O médico perguntou de quem se tratava. Quando os pais contaram que haviam se mudado da casa de seus pais para a sua casa própria, desde então a criança adoeceu. O médico não teve dúvida de que a febre era emocional.

Ela ficou com a família que a pegara para criar até que todos os filhos fossem criados, ou seja, até chegarem à idade adulta e seus padrinhos foram embora para o Rio de Janeiro. Quando isso ocorreu, ela ficou com um dos irmãos de seus padrinhos que também tinha filhos pequenos e repetiu o ato de criar os meninos, cuidar, dar alimento. Ela não cuidava somente das crianças, pois há trechos da entrevista em que a idosa declara que, enquanto era ela quem tomava conta da casa, referindo-se a novas empregadas, cuidava bem dos idosos, de seu asseio e de sua alimentação, fato que não se conserva depois da saída da idosa da casa.

Uma curiosidade a respeito da idosa era a sua responsabilidade para com as crianças e com a casa, e o fato de ter abdicado de casar-se para cuidar da família que, em sua opinião, era a sua família.

Quando a idosa começou a adoecer, sem condições de trabalhar, foi levada para morar na casa de repouso. Desse modo, a idosa não se sente abandonada, pois uma das crianças que ela cuidou e criou, atualmente é um médico e cuida de sua saúde. Além disso, a esposa do dono da casa na qual ela envelheceu preocupou-se em aposentá-la. E devido a isso é que ela está na casa de repouso, mas na condição 2.

Para esclarecer a condição aqui referida, vale ressaltar que, de acordo com a política de ingresso da idosa na casa de repouso, ou esta se enquadra na condição preferencial de admissão 1) pagar R\$ 875,00 e mora no lado dos ricos como é publicamente definido na casa de repouso, ou se enquadra na condição 2) a idosa que recebe um salário mínimo e paga R\$ 400,00 à casa de repouso e fica apenas com o troco para arcar com despesas como remédios e produtos de higiene pessoal ou algum alimento que não tenha lá e ela queira comer. Às vezes, alguém da família vem pegá-la para passar o dia na casa da família em que foi criada ou de seus filhos de criação.

Quando ela precisa ir ao médico a família lhe paga táxi. Desse modo, a idosa não se sente abandonada, mas sente falta da convivência em família.

Passar-se-á a exposição dos temas presentes na entrevista de D. Eline e posteriormente, ao perfil sociocultural construído com base em sua história de vida.

**Quadro temático - Entrevista 02 – D. Eline**

Tema Central	Características associadas	Representação Social da velhice - VELHICE	
		Estrutura Sequencial	Representação Social
Parentes que ainda possui	muitos	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  Velhice - Ótima	Contradição na exposição discursiva
Filhos	(3 filhas e 4 filhos)		
A visita semanal dos filhos	Ponto positivo		
A vinda para a casa de repouso	quando adoeceu para não ficar nas casas dos outros		
As quedas	Comuns na velhice		
A autoestima da idosa	influencia na sua postura diante da velhice		
A doença do marido			
A doença- hérnia	e a cirurgia que a salvou da morte		
Confusão datas	entrada na casa de repouso; o falecimento de seu marido		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O perfil sociocultural D. Eline é o seguinte:

A idosa, atualmente com 92 anos, gerou sete filhos, dos quais um faleceu, três são homens e três, mulheres. Dentre estes somente um é solteiro. Ela declara que todos os filhos, os genros e as noras são maravilhosos. E que as filhas vêm visita-la toda semana.

Quando começa a contar a história de sua vida, começa a cantar. Declara que está na casa de repouso porque não quer ficar na casa dos outros, por não gostar de dar trabalho, incomodar.

Para ela, a vida é uma luta positiva e apresenta postura alegre diante de todos os temas que lhe foram introduzidos durante a entrevista. Lê muito, vive rodeada de livros e de pessoas que sempre vêm visitá-la. Sente-se muito amada pela família, feliz por ter vivido um amor proibido, como ela mesma destaca que se casou com seu esposo sem a aprovação inicial da família, mas depois, obteve a aprovação familiar para a convivência e teve seus filhos que são maravilhosos para ela e que não lhe desampararam em momento algum. Vale ressaltar que esta é uma das poucas idosas entrevistadas que preferiu morar na casa de repouso a fazê-lo junto com qualquer pessoa de sua família.

Eis os temas constantes da terceira entrevista, a de D. Cybele.

**Quadro temático - Entrevista 03 – D. Cybele**

Tema Central	Características associadas	RS de velhice -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
AVC sofrido	motivou a sua vinda para a casa de repouso;	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  é um tempo desgastante demais para si – é ruim.	Representação talvez seja da doença que está lhe acometendo e não, propriamente da velhice.
A bolinha da fisioterapia	sua importância;		
Sua cuidadora	companhia		
Felicidade	é alegre, é aberto, é feliz.		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O perfil sociocultural de D. Cybele não pode ser construído devido ao curto período de tempo de que se dispôs para a comunicação com a idosa, além do fato de ela ainda não poder falar direito, em virtude do acidente vascular cerebral sofrido. A idosa tem 85 anos, nasceu em 1928, em São Benedito-CE. É solteira e não teve filhos e declarou que não gosta de se comunicar.

Os temas da 4ª entrevista, a de D. Bárbara são os seguintes:

**Quadro temático - Entrevista 04 – D. Bárbara**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Análise sequencial	RS da velhice
Conhecidos, amigos	Não possui parentes	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  Eu tô bem graças a Deus não tem doenças... A doença que eu tenho é só gripe.	Velhice relacionada a doenças
Foi casada	mas não teve filhos e adotou uma menina, que faleceu com um ano e seis meses		
A amiga que a trouxe para a casa de repouso	não veio mais visitá-la por estar viajando		
A vinda para a casa de repouso	depois do falecimento do marido		
	quando se viu sozinha e de uma amiga alertá-la sobre o perigo de morar sozinha		
O gosto da idosa por morar na casa de repouso	pelos funcionários e pelo tratamento que eles lhe dispensam		
Moraria em sua casa	sua preferência, se tivesse companhia		
Doenças	A idosa sabe que tem algumas, mas que nenhuma dessas doenças lhe trouxe limitações físicas		
Solidão	não gosta de solidão; na casa de repouso, somente a dormida é sozinha		

**Fonte:** elaborado pela autora.

Com base nos temas constantes das entrevistas, se exporá o Perfil sociocultural de D. Bárbara.

A idosa relata que sente falta em sua velhice de passear, de dançar, de praticar atividades que fazia enquanto podia. E declara que não sai sozinha porque ocasionalmente sente umas tonturas e receia passar mal na rua e não obter socorro.

Ela morou em Fortaleza, na Vila Manoel Sartre e foi advertida por uma amiga que era muito perigoso que ela morar sozinha pelo risco de arrombamento da casa. Ela era solteira e trabalhava, mas parou de trabalhar após ter se casado. Ela veio para a casa de repouso depois de ter ficado viúva.

Na 5ª entrevista de D. Viviana, os temas apresentados foram os constantes do quadro.

**Quadro temático - Entrevista 05 – D. Viviana**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Análise sequencial	RS da velhice
Sua opção em estar solteira		Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?	Dolorosa, limitada, incógnita, não é a melhor idade.
Sua aposentadoria por um órgão público federal			
A violência financeira sofrida	Fato que a <b>troux</b> e para a casa de repouso	Dolorosa, limitada, uma grande interrogação do amanhã; discorda da afirmação de que a velhice seja a melhor idade – para ela a melhor idade era a que ela cuidava de sua casa de suas coisas e que trabalhava.	
Ensinamentos de seu pai	A importância desses ensinamentos para sua vida		
Solidão	é um sentimento e não um estado físico		
Resignação	diante das circunstâncias da vida		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural de D. Viviana composto pelos temas e pela sua história de vida.

A idosa, durante sua entrevista comportou-se de forma muito ativa, forte, inteligente e independente. Pela análise de seu depoimento, dá para perceber que ela foi uma mulher muito à frente de seu tempo. Ela contou que foi noiva e numa data muito próxima da que estava marcada para o seu casamento, descobriu que o noivo lhe era infiel, isto é, tinha um relacionamento com uma mulher a qual ela designa como “uma mulher de conduta duvidosa”. Ela contou à sua mãe que aconselhou-a ficar calada, pois esta era a atitude de costume por parte das mulheres sérias. Isto é, todas as mulheres casadas sabiam que seus maridos tinham casos fora do casamento, embora jamais deixassem suas esposas por uma aventura. A resposta da idosa à época foi que jamais iria querer um homem que tivesse um relacionamento com

outra mulher. Depois de conversar com a mãe, pediu autorização dos pais para ter uma conversa com o noivo, o que lhe foi concedido. Ela lhe indagou se era verdade, ele confessou e ela lhe perguntou se ele daria a garantia de terminar com o caso em um mês e o rapaz lhe disse que não se preocupasse com aquilo, o que lhe deu a entender que não o faria. Depois dessa conversa, o que ela percebeu é que ele não terminaria o caso. Em função disso, ela abdicou do casamento porque não concebia traição em hipótese alguma. E por isso, ela declara até mesmo em sua entrevista que é solteira por opção. Ela entende que poderia se casar, mas não aceitava a relação de submissão com o marido. Em outros relatos, ela demonstra que não aceitou ser submissa a ninguém nem mesmo aos pais, visto que para a sua época fez muitas coisas que não eram permitidas às mulheres, por exemplo, trabalhar fora, era funcionária pública federal do DNOCS, trabalho que lhe deu a oportunidade de viajar e conhecer praticamente o Brasil inteiro, tendo inclusive a oportunidade de morar em Brasília, realizando trabalhos para a empresa supracitada.

A idosa fez tudo isso com a aprovação do pai, pois não tinha uma relação muito amigável com sua mãe que era uma mulher de conduta impoluta, havia sido talhada para ser esposa, mãe e dona de casa, destino que ela almejava para todas filhas. Ela chega a contar que sua mãe lhe levou a diversos psicólogos para saber por que ela não era igual às irmãs, obediente, de temperamento mais fácil. E de todos aos que ela foi levada nenhum apontou problema algum, e um dos últimos disse a sua mãe que ela só tinha opinião própria e tinha uma personalidade muito forte e não deixaria ninguém dominar a sua vida.

Outro fato relevante da vida da idosa é que ela fez o exame de Admissão para fazer o quinto ano, mas sua mãe não a deixou estudar porque sabia que ela queria ser enfermeira e sua mãe achava que enfermeira não era profissão digna de uma moça de família. Somente essa exigência foi atendida. Mas, percebe-se que a idosa ainda hoje guarda em sua vontade a vocação para a qual fora chamada ainda jovem, pois todas as vezes que há alguém doente na casa de repouso ela está sempre pronta a arranjar, comprar remédios, dar banho, cuidar e, segundo a própria idosa, ela sempre teve esse espírito de cuidar dos outros e que mesmo quando morava em seu apartamento estava sempre cuidando de seus amigos, seus vizinhos, como ela declarara, seja cuidando dos males do corpo ou da alma. Essa expressão nos fez recordar um evento em que uma senhora idosa vizinha de seus pais, que há pouco havia perdido um filho apresentava uma forte febre que não cessava e ela foi visitá-la e deu-lhe um comprimido de AS e a embrulhou e ficou acariciando-lhe a cabeça até que ela dormiu e a febre passou. Passado um tempo desse evento alguém da família da enferma a procurou para saber que remédio era aquele que tão milagrosamente tinha passado a febre da senhora. Ela,

aos risos, conclui que algumas doenças não são do corpo, mas da alma, somente se curam com amor.

Enfim, a idosa é uma pessoa firme, de personalidade forte, de bom coração, educada, prestativa, observadora, controladora e autêntica, que não abre mão de suas ideias e convicções. É religiosa, católica e como ela mesma declara já experimentou várias religiões e seitas tentando encontrar a verdade sobre a vida e afirma que depois de fazer até mesmo cursos de parapsicologia encontrou a verdade em Deus e em Maria Santíssima, na religião católica.

E na 6ª entrevista, a de D. Vera foram apresentados os seguintes temas:

**Quadro temático - Entrevista 06 – D. Vera**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
os 80 anos	maravilhas de sua vida desde que passou para 80 anos de idade	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?	Positiva – resignada a aceitar os acontecimentos da vida
A resignação positiva da idosa	diante das circunstâncias da vida	É desde que em passei pra velha, que passei pros 80, que a minha vida só são maravilhas. Adoro a minha vida. Tudo, eu quero de bom para mim: saúde, paz, felicidade, alegria, prazer de viver.	
Seus temores	de sofrer quedas		
O falecimento de seu esposo	no dia do aniversário de casamento		
Sua lucidez	ausência de limitações físicas		

**Fonte:** elaborado pela autora

O Perfil sociocultural de D. Vera se compôs da seguinte forma:

Na convivência diária, o que se percebe da idosa é que ela tem uma personalidade forte, gosta de trabalhar, de costurar. Inclusive, mesmo estando com 90 anos de idade a idosa costura o dia todo, além disso, quando está com vontade de comer algo diferente do que é servido na casa de repouso, ela mesma prepara sua comida, pois se conserva dinâmica e saudável apesar da idade.

A senhora mostra-se forte, saudável, ainda não apresenta limitações físicas em virtude de doenças ou decorrentes da idade. Mas comporta-se de forma diferente do que se chamaria de calma. Ela trabalha o dia todo, costurando, limpando a sua casa ou quaisquer outras atividades que lhe apareçam. O único medo apresentado pela senhora refere-se a sair sozinha por temer cair, o que demonstra que ela sabe que as limitações físicas são um problema da

velhice. Assim como também o são as quedas comuns nessa fase em função da fragilidade do corpo, dos ossos. Isso a deixa triste porque a impediu de ir à missa bem cedinho como gostava.

A idosa demonstra, em sua entrevista, resignação diante da vida e de suas circunstâncias, conforme pode observar-se a partir de suas próprias palavras:

[...] “Eu posso comer o feijão aí nessa mesa, se fosse só o feijão eu daria graças a Deus. – ‘Meu Deus, por este feijão, muito obrigada’, meu Deus” [...].

[...] “Eu sou muito sadia, graças a Deus... Nunca tive dor de cabeça, não sei o que é dor de cabeça” [...].

[...] “Sou viúva, graças a Deus” [...].

A idosa mora na casa de repouso há dez anos, é viúva há trinta e três anos e não teve filhos. Ela declara que como não os teve de modo natural também não quis criar, adotar. Ela faz reclamações a respeito da referida morada, opiniões suas acerca da administração e da organização da casa de repouso.

Ela declara que não se sente sozinha e que não gosta e não participa das festas que ocorrem na casa de repouso em datas comemorativas porque não faz questão de comer bolo e tomar refrigerantes e demonstra em suas palavras que vive bem no lugar, estando sempre preparada para tudo.

Os temas da 7ª entrevista, a de D. Celina são os seguintes:

**Quadro temático - Entrevista 07 – D. Celina**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
A origem de seu nome		Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  “...eu não vou dizer que seja a parte pior ..., enquanto tiver saúde”...;	Fase das doenças
A importância de uma família estruturada			
Sua dificuldade de raciocínio	lapsos de memória		
Os problemas de saúde de sua filha			
A morte recente da filha			
O amparo de sua família na velhice			
as internações frequentes da filha ficou muito sozinha	Motivo para morar na casa de repouso		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural de D Celina se compôs com base em sua história de vida.

A idosa tem 81 anos, veio para o convento com 76, é viúva, dá muita importância à família e apresenta problemas de saúde no estômago e pressão alta, mas apresenta-se também debilitada pelos problemas de saúde que sua filha recém-falecida tinha. A filha da idosa tinha problemas mentais e segundo ela esses problemas começaram por causa de amizades com pessoas de má influência. Segundo a amiga, que lhe faz companhia diariamente, a garota era esquizofrênica. Entretanto, a idosa prefere usar a palavra nervosa ao se referir ao problema da filha.

O fato mais marcante dessa convivência foi perceber que a idosa também apresenta alguns lapsos de memória, e evita contar histórias porque percebe que quando busca por fatos eles lhes surgem, cronologicamente, desorganizados. Inclusive quando se tenta fazer a construção de um percurso cronológico da entrevista ela pede que deixe a entrevista por ali porque sente que sua memória está falhando, embora tenha se mostrado muito interessada em colaborar com a pesquisa. Na finalização da entrevista ela pergunta se lembrar de datas tudo certo era importante para a pesquisa, mostrando-se preocupada em ter colaborado positivamente para o estudo. Não consta que a idosa tenha problemas mentais, mas se percebe em sua entrevista que ela tem alguns problemas, o que se corrobora em sua dificuldade em associar fatos reais e seus sonhos, por exemplo, ela não consegue entender se a filha faleceu ou não, porque ela mesma relata que sua filha vez por outra vem visitá-la e ela se sente tão segura de sua presença que afirma que um dia a filha veio vê-la e lhe deu um banho. Quanto a esse relato, a amiga da idosa esclarece-lhe que, na realidade, a filha dela está morta, ela aceita a opinião da amiga e diz que lembra que sua sobrinha, que é a responsável por sua morada na casa de repouso levou-a ao cemitério e disse que ela tinha ido para o céu e que ali estava apenas a sua matéria. Depois de fazer esse relato, a idosa diz que mesmo assim não sente que sua filha faleceu, para ela a filha está viva. Depois disso, pede para parar a entrevista.

E ainda, quanto aos lapsos de memória percebe-se uma falha na informação que a idosa dá para a idade da filha, pois de acordo com o ano de nascimento de sua filha ela já estaria com 53 anos e quando lhe questionamos a esse respeito ela nos responde que a filha tinha vinte e seis anos, o que mostra que a idosa não tem uma noção muito clara da cronologia dos fatos, do tempo.

Os temas da 8ª entrevista, a de D. Edna são embasados por sua história de vida.

***Quadro temático - Entrevista 08 – D. Edna***

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
A importância da família	recordando de como sua vida era boa quando vivia junto a sua família	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  VELHICE – “é a merda mais horrórosa do mundo”  “melhor idade é a que a gente é nova.”	Associa a velhice com reumatismo, dor na perna... doença.
Doença do irmão			
Desastre que ocasionou a morte de seu pai			
Sua sogra	alguns casos ocorridos - histórias de família		
Sua separação	Motivação para morar na casa de repouso		
O casamento de sua filha			
Desdenha dos termos como terceira idade, melhor idade			
Felicidade	declara que se sente feliz, mas que se estivesse em sua casa estaria melhor.		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O perfil sociocultural de D. Edna de acordo com os fatos de sua história de vida.

A idosa demonstra, durante sua entrevista, resignação e espírito positivo diante da vida, da velhice e de quaisquer problemas que possam surgir. Ela gosta de viver, tem personalidade forte e declara que nela ninguém manda e para isso relata alguns desentendimentos dela com sua sogra porque, em sua opinião, a sogra era muito mandona, dominadora e com ela não dava certo. Mesmo casada e respeitando ao marido todas as vezes que a sogra intervinha em sua relação com o filho ela mostrava à sogra que quem mandava no marido era ela, a esposa.

A idosa é maranhense, morava em São Luís e quando se casou veio morar em Fortaleza. Ela teve uma filha. Depois de se separar do marido foi embora para São Luís, onde a filha, que já era casada, também morava. Depois de passado um tempo em São Luís, disse à filha que gostava mais de morar em Fortaleza e disse que como ela era casada ela falasse com o marido que prontamente aceitou e veio morar em Fortaleza.

Depois de sua separação preferiu morar sozinha num apartamento, mas sua sobrinha achou que ela não deveria ficar só e lhe aconselhou ir para a casa de repouso, já que tinha condições de pagar um quarto e morar num local onde há mais pessoas em condições de idade semelhantes, o que ela acatou.

Entretanto, passado algum tempo, um de seus cinco irmãos adoeceu em São Luís e ela foi para ajudar a cuidar dele. E quando ele faleceu ela voltou direto para morar na casa de repouso.

Há um momento em sua fala que a idosa declara que a vida é isso, ou seja, cuidar dos outros. Ela afirma que criou sua filha e que criou e ainda está criando seus netos.

Quanto a morar na casa de repouso, ela diz que como não tem problemas de saúde que a impeçam ela faz tudo dentro da casa dela e que não precisa da ajuda de ninguém para lavar suas roupas, limpar sua casa, cuidar dela. Ela se sente bem, disposta e como não gosta de ficar sozinha, está sempre no apartamento da amiga Celina, acompanhando-a diariamente.

Os temas da 9ª entrevista, a de D. Olívia de acordo com sua história de vida são os seguintes:

**Quadro temático - Entrevista 09 – D. Olívia**

Tema Central	Características associadas	Representação Social - VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
O fato de as primas terem os filhos	para cuidarem delas	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  O tema no qual a idosa se centra é a perda da mãe e o desprezo por parte dos irmãos. E na história contada pela idosa, bem como pelas conversas na nossa convivência diária, e não pela entrevista é que se percebe o que foi posto como RS da velhice para a idosa.	A representação social acerca da velhice é abandono por parte da família após o falecimento de sua mãe.
A sua expulsão de casa	imediate após a morte de sua mãe. devido ao fato de ter morado fora		
A doença da mãe	O cuidado que teve para com sua mãe quando a doença a prostrou		
A desunião dos irmãos	Comparação entre o tratamento dispensado à mãe por ela e pela irmã		
A não aceitação diante da morte de sua mãe	chegando ao ponto de adoecer depois de seu falecimento		
A revelação a respeito da irmã	ela recebia o dinheiro da mãe doente e não queria usá-lo em benefício da mãe, negando-se mesmo a comprar seus remédios		
a importância da resignação diante das circunstâncias da vida			

**Fonte:** elaborado pela autora.

Eis o perfil sociocultural de D. Olívia organizado com base nos fatos relevantes de sua história de vida.

De acordo com a entrevista, percebe-se o seguinte:

A idosa tem 73 anos, é solteira, trabalhou desde criança como doméstica para ajudar a família e depois para garantir seu próprio sustento. Ela nasceu em Santa Quitéria, depois veio morar em Fortaleza. O seu pai era alcoólatra e batia em sua mãe e em seus irmãos quando chegava alcoolizado. Ela relata que morou fora, em São Paulo e que por isso era julgada pela irmã. Segundo ela, a irmã achava que ela não tinha ido morar fora para trabalhar, mas para fazer coisas erradas.

Quando a mãe da idosa adoeceu, com um câncer no útero, ela foi única dentre os filhos que se prontificou a cuidar dela durante todo o tempo em que esteve prostrada, tanto em casa quanto no hospital. Além disso, ela relatou que os irmãos tanto não cuidavam da mãe quanto não queriam que o dinheiro da aposentadoria de sua mãe fosse usado para tratar de sua saúde, comprar medicação ou para garantir-lhe uma alimentação melhor, sendo necessário que a idosa usasse sua aposentadoria e ainda precisasse pedir ajudar a terceiros, para comprar medicação e produtos de higiene. Apesar de tudo o que se passou quando a mãe faleceu, os irmãos a expulsaram de casa. Isso ocorreu mesmo ela tendo se prontificado a colaborar com as despesas os irmãos não a aceitaram em sua casa e mandaram-na sair imediatamente após o falecimento da mãe.

Durante a entrevista, a própria idosa busca uma justificativa para a expulsão ela só consegue pensar que foi por causa do tempo em que ela morou fora, que ocasionou o mau julgamento de seu caráter por parte da irmã. E como a iniciativa da expulsão parecia ser sabida pelas pessoas próximas da família, sem que a idosa pedisse uma amiga da família, uma senhora religiosa, falou com as irmãs que administram a casa de repouso para que aceitassem que ela morasse lá, pois como há muitas pessoas na situação de aposentada precisando de um lugar para ficar na cidade, somente é admitido na referida morada, mesmo que haja a vaga, pessoa recomendada por alguém que conheça alguma das irmãs responsáveis pela administração.

A idosa ainda relata o sofrimento pela perda da mãe, o sentimento de rejeição e a solidão que sentiu na casa de repouso quando lá chegou. Segundo ela, depois da morte de sua mãe ela não queria comer e nem conseguia dormir, acometida por um choro incontrolável. E isso se estendeu por vários dias até que quando começou a surgir o boato de que ela havia enlouquecido, uma das pessoas que estava hospedada na casa de repouso para fazer um tratamento de saúde na cidade teve compaixão de sua situação e a levou a uma médica psiquiátrica, que a diagnosticou como estando ainda muito abalada pelos acontecimentos recentes e que também estava com muita saudade da mãe, mas que precisava conviver com as pessoas e evitar isolar-se para que não desenvolvesse uma depressão.

Atualmente, a idosa encontra-se bem, conversa, passeia pela frente da casa de repouso e não se isola, seguindo as recomendações médicas. Entretanto, os irmãos não a visitam e os laços afetivos que a idosa tem se limitam às colegas e às freiras que moram na casa de repouso. A representação da velhice por parte dessa idosa constitui-se no abandono da família. É como a idosa se sente. Talvez esta seja a sua representação da velhice.

Passar-se-á agora à identificação dos temas da 10ª entrevista, a de D. Zélia.

**Quadro temático - Entrevista 10 – D. Zélia**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
A decisão de vir morar na casa de repouso	para não incomodar outras pessoas	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  RS de velhice: uma das melhores décadas que já teve;  consciência de que a velhice, em algum momento, lhe trará limitações físicas.	Representação acerca de sua própria velhice, setenta anos - é uma das melhores décadas que já tive.
A procura por abrigos, pensionatos para morar	imediate após a morte de sua mãe. devido ao fato de ter morado fora		
A procura por abrigos, pensionatos para morar;	O cuidado que teve para com sua mãe quando a doença a prostrou		
A desunião dos irmãos	Comparação entre o tratamento dispensado à mãe por ela e pela irmã		
A não aceitação diante da morte de sua mãe	chegando ao ponto de adoecer depois de seu falecimento		
A revelação a respeito da irmã	ela recebia o dinheiro da mãe doente e não queria usá-lo em benefício da mãe, negando-se mesmo a comprar seus remédios		
a importância da resignação diante das circunstâncias da vida			
A revelação de um milagre que lhe aconteceu	a forma como conseguiu vaga para morar na casa de repouso		
A velhice lhe trará limitações físicas	Consciência da idosa de que sabe que em um determinado momento isso ocorrerá		
Necessidade de socialização, de fazer amizades.			

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural da idosa foi montado com base nos temas constantes de sua história de vida.

A idosa encontra-se fisicamente bem e não apresenta problemas de limitações físicas ou doenças relevantes. É uma senhora de aparência jovem e alegre, otimista, como ela mesma declara: ela não fica esperando as coisas acontecerem, darem certo, ela corre atrás. Esta senhora é aposentada, recebendo apenas um salário mínimo. Ela é solteira, não teve filhos e sempre morou com a sua família. A idosa como as demais da casa de repouso, antes de decidir ir morar lá, cuidou da mãe idosa desde a época em que ela adoeceu até o seu falecimento. E somente quando a mãe faleceu a idosa foi morar junto com uma irmã que morava sozinha num apartamento alugado no Papicu. Ficou algum tempo morando com sua irmã até, que por problemas particulares, a irmã com a qual ela morava decidiu entregar o apartamento alugado e ir morar num apartamento seu no qual já morava outra irmã com dois filhos adolescentes. A princípio tudo ia bem, até que a idosa começou a pensar e sentir que estava incomodando os sobrinhos adolescentes que tinham suas roupas e pertences guardados no quarto em que a idosa dormia. O fato é que, quando eles iam sair de manhã cedo para a escola, sua mãe os advertia para que eles tivessem cuidado ao irem se arrumar no quarto para não acordar a tia. Como eles sempre derrubavam alguma coisa, ou faziam algum barulho e a mãe lhes reclamava pela falta de cuidado com o barulho, aquela situação foi lhe incomodando. Ela também começou a sentir que já estava envelhecendo, embora ainda se sentisse bem, mas achou que era naquele momento em que ainda estava discernindo bem as circunstâncias que deveria procurar um lugar para morar sem incomodar ou dar trabalho para ninguém e também começar a se inserir numa comunidade de pessoas que estavam em igualdade de condições com ela, no que se refere à idade. Então, começou a procurar.

Assim, procurou a casa de repouso com a intenção de fazer amizades e se inserir logo naquela realidade ainda enquanto está ativa. Ou seja, ela mesma foi buscar o lugar, não foi levada nem aconselhada como ocorreu com a maior parte dos casos das demais senhoras ali moradora de casa de repouso (o que mostra a sua capacidade de antecipação de resolução de situações, caracterizando a sua pró-atividade). E talvez, até por esta condição, ela considera a casa de repouso como um apartamento com um custo baixo, no qual ela tem a sua privacidade e a comodidade de ter seis refeições, sem preocupação com o seu preparo. Nas palavras da própria idosa, o lugar ainda oferece a limpeza dos quartos e seis refeições diárias. A idosa mora no lado dos menos favorecidos, enquadrando-se na condição 2) de moradora de casa de repouso.

Como ela ainda não apresenta problemas de saúde, nem limitações físicas, não tem problemas de locomoção, aproveita-se bem disso. Ela sai, vai a aniversários, festas de família e participa de atividades físicas no Instituto Federal do Ceará – IFCE, denominada ginástica

para a mente. Ela declara que gosta muito dessa atividade que pratica, bem como das amizades que lhe possibilita fazer com as colegas de ginástica, bem como com as professoras da atividade e que também sempre gostou de alegria, de movimento, de dançar, de aproveitar a vida. Ela afirma que vai aproveitar a vida até o momento que lhe seja possível, inclusive usa isso como explicação para o fato de as colegas terem comentado que ela não parava no quarto, vivia na rua.

Ela explica que preferiu vir para a casa de repouso ainda jovem porque assim ela tem oportunidade de se inserir no grupo de idosas, fazer amizades e alegrar-se, pois ela afirma que se deixasse pra vir mais velha, sem poder locomover-se ela ficaria, isolada, solitária, parada e não desejava isso pra si.

Mostrando a sua vivacidade e postura pró-ativa, ela declara que se vira para arranjar dinheiro: vende panos de prato que ela mesma prepara, junta cupom fiscal para complementar a renda obtida com o salário mínimo. Ela não sente a velhice como algo negativo e que está vivendo os seus setenta anos como a melhor época de sua vida, tendo como ponto negativo apenas uma prisão de ventre que lhe apareceu porque não bebe muita água, o que foi detectado por um iridólogo. A idosa atribui a doença à fase denominada velhice, embora saiba que não gostar de beber é o problema ocasionador da doença.

Um fato que se deve destacar é a relevância da convivência com a família, o que se comprova pelo fato de a idosa mesmo tendo liberdade de ir visitar e frequentar a sua família por ainda poder deslocar-se para fazê-lo ela fez o possível e o impossível para ter um notebook para poder se comunicar com a família por meio de uma rede social.

Quando a idosa foi questionada sobre sentir solidão na casa de repouso ela ressalta um aspecto positivo em ficar o dia todo e morar sozinha num quarto que é o tempo de fazer suas próprias coisas, de tirar tempo para si própria, para arrumar as suas coisas, para organização do quarto, para ler e, além disso, aproveita a solidão para a busca do autoentendimento. Ela associa a velhice com o fator limitações físicas.

A idosa destaca que, independente da idade, a pró-atividade e a iniciativa são muito decisivas na vida de uma pessoa. Quando é questionada sobre a felicidade, sobre sentir-se feliz na casa de repouso ela afirma que a pessoa deve buscá-la e fazer-se feliz sozinha, como um processo que tem que ocorrer de dentro de si e partir para o ambiente externo, para o outro. Para ela, a pessoa não deve esperar que outra pessoa a faça feliz, mas a pessoa mesma é que deve se fazer feliz e depois deve levar essa felicidade ao outro.

Enfim, esta idosa sente-se feliz na casa de repouso, não sente solidão e não se contenta com as relações sociais que tem na casa de repouso, vai buscar outras e se sente feliz com a

atenção que a família lhe dá, vindo buscá-la para os aniversários, para as festas, para comer pizza e outros eventos.

Passa-se à verificação dos temas da 11ª entrevista, a de D. Cacilda.

**Quadro temático - Entrevista 11 – D. Cacilda**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
O falecimento de sua mãe	prematureo aos 30 anos	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  'é muito triste a gente ficar sem a vida gente', parece que ela se sente sem nada, sem vida mesmo.  "péssima [...] Eu pensava na morte. Eu penso na morte. velhice na casa de repouso – velhice sem a família da gente."	péssima
O fato de ter sido criada pela sua avó;	imediate após a morte de sua mãe. devido ao fato de ter morado fora		
A oportunidade de emprego na Assembleia	que a fez sair do convívio com a avó que a criou		
O seu casamento			
O falecimento do esposo	no aniversário de 21 anos do filho		
O assassinato de seu único filho	motivo de sua vinda para a casa de repouso		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural de D. Cacilda foi elaborado com base nos temas constantes de sua história de vida.

A idosa tem oitenta anos, é funcionária aposentada da Assembleia Legislativa, é viúva e perdeu seu único filho de forma trágica. Ela comporta-se de forma um pouco introspectiva, não dialoga muito com as colegas de abrigo, mas gosta de conversar e quando alguém se aproxima ela sempre conta a história da morte do esposo no dia do aniversário de vinte e um anos de idade do filho e do assassinato deste filho aos seus pés sete dias após tê-la tirado da casa de repouso onde ainda mora. A quem já sabe sua história ela fala de como dói a saudade e de uma prima que recebe seu salário e cuida dela comprando as coisas que ela precisa.

Esta idosa mora na casa de repouso na condição 1), ou seja, ela paga um quarto do lado dos mais favorecidos, tem recursos para custear despesas com tratamento médico, ou necessidades eventuais.

Não tem mais parentes vivos, além da prima que é responsável por ela na casa de repouso, não recebe visitas, mas, às vezes, vai para as portas dos apartamentos das vizinhas. Ela participa das missas, dos terços e dos eventos religiosos que há na capela do convento.

Quando a idosa fala de sua juventude, resente-se um pouco a respeito da perda da beleza, de como era muito bonita, arrumada, cheia de joias quando era jovem e, comparada à

forma como vive atualmente, ela se vê feia, mal arrumada, triste e cheia de saudade do filho. Ela declara que se sente muito sozinha.

A primeira vez que a idosa foi para a casa de repouso foi levada pelo próprio filho, uma vez que ele havia casado e a esposa não se dava bem com sua mãe. Depois de muita insistência do filho, seis anos depois, a nora aceita que a sogra vá morar com eles. Mas, sete dias depois de a idosa estar morando na casa do filho, ele é assassinado, segundo a idosa, por dois ladrões que queriam roubar a casa. Eles apontaram para a idosa, mas o filho entrou na frente e foi atingido pelas balas, morrendo a seus pés. Desse modo, como a nora só a estaria aceitando pelo pedido do marido, este falecido, a nora mandou-a novamente para a casa de repouso. De acordo com o que contou a idosa, a nora ainda queria que ela dividisse o salário com os netos, tendo inclusive procurado um advogado, mas sem sucesso. Por isso, a idosa não tem contato com seus dois netos nem com a nora. Esses acontecimentos norteiam e marcam toda a vida da idosa ultimamente, contribuindo para a sua tristeza, o sentimento de luto e de saudade que ela alimenta até hoje.

Ela afirma que pensa na morte, só tem medo de ser enterrada e ficar dentro do buraco e se lamenta por estar na casa de repouso, porque sente falta das pessoas da família, ela ainda relata que tem primas, mas que nada substitui a família da pessoa. E diz que a casa da pessoa é que é boa, e que é muito triste ficar sem a vida dela. Quando a idosa emprega a expressão: ‘é muito triste a gente ficar sem a vida gente’, permite identificar a representação de que ela se sente sem nada, sem vida mesmo.

Veja-se, então os temas constantes da 12ª entrevista, a de D. Helena.

#### **Quadro temático - Entrevista 12 – D. Helena**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
O fato de o irmão médico	estar querendo aposentar-se	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  RS de velhice: purificação dos pecados da mocidade para entrar numa dimensão melhor.	Velhice: purificação dos pecados da mocidade.
O fato de o irmão	ter casado obrigado com a namorada		
A família	Desacordo financeiro		
O poder da beleza	Sua opinião		
A história de sua vida após o falecimento de seu pai,	que lutou na 2ª. guerra mundial e não voltou mais		
A violência que sofreu por parte do irmão	que a obrigou a vir morar no convento		
A forma trágica com que foi expulsa da sua própria casa			

O estudo de línguas (inglês)			
---------------------------------	--	--	--

**Fonte:** elaborado pela autora.

Considera-se relevante anotar algumas observações com relação à história de vida da idosa:

Se a idosa pudesse escolher, moraria com uma família de amigos que a abrigou quando ela foi expulsa de casa.

Ela ainda deseja pedir a sua parte na herança deixada por sua mãe e ir morar numa casa decente.

E, em reflexão sobre sua situação, pensa que pode estar na casa de repouso para chamar a atenção de outras pessoas para que “elas não caiam na besteira que caiu”. Ela chega a declarar que gostaria de escrever um livro contando sua história de vida, para que servisse de exemplo para as pessoas.

Quanto ao Perfil sociocultural de D. Helena, está baseado nos temas constantes de sua história de vida.

A idosa tem setenta anos, aparentemente está saudável, lúcida. Ela tem uma personalidade introspectiva, reservada. De todos os eventos que já participamos durante o ano inteiro na casa, nunca vimos a idosa conversar, ou demonstrar laços de amizade com nenhuma das pessoas na casa de repouso.

Quando consultada sobre o interesse em participar e colaborar com a pesquisa, D. Helena concordou de imediato e foi muito receptiva ao contato, na entrevista e depois da entrevista ela ficou até mais próxima, cumprimentando a todos desde a entrevista.

A idosa declara ser solteira, não ter filhos, gostar de ler, ter estudado línguas, bem como interesse por leituras sobre espiritualidade. Ela fez o ensino médio, mas não chegou a fazer faculdade. Durante a entrevista, falou sobre a história de sua vida, desde a morte de seu pai, na 2ª. guerra mundial. Ela se lembra de ter vindo para Fortaleza em um navio e recorda-se dos *blackouts* que ocorriam no navio para não serem atingidos, de terem sido abrigados pela avó, que era uma mulher rica, conforme declarado pela própria idosa; o fato de ter visto a confusão depois do falecimento de sua avó materna, que fizera um inventário com um testamento mal dividido, gerando discórdia e ódio na família até perder-se em narrativas sobre a vida de todos, de sobrinhas de sua avó materna, que negociaram bem e têm, atualmente, uma velhice tranquila.

A condução da entrevista foi longa, delicada, cheia de idas e voltas até chegar ao momento mais marcante em que é revelada a informação que a idosa tanto hesitou em dar

durante todo seu discurso, que sai quase como uma confissão, que esclarece o motivo de ela ter vindo morar na casa de repouso, mesmo diante do fato de ter família abastada. Ela revela que foi roubada pelo próprio irmão, embora ressalte que não foi por culpa do irmão, mas pela influência da esposa. Na realidade, a idosa conta que se sentiu expulsa de sua casa quando descobriu que o próprio irmão tinha vendido a casa que tinha sido deixada de herança de sua mãe para ela, sem consultá-la. Ela ficou sabendo da venda por um acaso.

Além disso, o irmão pôs uma pessoa em quem a idosa não confiava, de comportamento escandaloso, e depois de estar morando com ela, a agredia verbalmente. Diante disso, quando a idosa foi reclamar para o irmão e dizer que não queria mais essa pessoa com ela e não foi atendida. Isso a fez fugir de casa tarde da noite, com medo do que o irmão e pessoa citada, poderiam fazer-lhe, indo refugiar-se na casa de uma família amiga.

Depois do episódio, a idosa ainda passou algumas situações difíceis, como humilhação na casa de parentes próximos, que não a aceitavam como hóspede e a obrigaram a procurar às pressas um local, um pensionato para morar, qualquer lugar que fosse.

As suas primas lhe levaram a muitos lugares para que ela fosse morar até que ela encontrou a casa de repouso em questão e achou que como era um convento e que era administrado pelas irmãs de caridade seria um bom lugar para ela ficar.

A idosa já está na casa de repouso há sete anos dos quais passou quatro sem falar com o irmão até ser convencida a perdoá-lo para obter a sua salvação. Ela declara que, atualmente, ele a visita esporadicamente, levando-lhe comida, e deixando a esposa na casa de repouso conversando com ela para indagar-lhe sobre o fato de ter constituído um advogado, para saber se ela ainda pensa em tentar reaver seus direitos. Ela declarou enfaticamente, ao final da entrevista, que ainda pensa em morar numa casa sua com uma família de amigos que ela considera mais próximos dela do que qualquer um de sua família, que foi o casal que lhes deu abrigo e com o qual não mora somente porque eles são pobres e já moram num quarto nos fundos de uma casa, mas já deixaram claro que se tivessem uma casa maior ela moraria com eles.

Finalizando a entrevista, a idosa conclama a sociedade à reflexão sobre o fato de se colocar as pessoas em asilos, confinadas, do amor exagerado ao dinheiro, a falta de amor e compaixão pelas pessoas e declara que gostaria de escrever um livro com sua história para suscitar essa reflexão sobre a violência que o idoso sofre em seus múltiplos aspectos: social, psicológico, emocional, financeiro e físico.

Atente-se, agora, aos temas constantes da 13ª entrevista a de D. Carla:

**Quadro temático - Entrevista 13 – D. Carla**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
Solidão	que é enfrentada com a ajuda da TV	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice? ...com a velhice vem a doença. “Não, o que incomoda sabe o que é ... é a doença. Por exemplo, eu tenho, eu, eu sei que tô, mas o que ataca é a doença...por exemplo, artrite, artrose nos pés.;	Representação da velhice – associação da velhice com a doença.
Perda de assistência médica	por conta de perda da continuidade de projetos que não foram aprovados;		
Perda da noção do tempo	tempo que está na casa de repouso		

**Fonte:** elaborado pela autora.

Considera-se relevante anotar, mais observações com relação à história de vida da idosa, qual seja: a de que a idosa declara que gostaria de morar com sua família e que não mora na casa de repouso por vontade própria.

Eis, então, então os temas constantes da 14ª entrevista, a de D. Ilza.

**Quadro temático - Entrevista 14 – D. Ilza**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
Alimentação precária da casa de repouso		Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice? “quanto mais a gente sofre mais se purifica, né?”	Oportunidade de purificação; A velhice não é boa por causa das doenças que marcam esta fase.
Seu talento para a matemática;			
Escola Normal – Línguas: Comunicação e Expressão			
A situação de sua filha de criação			
O mau negócio que fez	e que motivou a sua vinda para a casa de repouso		
Atribuição de venda de sua casa por forças sobrenaturais;	Atribuição a forças sobrenaturais		
Erro médico que sofreu	Aplicação de uma injeção na coluna que a resultou numa paralisia		
O fato de ter vindo embora da casa de uma sobrinha do Piauí	esta intencionava colocá-la em uma casa de repouso;		
Empréstimo consignado em seu salário feito por um sobrinho	após a venda da casa		

Roubo do dinheiro da venda de suas casas;	Atribuído a um sobrinho		
Queda	que sofreu pela ausência de sua cuidadora já no Ceará		
A perda de oportunidade de fazer um exame marcado há seis meses	para saber a origem das dores porque ninguém da casa de repouso se dispôs a levá-la		
A velhice	não é boa por causa das doenças que marcam esta fase.		

**Fonte:** elaborado pela autora.

Considera-se relevante apresentar algumas observações constantes da entrevista de D. Ilza:

A idosa revela que, mesmo tendo sido moradora de casa de repouso num momento difícil pelo qual passou, inclusive com o desprezo da filha de criação, preferia voltar para casa, porque a perdoa.

Ela não gostaria de morrer na casa de repouso porque quem morre lá é enterrada no mesmo dia.

Declara também que os funcionários da casa não entendem a situação da idosa, que tem um grave problema de coluna, que a impede de andar sem auxílio de cadeira de rodas, ou de barras de ferro nas paredes e julgam que ela pode andar normalmente.

O perfil sociocultural da idosa foi composto como a maior parte pelas suas histórias, como em todos até então apresentados.

A idosa tem oitenta e três anos, é inteligente e lúcida. Ela conta toda a história de sua vida, demonstrando clareza de raciocínio, memória, sentimento de resignação e consciência da necessidade do perdão para a vida humana. Ela tem um problema na coluna, uma hérnia de disco que já a deixou sem andar de forma alguma, ficando em cadeira de rodas. Ela não tem firmeza nem mesmo para andar sem estar se segurando nas barras da parede do pavilhão em que fica seu quarto. A idosa declara que tinha o problema da hérnia, mas que um dia, um médico lhe disse que ia dar-lhes umas injeções que iam passar, mas aí piorou, pois o corpo da idosa ficou todo enrijecido, com o pescoço torto. Além desse problema, agravado pela aplicação das injeções, a idosa relata que quando ainda morava com a sobrinha havia uma moça que cuidava dela, mas certa noite esta moça saiu e ela sofreu uma queda da cama, ficando durante toda a noite agonizando no chão, sem aparecer ninguém para ajudá-la, fato que também agravou o seu estado de saúde.

Esta idosa é solteira, ex-freira, com formação no Magistério com Estudos Adicionais, o que já foi chamado 4º ano adicional, que habilitava professores a ensinar uma matéria em especial, e no seu caso, ela escolheu lecionar Comunicação e Expressão. Ela conta que deixou de ser freira por problemas de perseguição que sofrera, e que criou uma sobrinha como se fosse sua filha. E que esta sobrinha morou com ela até se casar, pois depois do casamento foi morar com a sogra. Segundo ela, a filha de criação, atualmente está passando por problemas financeiros, pois a sogra vai vender a casa em que mora e que a sobrinha ficará sem lugar onde morar, pois ela e o esposo trabalham, mas não têm condições de pagar aluguel e arcar com as despesas de casa sem ajuda de ninguém.

A idosa relata que foi morar na casa de repouso levada por um padre, que lhe conseguiu uma vaga, porque testemunhou o sofrimento dela na época em que estava com a sobrinha em casa alugada depois que fez um mau negócio por aconselhamento da sobrinha. Ela conta que tinha duas casas, mas a sobrinha pôs na cabeça dela que fizesse um negócio, como numa tentativa de justificar o fato de ter se deixado influenciar, expõe o seu quadro de saúde à época. Revelando que além de ter feito mau negócio, o dinheiro proveniente da venda da casa ainda foi roubado por uma pessoa da família. Em sua concepção, a idosa atribui a venda da casa a forças sobrenaturais e pela influência de vizinhos invejosos, que interessados em sua casa a aconselharam a fazer o mau negócio.

Depois da venda da casa, a idosa conta que ficou morando de aluguel, sem o dinheiro da venda da casa e sem o salário integral, pois além de terem roubado o dinheiro da venda de sua casa, ainda fizeram um empréstimo consignado à sua renda, ficando quase sem nada e tendo que alimentar-se por meio de doações de vizinhas. Ela afirma que uma lhe dava o café da manhã, a outra lhe trazia o almoço, outra, o jantar e assim ela ia sobrevivendo. Justamente nessa época, a idosa conta que a sobrinha também estava adoentada porque havia feito uma cesariana e sua filhinha que atualmente está com três anos, na época recém-nascida, teve pneumonia dupla, impedindo-a, inclusive de trabalhar, porque tinha de cuidar da filha doente e ainda não estava prontamente reestabelecida do parto cirúrgico. Segundo a idosa, quando o padre foi falar com a sobrinha sobre suas condições de saúde, esta lhe disse que não a queria mais em sua casa porque não tinha mais condições de cuidar da filha e da mãe ao mesmo tempo. O padre, compadecido da situação da idosa, tomou a decisão de levá-la para morar na casa de repouso.

Pelas condições de saúde da idosa ela não poderia ficar sozinha na casa de repouso porque precisa de cuidados, alguém que a ajude a caminhar mesmo segurando nas barras que ficam nas paredes do pavilhão onde mora, alguém que lhe desse banho e lavasse as suas

roupas, limpasse seu quarto, coisas que são feitas na casa de repouso por um cuidador, para quem tem condições de pagar, o que não é o caso da idosa, que no dia da entrevista estava com catorze dias que não tomava banho, porque não tinha ninguém que lhe fizesse o favor de ajudá-la a tomar banho, pois como era verão, a água vem da caixa-d'água muito quente. Por isso, ela necessitava pegar um balde para recolher a água e colocar para esfriar, para depois poder tomar banho. De acordo com a administração da casa de repouso há uma das freiras que era responsável pelo cuidado das idosas do pavilhão em que a idosa mora (lado dos pobres), mas esta foi transferida para fazer um trabalho no Piauí e na época da coleta dos dados ainda não haviam encontrado alguém que a substituísse, pois as outras irmãs também já eram idosas.

Apesar de todas as adversidades enfrentadas pela idosa ela se declara como uma pessoa que perdoa, que não guarda mágoa de pessoa alguma, nem da sobrinha de Fortaleza, que criou como filha, nem da sobrinha do Piauí, que também morou com ela até a adolescência, mas que não a quer morando com ela no Piauí por guardar mágoa, segundo a idosa, de uma surra que ela lhe deu quando a sobrinha era criança. A idosa afirma que a sobrinha lhe disse que até hoje lhe guarda ódio por causa do ocorrido, e que ela quis colocá-la numa casa de repouso no Piauí, razão pela qual ela saiu do citado estado no qual passou uns meses em 2011. A idosa colocou como razão para ter voltado do estado a questão do clima que era muito quente. Entretanto, é perceptível que ela também não era benquista lá na casa da sobrinha. Geralmente, o idoso demonstra vergonha de não ser acolhido pela família e arranja outras justificativas para isso, como a falta de espaço nas casas, apartamentos, de tempo da família para lhes dar atenção, mas preferem não revelar os reais motivos da não acolhida.

Quando a idosa foi questionada sobre a velhice afirmou que só não é feliz porque está doente, mas se não fosse isso seria feliz, e que acha que a velhice é uma fase de purificação de pecados. A idosa revela que mesmo tendo sido moradora de casa de repouso no momento difícil que passara, preferia voltar para a casa da filha para poder ajudá-la, porque a perdoou.

Dentre as revelações feitas na entrevista da idosa, algumas chamam a atenção, quais sejam: o desejo da idosa de ir para a casa da filha para poder ajudar nas despesas da casa; o fato de que não gostaria de morrer na casa de repouso porque quem morre lá tem que ser sepultado no mesmo dia, e ainda, o fato de a casa de a referida casa não disponibilizar assistência médica em caso de emergência.

Proceder-se-á à verificação dos temas constantes da 15ª entrevista, a de D. Marina:

*Quadro temático - Entrevista 15 – D. Marina*

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
O fato de não ser filha legítima	Isso lhe é relevante	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  Eu não gosto de ficar parada.	Velhice- ficar parada – neste caso, ficar parada significa ficar sem trabalhar.
O choro quando veio para a casa de repouso	Não se conformava		
Separação da família	depois que se perde aquela pessoa que lhe cuidava		
O fato de sua mãe estar hospitalizada			
Alimentação da casa de repouso	Quantidade		
Vinda para a casa de repouso	por estar aposentada e já ter ajudado todo mundo		
A importância do trabalho	Ela considera relevante o trabalho na vida da pessoa.		

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural de D. Marina com base em sua história de vida.

A idosa é solteira, não teve filhos e é filha adotiva. Segundo informações da Coordenação da Casa de Repouso, apresenta problemas mentais. Ela conta sobre um problema que lhe gerou a deficiência física de uma perna, na sua opinião, atribuído ao fato de ter comido uma manga quando estava com sarampo e febre. Crença popular, empregada para justificar o problema físico. Ela conta que veio para a casa de repouso depois que ajudou todo mundo e foi aposentada. De acordo com sua entrevista ela não é muito de conversar, mas demonstra ser muito sensível, compreendendo os acontecimentos ao seu redor, pelo menos por sua ótica.

Quando a idosa é indagada a respeito de seu estado civil ela revela que não há dinheiro que pague a pessoa viver só. Revelação contraditória, uma vez que, em seguida a esse comentário ela explica que quando veio para a casa de repouso chorou muito e que sua irmã disse que ela estava chorando por não querer ficar na referida casa, mas ela faz referência ao episódio para declarar que não era de sua vontade ficar na casa de repouso, longe de sua mãe e de seus irmãos de criação. Em seu entendimento, uma pessoa que se aposenta não pode ficar mais com os parentes, pelo menos ela demonstra ter entendido isso depois que fora posta na casa de repouso. Ao tratar desse tema, a idosa afirma que já morou em pensionatos antes de ter vindo definitivamente para essa casa.

A mãe da idosa está hospitalizada e ela afirma que liga para saber notícias, mas não consegue saber nada. Ela já foi vista, na casa de repouso, tentando fazer ligações, sem conseguir: ou por digitar os números errados ou por não ter mais créditos no cartão telefônico.

Quando a idosa foi perguntada sobre o fato de receber visitas, a idosa responde com uma frase muito bem elaborada, o que não é comum em algumas de suas falas, o que sugere que ou esta idosa compreendeu bem isso, de fato. Ou esta é uma resposta pronta que lhe inculcaram na cabeça. A prova disso é o excerto do seu discurso:

Não, não. Eu acho que a pessoa recebe visita quando tem precisão que a família vem. Mas uma pessoa que já vai fazer setenta e um anos, precisa das meninas tá... Já vieram uma vez, mas eu fiquei ai meu Deus! Maravilhoso, como é que a gente diz... Eu muito apegada com as minhas irmãs, muito”.

A idosa se refere, ainda à alimentação da casa de repouso e sobre a quantidade da comida, expressando-se como se não tivesse o direito de emitir opinião ou de pedir algo. Ela também demonstra insatisfação quanto ao trabalho das funcionárias da casa de repouso em arrumar os quartos das idosas, mesmo sabendo que a sua entrevista está sendo gravada, ela declara que as funcionárias dizem que não têm obrigação de fazer algum trabalho nos apartamentos das idosas.

Quando a idosa é indagada sobre a felicidade, ela responde que “a felicidade é a gente levar as coisas. As coisas que a gente não gosta a gente não pode dizer que é felicidade, mas a gente pode ser uma pessoa feliz”. Insistindo na questão pergunta-se se ela se considera feliz, em resposta, ela simplesmente sorri, silencia e não responde.

Com relação à solidão, a idosa declara gostar de ficar sozinha no seu quarto, de fazer ela mesma, suas coisas.

Ela não concebe o fato de morar sozinha na casa de repouso como um abandono. Ela entende mais como uma condição decorrente do fato de a pessoa já ter se aposentado e ir para uma casa de repouso. Ela atribui a moradia na casa de repouso à aposentadoria, como se fosse comum isso ocorrer.

A idosa também silencia quando se solicitam sua opinião sobre a velhice.

No caso específico, há a negação da velhice; associação desse objeto com doenças e com a morte, e por fim, da morte com o céu, que para ela representa o encontro com a mãe e o esposo falecido.

Eis os temas da 16ª entrevista, a de D. Ester.

**Quadro temático - Entrevista 16 – D. Ester**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
O necessário para a liberdade	Sua opinião sobre trabalho	Pesquisadora:	

de não ter obrigações;		O que você acha sobre a velhice?  Sobre a velhice eu não acho nada, eu não sou velha.	Negação da velhice.
Os estudos de sua sobrinha;	Estuda muito		
A retirada de um mioma do útero	A idosa associa esse fato ao de não ter tido filhos;		
Sua impressão de que não se casaria	sua personalidade inconstante		
Seu casamento	A influência da esposa e de uma filha de seu marido para fazer o seu casamento com ela quando este ficou viúvo		
A felicidade que teve em seu casamento	Se sentia querida e em paz		
O falecimento da mãe e do marido em datas próximas;	Causando-lhe tristeza e saudade		
A sua condição de saúde emocional;	depressão		
Sua mudança para o bairro Cidade 2000;	Onde morou sozinha		
A vinda para a casa de repouso;	Quando perdeu a mãe e ficou viúva		
A morte para ela não é tristeza	o encontro com a mãe e o com o esposo		
Não sente solidão e acha que terá felicidade no céu	Quando morrer encontrará sua mãe e o esposo		

**Fonte:** elaborado pela autora.

Achou-se relevante apresentar algumas observações enfatizadas no discurso da idosa:  
Sente uma saudade da mãe e do marido, que nunca passa.

A idosa revela que é muito benquista das irmãs, que quando era moça era muito feliz em sua terra.

Quanto ao Perfil sociocultural de D. Ester, como os demais aqui apresentados, foram compostos por sua história de vida.

A idosa é viúva, tem 88 anos, locomove-se bem, sente-se feliz e amparada na casa de repouso porque se sente muito benquista das irmãs. Relata uma história de vida feliz em sua mocidade, em sua terra. Ela apenas ressalta que em sua mocidade tinha a impressão de que não se casaria por se achar muito inconstante, ressaltando que um dia tinha ideia sobre as coisas e sobre a vida, sobre as pessoas, em outro dia, já pensava diferente. Ela sentia que não se dedicava a uma pessoa.

Declara que sente que seu casamento somente deu certo porque foi programado e idealizado sem ela saber, a fim de dar continuidade a uma amizade que havia da esposa de seu marido para com ela e sua família. Depois que o seu futuro esposo, então viúvo, ficando triste com o falecimento da mulher rejeitou vários casamentos, aceitou casar-se novamente, somente quando lhe foi dada, pela própria filha, a alternativa de casar com a pessoa que a sua esposa sempre tinha mantido próxima da família.

Quando a idosa é questionada sobre a velhice, ela nega e declara não se preocupar com doença, pois quando pensa nisso associa logo com a morte, o que para ela representa o céu, o seu encontro com a mãe e com o esposo. É como se ela esperasse o dia da morte para ser feliz por completo. Ela chega a afirmar que vive uma saudade louca de sua mãe, de seu marido, da vida feliz que teve enquanto o seu esposo estava vivo. Ela relembra as pequenas delicadezas que ele lhe fazia como lhe reservar uma cadeira em que ela gostava de sentar. A cadeira da Esterzinha nunca era ocupada por outra pessoa, e lembra-se ainda do fato de um dia ele ter lhe reclamado por ela estar num domingo na cozinha porque a empregada teria ido à praia. Isso tudo, o carinho que tiveram e a convivência harmoniosa deixam a idosa muito saudosa e desejosa de tê-lo de volta.

Vejam-se os temas da 17ª entrevista, a de D. Mariana:

**Quadro temático - Entrevista 17 – D. Mariana**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
A dúvida sobre a sua naturalidade		Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?	Aceitação da velhice.
O fato de ser filha adotiva	associação com a época das secas	“...tem que aceitar a velhice minha filha, porque já tô velha mesmo”	RS de velhice: período que a gente passa... a gente não sabe quando está velho nem quando está jovem; velhice - algo que tem que se aceitar.
Felicidade	não faz parte de sua vida		
Solidão	já está tão acostumada com a solidão que nem estranha	“Assim, não tem pra onde ir, tem que aceitar. Aqui é fingir se acostumar e suportar pra não tá reclamando da vida”.	

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural D. Mariana, conforme os fatos constantes de sua história de vida.

A idosa é solteira, tem 86 anos, não teve filhos e não tem muitas lembranças de sua história de vida. Quando perguntada sobre seus parentes, ela afirma que não se lembra, que não tem mais andado por lá. Quando se insiste em perguntar pelos irmãos, ela responde que teve muitos, mas não sabe quem eles são nem onde estão.

Aparentemente, a idosa sofre de problemas psicológicos e não é muito dada a conversas, concorda em participar da entrevista, mas não responde com detalhes às questões e nem engata num tópico sequer ou numa conversa mais demorada, incluindo às vezes músicas, entoando trechos de canções que lhe vêm à mente. Outras vezes inclui ditados populares em seu diálogo.

Quando questionada sobre como e quando foi que ela veio morar na casa de repouso, ela responde que faz tanto tempo e que por isso não se lembra de como foi. Ela lembra que morava num lugar chamado Sítio. Mas, quando questionada sobre quem lhe trouxe para a casa de repouso se era gente conhecida, ela afirma que não, que não conhecia as pessoas que a trouxeram para morar na casa de repouso. Ela declara que foi uma espécie de sequestro. Quando se pede que esclareça como foi isso, ela declara de forma bem objetiva: “[...] a pessoa pegou em meu braço, me botou em cima de um cavalo aí eu não pude descer, porque eu fiquei com medo de cair, aí quando eu parei foi aqui”.

Diante dessas informações, perguntou-se sobre o tempo em que isso aconteceu e ela disse que não se lembrava. Ela só consegue lembrar que na época seus pais não estavam mais vivos.

A respeito da velhice, a idosa afirma que esse “...é um período que a gente passa a gente nem sente, não sabe quando tá velho nem quando tá novo”. Percebe-se, a partir de suas declarações, um sentimento de indefinição presente em toda sua entrevista.

De acordo com informações prestadas pela Coordenação da Casa de Repouso, a idosa sofre de problemas psicológicos, no entanto sua reflexão sobre a velhice é bastante lúcida: “[...] “assim como a vida acontece meio que sem a gente perceber, como todo dia bebe, todo dia se veste, sabe? Chega... é isso. É um entendimento que você passa e nem sente, só que é boa que é danada, adoro viver”.

Apesar de todas as dificuldades reveladas por meio da entrevista da idosa, percebe-se que ela gosta de viver, pois ela mesma afirma que adora viver e que não reclama da vida, mas agradece a Deus por ela.

Sobre a felicidade, a idosa afirma que para ela ser feliz: “É a gente ter dinheiro pra gastar, pra comprar o que comer, comemorar, ter amigos.”

No que se reporta à solidão, a idosa afirma: “Solidão é uma coisa que acontece no dia a dia da vida gente. Não me casei para ter filhos, tinha muito irmão... foram embora... desapareceram tudo. Aí a pessoa passou, se levantou e disse vamos ali?”

A idosa ainda consegue levantar uma questão para reflexão: como não tinha ninguém para ficar lhe cuidando na velhice, nem se quer os filhos, como ficou implícito, alguém a trouxe para a casa de repouso, mas ela não sabe nem quem o fez.

Quando se pede a idosa que fizesse um resumo da sua vida, suas lembranças, sua infância, ela nos responde: numa só frase: Um negócio tão conturbado, minha filha. E depois de indagarmos o porquê disso ela, mais enfaticamente nos responde com uma palavra: “Pobreza”.

A respeito da casa de repouso, perguntou-se o que ela achava de lá, se ela gostava de lá. E ela respondeu que gostava, não tinha para onde ir. Não tinha de que reclamar, nem a quem e resume tudo: é entregar a Deus e pronto.

Ela mostra um pouco da vida no lugar com um relato “Rezo quando eu vou dormir, quando acordo vejo os passarinhos... “sassaricando”. Parece tudo bem de acordo com o relato dos dias na casa de repouso. Entretanto, a idosa se contradiz quando afirma: De manhã tem um café, meio dia, o almoço; de tarde um café, de noite é o jantar, antes de dormir um cafezinho com leite. Essa afirmação mostra que há uma rotina para a alimentação como algo positivo e finaliza com: “Assim, não tem pra onde ir, tem que aceitar. Aqui é fingir se acostumar e suportar pra não tá reclamando da vida”. A contradição nos discursos demonstra que a idosa teve que aprender a aceitar a vida e seus acontecimentos sem reclamar, uma forma de aceitação resignada.

Percebe-se, por fim, no discurso da idosa que há uma insatisfação com relação ao lugar, as condições, mas há também a consciência da impotência diante da realidade.

Veja-se os temas da 18ª entrevista, a de D. Mentinha:

**Quadro temático - Entrevista 18 – D. Mentinha**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
O falecimento de um irmão		Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  “Eu...eu não acho nada, eu não sinto nada. Pra não dizer que não sinto, eu agora apanhei essa labirintose, né.”  “É, ao menos tem um lugar, né?”	Negação da velhice e associação da velhice com doença.
A sua vinda para a casa de repouso	foi indicada por uma amigo		
O falecimento da mãe e os irmãos deixaram de ajudar nas despesas	não dava mais para morar na mesma casa e arcar com as despesas sozinha		
Não gosta de solidão	gosta de folia, passear, viajar.		
Felicidade	saúde		
Morar na casa de repouso			

**Fonte:** elaborado pela autora.

O Perfil sociocultural de D. Mentinha de acordo com os fatos de sua história de vida. A idosa tem a formação do Ensino Fundamental, é solteira, funcionária pública aposentada da Secretaria de Educação, é técnica. Ela não teve filhos, tem uma saúde boa, associa a velhice com a doença e a felicidade com a saúde. Gosta de viajar, de passear, de dançar, se divertir. Ela declara que “agora é que está mais parada na casa de repouso”. E esta expressão destacada

significa dizer sem sair por causa de limitações provenientes de um estado de doença: uma labirintose que está sofrendo agora.

Ela vivia sozinha com sua mãe, com a ajuda dos irmãos, mas depois que a mãe faleceu e os irmãos deixaram de ajudar nas despesas ela não teve mais como se manter sozinha na casa em que morava com a mãe e recebeu a sugestão de uma amiga para ir morar na casa de repouso, ao que se compreende, devido às suas condições financeiras.

Quando a idosa é questionada sobre a velhice, para dizer o que ela acha, ela responde: “Eu...eu não acho nada, eu não sinto nada. Pra não dizer que não sinto, eu agora apanhei essa labirintose, né.”

Sua afirmação demonstra uma clara associação da velhice com a doença, a falta de saúde. Em suas palavras, o que se percebe é que ela diz que não se sente velha porque não se sente doente.

A respeito da solidão a idosa afirma que gosta de sair, de folia, de passear e não de solidão.

No que diz respeito à casa de repouso, a idosa demonstra que só está lá por não ter outra alternativa e demonstra um pouco de insatisfação pelas suas próprias palavras quando é indagada pela pesquisadora sobre o fato de ser bom ter um lugarzinho ali e ela responde: “É, ao menos tem um lugar, né?”

Esta afirmação da idosa: “Achei melhor do que ficar só. Só, também, o Estado tu sabes que não paga bem.” mostra que a casa de repouso só é melhor do que ficar sozinho. Ou, além disso, só é uma alternativa quando não se tem condições financeiras de pagar coisa melhor, como se verifica nas seguintes declarações: “Achei melhor do que ficar só. Só, também, o Estado tu sabes que não paga bem”.

Observem-se os temas da 19ª entrevista, a de D. Mazé:

**Quadro temático - Entrevista 19 – D. Mazé**

Tema Central	Características associadas	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
parentes	Não sabe se tem	Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  RS da velhice: indefinição sobre a velhice, sobre a vida.	Não opina sobre a velhice, mas declara que tudo para ela é indefinido, é tudo igual.
Família Abreu	Foi adotada por esta família		
Não lembra da época que começou a morar na casa de repouso			
Não sabe como chegou a casa de repouso	Alguém a pegou, pôs num cavalo, desceu na frente da casa e a deixou		
Família	Não a visita		

Seu registro de nascimento feito por um tio			
A vida é sempre igual	Nada muda, todos os dias são iguais		
Felicidade	É algo que está sempre longe dela		

**Fonte:** elaborado pela autora.

É pertinente ressaltar algumas observações presentes em seu discurso.

Em sua opinião todas as idades são iguais.

Para ela, a felicidade está muito longe da sua (a idosa fez uma pausa e calou-se, assim, não se sabe se ela se refere a sua vida, mas entende-se que ela compreende a felicidade longe dela).

A idosa canta um trecho de uma música sobre a felicidade.

O fato de sempre ter morado sozinha.

Pretende-se apresentar , agora, o Perfil Sociocultural de D. Mazé de acordo com os fatos de sua história de vida.

A idosa tem oitenta e um anos, é solteira, foi adotada ainda criança, como ela mesma lembra, na época das secas. De certo, porque faltava a seus pais condições para criá-la. Indiferente à realidade, ela aparenta não ter consciência dos problemas que condicionaram os acontecimentos em sua vida e demonstra um pouco de tristeza quando indagamos sobre sua opinião sobre a felicidade. Ela não responde, com palavras, claramente, mas demonstra que não sente a felicidade perto de si.

Quando é questionada sobre a solidão, ela diz que sempre foi tão sozinha que nem estranha e que chega até a gostar de ficar só. E nos conta sobre um episódio em que tentou morar com amigas no Rio de Janeiro e houve muita confusão. Desde então, ela preferiu não tentar mais.

A idosa, como outras que foram entrevistadas, perdeu um pouco, a noção do tempo, pois ela disse na época da entrevista (2013), que ia fazer dois meses que ela estava morando na casa de repouso, mas, na verdade, desde 2011 a idosa já estava na casa de repouso.

E perceptível, a partir da análise de suas palavras, que a idosa tem algum problema de ordem mental, que ela não tem noção clara sobre o tempo que faz que ela mora na casa de repouso, sobre seus parentes, sobre sua filiação, ou ainda sobre os motivos de estar na casa de repouso.

Veja-se os temas da 20ª entrevista, a de D. Maroca.

*Quadro temático - Entrevista 20 – D. Maroca*

Tema Central	Características associadas ao tema central	Representação Social -VELHICE	
		Estrutura sequencial	RS da velhice
A diferença entre a sua data de nascimento e a data constante do registro;		Pesquisadora: O que você acha sobre a velhice?  a velhice é a pior idade, porque nessa fase não tem coragem, nem saúde, nem força.  “Nós somos feitos pela vontade de Deus se não aceitar tudo, tem que sofrer muito, né?	Embora chamem de melhor idade, para a idosa é a pior idade.  Aceitação da velhice e de tudo o que acontece na vida.  Velhice – pior idade, negação da velhice, identificação da velhice no outro, não em mim.
Os oito irmãos;			
O fato de ser irmã de uma das freiras da casa de repouso;			
Veio para a casa de repouso	porque ficou só		
Saúde da colega de quarto	Ela comenta a colega para salientar a falta de saúde		
Felicidade	Aceitar toda a vontade de Deus		
Morar na casa de repouso	Cita para afirmar que lugar bom é a casa da pessoa.		

**Fonte:** elaborado pela autora.

Quanto à solidão, a idosa declara que não se sente só na casa de repouso porque lá tem muita gente. Mas depois revela que não diz o que diz sobre morar na casa de repouso porque ache o lugar bom, não.

Para ela, o lugar bom é casa da gente. Mas diz ainda que se é de ficar em casa sozinha é preferível ficar na casa de repouso.

E o Perfil sociocultural de D. Maroca de acordo com os fatos constantes de sua história de vida.

A idosa tem oitenta e quatro anos, é solteira, não teve filhos. Ela tem um problema nas pernas que lhe impede de andar sem um andador para idosos (um carro com rodas pequenas no qual ela se apoia e empurra, que lhe permite a locomoção ao refeitório, à capela da casa de repouso etc.). Ela também tem um problema de tosse que a acompanha há mais de um ano.

A idosa é calada, não é muito de sair do seu apartamento para ir a outro. Ela não é vista conversando com amigas. Às vezes, sua irmã, que é uma das freiras que tomam conta da casa de repouso, passa por seu quarto e elas conversam, mas sem muita demora.

Quando a idosa é questionada sobre a velhice, ela faz questão de esclarecer que não concorda com a comparação da velhice com a melhor idade, pois para ela esta é a pior idade.

Ela declara que a melhor idade é quando a pessoa é nova, tem coragem, saúde e força. Ela até compara a situação de uma de suas colegas de quarto que já está numa fase que nem mesmo a sua alimentação é feita por conta própria, pois ela está paraplégica, com a questão de se chamar uma situação daquelas como se fosse a melhor idade. Pode parecer estranha, a declaração da idosa, mas todas elas, na casa de repouso, concebem a velhice e a doença como dois objetos associados. Percebe-se que a idosa não distingue a doença da idade, que é o caso da sua vizinha de quarto; ela já é idosa, mas a debilitação dela está mais ligada a problemas de saúde independentes da idade que ela tem. E o mais estranho na reflexão da idosa é que ela própria também tem problemas de saúde que a impedem de andar, uma tosse que a impede de falar por muito tempo, isso se comprova, inclusive, no momento da entrevista. Entretanto, ela não acha que sua vida deva ser associada à doença, à paralisia. Ela trata sobre o caso da amiga, como se não tivesse problema algum. Talvez isso se deva ao fato de mesmo com problemas de saúde sérios também, ela ainda consegue alimentar-se por suas próprias mãos, fazer a sua própria higiene, ela ainda se cuida sozinha dentro de suas possibilidades. (Apesar de suas limitações físicas ela ainda se sente independente no aspecto físico).

Quando a idosa é questionada sobre o que é a felicidade, ela responde que a felicidade é aceitar tudo, toda a vontade de Deus. Ela compreende que todos foram feitos pela vontade de Deus e que se não aceitar a vontade dele tem-se muito sofrimento.

Em relação à solidão, ela prefere ficar na casa de repouso a ficar em sua casa sozinha. Ela declara nesse momento, que veio para a casa de repouso porque não tinha mais como ficar sozinha, pois até para dormir ela tinha que arranjar alguém para dormir com ela. Já na casa de repouso, os quartos são próximos uns dos outros e não há perigo.

Contudo, a idosa faz questão de ressaltar que não é que goste da casa de repouso, mas que é melhor ficar sozinha na casa de repouso a ficar sozinha em sua casa e que lugar bom mesmo é a casa da pessoa.

Dentre as observações deixadas pela idosa, expõe-se:

É melhor ficar sozinha na casa de repouso do que em sua casa.

Lugar bom mesmo é a casa da pessoa.

Ela veio para a casa de repouso porque não tinha mais como ficar sozinha.

Felicidade é aceitar tudo – necessidade de resignação diante da vida.

#### **4.2 Representações Sociais Acerca da Velhice**

As análises das entrevistas evidenciaram que as idosas que moram em casas de repouso representam a velhice da seguinte forma:

- a) como fase das limitações físicas, em que não se pode mais andar sozinho pelo medo de cair ou sentir-se mal em algum lugar e não ter auxílio;
- b) como a fase em que se perde alguém como o companheiro, ou os pais;
- c) como a fase em que se perdeu aquela pessoa que lhe cuidava ou fazia companhia e tem-se que ir para um lugar onde outras pessoas farão esse papel.
- d) a fase em que a representação da velhice está vinculada a perda de seus bens, por maus negócios realizados ou por apropriação indevida de parentes e em consequência disso, a consequência de ter como única opção morar em casas de repouso.
- e) a RS da velhice, que se vincula a aceitação da velhice de forma resignada, ocorrência menos frequente, empregada apenas por aqueles sujeitos que fazem questão de acomodar-se com a realidade como vontade superior ou algo comum na vida.

As transcrições das vinte entrevistas possibilitaram identificar os temas, que permitiram chegar às representações da velhice nas análises dos dados.

Percebeu-se nas entrevistas que a questão da velhice não retrata algo que seja muito pensado pelos sujeitos. Há verbalização de que, na juventude, não se pensa tanto na velhice, vive-se mais e diverte-se mais, algo como admitir, em nossa sociedade, a existência de uma cultura de não se pensar no futuro.

Em termos gerais, este estudo possibilitou a identificação das representações de sujeitos tanto a partir de suas práticas quanto de seus discursos. Pois, de acordo com a própria teoria da representação social, as práticas influenciam os discursos e estes podem vir a influenciá-las.

#### **4.3 Síntese da Representação Acerca da Velhice: Campo Representacional, Informação e Atitude**

Tendo em vista o objetivo deste estudo no que se refere a identificar a representação social acerca da velhice por parte de idosas no âmbito de uma casa de repouso, identificamos e analisamos os seguintes aspectos: a) o campo de representação ou imagem construída sobre a velhice pelas idosas, cujos discursos compõem o *corpus* desta pesquisa; b) a atitude que as

idosas assumem (tomada de posição favorável ou desfavorável) em relação ao seu papel como idosas.

As representações dos sujeitos, compreendidos como sentidos construídos para velhice enquanto objeto de conhecimento pelas idosas possibilitaram a apreensão da representação social da velhice do grupo social em questão. Os temas abordados pelos sujeitos, nos quadros dos temas de cada entrevista, representam a velhice como uma fase inerente à vida. Suas representações acerca desse objeto influenciam as suas vidas em termos práticos. Algumas idosas têm consciência do caráter prático desse objeto e têm como algo que pode influenciar as suas práticas, a sua própria vida, enquanto outras ainda não têm tal consciência, não aceitam a velhice, e discursivamente, vinculam-na ao outro, à vizinha, as colegas, e outras por fim, negam-na, afirmando não ser velhas. E as mais conscientes entendem que devem aceitar a velhice e justificam tal posicionamento, confirmando a irrevogabilidade do fato.

Percebe-se também que, possivelmente um dos fatores que leva a idosa a negar a velhice seja o fato de não possuir limitações físicas.

Em se tratando do campo representacional, ou seja, em meio às imagens construídas, observa-se a adesão das idosas a atitudes favoráveis ou positivas e desfavoráveis ou negativas em relação às práticas adotadas na casa de repouso por parte das colegas deste ambiente. Encontra-se mostras de uma atitude favorável relacionada à consideração de que a velhice é algo natural, que precisa ser aceito por ser inevitável.

Consideram-se atitudes desfavoráveis com relação à velhice, no referido ambiente, pontos vinculados aos seguintes aspectos: a questão da qualidade da alimentação, que lhes é servida, o tratamento inadequado por parte de alguns dos funcionários da casa de repouso, a falta de atendimento médico e de uma equipe multiprofissional, que lhes cuide.

A esse respeito, se forem considerados os direitos previstos no Estatuto do Idoso, percebe-se a inobservância de alguns dos direitos dessas idosas, como já fora exposto no capítulo 1.

Em síntese, os temas presentes nos discursos dos sujeitos dessa investigação revelaram suas representações acerca da velhice enquanto do objeto de conhecimento, contemplando-o em seus aspectos cognitivo, cultural e social. Nas versões mais modernas da Teoria das Representações Sociais, particularmente com Spink (1995) e Jodelet (2001), o avanço consiste no estudo do senso comum, rompendo a primazia do conhecimento reificado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo finaliza o presente estudo. Desse modo, apresentar-se-á aqui uma ponderação acerca das questões de pesquisa propostas e dos processos adotados para a geração dos dados. Por fim, serão expostos os aportes e implicações desta investigação para a área das pesquisas sobre o discurso na perspectiva crítica e ideológica, bem como das representações sociais, focalizando a linguagem como condutora e propiciadora dos processos investigativos, contemplando as áreas citadas, com base no referencial teórico exposto.

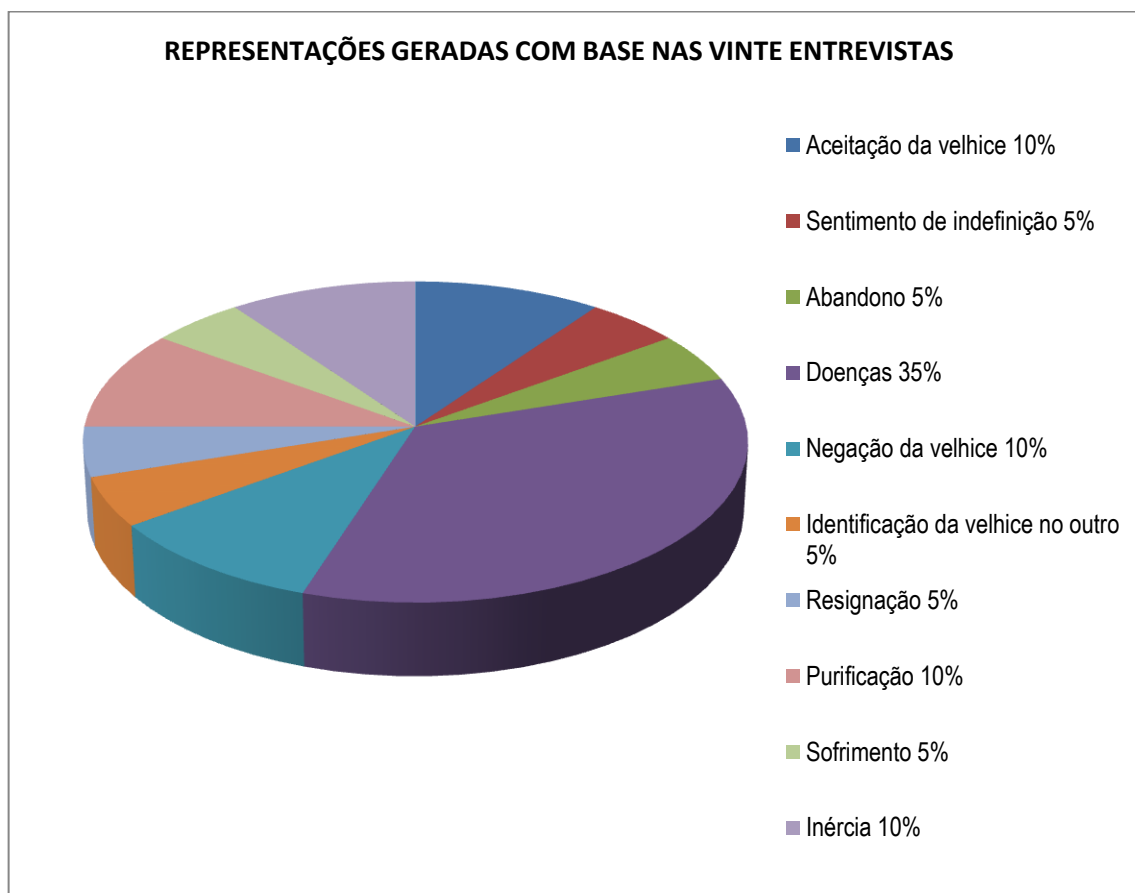
A partir do que se detectou na análise crítica dos discursos dos sujeitos desta pesquisa, no capítulo 4, tecer-se-ão algumas considerações acerca dos temas constantes nas entrevistas, dada a natureza linguístico-discursiva deste estudo e de suas representações a respeito da velhice.

Convém que sejam expostas as primeiras representações sobre a velhice. A partir das primeiras escutas das entrevistas, para a transcrição criaram-se hipóteses interpretativas citadas no resumo desta tese como as representações da velhice.

Nesse momento, compreendem-se que o que se julgava como representação social da velhice trata-se de nossas hipóteses interpretativas da representação social acerca da velhice e assim são expostas.

A velhice representava-se, em primeiro lugar, como a fase das limitações físicas, em que não se pode mais andar sozinho pelo medo de cair ou sentir-se mal em algum lugar e não ter auxílio. Em segundo, como a fase em que se perde alguém - o companheiro, ou os pais ou ainda, aquela pessoa que lhe cuidava ou fazia companhia e tem-se que ir para um lugar onde outras pessoas farão esse papel; em terceiro, a fase em que a velhice está vinculada a perda de seus bens, por maus negócios realizados ou por apropriação indevida de parentes e em consequência disso, a moradia em casas de repouso; em quarto, a aceitação da velhice de forma resignada, ocorrência menos frequente, empregada apenas por aqueles sujeitos que fazem questão de aceitar a velhice de forma resignada. Essas e outras representações constam no Gráfico 03, a seguir:

*Grafico 03 – Representações geradas com base nas vinte entrevistas*



**Fonte:** elaborado pela autora.

Cumpridas as etapas recomendadas por Bardin (2012), para a análise e interpretação de textos na perspectiva da AC, embora de forma adaptada, começa-se a perceber representações sociais da velhice.

Em princípio, com os temas identificados são citamos trechos de seus discursos, que continham a opinião das idosas sobre a velhice, conforme consta dos quadros expostos no capítulo 4. Os temas presentes nas entrevistas indicaram que os sujeitos contam sua história de vida, o que se configurou como estrutura discursiva utilizada pelos sujeitos para exporem suas representações acerca da velhice.

Desse modo, identificam-se as representações sociais nos referidos discursos, atendo-se aos temas constantes de suas histórias de vida, que ofereceram maior possibilidade interpretativa, pois assim agindo, identifica-se a representação de cada indivíduo do grupo de idosas moradoras da casa de repouso. Esse posicionamento acata o proposto nas teorias empregadas nesta pesquisa, tanto a dos Estudos Críticos do Discurso de Teun van Dijk quanto a das Representações Sociais de Moscovici, haja vista a observância dos aspectos cognitivos e

socioculturais da TRS e dos ECD, quando considera a vida do indivíduo como organismo total para apreensão de um item deste todo, nesse caso, um item discursivo com características cognitivas, culturais e sociais como preceitavam as citadas teorias, a representação social acompanhada, obviamente, pelo seu caráter ideológico.

Portanto, conseguiu-se obter as declarações constantes do Gráfico 04 quando foi solicitado a cada idosa sua opinião sobre a velhice:

*Gráfico 04 – Representações acerca da velhice e hipóteses Interpretativas*

<b>Sequências textuais</b>	<b>Hipóteses interpretativas</b>
<b>Sinhazinha:</b> velhice é tanta da coisa, eu já sofri tanta coisa...	A idosa representa a velhice como sofrimento.
<b>Eline:</b> Ótima	Contradição na exposição discursiva acerca do tema Inferre-se que esse discurso seja de resignação, aceitação.
<b>Bárbara:</b> Eu tô bem graças a Deus não tem doenças... A doença que eu tenho é só gripe.	Velhice relacionada a doenças.
<b>Viviana:</b> "...dolorosa, limitada, uma grande interrogação do amanhã; discorda da afirmação de que a velhice seja a melhor idade..."	Para ela a melhor idade era a que ela cuidava de sua casa de suas coisas e que trabalhava.
<b>Vera:</b> "É desde que em passei pra velha, que passei pros 80, que a minha vida só são maravilhas. Adoro a minha vida. Tudo, eu quero de bom para mim: saúde, paz, felicidade, alegria, prazer de viver".	Posicionamento positivo de resignação e a aceitação dos acontecimentos da vida.
<b>Celina:</b> "...eu não vou dizer que seja a parte pior ..., enquanto tiver saúde"...	Associação da velhice com a fase das doenças.
<b>Edna:</b> "é a merda mais horrorosa do mundo" [...] "melhor idade é a que a gente é nova."	Associa a velhice com reumatismo, dor na perna... doença.
<b>Olívia:</b> Não há uma verbalização acerca da velhice, mas do abandono nessa fase.	A idosa está centrada no abandono que sofreu há seis anos, após o falecimento da mãe. Inferimos que a representação seja a mesma com relação à velhice.
<b>Zélia:</b> [...] "uma das melhores décadas que já tive[...]"	Associação da velhice com limitações físicas.
<b>Cacilda:</b> [...] "é muito triste a gente ficar sem a vida gente?..."	Aparentemente a idosa se sente sem nada, sem vida mesmo.
<b>Helena:</b> "purificação dos pecados da mocidade para entrar numa dimensão melhor".	Velhice é uma fase de purificação dos pecados.
<b>Carla:</b> "Não, o que incomoda sabe o que é ... é a doença. Por exemplo, eu tenho, eu, eu sei que tô, mas o que ataca é a doença...por exemplo, artrite, artrose nos pés..."	Associação da velhice com a doença.
<b>Iza:</b> "Minha filha, a velhi... A vida é boa, viu? Por mais que a gente sofra a vida é boa. Que enquanto mais a gente sofre, mais se purifica, né? [...]"	Não só a velhice, mas a vida é uma oportunidade de purificação por meio do sofrimento.
<b>Marina:</b> "Ave! (um grito) Eu nem... olhe... eu vou fazer 71, mas eu nem (...) penso assim... em ficar, logo eu gosto muito de movimentar, nesse instante eu tava... se eu não fizer no sábado, no domingo. Não é precisão que eu tenho, não é precisão que a gente tem e não é com pena de ocupar as	Associação da velhice com a inércia, o ócio, o tempo em que se para de trabalhar.

funcionárias”.	
<b>Ester:</b> “Não eu não tenho dificuldade, nem me sinto mal com a velhice, não. Porque pra mim, eu nem sou velha”.	Negação da velhice.
<b>Mariana:</b> “A velhice é um período que a gente passa a gente nem sente, não sabe quando tá velho nem quando tá novo”.	A idosa apresenta um sentimento de indefinição diante da velhice.
<b>Mentinha:</b> “Eu...eu não acho nada, eu não sinto nada. Pra não dizer que não sinto, eu agora apanhei essa labirintose, né”.	Negação da velhice e associação da fase com o surgimento de doenças.
<b>Mazé:</b> “Eu tenho que aceitar a velhice, minha filha, porque tô velha mesmo”.	Aceitação da velhice.
<b>Maroca:</b> [...] Pra mim, é a pior idade. [...] Sabe, porquê? [...] Porque, minha filha, quando a gente é nova, tem força, tem coragem. E quando a gente fica velha... Bom é quando a gente é nova, que tem coragem, tem saúde, tem coragem e tem força. Agora, fica como ela, que pra tudo depende dos outros. A idosa está se referindo a uma de suas vizinhas de quarto que não anda, não fala e recebe o alimento na boca, porque não se alimenta mais.	Associação da velhice com fragilidade, surgimento de doenças. Identificação da velhice no outro.

**Fonte:** elaborado pelo autor.

Desse modo, conseguiu-se identificar dez representações acerca da velhice compartilhadas pelos sujeitos. Entretanto, percebeu-se que algumas dessas se sobrepõem a outras.

Assim, tem-se a representação da velhice relacionada com a fase do surgimento de doenças compartilhada por sete sujeitos.

Foram obtidas como representações compartilhadas por dois sujeitos, as seguintes:

- a) velhice é resignação;
- b) nega a representação da velhice;
- c) velhice como uma fase de purificação dos pecados;
- d) associação da velhice com a inércia, o ócio, ou o tempo em que se para de trabalhar, ou seja, a velhice representa aposentadoria, fim de vida útil.

Cada uma das atitudes a serem enumeradas corresponde a um sujeito: a velhice deve ser aceita; a velhice é identificada no outro e não em si e a velhice é compreendida como sofrimento. Estas atitudes geraram as seguintes representações:

- a) a aceitação da velhice;
- b) a identificação da velhice no outro;
- c) a compreensão da velhice como sofrimento.

Em suma, os dados evidenciaram que há uma correlação entre os temas constantes das histórias de vida dos sujeitos, no que concerne à construção de suas representações sociais de

velhice e de suas identidades enquanto membros de um grupo, no caso específico, o de moradoras de uma casa de repouso. O que se corrobora com a defesa de Jodelet (1989a, p.43 - 45) sobre a qualificação das representações como “um saber prático, o que se refere à experiência a partir da qual ele é produzido, aos quadros e condições nos quais o é, e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para se agir sobre o mundo e sobre os outros”. “Por isso, orientam as práticas, as ações do sujeito, os colocam, os situam no mundo. Também definem como esses verbalizam suas representações sobre a velhice e como essas emergem em suas histórias de vida e por qual razão emergem”(BAPTISTA, 2015, no prelo).

Compreende-se, com efeito, que por ser a representação de um determinado grupo social com suas crenças, opiniões e valores se configura como um objeto de conhecimento, constituindo-se de suas dimensões cognitiva, discursiva, linguística e social, atentando para a compreensão da função social que a representação da velhice desempenha na sociedade contemporânea.

A representação social da velhice gerada por um grupo, possibilita afirmar que tomando essas representações enquanto conhecimentos práticos, estas pode ser compreendidas como campos socialmente estruturados que somente podem ser compreendidos quando referidos às condições de sua produção e aos núcleos estruturantes da realidade social, o que lhes confere dinamicidade, flexibilidade e permeabilidade, distinguindo-se das representações coletivas de Durkheim, das representações culturais de Sperber (1989), aproximando-as das modernas análises de discurso influenciadas por Wittgenstein (1953) que se centram na relação entre linguagem e ação.

Em síntese, o presente estudo permite compreender que a concretização do conhecimento tanto ocorre no discurso como pode nele ser identificada. Este fato configura as representações como constructos mentais, cuja construção é influenciada por aspectos sociais, culturais e também influencia tais aspectos. Isso lhes promove de termos discursivos a termos de construção cognitiva com todas as suas dimensões sociais, culturais e afetivas, como preceitua Spink (2011).

Considera-se relevante revelar alguns pontos detectados a partir do presente estudo:

Esta pesquisa revelou que em nosso país não somos preparados para a fase denominada velhice. Se forem considerados que dados levantados pelo IBGE e publicados no *Diário Oficial da União*, em 28 de junho de 2012, evidenciam que nosso país possui uma população de 202.768.562 habitantes, dos quais 22 milhões, de idosos. Isso representa aproximadamente 11% do total da população. E que para as próximas décadas deve aumentar de forma acelerada, pois de acordo com as projeções realizadas, o número que em 2012,

chegava a cerca de 15% da população, tende a atingir 30% em 2050 e 40% até 2060. Ou seja, a cada ano, há a mais 750 mil idosos na sociedade brasileira. E assim, seguindo a média nacional, a população de idosos no Ceará, estado em que residem os sujeitos que participaram deste estudo, varia de 914 mil a 1 milhão de pessoas, o que representa aproximadamente 11% da população. Estas estatísticas revelam que o aumento da população idosa em nosso país é gradativo, mas crescente. No entanto, não há políticas sociais centradas na preparação para vivenciarmos a velhice. E não se está referindo a ações focadas na terceira idade, mas na preparação para se saber lidar com essa fase antes de deparar-se com ela.

Postula-se que essa prática esteja vinculada à questão de a estimativa de vida dos brasileiros vir aumentando há pouco tempo.

Nas próprias entrevistas, há a verbalização por parte de D. Olívia, constante dos anexos, de que quando se é jovem não se pensa tanto na velhice, vive-se mais e diverte-se mais, como se houvesse entre nós uma cultura de não se pensar no futuro com a velhice.

E pela postura preceituada de acordo com os ECD, que sugere ao analista do discurso não se eximir de buscar alternativas para a solução dos problemas identificados, consideramos relevante para a sociedade brasileira refletir sobre a forma como vem tratando o idoso. Embora o problema seja de grande abrangência, sugere-se, a princípio, que seja melhorada, não somente a vida do idoso do país, mas a vida daquele que está próximo de nossa sociedade, os nossos pais, avós, tios, vizinhos, pois esses, às vezes se tornam invisíveis aos nossos olhos, ou porque não se tem tempo para eles e suas histórias ou porque já se ouviu tudo o que eles querem contar.

Poderia lançar-se mão de diversos autores e teorias constantes no estado da arte deste trabalho, entretanto seria omissivo de nossa parte fazê-lo, desprezando nossas próprias interpretações e conclusões ante a pesquisa empreendida. Devem-se, com relação ao idoso, tomar atitudes de visitá-lo, vê-lo, ouvi-lo apesar de suas histórias repetidas e de nosso pouco tempo. Ressalte-se que se determinou tal conduta com base na própria Teoria Moscoviana de que nossas atitudes podem gerar novas representações e mudar nossas práticas.

## **5.1 Retomada das Questões de Pesquisa**

Conseguimos obter as respostas para as nossas questões norteadoras das análises, bem como informações que não estavam contempladas em nossos objetivos, mas foram relevantes para este estudo.

A questão de pesquisa questionava o seguinte: Quais e como são constituídas as representações da velhice por parte de idosas que moram em casas de repouso de acordo com os ECD?

Havia, ainda, questões para nortear a análise:

1 Os temas (assuntos) recorrentes nos discursos dos sujeitos investigados são passíveis de categorização no que se refere à constituição da representação da velhice?

2 As representações da velhice podem ser relacionadas com os temas mais recorrentes em seus discursos?

A resposta para a questão de pesquisa apontou para o fato de que as representações são construídas a partir do emprego de temas constantes de suas histórias de vida.

Os temas recorrentes nos discursos dos sujeitos pesquisados são passíveis de categorização no que se refere à constituição da representação da velhice.

Em face disso, pode-se afirmar que os temas estão vinculados às experiências de vida dos sujeitos, e interpreta-se que a estruturação discursiva conferida às entrevistas pelos seus sujeitos se deve a isso. Pois, não seria possível construir discursivamente uma representação sobre um objeto que é inerente a sujeitos sem considerar que tal objeto foi construído por um sujeito, que embora componha um grupo social tem sua própria história na qual o objeto está contemplado.

## **5.2 Contribuições e Implicações da Pesquisa**

Em face dos objetivos propostos e dos dados gerados e analisados neste estudo, considera-se que o presente trabalho pode ser útil aos estudiosos das representações sociais acerca da velhice; aos do discurso numa perspectiva crítica e ideológica, ou aos interessados na temática velhice numa perspectiva mais sociológica, devido à natureza das informações obtidas, à duração da investigação, bem como da imersão da pesquisadora no universo dos sujeitos durante um tempo considerável, postura aconselhável numa pesquisa de natureza etnográfica. Sabe-se que o estudo apresenta lacunas, uma vez que em se tratando de uma pesquisa qualitativa jamais estará finalizado, contudo esperamos que possa ser útil aos interessados nos temas então tratados.

Assumi-se, portanto, que a realização deste trabalho não visa somente o bem estar da pessoa idosa, mas também o seu próprio, pois a situação que até o desenvolvimento dessa investigação significava história contada nas aulas de sociologia, comentário sobre um

problema pontual ocorrido numa cidade distante, tornou-se incômoda e insistente em nossa vivência durante os primeiros meses de hospedagem, que se transformou em moradia para acompanhar a situação, quando se sentiu-se impelido a expor a realidade recém-descoberta, respeitando as regras científicas e acadêmicas para tal.

### **5.3 Concluindo**

O objeto deste estudo, centrou-se em identificar quais eram e como eram constituídas as representações acerca da velhice por parte de idosas moradoras de uma casa de repouso de acordo com os ECD. A este respeito, pode-se afirmar que a RS da velhice é um objeto de representação social constituído de múltiplas dimensões (cognitiva, discursiva, linguística e social) e que, por meio da análise de sua organização semântica, presente nas manifestações discursivas dos sujeitos, ao se posicionarem sobre o tema, pode-se mapear o significado constituído para a velhice enquanto objeto de conhecimento.

A principal preocupação focou a identificação dos fatores que lhes influenciam na construção de suas representações acerca da velhice, da possibilidade de não haver uma construção, mas uma reprodução inculcada pela sociedade nas mentes dos idosos como conhecimento compartilhado outorgado pela sociedade, tirando do idoso o direito de ter a sua própria opinião, a sua própria representação e não aquela que tentam lhes impor como ponto de vista consumado, sem dar-lhes o direito de discordar, criticar. Decidiu-se ouvi-los com vistas a compreender suas crenças e valores a respeito da temática velhice, mas também seus sentimentos e impressões sobre o tema. Partiu-se do pressuposto de que a linguagem é como um espelho que é capaz de refletir e mostrar aquilo que não foi dito, mas ficou implícito, e possibilitou a comunicação eloquente de verdades que até então estavam latentes.

E pela perspectiva crítica dos ECD, na qual o analista do discurso não pode se eximir de seu papel social, conforme o preceituado por Teun van Dijk, considera-se necessário que seja dado, à pessoa idosa, o direito de expor a sua opinião sobre a forma como gostaria de viver sua velhice. Como se percebeu isso numa situação social específica, a de uma casa de repouso, questionou-se se tal realidade não seria diferenciada se fossem analisados os discursos de idosos que vivem em suas casas, junto de suas famílias. O que poderá ser pesquisado futuramente por interessados nessa temática.

Cientes do trabalho desenvolvido na presente pesquisa, considera-se que a iniciativa foi válida em função do leque de resultados obtidos, que com certeza fará surgir novas

dúvidas, ideias que ainda precisam ser desenvolvidas, detalhes que ainda precisam ser elucidados. Este estudo se constitui profícuo para a ciência, apresentando uma ampla gama de problemas passíveis de serem pesquisados, para a reflexão sobre a vida da pessoa idosa no ambiente pesquisado neste estudo, bem como para fomentar ações que possam torná-la menos sofrida e mais útil. Desse modo, aceita-se críticas, sugestões e acréscimos a esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. Pratiques sociales et représentations. Paris: PUF, 1994. In: DIEB, Messias Holanda. **Educação Infantil e formação docente: um estudo em Representações Sociais**. 2004. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.
- \_\_\_\_\_. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. pp. 155-171.
- \_\_\_\_\_. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P.H.F. & LOUREIRO, M.C.S. (Orgs.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003, pp. 37-57.
- ALENCAR, Maria Leonice da Silva de. **Aposentadoria e velhice: representações sociais de idosos aposentados e pensionistas**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal do Pará - UFPA: Belém, 2007.
- ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social: uma genealogia do conceito**. *Comum*. Rio de Janeiro - v.10 - nº 23 - p. 122 a 138 - julho /dezembro 2004. Disponível em <http://www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf> - Similares. Acessado em 17 de agosto de 2010.
- ALMEIDA, Fabiana Souza de. **Idosos em instituições asilares e suas representações sobre família**. 01/03/2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal de Goiás - UFG: Goiás. 2005.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicados à educação. In: **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun.2008. Disponível em <http://www.metodista.br>. Acessado em 19 de agosto de 2010.
- ANDRADE, Maria Margarida de. 2007. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 8. ed. – São Paulo: Atlas.
- ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, novembro/ 2002. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724 – Trabalhos Acadêmicos; NBR 10520 - Citações; NBR 6023 - Referências; NBR 15287 – Projeto de Pesquisa.
- BAPTISTA, L.M.T.R. Representações sobre o outro - o estrangeiro na mídia. **Anais do IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso - ALED 2011**, 01 a 04 de novembro de 2011, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010, 2012.
- BATISTA, Luciane Paula. **A fragilidade e suas representações para idosos domiciliados, no contexto da estratégia de saúde da família**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em

Assistência a Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte –UFRN, Rio Grande do Norte, 2008.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo, Cortez, 2005.

BIMBATO, Angélica Maria Jabur. **A representação de velhice entre os profissionais que atuam nos Núcleos de Saúde da Família**. (Dissertação) Mestrado em Medicina – Universidade de São Paulo - USP: Ribeirão Preto, 2008.

BORINI, Maria Lucia Olivetti. **A Saída do Fundo do Poço: Representações Sociais Acerca da Participação em Atividades de Lazer em Grupos de Terceira Idade**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) UNICAMP: Campinas, 2002.

BRITO, Denise Orbage de. **Maus-tratos intrafamiliares contra idosos: o olhar do idoso vitimizado**. 01/07/2007. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Universidade Católica de Brasília - UCB: Brasília, 2007.

CIAMPONE, M.H.; TONETE, V.L.P.; PETTENGILL, M.A.M.; CHUBACI, R.Y.S. **Representações sociais da equipe de enfermagem sobre a criança desnutrida e sua família**. Rev. latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 17-24, julho, 1999.

COSTA, Filomena Guterres. **A tomada de consciência e o grupo focal na transformação das representações sociais do envelhecimento: uma proposta de intervenção**. Tese (Doutorado em Psicologia). Tese. (Doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília - UNB Brasília, 2006.

COUTINHO, Bruno Birro. **“Saúde é tudo”**: as representações sociais de saúde no tratamento do câncer “no sangue” e “nas ínguas”. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2005.

DE STEFANO MENIN, Maria Suzana. O aspecto normativo das representações sociais: comparando concepções. In: **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v. 16, n. 30, p. 121-135, jan.-abr. 2007.

DIEB, Messias Holanda. **Educação Infantil e formação docente: um estudo em Representações Sociais**. 2004. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.

DURKHEIM, E. **Représentations individuelles et représentations collectives**. Revue de Métaphysique et Morale VI. 1898. p. 273-302.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. Tradução de Silvana Viera e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora UNESP, Editora Boitempo, 1997.

EZEQUIEL, Maria Cristina Diniz Gonçalves. **O idoso e a velhice sob a ótica de estudantes de medicina: um estudo de representações sociais**. Dissertação. (Mestrado Profissionalizante em ciências da Saúde). Universidade Federal de São Paulo – UFSP: São Paulo, 2005.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In.: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

GOMES, Mariana Sá Alcântara. **A Velhice e suas representações no Cinema Brasileiro**. 2v. 235p. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: **Moscovici, S.** (Ed.), *Psychologie Sociale*. Paris: PUF, 1984, p. 357-378.

\_\_\_\_\_. **Folies et Representations Sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

\_\_\_\_\_. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KAMKHAGI, Dorli. **O envelhecimento como metáfora de morte**: a clínica do envelhecer. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP: São Paulo, 2007.

MADEIRA, Margot Campos. Representações sociais e educação: importância teórico-metodológica de uma relação. In.: MOREIRA, Antônia Silva Paredes. (Org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p.123-143.

MENNOCCHI, Lauren Mariana. **Representações Sociais de professores e alunos sobre envelhecimento humano e educação em um programa de Universidade Aberta à Terceira Idade**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem). Universidade Estadual de São Paulo - UNESP: Bauru, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 6ª edição.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Vozes. Petrópolis, RJ, 2003.

NASCIMENTO, M. V. F. do. **Representação Social, Avaliação e léxico**: um olhar sobre o discurso de professores e tutores do Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal do Ceará. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2012.

NÓBREGA, Sheva Maia da. Sobre a teoria das representações sociais. In.: MOREIRA, Antônia Silva Paredes. (Org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p.55-87.

OLIVEIRA, F. O. de & WERBA, G. C. Representações Sociais. In: PAIVA, V.L.M.O.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para**

onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

PAULINO, Luciana Fernandes. **Representações Sociais de velhice, cegueira e direitos sociais em instituições especializadas em deficiência visual**. Dissertação. (Mestrado em Serviço Social). Rio de Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

PEDROSA, Cleide Emília Faye Pedrosa. **Análise do Discurso Crítica: uma proposta para a análise crítica da linguagem**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>. Acessado em 25.11.2011.

PEREIRA, Josianne Katherine. **As Representações Sociais de velhice e terceira idade: um estudo de caso sobre um “grupo de terceira idade” de Caratinga - MG**. Dissertação Mestrado Profissionalizante. Centro Universitário de Caratinga - CUC - UNEC: Minas Gerais, 2006.

RODRIGUES, Hilnê Costa Lima. **A velhice sob o olhar de idosos retoricistas** - Dissertação (Mestrado em Serviço Social). UFPE: Recife. 2003.

ROTTA, Márcia Cristina Bortoleto. **Representações Sociais de saúde, doença, velho e velhice para idosos atendidos em uma unidade básica de saúde**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica Dom Bosco - UCDB: Campo Grande - MS, 2009.

SÁ, Celso Pereira de. O campo de estudo das representações sociais. In.: SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998, p. 29-50.

\_\_\_\_\_. A identificação dos fenômenos de representações sociais. In.: SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de Pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 45-59.

\_\_\_\_\_. A fundamentação teórica da Pesquisa empírica. In.: SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de Pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 61-78.

\_\_\_\_\_. A noção de objeto de Pesquisa. In: SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de Pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 21-30.

\_\_\_\_\_. O campo de Pesquisas em representações sociais. In: SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de Pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 31-43.

SANTOS, Antônio Luis Parlandin dos. **Educação-cuidado de si representações sociais de idosos amazônidas participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade**. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Pará - UEPA: Belém, 2011.

SANTOS, Ivana de Cássia Baptista dos. **As práticas e Representações Sociais acerca da velhice e do cuidar entre cuidadores de idosos dependentes residentes na zona rural do município de Santa Rita de Minas-MG**. Dissertação. (Mestrado Profissionalizante em Meio Ambiente e Sustentabilidade). Centro Universitário de Caratinga - Minas Gerais, 2007.

SPINK, Mary Jane. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VAN DIJK, T.A. (Org.) **El discurso como estructura y proceso**. Estudios sobre el discurso. Una introducción multidisciplinaria. GEDISA: Barcelona, 2000, p. 28-65.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ideología**: un enfoque multidisciplinario. Sevilla: Editorial Gedisa, S. A., 2006.

\_\_\_\_\_. **De la Gramática del Texto al Análisis Crítico del Discurso**: una breve autobiografía académica. Dezembro, 2006. Disponível em: <http://www.discourses.org>. Data acesso: 05/01/2012.

\_\_\_\_\_. Ideología y análisis del discurso. **Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social**. Maracaibo-Venezuela: Año 10, n.29, 2005, p. 9-36.

\_\_\_\_\_. **Ideología y Discurso**: una introducción multidisciplinaria. Barcelona: Ariel, 2003.

\_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso. In: **Anthropos (Barcelona)**, setembro/outubro, 1999, p. 23-36.

\_\_\_\_\_. Context and cognition: knowledge frames and speech act Comprehension. In: **Context and cognition**, p.211-232. Disponível em <http://www.discourses.org/OldArticles/Context%20and%20cognition.pdf>. Acessado em 23.12.2011.

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação** (organização e apresentação de Ingedore V. Koch). – São Paulo: Contexto, 1992. (Caminhos da Linguística)

\_\_\_\_\_. Contexto e cognição. In: **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari – São Paulo: Contexto, 2012 (p.87- 158).

\_\_\_\_\_. **Ideology**: a multidisciplinary approach. London: Sage publications LTDA. 1998a.

VAN DIJK T. A. **Critical Discourse Analysis**. Second draft, January, 1998b. Disponível em <http://www.hum.uva.nl/~teun/cda.htm>.

VERGÈS, P. Representações sociais da economia: uma forma de conhecimento. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 343-362.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Vozes. Petrópolis, RJ, 2003.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método em Pesquisa das Representações Sociais. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs); **Texto em Representações Sociais**. 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p.149-185.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1953[1975]. (Coleção Os Pensadores, v. XLVI).

**ANEXO A – Questões introdutórias à Entrevista Semiestruturada**

(gravada em áudio e vídeo)

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) m ( ) f

1. Desde quando mora aqui? \_\_\_\_\_

2. O que a senhora acha sobre as seguintes questões:

a) velhice?

b) felicidade?

c) solidão?

## ANEXO B - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO – TCLE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

(Em 02 vias, firmado por cada participante-voluntário(a) da Pesquisa e pelo responsável)

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma Pesquisa. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta Pesquisa sejam esclarecidos.

Meu nome é Silvana da Silva Ribeiro, sou aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Mestre em Linguística e Professora da Universidade Estadual do Piauí – UESPI do curso de Letras-Português. Gostaria de convidá-lo a participar de uma Pesquisa sobre representações sociais, velhice e discurso. Esse trabalho é parte integrante do Projeto “*Discurso e avaliação: um olhar sobre as representações de professores e alunos do Curso de Licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal do Ceará*”, coordenado pela Profa. Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (UFC). Destacamos que essa Pesquisa fundamentará, em parte, meu Projeto de Tese de Doutorado e utilizará como instrumento para coleta de dados a aplicação de uma Entrevista semiestruturada e outro denominado: Técnica da hierarquização sucessiva de itens com base na aproximação semântica, que serão aplicadas aos dados da Pesquisa. Nosso objetivo com a presente Pesquisa é analisar as representações sobre as representações da velhice por parte de idosas em situação de abrigo, bem como problematizar as implicações dessas representações para a autorrepresentação das referidas idosas em seu discurso e em sua vida social. Para participar, você deverá participar de uma Entrevista semiestruturada. Vale ressaltar que sua identidade será preservada e as informações resultantes da sua contribuição só serão divulgadas entre os profissionais estudiosos do assunto. É também importante destacar que como colaborador voluntário você não receberá pagamento por sua participação na Pesquisa e poderá se desligar e retirar seu consentimento a qualquer momento sem prejuízos ou penalidades.

#### Endereço do responsável pela Pesquisa:

Nome: Silvana da Silva Ribeiro

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Av. da Universidade, 3264, apto 103, bloco 2, Cond. Lisboa, bairro Benfica, CEP 60020181 Telefones p/contato: (86) 9999 6583

#### Endereço do CEP

Programa de Pós-Graduação em Linguística -Av. da Universidade, 2683, BL. 125, 1º andar  
Campus do Benfica - Fortaleza - Ce - CEP: 60.020-181 (85) 3366 –7627 E-mail:  
posling@ufc.br

O abaixo-assinado, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ anos, RG nº \_\_\_\_\_ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da Pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a Pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste Termo.

Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do voluntário	Data	Assinatura
Nome do Pesquisador		Assinatura

## ANEXO C - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

### Entrevista 01 – D. Sinhazinha

Entrevista - D. Sinhazinha

Pesq.: Nome completo:

Entrev.: nome sumprimido.

Aí, é o nome do pai e da minha mãe, tem de botar, né. E o Sousa é por causa de meu pai.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Meu pai e minha mãe, que era Sousa também. Meu pai me deu pra criar por uma família, que era Barreto Arruda. O nome completo Terezinha de Jesus. O pai disse: Você já é de Jesus. Na barriga da minha mãe, levaram ela numa rede, ela tava no rio. E ela tava grávida e deu uma hemorragia. A própria sogra dela disse: Manezinho, vamos cuidar da filhinha, porque a criança já se foi há muito tempo, uma hemorragia dessa, ela tá muito fraca.

Pesq.: Meu Deus.

Entrev.: Com dois dias, o papai disse que, todo o tempo, o papai nunca esmoreceu. O papai sabia cuidar de gente assim, tudo mal. O papai disse que ela ficava vu, vu, ela querendo falar, que deixa que ela via a santa, né? A santa com o nenê no braço. Aí, ela disse que a santa dizia assim, pra ela: Vamos, você vai voltar, você vai pra sua casa, voltar pros seus filhinhos, que ela tinha uns mais velhos, tinha bem uns três ou quatro.

Pesq.: Uhum

Entrev.: Aí, ela disse assim, a mamãe disse que ela disse assim pra mamãe: você volta, você vai voltar. Quer dizer que ela tava mais pra lá do que pra cá.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: E ela cuidando e volta. E ela disse que viu. Aí ela disse que tava assim num pé de árvore, olha lá, como ela tinha mor... o espírito dela saiu e voltou.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Voltou, né?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Passou três dias. Foi que ela veio dar por ela, que o papai viu que ela ia voltar.

Pesq.: Foi, né?

Entrev.: É, nesse tempo, lá era fazenda, a, a como é que se chama, quando é assim fora de Fortaleza, quando não tem mais a cidade. Aí, era meio longe. Aí, ela mesmo disse: Rafael, tem de atravessar o rio, O papai não tinha mais condição, lá não tinha mais condição que tava muito fraco.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, o papai usou os remédios dele, usou os remédios dele. pelejando, pelejando.

Pesq.: E salvou vocês duas. Você e sua mãe, né?

Entrev.: Pois bem, e a sogra dela dizendo, dizendo o papai. O papai chorava porque ela dizia assim a ele: Não diga nada a ela, não. Não vá comentar, não, se ela tornar a dizer que tá...(incompreensível) não vá dizer nada, não. Não vá comentar, não.

Pesq.: Hum.

Pesq.: Me diga uma coisa e qual a sua data de nascimento? Você lembra?

Entrev.:

A data de nascimento?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Eu nem tenho, que foi uma enrolada danada, eu vim pra cá de Mossoró. Meu pai era do Rio Grande Do Norte.

Pesq.: Ah, seus pais são do Rio Grande do Norte?

Entrev.: É, mas, minha mãe, a família da minha mãe é de Mossoró. A família do pai dela é de Mossoró. Aí é de Mossoró. de Mossoró eu vim pra cá, pra Fortaleza e acabei de me criar aqui em Fortaleza.

Pesq.: Aqui tem dez de julho de 1943. Tá certo? Aqui nos dados da Irmã, da D. Socorro.

Entrev.: Ela tem.

Pesq.: Assistente Social.

Entrev.: É.

Pesq.: Tá aqui ó, Terezinha de Jesus de Souza.

Entrev.: Eu não disse.

Pesq.: Não é?

Entrev.: Era.

Pesq.: Aí o dia de seu aniversário, Terezinha é dez de julho de 1943. Você vai fazer em julho 40, setenta anos.

Entrev.: É.

Pesq.: Não é?

Entrev.: É, em julho eu vou fazer setenta anos.

Pesq.: Dez de julho de 1943. Vai fazer setenta anos. O estado civil?

Entrev.: É em julho agora, quando vier, que é meu aniversário.

Pesq.: Sei. E o estado civil, você é solteira, casada, viúva?

Entrev.: Não, eu nunca me casei, não.

Pesq.: Nunca casou, é solteira.

Entrev.: Eu ia me casar com um piloto lá da base, mas ele só vivia viajando, o papai não deixava e eu também não queria, não. Eu não tinha esse negócio de namoro, eu não tinha, não. Ele vivia viajando, né? É porque quando eu era menina, gostava de brincar de boneca, não é? Ele jogava tudo fora, minhas bonecas e dizia: O boneco dela sou eu, tio Maneco, dizia pro papai. Aí, o pai dele com o papai era muito amigo.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Ele dizia assim: Amigo, vamos fazer esse casamento. Quando ela crescer, aí ele mais velho do que eu seis anos, já pensou? Eu era menina velha, brincando de boneca, ele escondia minhas boneca. José Medeiros de Sousa. E engraçado, que eu sou Sousa também, né.

Pesq.: Olha, era mesmo. Mas não deu certo.

Entrev.: Não deu certo, o pai dele era Medeiros, Medeiros, sabe? E o nome dele era, Marcelo Medeiros de Sousa.

Pesq.: Marcelo, né. A senhora ainda lembra assim, os parentes que a senhora possui? Seus parentes, irmão, assim...

Entrev.: Menina, eu tenho um no Antonio Bezerra. Tem? Eu tenho uma sobrinha que é a tua cara, a Ildinha.

Pesq.: É?

Entrev.: Tem a Ildinha, que é moreninha e a menina que tem (incompreensível) mais do que tu, parece com a Aíla Maria.

Pesq.: Sua sobrinha, é?

Entrev.: A gente chama ela é Ilinha. Ilinha, pois é, minha sobrinha. Eu cheguei aqui, porque o menino que eu criei ele, me botaram pra cá.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque os filhos da minha, da mãe que acabou de me criar, que meu pai deu pra tomar conta de mim, sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, ele disse: Olha, gente, você estão se casando, porque os filhos dele era como meus irmãos, não é? Eu cheguei lá tudo mais. O Joaquim estudava em Colégio Militar, não tem colégio militar, tu não sabe, né?

Pesq.: Sei, sei.

Entrev.: Pois é, pois eu morava ali atrás. Afonso Viseu. Atrás da Igreja da Sé e a prainha, né?

Pesq.: Hum.

Entrev.: Pois é.

Me diga uma coisa, é, esse pessoal vem lhe visitar aqui?

Entrev.: Ave Maria, eles vem deixar minhas coisas quanto eu criei eles.

Pesq.: Ah, então você tem uma pessoa pra lhe ajudar aqui, né?

Entrev.: É quem toma conta do meu dinheirinho, que eu sou ...

Pesq.: Aposentada?

Entrev.: Aposentada. foi, é meu pai morreu, não deu nem um mês ela correu e botou. Ai foi, ela disse assim: Bem, que pra pagar O INPS tinha o CPF. E ela disse assim: Ela tem todo o direito e eu quero com tudo. Ela botou.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Minha felicidade foi isso. Quando ela adoeceu, ela levou uma queda, muito aqui, sabe. Aí ficou assim quebrado.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aí eu fui cuidar dos olhos dela. O Henrique que é bruto. Deu anestesia geral, não era pra dar... uma pessoa já de idade, dar anestesia geral. Eu fiz a cirurgia aqui. Eles deram três anestésias, mas foi no olho.

Pesq.: Ah e foi?

Entrev.: Eu não posso tomar anestesia, não, porque minha pressão já é baixa. Aí abaixa mais ainda, né? Aí, eu morria, né?

Pesq.: Certo.

Entrev.: Eu fui operada de coisa de espinha. De cioba, você sabe o que é cioba?

Pesq.: Não.

Entrev.: Um peixão bem grande. Menina, a cabeça dela no prato, dava pra encher o prato.

Pesq.: Ahã, e engoliu a espinha?

Entrev.: Foi, ela fez o pirão. Eu tinha feito um pirão, que o Barretinho gostava e veio um Aí, ela gostava mole. Aí em vez de deixar o duro pra mim, deixou foi o mole. Aí, disse: Zezinha, aí tem um restinho de pirão, toma. Que o Barreto não gosta, só gosta de seu pirão. Ele comeu o pirão que você deixou. Ele comia o pirão todinho e o dela que ela fazia num pirezinho assim, ela comia e ninguém queria. – Não, isso aí é mingau de galça. (risos da idosa)

Pesq.: Ei, Sinhazinha, e como foi que você veio aqui pra essa casa, aqui pra esse convento? Quando foi, você lembra?

Entrev.: Tá com três, dois anos. Fez dois anos, agora no carnaval fez dois anos. Nesse carnaval, agora.

Pesq.: Ah, você veio no carnaval?

Entrev.: Porque quando eu vim pra cá, foi no tempo do carnaval, é tanto que eu tenho a data, que meu menino casou-se no carnaval, aí quando foi pra fazer um ano deles casados foi no ano que eu entrei aqui.

Pesq.: Foi?

Entrev.: Aí, já tem a data, num sabe?

Pesq.: Ahã.

Entrev.: Pois faz dois anos, agora no carnaval, agora, foi que eu entrei pros três anos.

Pesq.: Mas, você morava com esses seus sobrinhos, era? Antes você morava com eles?

Entrev.: Era, é meus filhos, que eu criei eles. São sobrinhos-filhos, né?

Entrev.: É sobrinhos-filhos.

Pesq.: Ah, você criou eles, aí quando eles se casaram aí você veio pra cá. Eles é que lhe trouxeram?

Entrev.: Não, eu vim pra cá, porque eu não tinha mais como aguentar, aqui doendo, olha.

Pesq.: Hum. Eu sei.

Entrev.: Aí eu já tinha quebrado isso aqui, e esse problema aqui também, que eu não podia, não é?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aqui, as minhas costas era tudo sabe, quando agrava, dá febre. Quando a Dra. veio ai foi que me aposentou. Você já tem idade de se aposentar? Você se aposentou muito cedo, ela disse. Mas ela começou a trabalhar muito cedo, ela disse. Porque eu não trabalhava de carteira assinada. Entrev.: Ela veio assinar minha carteira quando o papai morreu. Porque lá ela que me dava as coisas, me dava o que eu precisava.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Ela me disse: Quer saber de uma coisa: eu vou pagar teu INPS. E ela vai trabalhar de carteira assinada e a gente vai corrigir isso. Quando você veio pra cá, e agora os meninos tudo casado. Pois, é. Quando eu fui pro poder dela mesmo, o papai deu mesmo, de verdade. Aí tinha,

tinha o Luciano e o Zezé casado. Quando eu fiquei no poder dela. Que eu morava com uma tia na D. Manoel. Conhece a D. Manoel?

Pesq.: Conheço.

Entrev.: Morava com a tia, mas era só pra pra... como é esse nome? Rio de Janeiro, São Paulo.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Pois bem, a minha madrinha me criava, a mamãe viva, a minha madrinha já me criava. Eu eu era menina. Ela disse: - Comadre. A mamãe e papai só vivia lá. - Comadre, me dê essa menina pra mim criar, eu disse: - É mesmo, que eu só vivo aqui mesmo. Ah, pois bem, quando mamãe morreu aí, mas quando foi pra ela ir para o Rio, o papai não deu. Nesse tempo, a gente era, é... de menor né, os pais não deixam, né?

Pesq.: É.

Entrev.: Olha, quando eu, papai morreu e tudo mais. Aí o seu disse: Rosa, nós vamos perder nossa menina. Ele me chamava de menina. Nós vamos perder nossa menina. Por que? Porque o pai dela morreu, agora a madrinha e o padrinho dela vem atrás. E o Dr. Mario era irmão dele. Tio Mário, ele que me operou, de graça, tudo. Me chamava era minha sobrinha.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí quando ele soube que o papai tinha morrido, aí ele ficou lá a todo mundo perguntando pra saber aonde era que eu morava pra vir me buscar.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, foi, meu irmão disse assim, nem vá que ela não vai, não. O meu pai já deu ela a essa família e ela tá criando os neto tudinho. Quando eu cheguei lá o Renam tinha cinco mesinhos de nascido. Ele tinha dois filhos casados e a menininha. Quando a tia do Renam não ia. Esse Renam, que eu botava ele no meu bracinho. Não queria saber de ninguém, começou assim.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Esse Renam.

Pesq.: Ele gostava muito de você e você ficou pra cuidar dele.

Entrev.: Era, porque (incompreensível) aí o menino quando me conheceu não queria mais ninguém.

Pesq.: Oh, coisa boa!

Entrev.: E aí, quando no fim de semana, na Senador Pompeu, não deu nem um mês, lá vem o menino de volta. Adoeceu. Aí o médico disse: Ah, esse menino, esse menino tá sentindo falta da mãe dele. Aí disse: A mãe dele é essa daqui. E ela disse: mãe dele é ela que tá criando, ele não quer saber de mim, não. Pois era só o menino chegar lá ele ficava bom. De bronquite e de tudo. O médico disse que era a falta de mim.

Pesq.: Nossa.

Entrev.: Pois bem, o Dr. Barreto, é que tá pagando, lá na D. Manoel, aquele negócio dos idosos, sabe, ele paga, negócio com SUS, essas coisas.. que faz consulta...

Pesq.: Hum, o plano de saúde, é? você tem plano de saúde?

Entrev.: Plano de saúde. Lá na D. Manoel, ele tá pagando, quando eu vou lá, ele faz consulta, ele faz exame, faz tudo preparado, mas quando é coisa que lá eles não tem condições de fazer ele vai, bota pro hospital, pra casa de saúde. Não tem INPS, essas coisas, eles não atende, não é tudo é pago. Até a secretária do menino que eu criei ele já botou pra mim. Ela é secretária dele, trabalha lá, mas quando eu vou, minha acompanhante é ela. A gosto, ninguém faz nada mesmo. Às vezes, a gente almoça até na rua. A esposa dele, a Germana, quem fez esse casamento fui eu. A mãe dele foi bater no Japão, conhecer o papa, quando ela voltou ele já tava de anel de compromisso no dedo. Digo, bota. Ora a casa cheia de mulher velha, mulher com crianças de cinco anos, seis anos. O menino, bem novinho, nem vinte anos não tinha, elas queriam chamegar com ele. Eu disse: Não, meu filho, vai casar é virgem, negócio de chamegar com mulher velha, não. Pois bem, e apareceu essa menina. E essa menina. O avô dele era irmão da avó dessa menina. A mãe dela era prima legítima da mãe do Nelson, porque que não saia esse casamento? Eu fiz esse casamento.

Pesq.: Risos...

Pesq.: Aí, você fez como padre esse casamento?

Entrev.: Ajeitando tudo por tudo. Terezinha, vá se arrumar, que tu que vai levar os noivos, não é você que é a mãe? [...]

Pesq.: Me diga uma coisa, e para a senhora assim, o que é a velhice?

Entrev.: Velhice é tanta da coisa, já sofri tanta coisa. Que eu acho, quando o povo chegava lá, que eu não tava em casa, ficava tudo doido. Lá só tinha festa se eu tivesse lá. Então, quando eu sai de lá acabou-se. O pessoal chega lá, aí faz enchente lá aí pensa que era do tempo em que eu estava lá, que eu ajeitava tudo, né? Ajeitava criança, dava a merenda... Ajeitava os mais idosos, chamava pra um canto. Por causa dos mongangos, que era pra tia Lourdes dormir. Por que tinha um quarto que ela fez bem grande quando ela viajou para o Rio, eu era menina velha ainda, aí o quarto que era perto do quarto dela, aí tinha água, que ela mandou botar lá no quarto dela. Aí quando os meninos foram crescendo, o quartão grande, aí eu fui socando os meninos nesse quarto. Risos

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Quando eles tava tudo pra dormir aí eu ia dormir num “cerquinho” que tinha na cozinha, que botava minhas coisas lá nessa cozinha. Agora o guarda-roupa tinha as gavetas, dum lado era as gavetas, que eu botava as roupinhas deles, que nesse tempo só tinha três, netinho, os pai viajava e não levava eles pra lá. Mas, quando enchia de gente, minha filha. Aí, disse: quer saber de uma coisa, tá se enchendo de menino. Os meninos crescendo, o Renam já, já crescendo, menino de onze anos, outro de dez, outro de doze. E assim, foram os mais velhos, os filhos de uma égua que ia ca.. crescendo, não sabe.

Pesq.: Eles eram filhos de uma irmã sua?

Entrev.: Não, irmã minha, não. Eu que acabei de criar com essa família Arruda.

Pesq.: Ah, sim, tá! Entendi.

Entrev.: Aí nós estudava no colégio militar, aí era esse Joaquim, fazendo curso pra, como é pra fazer estibular.

Pesq.: Vestibular?

Entrev.: Sim, o Joaquim que era o caçula dela. Naquele tempo... dezoito anos, o caçula, aliás. Aí o Assis deixava ele no colégio militar e pegava deixando lá arrodando a igreja (...) pra deixar lá na frente, não tem? Nesse tempo era canal 2. Nesse tempo, não tinha canal 10, não.

Pesq.: Sim.

Entrev.: Nesse tempo era canal 2, exatamente. Pois nós ficava ali bem em frente. De frente a gente via o canal tudinho, os alunos. Os homens era pra lá, num, prédio, quarto mais pra, apartamento pra lá e o nosso do outro lado.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Ficava ... umas escadonas que eram uma monstra. Nesse tempo eu era nova e danada, né?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Eu era danada assim, eu corria, quando pensava que eu tava lá em baixo, oh, eu já tava lá em cima. Eu sobia num instantinho. Aí quando nós vinha, nós descia essa é que era bom, nós pixi, descia de carreira. Aí fazia kalunga, kalunguinha, e fazia barquinho e jogava pra nós. Assim como um pavilhão, não sabe? Não tem, esse pavilhão aqui?

Pesq.: Mas os homens eram separados das mulheres, era?

Entrev.: Era, as classes dos meninos era pro outro lado, lá em cima. E o nosso ficava pro outro canto. E tinha um coisa assim coma diretora que a gente via a diretora aí nós passávamos assim: vuum, e via a diretora. Passava pela janela da diretora, caía lá na nossa. Caía mais era na minha, eu pegava e quando eu via que caía na minha eu pegava e empurrava pra ninguém ver. Aí botava, eu nunca peguei uma cola, porque se fosse pegar a irmã ia pensar que era eu.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: A irmã lá era perigosa.

E você não queria entrar nessa confusão.

Entrev.: Queria nada, deixava pra elas. Elas ficavam: Me dá, me dá. Eu dizia olha aí, pode pegar, jogaram pra cá e caiu em cima porque caiu.

Pesq.: Quer dizer que você estudou num colégio de freiras?

Entrev.: Foi, de freiras e de padre. O padre Landinho, o Padre Amará, tão bom. O padre Júlio, tão bom pra mim. Ele me botava pra aprender a marcar, bordar essas coisas.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Eu quando fui assistir o casamento da mãe desse menino, que ele ia casar. Ela disse assim: Você não diga a ninguém, não. Você vai pro meu casamento e eu não vou levar ela, não que são muitos, e eu vou levar você, porque você já tem outra ideia. Ela que queria tomar eu do papai, eu da minha tia, queria tomar eu da minha tia.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Quando papai... pensava que não, chamava o papai. Aí minha tia... O papai achou bom, porque minha tia ia pra São Paulo, aí não me levava. Que ela ia e não me levava, chega lá a minha madrinha tava me esperando, minha madrinha deu... doidinha, porque queria que eu fosse. Quando a tia dela viajasse aí eu ia, que era tia dela também, né?

Pesq.: Uhum. Sim.

Entrev.: Aí, sabe de uma coisa, aí eu fui crescendo, tudo o mais. Mas eu era tão danada, que os cara, eu ia pro Coração de Jesus, pra missa, aí, as bicha velhas cheia de garotas, as bichas já maduras, dizia: Vamos com a Sinhá, que ela dá sorte, com ela sempre nós arranja namorado. É assim de... nesse tempo a gente chamava aqueles pão grande de pão semolina, pão semolina, não sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Dizia assim: Oh, pãozão. Aí os caras olharam, três. Quer provar do pão? Aqui tem três pão e é mais de semolina. Quer provar?

Hum...

Entrev.: E era quatro, comigo. Aí quando eu vi essa arrumação, meti o pé e elas embebidas com eles, né andando eu escapulindo delas. E quando eu dei fé, o cara, um deles pegou deu um “arrudeio”, mulher foi pra frente, que quando eu fui chegando ele já tava lá.

Pesq.: Pra lhe conquistar, né?

Entrev.: Pra me conquistar, exatamente. Ele: Porque você não olha pra mim? Não, as piadas quem disse foi ela, eles tão lá com elas. Ele disse: Eu gostei foi de você. E olha pra mim. O que você que eu olhe pra você? Ele: Ave Maria, você me enfeitiçou. Você me enfeitiçou, pelo amor de Deus.

Pesq.: Risos.

Entrev.: Disse que meu olhar tinha enfeitiçado ele.

Pesq.: Olha!

Entrev.: - Pelo amor de Deus, olha de novo pra mim. Nesse tempo tinha uma máquina de tirar retrato aí ele queria tirar um de mim, aí eu corri e fui embora.

Pesq.: Aceitou, não, né?

Entrev.: Aí fui me embora pra missa. Mas pra onde eu olhava ele vinha me encontrar.

Pesq.: Mas você namorou esse rapaz?

Entrev.: Não quis de jeito nenhum, não.

Pesq.: Não quis, não? E a felicidade, pra você o que que é a felicidade? Você se sente feliz, você gosta daqui?

Entrev.: Faz eu chorar, era um casarão bem grande, muita gente, quando eu vim pra cá eu não gostava, não.

Pesq.: Então, você veio pra cá, quando você adoeceu, né?

Entrev.: Foi. porque os filhos tudo já se casaram, seu Barreto já morreu.

Agradecimentos.

## Entrevista 02 – D. Eline

Pesq.: Ah coisa boa, que maravilha deixa eu gravar o rostinho dela.

Pesq.: Aqui, deixa eu tirar os óculos, né? Dá aquele sorriso para mim. Agora eu vou lhe fazer umas perguntas e eu queria que a senhora ...pode falar a vontade o que eu tiver perguntando, mas também o que a senhora quiser dizer.

Entrev.: D. Eline.: Tá legal.

Pesq.: Olha como ela tá numa linguagem toda.

Entrev.: risos

Pesq.: Dona Eline, a primeira coisa que eu vou lhe perguntar é seu nome completo.

Entrev.: Nome suprimido.

Pesq.: A data de seu nascimento:

Entrev.: 10.12.

Pesq.: a idosa aponta para um banner coma foto tirada em seu último aniversário.

Pesq.: de 1900?

Entrev.: e vinte e dois.

Está com quantos anos?

Aponta para o nó do pescoço e para o nariz e responde, rindo:

Entrev.: noventa.

Pesq.: risos

Entrev.: Basta dizer isso aqui.

Pesq.: Já dá para entender, né D. Eline.

Entrev.: Se o outro souber, né?

Pesq.: é se não souber dessa história não vai saber.

Entrev.: Quer ver aí...

Peq.: A senhora nasceu aonde D. Eline?

Entrev.: Ah, no Jaburu. Sítio...

Pesq.: Aqui mesmo no Ceará, né?

Entrev.: É ... lá em pé de serra.

Pesq.: Ah...

Entrev.: Perto de São Benedito.

Pesq.: Hum... certo.

Entrev.: É de lá, município, é interior de S. Banedito.

Pesq.: Me diga uma coisa, e seu estado civil?

Entrev.: Casada.

Pesq.: casada e viúva, né?

Entrev.: casada e viúva.

Pesq.: Quais são os parentes que a senhora possui?

Entrev.: Os parentes que eu ?

Pesq.: possui...

Entrev.: vixe...

Pesq.: vou ficar mais perto da senhora para senhora me escutar direitinho.

Entrev.: São tantos...

Pesq.: Pode se deitar D. Eline, para não cansar o braço.

Entrev.: vou começar por um parente muito legal que também foi e é e já foi entregue a Deus, a alma...

Pesq.: hum, quê não vive mais, né?

Entrev.: Deus o tenha na salvação...

Pesq.: hum... certo.

Entrev.: Na glória.

Entrev.: Francisco Filizola, foi prefeito e deputado.

Pesq.: E ele era o que seu?

Entrev.: primo.

Pesq.: Primo?

Entrev.: primo legítimo, a mãe dele era minha prima, irmã do meu pai...

Pesq.: certo, e só tem esse parente, não tem mais outros, não?

Ora, Júlio Filizola. São os Filizola.

Pesq.: Certo...

Entrev.: Que o pai deles era italiano.

Pesq.: Hum, certo, era italiano.

E além desses parentes, quais mais?

Entrev.: D. Eline.: não tem fim, não.

Pesq.: Tem fim, não, tem filhos. A senhora tem filhos ...

Entrev.: D. Eline.: Ah, era os primeiros...

Pesq.: Pois é, era os primeiros que era para a senhora dizer (risos)

Entrev.: D. Eline.: A idosa sorri, como se tendo se divertido com a lembrança fora da ordem.

Entrev.: D. Eline.: Tem folha para trás?

Pesq.: É...

Entrev.: sete filhos...

Pesq.: Quantos homens e quantas mulheres?

A idosa demora um pouco para responder...

Entrev.: Ah, três mulheres.

Pesq.: três mulheres, né?

Entrev.: três mulheres, e três mari... e três genros e os homens, três são quatro homens, três casados e divorciados.

Pesq.: três casados e divorciados, né?

Entrev.: hum, hum. E um solteirão.

Pesq.: solteirão convicto?

Entrev.: é o primeiro e é solteirão.

Pesq.: E as filhas?

Entrev.: São três, todas três bem casadas.

P.:E além dessas filhas a senhora tem sobrinhos, tem netos?

Entrev.: tem muitos, sobrinhos, eu tenho é muitos...

Pesq.: E elas vem lhe visitar aqui, né?

Entrev.: As filhas vem... toda semana.

Pesq.: E outra pergunta, quando foi que a senhora veio para cá e quando, a senhora lembra quando foi?

Entrev.: ihh...

Pesq.: Pode se encostar, para a senhora não cansar...

Entrev.: Eu vim, primeiramente, eu vim...em oitenta (...) e ... e nove. Mil novecentos e oitenta e oito. Acho que foi...

Pesq.: hum...

Entrev.: Dá quantos anos de oitenta e oito para cá?

Comecei a fazer os cálculos e perguntei se está com vinte anos que ela está na casa e ela responde:

Entrev.: Não, é noventa...

Pesq.: 1990, que a senhora veio?

Entrev.: Não, Noventa e oito.

P: noventa e oito, né? Ah, então, em 2008 fez dez anos, para 2010, dois anos, doze, 2012, quatorze anos, 2013, 15 anos que a senhora está aqui.

Entrev.: é, que quase o tempo que meu marido morreu também...

Pesq.: Depois que ele faleceu aí a senhora veio para cá, foi?

Entrev.: Antes dele...

Pesq.: Antes dele falecer?

Entrev.: é porque eu precise vim mesmo fazer tratamento e também não quis ficar nas casas... não tinha cômodo, né?

Pesq.: Hum... e ele tava doente, o seu esposo?

Entrev.: Ora, vivia só do coisa para casa. Dos hospital. Eu também vivi, mas vivia melhor...daí para cá também só vivia... também porque cá muito, né?

Pesq.: Hum, de saúde, que a senhora diz? Ou caiu levando queda mesmo?

Entrev.: Levando queda.

Pesq.: Hum, levava muitas quedas aí...

Entrev.: Ora, eu adoeci de osteoporose, não sabia, não, né era lá no interior.

Pesq.: sim...

Entrev.: São Benedito, em no interior. Mas, não, não, não no interior que não era o Jaburu.

Pesq.: Sim, em outro interior, né?

Entrev.: É, que no interior onde eu nasci... no Jaburu, era Caetano, assim perto de Sobral, era Pacujá, Pacujá.

Pesq.: Pacujá era o nome do interior, né?

Pesq.: Aí, quer dizer que a senhora adoeceu...

Entrev.: Não, eu era moça...

Pesq.: No Pacujá, a senhora ainda era moça?  
 Entrev.: e boa, gorda e bonita. Foi lá que eu fui miss.  
 Pesq.: Foi lá que a senhora foi Miss Pacuju, miss Pacujá.  
 Pesq.: Que coisa chique D. Eline. (risos)  
 Entrev.: é muita coisa, bote lá.  
 Pesq.: tudo aqui, eu tô gravando.  
 Entrev.: E o bando de sobrinho. E os netos, vamos primeiro é nos netos.  
 Pesq.: Quantos netos?  
 Entrev.: Doze.  
 Pesq.: Doze netos, ah que bom...  
 Entrev.: e um... um bisneto.  
 Pesq.: E a senhora já tem bisneto? Ah que bom.  
 Entrev.: só um...  
 Pesq.: só um, né?  
 Entrev.: Risos.  
 Pesq.: Mas também, porque o bisneto é mais difícil, né? Você tem que esperar o neto ficar adulto, para ter o filho para fazer o bisnetinho, né?  
 Entrev.: Pois é. E já tem tempo ...já tem tempo de ter muito mesmo...  
 Pesq.: já tem tempo, né?  
 Entrev.: é porque hoje em dia não tá, o povo não tão tendo assim, né?  
 Pesq.: O povo não tem filho assim tanto, né.  
 Entrev.: porque se não já tinha bem uns trinta...  
 Pesq.: Mais assim, a senhora lembra que a senhora veio para cá foi depois que o seu esposo falece... faleceu, não depois que ele adoeceu...  
 Entrev.: antes.  
 Pesq.: Antes dele adoecer?  
 Entrev.: Eu adoec... Foi assim, ele veio antes de mim...  
 Pesq.: Uhum...  
 Entrev.: e eu fiquei ... doente, também, mas...  
 Pesq.: Ele veio se tratar aqui, foi?  
 Entrev.: Ele veio se tratar porque já tinha sido despachado de lá dos hospital de Sobral.  
 Pesq.: Sim.  
 Entrev.: E é (...) bom, e quando eu adoeci, mesmo lá... enquanto ele tava pra cá se tratando adoeci de hérnia, né?  
 Pesq.: Uhummm...  
 Entrev.: interna. Aí, foi o jeito também vim pra cá...quando ele acab... tinha acabado de chegar lá  
 Pesq.: Sim...  
 Entrev.: despachado dos médicos, desenganado...aí eu fiquei, fiquei aqui...vim nesse ano... com pouca (...) com pouca foi que ele m. assim.. morreu...e vei ...foi sepultado aqui no cemitério jardim metropolitano. Bom e quando ele morreu também eu tinha acab... tinha chegad o há pouc...primeiro , porque ele tinha se tratad.. tava se tratando aqui...e não teve jeito e voltou para lá, né?  
 Uhummm...  
 Entrev.: E enquanto ele voltou, enquanto ele voltou...  
 Pesq.: Ele voltou para lá e a senhora veio para cá, né?  
 Entrev.: Sim, me deu a hérnia. E lá não foi dado...  
 Pesq.: Uhummm... não resolvia, né...  
 Entrev.: Não, o médico não soube nem o que era...  
 Pesq.: uhum...  
 Entrev.: e nem deu muita atenção. E é primo meu...  
 Pesq.: uhum... risos...  
 Entrev.: Não, mas ele tava fazendo plantão, tava de plantão.  
 Pesq.: Sei...  
 Entrev.: Então, aí a menina que tava comigo muito inteligente, muito boa

Pesq.: hum...

Entrev.: Só, eu pensei que ela não sabia nem telefone aqui dos meninos, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Ela foi e telefonou... (...) interessante mesmo. Quando dei fé chega essa meninada, lá.

Pesq.: Uhum...

Pesq.: Para pegar a senhora para trazer, para ficar aqui...

Entrev.: Pra trazer...Eu tava lá, já no hospital e vomitando de um jeito que fazia pena.

Pesq.: E era por causa da hérnia interna, era?

Entrev.: Era...

Pesq.: E ninguém sabia, não?

Entrev.: Não, vomitava de toda cor...às vezes eu pensei, pensava que era até sangue.

Pesq.: hum.

Entrev.: era preto, era vermelho... (risos). Graças a Deus, Graças a Deus que fiquei boa. Aí, quando os meninos depressa foram e prepararam logo o hospital aqui, para quando eu chegar ir direto, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: quando cheguei direto vim com enfermeira, né? No osoro e me botaram logo pra dentro, pra, pra cama, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí o Dr. Examinou, conheceu o que que era, né?

Pesq.: Já tinha mais conhecimento, né?

Entrev.: cuidou logo na operação.

Pesq.: e fez a cirurgia, né?

Entrev.: Foi, rapidinho.

P. Hum...

Entrev.: ele operou bem aqui (mostrando a barriga).

Entrev.: então...

Pesq.: Depois que a senhora ficou boa, né... fez a cirurgia, e ficou boa, né?

Entrev.: é fiquei...tratando-se. E ele que já, e ele que já tava lá, morreu, né.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Morreu em Sobral, que tava lá... que tava também era em Sobral não era em S. Benedito.

Pesq.: Uhum..

Entrev.: Era em Sobral.

Pesq.: Uhum..

Entrev.: Em Sobral, mas morreu e de lá veio.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: aí o Zé Francisco, nós mandamos coisar o sepulcro. O que era? É desses de gavetinha.

Pesq.: uhummm

Entrev.: ai foi fácil, ele foi muito feliz que tudo difícil virou fácil

Pesq.: uhum...

Entrev.: E quando ele chegou lá morto... eu tava com poucas dias, nem podia ir...

Pesq.: De cirurgia, né?

Entrev.: mas fui... (silencia)

Pesq.: Certo...

Entrev.: E lá, eu assisti o enterro dele.

Pesq.: Uhum..

Entrev.: E voltei e fiquei aqui...

Pesq.: aí já veio para cá, né?

Entrev.: Aí, eu vim (...) pra cá, mas ainda não fiquei, eu fui, né?

Pesq.: Foi pra casa das filhas?

Entrev.: minha.

Pesq.: Ah, pra sua casa no interior.

Entrev.: No São Benedito, não espera ainda...

Pesq.: Ah, não veio pra qui pro convento, ainda, né?

Entrev.: não voltei pra cá logo, não, né?

Pesq.: Ah...tá certo...

Entrev.: ah, e eu voltei pra cá mesmo e daqui que eu fui pra São Benedito...ah, porque precisava mesmo ir, ele tinha morrido e tudo...E... para voltar.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Voltar para ficar ou nas meninas ou aqui...eu, aí ... eu ainda não tinha ...como é que é, mas meu Deus eu ainda não tinha, essa história não tá...

Pesq.: Não tá bem organizadinha, não...

Entrev.: tá, não, ... porque depois que ele morreu...eu fui o enterro dele...eu fui (...) e de lá eu voltei pra cá... aí é que eu tô assim.

Pesq.: uhum, mas eu lembro... Um dia, a senhora me contou que morava perto das suas filhas, só que passou uma estrada lá e passava muito carro e a senhora achava ruim para atravessar essa estrada pra ir, a senhora, lembra? A idosa faz sinal com a cabeça de que não se lembra. Lembra disso, não, esqueceu?

Pesq.: A senhora chegou a ...

Entrev.: aí, que ... de certo foi no Aprazível.

Pesq.: Com certeza, oh, se lembrou...

Entrev.: é que no Aprazível ...em Sobral pra S. Benedito é umas dez léguas, né. Uns trinta e oito quilômetros.

Entrev.: é aí ... eu... quando ele morreu a Fátima ainda tava em Ubajara, né, também.

Hum...

Entrev.: Em Ubajara, não em Tianguá.

Pesq.: Sua filha, é?

Entrev.: Hã, outra filha, era professora ela. Ah... Sim, o marido tinha sido transferido, né... porque ele veio também porque os meninos já vieram também pra estudar, né?

Entrev.: é...Ela veio...

Pesq.: Aí trouxe a senhora também pra cá...

Entrev.: Não, eu já tava...

Pesq.: A senhora já tava aqui?

Entrev.: Tava...

Pesq.: Mas tava aqui no convento ou tava em outra casa?

Entrev.: Eu tava...eu tava aqui, tava aqui... bem, eu vou acho que vou deixar por aqui...porque tá...

Pesq.: Porque não tá se lembrando de nada, né?

Entrev.: Não, to me lembrando, mas é assim meio vascilado...né?

Pesq.: Eu sei, não mas tudo bem, fique à vontade...agora eu não quero saber mais assim das histórias assim do passado...

Entrev.: é isso aí que eu quero ficar mesmo, não sabe?

Pesq.: risos...

Entrev.: Não precisa disso, não, né?

Pesq.: Precisa, não...não precisa a senhora se preocupar com isso, não. Mas assim, a senhora se lembra se a senhora teve uma infância feliz?

Entrev.: Ah, tive muito feliz, muito, muito feliz,

Pesq.: A senhora lembra como era D. Eline?

Entrev.: foi boa, mas não... muito boa, muito boa... tudo me queriam bem; lá em casa todo mundo, a madri Fransquinha que até que quando eu cresc... ela casou-se né, e queria porque queria, pedir meu pai e minha mãe tudo, eu meu pai até liberou um pouco, mas a minha mãe, não. Ela disse, que era no Pacujá, né?

Pesq.: Hum...

Entrev.: Não era mais no Jaburu. Ela já vinha pro Pacujá uma cidadezinha.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: bem, aí meu pai deu a esperança...

Pesq.: Que era pra senhora ficar com ela, era?

Entrev.: Pra ir pra escola.

Hummm...

Entrev.: aí, ele concordou e minha mãe não queria concordar, aí, ainda não tinha essa precisão grande de ninguém estudar muito, né? Pra ninguém aprender, né?

Pesq.: Claro, né D. Eline, naquela época...

Entrev.: e ela não concordou muito porque mulher não precisava estudar muito, não...aprender muito ler não. Mas liberou, né?

Pesq.: Certo...

Entrev.: Ela ficou morta de alegre, né. E eu fui morar com ela

Pesq.: Era sua madrinha, né?

Entrev.: Era, chamava ela de madrinha não sei de quê, era irmã, né:

Humhum.

Entrev.: não sei se passamos fogo, o padrinho Luís muito bom, também. Cunhado. Maravilhosos, me tinham como filha, mesmo.

Pesq.: Olha que coisa boa.

Entrev.: E eles não tinham filho...

P. Uhum...

Pesq.: Então era forma de preencher não era, para eles porque eles não tinham filho e queriam que a senhora como filha deles...

Entrev.: É. ...Em Pacujá, foi onde eu me criei mesmo...

Pesq.: E o seu casamento, quando foi? A senhora lembra?

Entrev.: Aí fica muito comprido...E essa precisa botar aí, não precisa?

P.:É, não, não precisa, não.

Entrev.: Aí, pois fica pra uma outra vez.

Pesq.: Ei, e me diga qual a sua opinião, como é a velhice, o que que a senhora acha sobre a velhice?

Entrev.: Pois é, e a velhice, eu tô achando ótima.

Pesq.: Gosta da velhice?

Entrev.: Tô gostando...

Pesq.: Por que, D. Eline, porque tem essas conversas...

Entrev.: Não, porque eu to aqui, não, eu não podia tá era em casa, né?

P. Tá bem de saúde..

Pesq.: Uhum...Sozinha, né?

Pesq.: Não queria, né?

Entrev.: Não queria, porque num tem lugar nas casas é apartamento, você sabe como é, não é?

Pesq.: não tem espaço, né?

Entrev.: só tem pros donos, pros chefes, né? Tem um quarto. Eu não achei que dava e eu já tinha tado aqui...

Pesq.: e achou melhor aqui, não é?

Entrev.: E eu queria vim era pra cá mesmo.

Uhum...Tanto que tá esse tempo todinho e tá gostando, né. Aqui é bom, não é?

Pesq.: Eu gosto demais daqui. Eu gosto.

Pesq.: O que que a senhora mais gosta daqui?

Entrev.: Gosto de tudo...

Pesq.: Das conversas, gosta dessas reuniões como teve hoje, gosta?

Entrev.: Gosto. Tudo é a bem da gente, não é?

Pesq.: é, sim...para o bem, com certeza..

E assim, a senhora se acha feliz aqui, né?

Entrev.: Ora, fiquei até sem falar, né? Não tinha com quem conversar nem coisa nenhuma...

Acho que por isso que eu fiquei assim, falhando, não é? Esquecendo tudo, esquecendo dos assuntos, sabe?

Pesq.: Hum...entendo

Entrev.: Foi é.. muito... e vencendo, né? E as coisas passando, né? Os ruins iam ficando mesmo para trás e ia enfrentando, né. E porque vencia, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E achava bom e acho... Deus vem me ajudando e me abençoando muito...muito mesmo, graças a Deus, graças a Deus e agradeço mesmo.

Pesq.: Então, a senhora se acha feliz aqui, né?

Entrev.: Eu acho que Toda vida...

Pesq.: Toda vida a senhora foi feliz, né?

Pesq.: A felicidade sempre teve na sua vida, né?

Entrev.: Ora, me casei sem meu povo... sem essa madre fransquinha, que era commo mãe e sem o padrinho Luís, que me tinham como filha, não quiseram, ave Maria, essa eu sofri de eu ter desgostado eles...

Pesq.: Que eles não queriam o casamento, não é?

Entrev.: Não queriam, não?

Pesq.: Mas mesmo assim, a senhora casou...

Entrev.: Era um rapaz conhecido.

Pesq.: hum...

Entrev.: E muito amigo dos amigos, morava mesmo onde eu ...fui morar... fui lecionar, não é?

Pesq.: Ah, a senhora trabalhou como professora também?

Entrev.: Trabalhei...E esse rapaz que morava no Caetano, menino, nasceu lá, e o pai dele enviuvou e também foi pra Crateús, Novo Oriente, ainda no interior do Novo Oriente, era trabalhador.

Pesq.: Hum...

Entrev.: E o que o tio dele morava... o irmão também, só eram dois, morava lá e tava rico, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E ele convidou o pai do Chico, meu marido, para morar, para ir pra lá...

Uhum...

Entrev.: Lá ele foi e se deu bem também. É assim, né? Muito boa, a vida. As batalhas, muito boa...

Pesq.: (risos), ainda mais quando vence, né D. Eline?

Pesq.: Uhum... Como vocês que tiveram os filhos de vocês, né? Foram bem criados, são boas pessoas...

Entrev.: Graças a Deus.

Pesq.: Atenciosos com a senhora.

Entrev.: São bons. Graças a Deus.

Pesq.: Uhum... Sim, pois agora eu quero lhe agradecer pela Entrev.: : ista, viu?

Entrev.: Já terminou por aqui?

Pesq.: Sim, obrigado, viu D. Eline?

Risos...

24:53

Continuamos conversando, mas sobre um livro que a idosa quis me mostrar.

### Entrevista 03 – D. Cybele

Entrevistada - Entrev.:

Pesquisadora – Pesq.:

Pesq.: Sua data de nascimento:

Entrev.: 28.10.1928

Entrev.: Quantos anos eu tenho?

Pesq.: 84 anos.

Pesq.: A senhora é muito boa em matemática, né?

Entrev.: Fui.

Pesq.: Estado civil:

Entrev.: solteira

Pesq.: Quais são os parentes que a senhora possui? Irmãos, sobrinhos?

Entrev.: Dez irmão vivos?

Pesq.: E eles costumam visitar a senhora aqui?

Entrev.: Ave Maria tem um que vem toda sexta-feira, ele vem.

Pesq.: É?

Entrev.: Trazer coisa pra mim.

Pesq.: A senhora lembra com quanto tempo que a senhora tá aqui?

Entrev.: Sete meses.

Pesq.: Por que a senhora veio pra cá?

Entrev.: Porque eu tive um AVC.

Pesq.: Hum, a senhora morava com quem?

Entrev.: Morava com umas pessoas, foi na casa da minha irmã, graças a Deus. Eu digo graças a Deus porque se fosse dentro do ônibus ninguém sabia quem eu era.

Pesq.: Uhum. A senhor tava lá e de repente teve a crise.

Entrev.: Caí e não me levantei mais.

Pesq.: Sei, aí...

Entrev.: Sem sentir nada. Nunca senti nada, só na perna esquerda que eu não ando. precisa uma pessoa pra me acompanhar.

Pesq.: É, né? A senhora faz fisioterapia?

Entrev.: Faço.

Pesq.: Pra poder recuperar os movimentos, né?

Entrev.: É.

Pesq.: O meu pai teve também. Ele agora já tem 72, a senhora tem 84, só que o dele foi o lado direito que foi prejudicado.

Entrev.: O meu foi o lado esquerdo.

Entrev.: Ele ainda não se recuperou, não?

Pesq.: Recuperou. Ele fez a fisioterapia e hoje em dia só tem uma coisa que ele não consegue fazer com a mão direita: é a barba. Mas ele come, ele anda.

Entrev.: Eu com a mão esquerda também ainda não pude fazer, essa moça que tá aí fora faz em mim bem direitinho.

Entrev.: Ela faz as... (a acompanhante completa: a massagem, porque a idosa não consegue lembrar).

Pesq.: E também a bolinha é boa, eu comprei a bolinha pra meu pai ficar pegando.

Entrev.: Eu comprei duas bolinhas.

Pesq.: Então a senhora veio pra cá porque teve uma AVC. A senhora lembra quem foi que lhe trouxe pra cá?

Entrev.: Quem me trouxe foi minha irmã mais nova.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: A Leda.

Pesq.: Porque não dava pra senhora ficar lá porque tinha que ter uma pessoa pra lhe cuidar, né?

Entrev.: Eu tava na casa dela.

Pesq.: Eu queria lhe fazer só mais umas perguntinhas: O que a senhora entende pela velhice? Qual a sua opinião sobre a velhice?

Entrev.: Velhice é um tempo desgastante demais pra si.

Pesq.: É, né?

Pesq.: É bom ou é ruim?

Entrev.: É ruim.

Pesq.: E a felicidade?

Entrev.: Felicidade é boa.

Pesq.: É boa, né?

Entrev.: Felicidade é aberto, alegre, feliz.

Pesq.: E a senhora se sente solidão aqui? Se comunica direitinho com as outras?

Entrev.: Procuo me comunicar, eu que não gosto.

Pesq.: Mas, a senhora sente solidão?

Entrev.: Não, porque eu tenho televisão e rádio, ouço rádio e tele, vejo televisão.

Pesq.: Ainda tem uma acompanhante aqui né, que ajuda, dorme junto.

Entrev.: A cuidadora diz: eu fico só fim de semana. E a idosa informa:

A companheira foi embo... foi em casa fazer compra pra revender roupa.

Pesq.: Sei.

Entrev.: Ela vem segunda-feira de manhã.

Pesq.: Ahã, e ela só fica no final de semana, né?

Pesq.: Pois D. Cybele, eu lhe agradeço pela sua colaboração com a nossa pesquisa.

Entrev.: Ah, eu achei pouco pensei que fosse mais.

Pesq.: Não, mas é suficiente pra o que eu quero, né? Eu quero só saber a sua opinião mesmo e isso é importante, né?

Muito bom.

#### **Entrevista 04 – D. Bárbara**

Pesq.: Seu nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: Bárbara, a sua idade é 86 anos.

Entrev.: eu acho que é 86, sou de 1923.

É, 86, exatamente e a senhora é viúva, né?

Entrev.: Sou viúva.

Pesq.: Quais são os parentes que a senhora ainda possui, D. Bárbara?

Pesq.: É, os que vêm aqui? É seus parentes?

Entrev.: Só uma cunhada minha. É porque o marido dela já morreu, mas ela ficou vindo, né?

Uhum, vem lhe visitar.

Entrev.: Minhas amigas, é o minha a... hoje é que dia?

Pesq.: Hoje é terça.

Entrev.: Ah, ela vem, talvez venha sábado.

Pesq.: Sábado, né? é dia de sábado é que ela vem...

Sim, diga...

Pesq.: Aí no caso a senhora só tem esses parentes ou existem outros que não vêm aqui?

Entrev.: Tem, o quê?

Pesq.: Se a senhora tem outros parentes que não vem aqui?

Entrev.: Tenho conhecidos, minhas amigas.

Pesq.: As amigas, né, tem filho?

Pesq.: tem não, não tem filhos.

Pesq.: A senhora foi casada e não teve filhos...

Entrev.: Eu tinha uma garotinha e morreu. Eu, eu, eu criava ela aí ela morreu.

Pesq.: Morreu com quantos anos?

Entrev.: morreu com um ano e seis meses...

Pesq.: Foi?

Entrev.: Ela era bem sabidinha, ela. Deu aquela doença de criança não tem, teve um tempo aí, aí deu nela e não teve jeito.

Pesq.: Foi, né, D. Bárbara.

Entrev.: Morreu no hospital.

Pesq.: Certo, aí. D. Bárbara, quanto tempo está que a senhora está aqui na casa, aqui no convento?

Entrev.: Faz um... dois anos...

Pesq.: Dois anos, né. E como foi que a senhora veio para cá?

Entrev.: Foi uma colega minha que me trouxe para cá, porque eu não sabia, né.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aliás, ela nunca mais veio aqui, acho que ela tá viajando.

Pesq.: E a senhora morava onde antes de morar aqui?

Entrev.: ã?

Pesq.: Onde é que a senhora morava antes de morar aqui?

Entrev.: Eu morava na vila Manoel Satre, lá perto da igreja.

Pesq.: Morava sozinha ou morava acompanhada?

Entrev.: Morava sozinha. Aí me viram sozinha aí a moça me trouxe para cá.

Pesq.: Ah. Sim, aí no caso aí a senhora ficou viúva e ficou morando sozinha.

Entrev.: Foi, aí uma moça viu e disse olha Beló tu não pode ficar aqui sozinha, não. Tem, às vezes, de noite, tem ladrão, né.

Pesq.: É perigoso, né?

Entrev.: Aí, foi arranhou isso aqui pra mim já tá com dois que eu tô aqui.

Pesq.: Hum...

Entrev.: Acho que é dois anos.

Pesq.: É, né?

Entrev.: Aí, aqui é ótimo. Muito bom, aqui,

Pesq.: Você gosta daqui?

Entrev.: As funcionárias tudo são boas pra mim, graças a Deus. Elas gostam de mim, graças a Deus.

Pesq.: Tem muitas amigas?

Entrev.: Tem, elas vêm aqui de visita, né. Tem muitas visitas aqui. Nem que não seja amiga, mas vem.

Pesq.: Nem que não seja amiga de vez em quando vem alguém ver, não é?

Entrev.: É, vem ver os velhos.

Pesq.: Ah, que bom. Então, então a senhora gosta de morar aqui, não gosta?

Entrev.: Ah, eu gosto né, aqui é bom.

Pesq.: É, né?

Entrev.: As funcionárias tudo são boas, gostam de mim. Graças a Deus e Nossa Senhora gostam de mim.

Pesq.: Todo mundo fala bem da senhora aqui. Até a Leidiane já tinha falado pra eu falar com a senhora. E é um nome diferente, o seu, né, D. Bárbara.

Entrev.: é, aqui é bom demais...

Pesq.: Certo, e a senhora nasceu aonde, foi em Barbalha, né?

Entrev.: Foi, em Barbalha, mas eu arranhei um rapaz casei e aí vim pra cá?

Pesq.: Com quantos anos a senhora casou?

Entrev.: Eu casei com trinta e, trinta e quatro por aí, não com 25, casei com 25, me lembrei .

Pesq.: Foi?

Entrev.: Aí depois passamos um tempo eu arranhei esse rapaz

Pesq.: hum...

Entrev.: Aí casei, aí ele morreu, aí eu vim para cá.

Pesq.: Certo. Porque num podia ficar sozinha lá, né? Porque era muito perigoso, né?

Entrev.: Aí eu vim pra cá tá muito bom aqui graças a Deus.

Pesq.: Ah e em relação a sua casa o que, para a senhora, era melhor? Melhor aqui, né?

Entrev.: Num tinha companhia, né, lá não tinha, lá sozinha...Eu não tinha companhia.

Pesq.: D. Bárbara, mas se lá tivesse companhia a senhora preferia a sua casa?

Entrev.: Era, mas não tinha. E eu tinha medo de noite, né podia vir algum ladrão. Eu abri a porta pensando que era gente de casa, aí...

Pesq.: Eu sei, eu imagino...

Entrev.: Aí a moça arranhou isso aqui pra mim, que é ótimo graças a Deus..

Pesq.: graças a Deus, num é?

Entrev.: graças a Deus, me dei bem.

Pesq.: D. Bárbara, aí, agora as últimas perguntas, assim...se a senhora pudesse fazer um resumo da sua vida assim, era o que a senhora esperava como é que a senhora acha assim, como a senhora começou como foi o desenvolvimento, assim, da sua vida e como é que a senhora está agora?

Entrev.: Foi boa, eu comecei, eu trabalhava, aí depois que arranhei esse rapaz, casei, aí, saí do trabalho, né, aí fiquei viúva aí...vim pra aqui.

Pesq.: Certo...Mas e a ssim para a senhora o que tem sido a velhice?

Entrev.: Eu to bem, graças a Deus, num tem doenças... A doença que eu tenho é só gripe. Sei.

Pesq.: É mesmo, aí que bom, quer dizer que a senhora é saudável.

Entrev.: Ah, olhe eu tenho também doença nos ossos. O que é como é o nome? Por que às vezes eu fico com a pressão alta aí eu tomo remédio. Aí, eu tomo remédio, pros ossos e pra pressão.

Pesq.: Hum...Tem que segurar porque a pressão alta é muito perigoso dar derrame, né é um AVC...

Entrev.: Aí, eu tomo remédio, de manhã quando eu vou elas me dão remédio pra pressão aí eu passo o dia bem, graças a Deus.

Pesq.: Hum...

Entrev.: Aí eu to é gripada, fanhosa que só aí eu tenho que tomar um remédio... não sei que é, assim a cabeça né.

Pesq.: Mas assim, pelo menos a gripe é bom porque ela passa, né? com o tempo, né, uma semana uma semana e meia... você já tá melhor. Aí, a senhora tá é de parabéns porque é saudável, né.

Entrev.: É, graças a Deus.

Pesq.: Tem tantas pessoas que tão em leitos, doentes, né?

Pesq.: Sim, e a solidão a senhora se sente só aqui, como é?

Entrev.: Eu acho bom...

Pesq.: Não eu to pergunto assim sobre a solidão, assim a pessoa se sentir sozinha.

Entrev.: É muito ruim, dormir sozinha. Aqui a gente só tem a dormida só, né? Mas de dia a gente tem muita amiga a gente vai pra ali, a gente assiste televisão, para não assistir só aí eu vou ali pra sala (...) aí todo mundo assiste, aí eu vou s

Pesq.: A senhora prefere ficar mais com as colegas, com as amigas, né?

Entrev.: Porque a gente sozinha é muito ruim, né?

Entrev.: É. Só uma televisão ainda bem que eu tenho minha televisão aí eu boto fico até 9h, aí vou dormir, né?

Pesq.: Distrai, né?

Entrev.: É distrai quando eu tô sozinha. E às vezes eu tô aqui sozinha aí vou aí pra sala assistir televisão, com as outras, né? é bom, graças a Deus.

Pesq.: Mas, assim, quais são as coisas que a senhora mais tem percebido na sua velhice, assim que aconteceram, que não acontecia quando a senhora era jovem?

Entrev.: Eu passei muito, dancei muito e agora.

Pesq.: Passeou muito e agora? Certo, e agora?

Entrev.: Gostava muito de dançar.

Pesq.: E agora?

Entrev.: Agora num saio daqui de casa, só quando tem uma moça conhecida minha,

Pesq.: hum...

Entrev.: Que eu num ando sozinha, né?

Pesq.: Sim, por que é assim, perigoso, né?

Entrev.: Elas num deixa a gente andar só, não, né?

Pesq.: Não, e tá certo. É perigoso. Essa cidade tá muito perigosa.

Entrev.: Eu já tô com oitenta e poucos anos, eu, aí, eu sigo bem, mas elas num deixa a gente andar só, não por causa dessas coisas, dessa tonteira que eu tenho, né?

Pesq.: A senhora tem uma tontura? Tem?

Entrev.: Por causa da pressão alta.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aí, às vezes pode me dar tonteira na rua e eu cair, né?

Pesq.: É.

Entrev.: Aí, elas não deixam eu sair só.

Pesq.: E assim, aqui tem algum tipo de atividade física pra vocês fazerem?

Entrev.: Não trouxe, não trouxe mais nada, né?

Pesq.: Nem tipo esses exerciciozinho assim pros ossos, pro corpo né, aqui num tem, né?

Entrev.: Tem não. Sei que eu passo o dia por aqui... aí pronto. Eu trabalhei muito...

Pesq.: E tem médico aqui, D. Benoni?

Entrev.: Tem médico, tem médico por mês. Acho que é por mês que tem. O médico vem aqui, aliás eu acho que faz é dias que ele num vem, né? É parece que os projetos num foram aprovados, né?

Pesq.: E eles tão de férias, né?

Entrev.: É, num sei, mas quando tem médico elas levam a gente lá. Lá na sala, alí de lado sei nem pra qual lado é, sei que tem uma sala aí que ele fica. O médico, né?

Pesq.: Certo.

Entrev.: Aí eu sei que é isso. Aqui é bom, graças a Deus, é ótimo aqui, tem muita gente conhecida, né? Vem visita, pra cá, também, é bom, eu gosto daqui, gosto mesmo, os funcionários são tudo ótimo, muito boa.

Pesq.: Ai que bom, então a senhora se sente feliz aqui, né?

Entrev.: Eu sinto, graças a Deus.

Pesq.: É. Agradece a Deus por estar aqui né, num lugar bom.

Pesq.: Pois, D. Bárbara, eram essas as perguntas que eu tinha que fazer. A senhora tá participando de livre e espontânea vontade, tá me ajudando na minha pesquisa e a minha intenção é saber o quê que tá bom aqui e o quê que ainda não está. E que pode melhorar.

Entrev.: Mas, é bom, aqui é ótimo. Vai passando e cada vez melhor.

Pesq.: Eu lhe agradeço pela sua contribuição.

Entrev.: Seja feliz.

Pesq.: E se eu precisar vir aqui conversar com vocês de novo, eu posso vir?

Entrev.: Pode, pode vim.

Pesq.: Ah, tá bom brigada.

(tempo total: 11min e 41')

### Entrevista 05 – D. Viviana

Como esta mesma senhora já havia participado do projeto piloto (entrevista feita com quatro idosas), explico que é possível que algumas perguntas se repitam em relação à primeira entrevista

Pesq.: Podemos?

Entrev.: Podemos.

Pesq.: Seu nome completo:

Entrev.: nome sumprimido.

Pesq.: Idade:

Entrev.: 31.10.1934

Pesq.: Estado civil?

Entrev.: solteira, às vezes na brincadeira eu boto, por opção, porque foi.

Pesq.: Por convicção, né. Sou e continuaria.

Entrev.: Por opção.

Pesq.: Naturalidade:

Entrev.: Fortaleza- Ceará.

Pesq.: Quais são os parentes que você ainda possui, Viviana?

Entrev.: Quatro irmãos dos treze (..) restam cinco, eu a única mulher e quatro homens.

Pesq.: hum, e desses?

Entrev.: Funcionária pública federal aposentada.

Pesq.: Aí, assim com quanto tempo que você mora aqui no convento e como foi que você veio pra cá?

Entrev.: Vai fazer três anos agora em agosto. Eu vim pra cá, porque eu tinha meu apartamento tive uma trombose nas pernas, vendi meu apartamento, influenciada por outras pessoas, eu já velha se fosse jovem eu não tinha ido pela cabeça de ninguém, e entreguei o dinheiro a uma pessoa e fiquei sem o dinheiro, sem o apartamento, sem nada. (Causa da vinda para o convento – não foi por vontade própria e também sofreu violência, uma vez que se apoderaram de seus bens de forma indevida e não consentida)

Pesq.: Então, antes você vivia...

Entrev.: No meu apartamento próprio.

Pesq.: Sozinha, né? Não tinha companhia, né?

Entrev.: Durante um tempo eu tive. (...) Mas aí, eu (..) dispensei, mandei pra família dela. uhum...

Pesq.: Viviana, e assim, eu queria sua opinião a respeito de três temas que nós temos aqui: o primeiro é a velhice, o que, qual é a sua opinião, o que que significa a velhice? O que dizem e o que você acha, tá?

Entrev: Eu acho a velhice dolorosa, limi (...) muito limitada pra pessoa humana, é uma grande interrogação do amanhã. Sim. Porque você não sabe, né? Uma grande interrogação do amanhã. E não aceito essa história de dizer que é a terceira idade e melhor idade.

Pesq: Por quê?

Entrev: Porque isso é mentira. Porque a melhor idade era quando eu dançava, ia para campeonatos de basquete. Dançava quadrilha, duas três quadrilhas todo ano. Entende? Quando eu assumia a minha casa. Tomava conta da minha casa. Eu costurava, eu fazia (...) bolos e salgadinhos e docinhos pra fora. Entende?

Pesq: Habilidosa, né?

Entrev: Eu fazia decoração de natal pra fora. Entende? Então, hoje eu não faço nada disso. Não tenho aonde, nem ambiente pra fazer isso.

Pesq: Uhum, certo e no caso, a solidão, que você diz?

Entrev: Graças a Deus, Deus tem sido muito bom pra mim, porque apesar de tudo isso, eu nunca (.) porque pra mim, solidão não é um estado físico, é um sentimento, pra mim, é um sentimento, a solidão é um sentimento. Porque você pode estar cercada de gente e sentir solidão.

Pesq: Uhum...

Entrev: Eu morei só anos e nunca senti solidão.

Pesq: Sempre tinha companhia?

Entrev: Sempre, sempre chegava amigos e tal. Familiares e tudo. Então, solidão pra mim não é estar só, entende? Solidão pra mim é um sentimento como outro qualquer e eu nunca tive solidão.

Pesq: Graças a Deus, né?

Entrev: Graças a Deus.

Pesq: E a felicidade?

Entrev: A felicidade é aquela em que você aceita as circunstâncias, aceita aquilo que aparece, que você sabe contornar, que você pode contornar. E, pra mim, a felicidade tá muito apoiada em Deus e em Maria Santíssima.

Pesq: A fé, né?

Entrev: Na minha fé, na fé que eu tenho até hoje.

Pesq: Isso é pra todo mundo, né?

Entrev: Uma opção pessoal, porque eu cheguei a frequentar só não fui à magia negra, mas até macumba meia noite na praia, frequentei tudo que (...), espiritismo de mesa, tudo. Experimentei várias igrejas evangélicas, nenhuma me deu resposta. Aí, eu fiz dois cursos de parapsicologia, lá ela me deu resposta pra muita coisa do espiritismo, aí então eu achei pra mim, a verdadeira é a religião católica.

Pesq: Certo, você pode fazer um resumo da sua vida pra ficar pra contribuição?

Entrev: Eu nasci, tive uma infância muito boa, uma vida muito boa, meu pai já vai fazer, em outubro, trinta e nove anos que morreu. Eu tenho muita saudade dele, porque eu afinava muito com ele.

Pesq: Uhum...

Entrev: Até hoje eu vivo os ensinamentos dele. Então, ele nunca (...) quando eu ia fazer uma coisa que eu dizia a ele, ele disse: Faça tudo que for pela sua felicidade e conte comigo. Entende? E já minha mãe, apesar de ser uma mulher muito culta, muito bonita, muito bem casada com papai, tinha muita sabedoria de vida, ela já não pensava da mesma forma. Ela já achava que não tinha filha pra viver emancipada. E ele dizia o contrário: Faça tudo pela sua felicidade e conte comigo.

Pesq: E lembranças da sua infância, o que você pode, um caso, assim, que você possa contar pra gente?

Positiva ou negativa?

Pesq: Tanto faz, se você quiser contar um de um jeito e outro de outro.

Entrev: A negativa, foi no dia da minha primeira comunhão, que meu vestido era belíssimo, lindíssimo, o vestido, que eu fiz com outro irmão. Nós íamos ser damas de companhia no casamento de uma vizinha, nós íamos levar a aliança, as alianças, à tarde, ela mandou eu botar o vestido, o vestido muito rodado, e eu, correndo na rua, brincando com as amigas, eu pisei e

puxei uma parte do vestido, rasgou. Aí no dia da minha primeira comunhão ela me deu uma surra. E isso me marcou muito, com nove anos de idade. Certo?

Pesq: É uma lembrança triste, né?

Entrev: Ah? Uma lembrança negativa. Então...eu não rasguei porque eu quis, eu tava brincando, né?

Pesq: Um acidente, né?

Um acidente.

Entrev: E depois que eu me tornei independente, jovem, já me tornei independente. Meu pai era muito protetor, embora fosse considerado austero, severo e exigente. E era. Mas ele fazia isso para nos fazer felizes. Para nos educar, entende? Para educar os treze filhos que eles tiveram. Mas, ele era uma pessoa de muita sensibilidade, muita sensibilidade. Uma pessoa muito justa, me deu grandes lições de vida. Que até hoje eu vivo.

Pesq: Que ainda são usadas até hoje, né?

Entrev: Aí depois, na juventude, na adolescência, eram festas nos clubes, eram quadrilhas, era jogos de basquete, campeonatos estaduais ou interestaduais, que a gente ia. Cinema.

Pesq: Ele deixava participar, né?

Entrev: Deixava...Dia de domingo a gente ia de manhã cinema, como é, dançar num clube, lá na beira da praia, hoje não existe mais. Chegava em casa, trocava de roupa ia para o cinema. E o cinema emendava com outro clube.

Pesq: Nossa, que bom, né?

Entrev: Era, emendava com outro clube. Entende? Desde que a gente se comportasse direito, ele não barrava nada nosso.

Pesq.: Mas, todas as irmãs, como era?

Entrev: Lá irmãos, irmãs, amigos.

Pesq.: Todos juntos, né?

Entrev: Era. em frente a nossa casa quando era adolescente tinha uma família que o papai confiava muito, e a mamãe, quando não ia gente nossa, ele consentia que a gente fosse com elas e vice-versa. Quando nós íamos com os irmãos e elas não tinham com quem ir, os pais delas concordava que fosse com a gente.

Pesq.: Era uma família já de confiança e do ciclo de amizade de vocês.

Entrev: Por sinal, o pai dessa família, ele como vereador, colocou o nome do papai numa rua.

Pesq: Então era uma família amiga, né.

Entrev: E até hoje eu tenho contato com eles. Com uma delas, porque as outras faleceram.

Pesq: E (...) nessa terceira idade, que você não concorda, assim, as suas lembranças. A velhice?

Entrev: A velhice, ela é muito limitada.

Pesq: As lembranças?

Entrev: As lembranças, eu to na velhice ainda.

Pesq: Ainda, né? Mas ainda se lembra, né. Na verdade, a gente vai entrando devagarinho e num vai percebendo, né? Não, quando eu fiz quarenta anos, eu (..) num sei se foi um instinto. Num sei se vai se realizar ou não, quando eu fiz quarenta anos, eu digo: eu cheguei no topo da montanha, agora eu vou descer o outro lado e ver como é. E com muito sacrifício, o outro lado tem sido muito difícil descer, por causa da velhice, porque a velhice deixa a pessoa muito limitada.

Pesq: Mas, você tá bem, né?

Entrev: Eu me esforço muito. Eu gosto muito de ler, de música.

Pesq: Por isso que você tá tão bem assim.

Assistir filmes. De conversar...De conversar.

Pesq.: De contar histórias. Sabia, que contar história é uma coisa boa.

Entrev: Que tipo de história?

Pesq.: História de vida. O quanto que eu já aprendi com suas histórias de vida.

Pesq: Mas eu também tive a minha parte negativa.

Pesq: Claro, todo mundo já teve. Agradecimentos.

Encerramento da entrevista

## Entrevista 06 – D. Vera

Pesq.: Seu nome completo:

Pesq.: nome suprimido.

Entrev.: Não, esse é lá de Quixadá, mas tem muito Holanda aqui. Um dia desse uma criatura foi escrever e botou com O. Aí eu disse que era com H.

Pesq.: Tem um Holanda lá no Piauí, que trabalha no ramo imobiliário. A data de seu nascimento?

Entrev.: É 4 de agosto de 1923.

Pesq.: 4 de agosto...

Entrev.: vou fazer 90 anos agora.

Pesq.: Ê, e deve agradecer a Deus, porque ainda está desse jeito, né? (A senhora está costurando umas peças de roupa).

Entrev.: É, desde que eu me passei pra velha, passei pros 80, ave maria, que a minha vida só são maravilhas. Adoro a minha vida. Tudo eu quero de bom pra mim, saúde, a paz, felicidade, alegria, prazer de viver.

Pesq.: Você tem, né?

Entrev.: Eu posso comer o feijão aí nessa mesa, se fosse só o feijão eu daria graças a Deus. Meu Deus por este feijão, muito obrigada, meu Deus. Eu sou muito sadia, graças a Deus, eu amasso meus seios, meus braços, respiro, minha barriga, tudo, tudo, não tenho nada. Nunca tive dor de cabeça, não sei o que é dor de cabeça. Agora depois de velha é que ... durmo de rede, me sento na rede, me levanto, oh meu Deus, eu sou muito agoniada. Me levanto, eu gostava muito da missa de manhãzinha, hoje eu pensando: o trator passou lá pra derrubar esse ... prédio aqui que é de louco.

Pesq.: Ahã.

Entrev.: Como é que chama... Mira Y Lopez. Aí, no que ele “coisou”, amassou o concreto, “assaranhou”, não sabe? E a gente pisa assim “falsificado”, e eu tenho medo de levar uma queda, né? Que eu gosto de andar só, mas eu não tenho medo.

Pesq.: Aí, a senhora não gosta mais de ir pra ali, por causa da...

Entrev.: É, nunca mais vou à missa. Porque quando a gente vem, muito bem. Mas daqui pra lá, aquele cimento

Pesq.: Tá meio quebrado, a calçada, né?

Entrev.: É, tá horroroso.

Pesq.: Verdade.

Pesq.: D. Vera, e seu estado civil?

Entrev.: Estado civil?

Pesq.: É viúva?

Entrev.: Sou viúva, graças a Deus.

Entrev.: Eu tava pensando na minha idade. Que morreu em 75, em 2013, tá com quantos anos? é 37 é?

Pesq.: Está com 38 anos.

Entrev.: É, fez 37 anos, ano passado.

Pesq.: A senhora tá com 38 anos de viúva, é?

Entrev.: Vou fazer em junho, no dia dois de junho. Eu me casei no dia 02 de junho de mil e novecentos e (...) quarenta e dois, né? E meu marido morreu no dia 2 de junho de 1975.

Pesq.: No dia do aniversário do casamento?

Entrev.: No dia do aniversário. Eu tava na São Raimundo, eu nem tinha prestado atenção. Eu tive no sábado aí o Dr. Valber disse: D. Vera, a senhora tem sepulcro. Aí eu disse: por que? Porque o seu Assis não vai de manhã, pelas três horas ele se apaga. Era coração o caso dele, né?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí ele conversou. Ele conversou tanto que a minha vizinha, o marido dela foi comigo e o outro vizinho também. Aí ele disse: Eu não disse que eu não vou pra minha casa com meus pés. De hoje, não passa.

Pesq.: Sei.

Entrev.: Morreu, conversando, sentado na cama. Conversando.

Pesq.: Em casa?

Entrev.: Lá, na São Raimundo. Eu digo, pois... Aí, eu tava, o meu cunhado morava na Aldeota. E me disse: Vera, eu não vou em casa, não. eu vou despachar os dois restaurantes. Aí vou cuidar do enterro do Assis.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Ele foi quem cuidou do enterro dele. Aí, quando ele saiu, eu digo: valha, que hoje tá fazendo é ano que nós casamos.

Pesq.: Oh.

Entrev.: Cheguei aqui no dia 11 de março de 1940.

Pesq.: Aqui em Fortaleza?

Entrev.: Em Fortaleza. Cheguei aqui no dia do aniversário do Mundó. Ele era motorista do Antonio Gentil, num sabe?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Dono dessa... (aponta para o prédio da reitoria).

Pesq.: Da Reitoria... das casas da Gentilândia todinha. Aí, chegou...

[...]

Pesq.: D. Vera e como foi que a senhora veio pra cá? Quando?

Entrev.: Aqui no convento, tá com dez anos. Fez no dia 16 de março, não 16, não. dia 08 de março, dia internacional da mulher.

Pesq.: Ah, a senhora lembra, viu!!

Entrev.: Lembro.

08.03.2003.

Entrev.: Graças a Deus, eu quero que chegue até os noventa ou passe. Minha irmã morreu com noventa e três.

Pesq.: Ahã.

Entrev.: E eu sou muito lúcida, graças a Deus.

Pesq.: A senhora sabe de tudo.

Entrev.: Olhe, eu to fazendo um vestido, to fazendo, não, tava feito. Quando eu estendi, que eu desmanchei ele, esse pano passava pra acolá.

Pesq.: uhum...

Agradecimentos pela colaboração.

## Entrevista 07 – D. Celina

Pesquisadora – Pesq.:

Entrevistada – Entrev.:

Pesq.: Seu nome completo:

Entrev.: Célia Maria Hiczschky Cavalcante - Celina

Pesq.: E que nome é esse? é de que origem? Meu deus, mas é difícil demais, até pra escrever.

Entrev.: É, eu quando eu comecei ler eu achava difícil demais.

Pesq.: Eu acredito.

Entrev.: Mas com a continuidade a gente vai aprendendo.

Pesq.: E a sua idade?

Entrev.: 14.12.1932.

Pesq.: Onde a senhora nasceu. D. Celina?

Entrev.: Aqui em Fortaleza.

Pesq.: E essa origem polonesa era de onde, do pai ou da mãe?

Entrev.: Da mãe.

Pesq.: Quais são os parentes que a senhora ainda possui?

Entrev.: Eu possuo primos, cunhadas e sobrinhos, só.

Pesq.: Só?

Entrev.: Aí, já morreu muita gente.

Pesq.: Já morreu, né, é da vida gente, né?

Entrev.: Faz uma falta. Olha quando a família é estruturada que um atinge o outro, isso é muito bonito. Isso é muito bom.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Por isso eu digo que eu sou feliz.

Pesq.: Porque teve...

Porque eu tenho família. Olha, todo dia meu pai e minha mãe iam visitar minha avó.

Pesq.: Uhum

Entrev.: Eu achava, aí é um exemplo, né?

Pesq.: É. E como foi que a senhora veio pra cá, a senhora lembra?

Entrev.: Ah, eu nasci aqui.

Pesq.: Não, pra essa casa aqui, pro convento.

Entrev.: Eu... já faz uns seis anos.

Pesq.: Faz seis anos, né? E porque que a senhora veio? A senhora morava sozinha? Como é?

Entrev.: Morava só. Porque, é como eu tô dizendo, eu tenho uma família que eu adoro minha família, mas o que acontecia era isso, vinham pra cá aí quando vinham... (A idosa adverte: Se eu falhar é porque eu fiquei com uma dificuldade em raciocínio, viu)?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Eu tinha uma filha, ainda tenho. Hoje ela tá moça.

Pesq.: Falo com a amiga que sempre acompanha a idosa que caso queira ajudar pode fazê-lo e a idosa confirma que sim.

Entrev.: Aí essa minha filha fez a faculdade, mas aí ela ficou com amizade inconveniente, sabe? Foi um sofrimento muito grande pra família porque ninguém tava acostumado a isso, aí pra mim num foi...

Pesq.: Eu sei, a senhora não se sentiu bem. Aí, ela teve problemas?

Entrev.: Teve, eu internava ela todos os meses.

A amiga explica:

Ela teve aqui nesse hospital (Myra Y Lopez- hospital de atenção à saúde mental). Basta dizer que ela teve em tudo, foi muito sofrimento. Ela era esquizofrênica. (a amiga diz).

Pesq.: Hum... Ela era nervosa, né?

Entrev.: Era desesperada. A gente espera sempre o melhor, né?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Principalmente eu que dei educação pra ela. Eu dei uma educação muito boa pra ela. E veio assim um rebu, menina, não queira saber, não.

Pesq.: Sim, então foi por isso que a senhora veio pra cá, né?

Entrev.: Foi, foi.

Pesq.: E a senhora gosta daqui da casa? Acha bom?

Entrev.: Gosto, ela vinha, às vezes, pra cá, nunca mais ela falou, não, mas às vezes eu me pergunto onde é que ela está, eu não sei, onde é que a minha filha está.

A amiga da entrevistada: Sua filha está no céu, tua filha já morreu, te convence disso. Eu não sou como muitas que nega, eu digo a verdade, ela não tá aqui, minha filha. Agora dessa parte aí eu quero acreditar, depois descredito, ela viu um dia, num sei como foi, ela apareceu. (descrença na morte da filha que vivia internada em clínica de saúde mental)

A amiga da entrevistada: Não, eu num vi nada.

Entrev.: Não você, não. Eu digo, ela dizia que aquilo ali era matéria. Até p... psicólogo também.. Isso aqui é matéria.

A amiga da entrevistada: A sobrinha dela levou ela no cemitério, mostrou onde ela estava enterrada pra ela ver.

Entrev.: Ah, por isso que ela disse que ali era matéria. O espírito já subiu. Mas você acredita, eu fico assim abismada, depois dessa parte aí eu ... como é?

Pesq.: Mas você gostava, né, mesmo com todo esse sofrimento.

Amiga da entrevistada: Lógico, é mãe, num é. Porque mãe num é a que pari, não, que as mães que parem estão matando os filhos.

Pesq.: Com quantos anos ela foi internada D. Celina, a senhora se lembra?

Era dezessete. E agora ela estaria com 26. (De acordo com o ano de nascimento a filha da idosa já estaria com 53 anos e não com 26, o que mostra que a idosa não tem uma noção muito clara da realidade, do tempo)

Entrev.: Dia 26 de maio, foi que nós começamos a interná-la. 26.05.1960 (Esta é a data de nascimento de sua filha e não de internação, mais um pequeno lapso de esquecimento, confusão com relação ao tempo). Lembrei. Um dia eu estava no ônibus e me lembrei daquele rosto. Eu vi e reconheci. Aí eu disse: minha filha você estudou na Escola Normal? Aí, ela me reconheceu. Ela me prometeu que vinha aqui e estou esperando. A minha vida, eu vou te dizer: foi ruim, mas foi muito boa. Porque eu tive parentes que supriram o meu sofrimento.

A amiga da entrevistada: Ela tem uma sobrinha, que aquilo é uma filha. Ainda ontem teve aqui.

Pesq.: Ah, a senhora ainda hoje tem o amparo?

Entrev.: Tenho, ela que foi ajeitar tudo da Prefeitura, que tava atrasado.

Pesq.: Então a sua vida, mesmo com todo esse sofrimento a senhora é feliz porque a sua família supriu?

Entrev.: Supriu, deu pra suprir.

Pesq.: E D. Celina, pra senhora o que é a velhice? O que a senhora acha da velhice?

Entrev.: A velhice, é... eu não vou dizer que seja a parte pior, enquanto você tiver a verdura (ela se autocorrigue: verdura, olha) e começa a rir de si mesma. Tire isso aí. A velhice é boa enquanto tiver saúde. Porque mais sofrimento é fazer minha família sofrer. Dar trabalho. Eu pensava que fosse pior. A minha filha era muito educada.

A cuidadora lhe pergunta: O que a senhora acha da D. Graça?

Entrev.: Ela é muito boa, é bom ter uma pessoa de confiança. Espero que continue assim.

Finalização da entrevista. A entrevistada pede para parar porque a mente lhe falha muito. E assim o fizemos.

Agradecimentos pela colaboração.

## Entrevista 08 – D. Edna

Pesq.: D. Dina, só pra conferir aqui ontem eu peguei os seus dados, anteontem.

Entrev.: nome suprimido

Pesq.: Aí, a senhora tem 81 anos, nasceu no dia 02.06.1931. correto? Desquitada, natural de São Luis do Maranhão. Tudo certinho, né? D

Pesq.: D. Dina eu gostaria de saber quais os parentes que a senhora ainda possui...

Entrev.: Ah minha filha, eu tenho tanto. Eu tenho uma irmã só. Eu só tenho uma irmã em São Luís. Agora sobrinho tá que... eu tenho tanto sobrinho...

Pesq.: É mesmo?

Entrev.: Minha família é muito grande, agora irmãos mesmo, nós éramos seis. Agora só tem uma irmã e eu.

Pesq.: É, mas ela mora aqui mesmo?

Entrev.: Não, mora em São Luis. Ela é mais velha do que eu um ano só.

Pesq.: Certo. E a senhora tem 81 anos me faça assim um resumo mais ou menos da sua vida.

Entrev.: Minha filha, minha vida era muito boa. Porque você quando tem pai, tem mãe a vida é uma coisa, você quando perde pai e perde mãe a coisa muda. (mostrando a importância da família pra um indivíduo, bem como de laços sociais) [...] Ééé... Sempre fui muito feliz graças a Deus. Me casei, casei com um cearense aí...

Pesq.: Ah, por isso que a senhora veio embora para cá...

Entrev.: É... mais aí depois nós nos separamos. Aí eu fui me embora para São Luís com minha filha.

Pesq.: Voltou pra São Luis?

Entrev.: Voltei pra S. Luís depois minha filha casou por lá. Ela foi estudando garota ainda, né... aí casou (pausa longa), aí eu disse minha filha (que eu gosto muito daqui de Fortaleza... e ela: eu não fico, então fala pro seu marido. Aí ele pediu a transferência dele... ele é médico, aí ele pediu a transferência dele... mas hoje em dia ele num clinica mais, ele tá na parte só burocrática.

Pesq.: sim, sim...

Entrev.: E a minha vida é essa... é neto, criei neto e o mais novo já casou... só tá com um o mais velho... e a vida é essa... (mostrando a questão da utilidade até de criar os filhos e depois, fazer o mesmo com os netos).

Pesq.: Uhum, aí como foi que a senhora veio para cá e quando? A senhora lembra? Assim a data que a senhora veio.

Entrev.: Olha, quando eu vim para cá... para cá (faz um sinal com o dedo indicador para o chão como se quisesse perguntar se eu tava perguntando sobre a casa, o convento, no caso). Eu tive aqui a primeira vez (pausa, buscando na memória) em 2001. 2002. Eu vim para cá, depois meu irmão adoeceu e eu voltei para São Luís. Né?

Pesq.: Ah, você morava com esse seu irmão?

Entrev.: Não. Ah o irmão adoeceu lá em São Luís. Ele era médico. Aí eu fui pra lá passar uns tempos, depois o meu irmão morreu... eu voltei pra aqui que eu já morava aqui num é?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Meu pai...eu quando eu me casei eu vim morar aqui, né aí...eu aí depois eu tive a minha filha, né. Fui ter lá aí depois...eu fui me embora pra Minas.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Minha filha tinha cinco meses. Quando ... aí meu pai teve um desastre. Ele ia todo final de dia ele foi no interior que ele ia comprar, pagar comprar babaçu, arroz... Ele tinha fábrica de arroz, de óleo. (a influência das circunstâncias da vida).

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Ai ele disse pro rapaz: Olha rapaz, moço, chauffeur. Você vá para casa hoje não vai trabalhar vai ficar em casa que amanhã de madrugada nós saímos que eu vou lá ... um negócio... Papai tá pensando que ele foi ficar em casa... O que que ele fez? Foi fazer uma mudança. Dormiu no vo... na ... aí ele voltou quando chegou ele foi, mas ele dormiu na direção e o jipe virou e o pai caiu numa vala machucou (aponta para o peito) Morreu na hora...

Pesq.: Meu Deus...

Entrev.: Aí eu morava em Minas, aí meu irmão naquela época não tinha, não tinha... é... avião diariamente como tem hoje... tinha os dias, né?

Pesq.: Uhum...

Aí quando, aí meu irmão tentou, né a falar, tentou ligar, e eu num sabia, né, foi pelo correio... consegui depois falar com ele... aí ele disse que o papai tinha morrido. Aí... ele chegou em casa e disse assim... Edna, olha teve um desastre com seu pai, vamos voltar aí eu tá certo, aí eu de Minas eu vim para o Rio, do Rio eu vim para cá e daqui eu aluguei um teco-teco fui de teco-teco para São Luís.

Pesq.: Oh minha gente...

Entrev.: Aí quando eu chego no aeroporto eu vejo meu irmão com um fumo aqui (apontando em seu corpo para a parte na qual as camisas masculinas têm seus bolsos). Eu gritava...disse que eu gritei ... que eu não me lembro, eu fiquei louca... eu era muito agarrada com ele. (A inconformação com a morte mesmo diante de sua certeza)

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Agora eu não querendo ir para casa para ver minha mãe...a situação dela... mas aí eu fui pra casa quando aí meu irmão não quis ficar morando, não quis ficar trabalhando, não, lá, que eu disse rapaz fica aqui trabalhando... aí ele não quis... Aí, minha mãe disse: minha filha, vá com ele... eu não vou lhe falar nada ... aí eu vim com ele... aí eu vim para casa dele né? A mãe dele era daquelas velha que mandava em todo mundo, né... Aí ela disse assim, minha filha Aldenor, sogra não manda, cunhado não manda...aí começou a debulhar tudo dela, quando ela calou...eu disse assim... a senhora sabe que foi só o que deu certo no meu casamento com seu filho, porque a senhora não me governa, seu marido não me governa, seu filho não me governa e ele que é meu marido, não me governa, não me manda, que eu não sou propriedade dele.

Pesq.: Fechou a boca?

Entrev.: É. Ela ó não (e fez um gesto como se juntando coisas na boca e fechando após isso). Ora. Ela ... ela ia tirar ele da minha mesa aí eu sai procurando casa, aí ... (uma pequena interrupção para que a colega de D. Edna sentasse ali perto) Aí minha filha eu saí procurando casa...aí coincidiu de ela morava no Padre Mororó. E no Teresa Cristina tava desocupando uma casa.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí eu fui lá... a moça disse assim... Está se mudando? Não estou saindo... Eu digo... quem é o dono dessa casa. Aí depois eu venho aqui com meu marido, aí Aldenor até se dava

com a moça. Aí ela disse ele foi logo ali dentro. E eu para minha casa. Morar com sogra... Não... apesar da minha s... eu tive uma cunhada que ela morou conosco mitos anos, tanto que as filhas ... meu irmão depois que era médico, se mudou papai criança faz muita zoada nenhuma foram com ele porque não quiseram ele... mas também tinha uma coisa na hora que queriam ir a gente levava...

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Na hora que... uma vez a aaaa... Rosana era pequena aí foram lá para... aí quiseram ir ... lá nós levamos. (risos) Aí ela pegou trepou na cadeira ligou pro armazém pra meu pai, - Vovô, (ela era pequena) ... manda me buscar que essa gente tão me maltratando... (risos)...

Pesq.: Oh...

Entrev.: Tão me maltratando ... Papai tirou meu irmão do esteio ... Vá pegar Rosana e traga ela para cá. Papai era louco por ela.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E era assim... E quando elas iam aí José dizia assim para ele, olha pro chauffeur: Quando elas quiserem ir para casa de papai você leva. Ah, minha filha ... um dia elas quiseram ir e foram buscar elas e não levou e quando chegou na casa dele uma saía a outra gritava e quando uma saía a outra entrava e quando uma entrava a outra entrava de novo e meu irmão tava em casa, mãe disse mas rapaz eu num já lhe disse que quando elas quiserem ir pra casa de papai, levar para lá. Porque elas assim foram criadas com a gente.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Sogra é bicho desgraçado. Tem sogra, não tem sogra muito boa. Por exemplo, minha mãe era uma sogra excelente. Esse meu irmão que era médico se formou... aí meu pai disse ... mas meu filho você ainda não tem nem assim uma coisa, você casou traga a moça para cá. Nasceu a primeira no Rio que ele foi fazer um curso, a outra nasceu lá foram para casa dos pais dele depois que o papai morreu. Aí meu irmão se de... voltou de novo para morar com a mamãe. E a vida era assim, quer dizer ... agora sogra querer me butar ... era besta! Comigo, não eu tratava bem, mas num é menina, você é besta, querer me governar...

Entrev.: E outra vez...

Quem o tal amigo dele liga... passa um telegrama pra meu pai, meu pai veio aqui, mas que que ele fez com a gente... alugou uma casa eu num tô sabendo eu morava no Edifício São Pedro... quando ele chegou rumbora, rumbora vamos menina... Rumbora para onde, rapaz???! O carro da mudança está aí eu digo... Mudança? Que mudança? Eu disse: olha aqui o telegrama do meu pai, eu vou pro aeroporto... peguei a bolsa dele do bolso tirei o dinheiro, disse: Mudança, pois você vá fazer a mudança, agora tem uma coisa, guarde tudo, arrume tudo, porque se eu chegar tiver err... eu quebro tudo quanto é louça (risos da colega que ouvia a entrevista ao lado). Eu quebro tudinho porque primeiro você é casado é comigo, não é com sua mãe. Como é que você não combina. Se ele dissesse não Edna , vamos ficar lá. Eu cedia. Agora querer me governar... Você é besta? (risos).

Entrev.: Aí outra vez...ele ... essa minha amiga chegou lá em casa disse: Edna , vamo lá na casa da Ana (eu conhecia a irmã dela) aniversário dela mas não vai ter nada, vamos lá...Eu digo, menina. Aldenor saiu ainda agora que ia para um jogo... era um domingo...

Pesq.: Uhummm.

Mas vamos passar lá, que ele deve tá lá na casa da mãe dele. Aí eu cheguei lá ele tava, tava ele, ela, uma amiga minha aí eu disse: Aldenor, eu vou lá na casa da irmã dela, o jogo termina seis horas, seis horas eu to vindo para casa. Aí, ela pulou lá: Ela não vai porque vai sair comigo. Eu digo: Como é? Seu filho, tu é que é filho dela, tu vai sair com ela, porque minha filha ela não me manda, não. Eu não sou filha dela e nem que eu fosse filha dela... se eu quisesse ir numa amiga eu ia. Era, minha filha.

Pesq.: Tinha que se impor, né?

Entrev.: Ela tirava ele da minha mesa, a gente almoçando. Ela tirava ele.

Entrev.: Ai deixa eu te contar a briga... aí um dia, quando ela chegava ele (faz um gesto como se quisesse dizer que ele saía correndo) ... Já passava do serviço para lá...Tá bem, quer passar, passa. Aí um dia eu peguei um lençol botei em cima da cama, peguei a roupa dele, botei tudinho, meti um coisa, mandei a empregada levar...Aí eu digo: Você entrega lá pro seu Aldenor. Ai não se esqueça de dizer para ele que não se esqueça de pedir o peito de quatro em

quatro horas...(Risos). Mas ela não disse. Aham. Quando lá vem ele...com as roupas com e... mulher tu é doida? Doida, porquê? Tu pega e manda minha roupa. Eu digo: não... você não passa direto, fique logo, lá.

Pesq.: A senhora fez isso?

Entrev.: Fiz, juro pela hóstia consagrada. Aí, eu digo: e você recebeu meu recado? E ele: Que recado?

Para você não esquecer de pedir o peito de quatro em quatro horas... (incompreensível) ... é muito grande. Você é besta de querer me governar.

Entrev.: Outra vez eu tinha uma dor ciática, né?

Pesq.: Hum..

Entrev.: Eu tava grávida aí eu esquentava água bem quente e botava compressa. Nesse dia, ele tava e eu esquentei a água, botei... E o que que ele faz? Eu vou no hospital. Rapaz, me espera que eu vou contigo. Quando saiu do hospital foi direto pra casa dela. Quando lá chega...ela que ele mandou me buscar, quase que eu não ia, mas enfim, para não dizer que eu que era a ruim, eu fui. No outro dia, o médico foi lá, quando o médico chegou lá e subiu, aí eu vinha para subir (ela se levanta e mostra situação imitando as ações que estava contando)

Entrev.: Aqui é a escada, ela pegou e botou a mão assim para eu não subir. E também não disse nada...Aí saí, quando o médico saiu eu não perguntei se ele tava doente, se ele ia morrer... também ele saiu aí eu subi, aí eu digo oh, Aldenor eu vou lá em casa. Mas mulher, tu não. Eu digo, rapaz eu to com a roupa do corpo. Eu ia saber que você não ia voltar para casa? Peguei o dinheiro da carteira dele, peguei um carro e oh! (fazendo um gesto que indicava que saiu). Tu voltaste? Foi eu. Foi, aí quando lá ele chegou...dez horas da noite. Ele: Mulher tu não voltou? Eu digo: não voltei e nem volto. Agora eu vou te dizer uma coisa, tu diz para tua mãe que ela me respeite, porque eu dou nela. Eu jogo ela da escada em baixo.

Pesq.: D. Edna e ele não se zangava com a senhora, não?

Entrev.: Se zangasse ele era besta?

Mas vem cá e eu não tinha minha razão?

Pesq.: Tem.

Entrev.: Então eu não era casada com ele. Mas ela, as nora tudo, ela dominava... mas não comigo.

Pesq.: Ela encontrou a tampinha dela.

Entrev.: E aí, esse meu amigo, era amigo dele, era sobrinho do meu compadre, passou um telegrama para meu pai. Meu pai chegou aqui dia quinze de novembro. Aí eu recebi esse telegrama e guardei, foi quando ele chegou rumbora, mulher. Sair de mudança. Conta de novo a história da chegada do pai no aeroporto.

Pesq.: E como em conclusão da história, diz:

Entrev.: Aí meu pai disse assim: Amanhã você venha me pegar, que eu quero ir lá na... casa. Quando chegou lá tava, primeiro a velha sentada, a cunhada, aí o papai começou a conversar aí disse: Minha filha, seu quarto tá como você deixou. E minha senhora, na minha terra não é mulher que puxa o cabresto do jumento, não. E minha filha, seu quarto tá como você deixou se você quiser voltar eu lhe levo....

Pesq.: Ele deu razão a você, né?

Entrev.: Lógico, eu tinha toda a razão.

Pesq.: Uhum...

Que história é essa? Casada de pouco, abestada, novinha demais.

Pesq.: A senhora casou com quantos anos?

Entrev.: Eu casei eu tinha uns vinte e poucos anos. Era uma menina, ainda. Mas aí, ele até que não era ruim para mim, não. Comigo, ele, é porque lá a mãe dele é que manobrava, mas comigo, não. Um dia eu disse para ele, olha... tu sabe porque que eu não soltei, por isso, por isso. Eu não sou tua rapariga, não. E tu não me encontraste no meio do caminho. E mais ele tinha umas brincadeiras besta, um dia ele disse para mim, e disse para meu cunhado eu tava me separando...que me encontrou nos americanos cantando ... na coisa eu era garota quando um americano passou em São Luis ... aí meu cunhado, eu fui lá, minha afilhada foi me buscar passei o dia lá e que eu tava lá... aí e ele disse assim: Edna , eu vou te perguntar uma coisa, tu me diz com toda sinc.. E eu: rapaz, se eu souber...eu digo.

Cunhado: Aldenor disse que tu disseste que lá em casa cada um era filho de um pai.

Entrev.: Eu disse, rapaz, primeiro eu não servi de colchão para tua mãe e coisa... eu não disse isso, o que eu disse foi porque ele disse nas brincadeiras idiotas dele que tinha me encontrado cantando nos coisões e eu disse que de fato, eu cantava e tua mãe fazia *streak tease* pros machos. Disse, juro pela hóstia consagrada.

Pesq.: (Risos) Ah, é uma figura essa D, Edna. Se eu soubesse tinha conversado com a senhora há mais tempo, divertido.

Entrev.: E ele me deu toda razão. Não, Edna, você tem toda razão, você é uma moça de família, todo mundo sabe quem é a sua família e ele vem dizer isso. Pois é por isso que eu disse ...

Pesq.: D. Edna e me diga assim, como foi que a senhora veio morar aqui. A senhora veio a primeira vez e a senhora não falou da segunda.

Não. Da segunda vez foi porque eu me... eu já tinha ido embora, né?

Pesq.: Pra lá para São Luís?!

Entrev.: Aí...é porque a minha filha casou aí depois eu disse: Olha minha filha, eu vou para Fortaleza. Aí eu vim embora. Mas, eu fui para minha casa, nessa época eu sei que... eu não lembro muito bem, não eu só sei que depois eu vim para cá. Mônica e o Geferson eu só sei que quando eu vim para cá os meninos já era tudo pequeno, eu fui pro meu apto, tudo... depois eu me separei aí eu voltei para São Luís.

Pesq.: Uhum. Ai a senhora veio para cá para não ficar sozinha no apto?

Não, porque minha sobrinha achou que eu não devia ficar só no apto, não. É perigoso. Não, porque eu não tenho medo, não de ficar só, não. Eu não tenho, não de ficar só, aí eu vim para cá.

Pesq.: Hum... Mas a senhora é independente? Ninguém cuida da senhora?

Entrev.: Não, minha filha eu faço tudo, eu lavo roupa, eu engomo eu passo pano molhado, depois eu vou te mostrar meu quarto. Depois eu vou te mostrar minha casa. Ontem à noite eu limpei tudo, passei pano molhado com desinfetante porque hoje nós íamos conversar. (risos de contentamento). Mas eu, não tem essa coisa, não, tem que fazer eu faço.

Pesq.: Você se sente bem, assim, saudável, né?

Entrev.: Graças a Deus. Dizem (em tom de desdém) que eu sou diabética. Mas agora eu tenho que fazer novos exames.

Pesq.: Faz alguma dieta?

Entrev.: Eu faço dieta, nada...Tem horas que eu como bolo, ah, besteira que tem de comer, mas eu tomo os remédios, né... agora, parei porque eu tenho que voltar o médico mandou fazer novos exames... Mas eu não tenho esse negócio, não. Tem que fazer eu faço. Eu varro, eu passo, eu lavo, eu faço tudo.

Pesq.: Me diga uma coisa, e assim, para a senhora qual é o sentido da velhice? O que é a velhice?

Entrev.: A velhice é a merda mais horrorosa do mundo. (Termina a frase sorrindo)

(risos)

Pesq.: E a senhora com essa alegria todinha, a senhora não gosta, não?

Entrev.: Minha filha, o que é melhor, uma velha de oitenta e um anos de que uma moça de dezesseis anos. Qual é a melhor?

Pesq.: A menina de dezesseis anos?

Entrev.: Ora!

Pesq.: Mas aí, a senhora já tem suas histórias... Já tem seus filhos, tem seus netos. Isso não é bom?

Entrev.: Eu só tenho uma filha.

Pesq.: Ah, tem uma filha.

Entrev.: Só tenho uma filha, uma filha e dois netos.

Pesq.: Dois netinhos...

Entrev.: Eu vou te dizer, eu brinco muito porque eu acho besteira... Eu não sou velha mesmo? A terceira idade... (com desdém do termo). Que terceira idade? A melhor idade. Que melhor idade, reumatismo, dor na perna, dor na cabeça. Que melhor idade, senhor? Melhor idade é a que a gente é nova... como você que ainda tá nova, quantos anos tu tem?

Pesq.: Eu tenho quarenta... Tô nova, não...

Entrev.: Ah, e meus quarenta. E tenho o dobro mais um de que tu.

Pesq.: Mas a senhora, tá bem, né?

Entrev.: Sabe o que é minha filha, eu não me entrego. (postura diante da velhice: forte, independente)

Pesq.: Mas, assim a senhora não gosta da velhice, a senhora acha ruim só por causa desses problemas de saúde?

Entrev.: Não, eu não acho ruim. Ruim é morrer.

Pesq.: A senhora que é viver, né?

Entrev.: Eu quero é viver ... eu quero e cento e tanto e lá vai pau.

Pesq.: Quem quiser que cuide, né?

Entrev.: Quem quiser passar na frente, a fila anda pode passa para morrer podem ir... Agora tem uma coisa, eu quero morr..., viver enquanto eu tiver com as minhas faculdades mentais direito, que eu possa não ficar dependendo, aleijada numa cama, que Deus que me defenda, fazendo minhas coisas, pra ficar doente como Toinha ali ... isso não é vida... (A vida com limitações físicas básicas como andar, tomar conta de si própria, para a idosa, não é uma vida). De lá, já é uma velhice ruim. É uma velhice ruim... ja é uma velhice ruim. Eu gosto muito de brincar, Minha sobrinha diz ah tia, a senhora... Eu digo, ah minha filha, eu pulo, eu danço eu brinco, eu insulto também. (risos)

Pesq.: E a senhora é feliz desse jeito...

Entrev.: Sou feliz graças a Deus.

Pesq.: E a senhora está feliz aqui, a senhora acha um lugar bom, né?

Entrev.: Agora, num vou dizer que seu eu tivesse na minha casa eu não estaria melhor.

Pesq.: Estaria...?

Entrev.: Sim...

Pesq.: Por que a senhora acha?

Entrev.: Porque eu estava no que era meu. Eu não faço tudo meu aqui? Eu não faria lá? Besteira, a gente não pode é se entregar. Se você se entregar... às vezes eu brigo com ela... eu digo – levanta esse astral.

A colega: Eu tomo é susto.

D. Edna : ah? Ela disse que toma é susto quando... Eu digo acorda.

Pesq.: senhora veio para cá para alegar a vida dela.

Entrev.: E ela, a minha.

Pesq.: Risos ...

Agradecimentos pela colaboração.

Entrev.: É só isso, é só uma colaboração. A minha linguagem é de doida. E ver a opinião a respeito da velhice. Não, eu acho, velhice com saúde, uma velhice como a Toinha, coitadinha não sabe nada, toma comida na mamadeira. Não gente, isso não é saúde, isso não é vida, eu não quero, eu tenho horror de morte, quem quiser vai passando...

Pesq.: pode passar... que você não quer, não. Essa vez aí você não quer, não.

Entrev.: Não, minha filha de jeito nenhum... é minha filha...

Pesq.: Tá muito certa. Porque Deus não deu a vida da gente foi para gente viver e não ficar querendo morrer.

Entrev.: Eu vejo gente dizer assim... ah tu não tem problema. Graças a Deus.Exatamente, porque Deus dá a gente de condição de ... – e qualquer coisa ele dá um jeito, se eu não posso dar ele vai ter que dá, o que não se pode é se entregar, eu digo para essa aí...ela se entrega muito. (postura diante da vida e dos problemas típicos da idade)

Pesq.: É, né? Pois fique do lado porque Deus lhe coloca como um anjo na vida dela.

Entrev.: Minha filha, eu só vivo aqui.

Pesq.: É, eu vejo sempre a senhora aqui e sempre tá preocupada com ela.

Entrev.: Às vezes ela me bota daqui para fora. Aí eu digo, pois vai te pra merda e eu vou me embora... (risos) daqui a pouco eu volto.

Pesq.: É muito amor, né? (risos).

Encerramento. Agradecimentos.

## Entrevista 09 – D. Olívia

Explicações sobre a entrevista, contextualização porque essa idosa já havia participado do projeto piloto.

Pesq.: Seu nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Entrev.: Eu sou de Sta Quitéria.

Pesq.: É aqui mesmo no Ceará?

Entrev.: É.

Pesq.: Qual a data de seu nascimento?

Entrev.: Eu sou do dia 19 de janeiro de 1940.

Pesq.: Estado civil:

Entrev.: como assim, se é daqui de Fortaleza?

Não, se você é solteira, viúva, separada, desquitada.

Entrev.: Ah, sou solteira.

Pesq.: Aí, D. Olívia, tem umas perguntas pra fazer, quais são os parentes que você possui? Assim, que você ainda tem, parentes vivos, né?

Entrev.: Bem, os parentes que eu ainda tenho, eu tenho umas prima, né que mora aqui no Siqueira, outras moram no Jatobá, mas já estão tudo assim se arrastando...

Pesq.: São idosas, é?

Entrev.: É, quem cuida delas é os filhos delas.

Pesq.: Uhum, e só primas?

Entrev.: Só primas.

Pesq.: Irmãos, não tem mais, não?

Entrev.: Irmão, eu tenho só dois irmãos, que ficou lá na casa, quando eu saí, que minha mãe morreu que eles ficaram lá. Tem a irmã, que já tá com oitenta e poucos anos e o irmão que já tá com setenta e poucos. Casado, separado da mulher, ficou lá...morando lá na casa e eu vim embora pra cá.

Pesq.: Uhum, já chega na próxima pergunta, e por meio de quem, quem foi que lhe indicou essa casa e como foi que você veio pra cá?

Entrev.: Eu vim pra cá por meio de uma senhora que conhece muito as irmãs aqui. Que consegui. É, ela morava lá pertinho, e ela quem recebia o dinheiro da minha mãe elevava minha mãe pro médico, muito amiga da mamãe, ela é, é...da comunhão, não sabe? como é?

Pesq.: Coroinha, legião de Maria,

Entrev.: Não, aquele pessoal que dá comunhão, mulher. Ah, ministra.

Pesq.: Ahã, ministra da eucaristia.

Entrev.: É, ministra da eucaristia. Só que ela dá a comunhão, né aqui, não é lá onde ela mora. Ela dá a comunhão na igreja de... do... de Nossa Sra. da Serra.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E ela morava lá perto e ela conhecia essas irmãs, sempre vinha fazer retiro aqui, aí ela disse que no dia que minha mãe fechasse os olhos ela ia arrumar pra mim aqui. E ela arrumou e eu vim pra cá e to aqui até hoje, né?

Pesq.: Uhum. Mas, assim, é, você morava com a sua mãe, então, né?

Entrev.: É morava com a minha mãe, meu irmão casado separado da mulher e a minha irmão, né? Lá na Leste/Oeste. Ela já era doente, né? E eu me aposentei e vim cuidar dela, eu vim embora pra cá e eles ficaram lá.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: No dia que a minha mãe fechou os olhos minha irmã me botou pra fora de casa, não quis que eu ficasse lá morando com ela. Nesse tempo, ela era mais nova, nesse tempo ela tinha sessenta e poucos anos. Já vai fazer seis anos, agora no dia 03 de julho, já vai fazer seis anos que minha mãe faleceu.

Pesq.: Ah, já tem seis anos, né?

Entrev.: É vai fazer seis anos no dia 3 de julho, não sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: No dia 3 de julho ela faleceu, no dia 4, ela se enterrou, e no dia 5 eu fui receber meu dinheiro, passei o dia 4, o dia 5, o dia 6, o dia 7 aí quando foi no dia 8 eu vim embora pra cá.

Ainda vai fazer seis anos, né?

Entrev.: Uhum...é porque só em julho, né, nós ainda estamos em abril. Ela morreu no dia... sei que fazia poucos dias aí eu vim pra cá. Ela morreu, ela faleceu no dia 6, deixa eu ver, ela morreu no dia 3 de julho, um dia de quarta-feira, às 5 horas da tarde. Eu estava com ela, minha irmã tinha saído e eu estava sozinha mais ela, cinco horas da tarde.

Pesq.: Moravam só vocês duas?

Entrev.: Era nós três, só que meu irmão morava no quintal, que minha mãe fez uma casinha pra ele no quintal, quando ele separou da mulher, minha mãe fez uma casinha, ele morava lá, mas ele não trabalhava, não só fazia, o trabalho dele era assim...biscate, era...

Pesq.: Bico, né?

Entrev.: É, aí, minha irmã mandava muito ele ia pro mercado, ia não sei pra onde, aí sempre eu ficava com a minha mãe, que a minha mãe tava deitada, né, prostrada? Aí quando foi um dia cinco horas, um dia de quarta-feira, cinco horas da tarde, dia 3 de julho, era cinco horas da tarde, de quarta-feira, minha mãe faleceu. Aí essa senhora num, é... tava em casa, né? Aí, eu imediatamente, não deixa eu ver ela tava em casa tava em casa, não parece que ela tava na igreja. Ai, imediatamente, eu não sei, eu não me lembro se ela tava em casa ou tava na igreja. Eu sei que eu corri nas vizinhas e disse: Olha, minha mãe faleceu, aí eu não vi mais nada, sabe? Quando minha mãe faleceu, eu não vi mais nada, aí, peguei a chorar. Aí peguei logo aquela, como é que se diz...os telefones pra telefonar pra todos os meus irmãos, minha sobrinha, meu irmão, que morava no Jereissate, os vizinhos. Aí, vieram os vizinhos, vieram tudo e fizeram, telefonaram pro pessoal e tomaram de conta dela. Aí meu destino era chorar.

Chorar... A minha irmã não tava em casa. Aí, ajeitaram ela lá, botaram ela na cama, arrumaram ela, ajeitaram. Aí chegou essa senhora ajeitou também. Aí telefonou pro meu irmão, pras minhas sobrinhas, pras minhas sobrinhas, não telefonou pra minhas primas. Aí, quando a minha irmã chegou... a minha irmã é dessas que ela não chora, sabe? Ela só reclama, só reclama, fala, briga, reclama, mas ela não fala de jeito nenhum. A mamãe disse que a pessoa que chora é bom, porque desabafa.

Pesq.: Desabafa, é.

Entrev.: Ela não chorava, ela só reclamando. Aí quando ela chegou a casa tava cheia de gente, aí chamou o pessoal, chamou meu irmão pra vir fazer o enterro. Para preparar o funeral dela, não sei o que devia assinar, né? Documento. Aí, aí pronto, aí eu não vi mais nada. Aí o pessoal tomaram de conta, essa senhora também. Aí quando foi no dia 4, ela morreu no dia 3, aí no dia 4 foi o enterro dela, dez horas da ... do dia.10 horas, foi o enterro dela. Foi lá no cemitério que chamam... como é que... Cemitério Parque da Saudade. Fica aqui pro lado do aero. Aqui... na BR.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Ai, eu fui, minha filha, não tava vendo mais nada, o pessoal me levaram, me deram calmante, mas eu chorava que disse era muito, só quem chorava era eu, os outros não choravam, não. Meu irmão mais velho foi quem fez o enterro, né. Aí, fizeram o enterro, levaram ela. Aí quando eu voltei eu vim nos braços do povo, chorava, desesperadamente, sem, sem consolo.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí o pessoal me davam calmante, me davam calmante, e eu não queria comer, não queria nada. Só queria chorar. Você sabe que mãe é única.

Pesq.: Claro.

Entrev.: Aí, a mulher foi e me deu um calmante pra eu tomar, mas mesmo assim, eu chorava muito.

Aí quando foi o enterro,ela se enterrou, foi minha prima, que mora lá no José Valter, foi minha prima, que mora lá no Siqueira. Vieram tudinho. Aí depois que ela se enterrou eu vim embora, né? Aí cheguei em casa, minha irmã, chorando(/) brigando, aí eu deitei na cama que ela tava aí foi desespero. Foi desespero, aí primeiro a mulher me levou pra casa dela, a vizinha me levou pra casa dela. Aí me deu lá um caldo, me chamou pra tomar um caldo que eu não tinha comido nada. Aí me deu um caldo, eu tomei, aí quando eu melhorei eu vim embora. Quando eu olhava

pra cama, Silvana, meu desespero era chorar. Foi onde que eu tomei conta dela, né, quando ela se prostrou?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Eu era chorando, chorando, e ela brigando. Ficou só eu e ela, né?

Uhum.

Entrev.: Aí ela brigando, aí quando foi cinco, no outro dia, às cinco horas da manhã. Eu não tomei café, nem nada, aí era dia cinco. Aí chegou essa senhora, aí disse assim: Quiqui, lave seu rosto e vamos embora receber seu dinheiro. Hoje é dia de você receber seu dinheiro, aí ela foi comigo. Eu recebia dinheiro aqui na Bezerra de Meneses.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Na Bezerra de Meneses, no Itaú. Aí ela veio comigo, recebeu meu dinheiro, entregou na minha mão e disse agora você arrume suas coisas... Era dia cinco, era um dia de sexta-feira. aí eu passei sábado, aí, eu lavei o rosto e tirei toda a roupa da cama, lavei tudo a roupa dela, os vestidos dela foi tudo pra(/). Eu dei tudo, sabe? Era tudo aberto aqui... ela tinha o útero pra fora, um útero deste tamanho. O médico disse que no dia que aquilo estourasse ela ia se embora. Porque minha mãe trabalhou muito, sabe? Minha mãe trabalhou muito e lutou muito na roça, e lavava roupa. E eu junto com ela, em casa de família. Ela fazia tudo, né? Aí quando o útero estourou ela morreu, mas morreu como um passarinho, sabe? Não dava trabalho. Minha mãe não dava trabalho nenhum, não, sabe? Ela não gritava, ela não reclamava da vida, sabe. Ela não reclamava nada. Minha mãe não reclamava de nada.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, um dia, conversando com ela, tava... comprei mamadeira, liquidificador, pra passar comida no liquidificador pra ela. Comprava, é, lençol. Ela tinha uma ferida, teve internada, eu fiquei com ela internada na Santa Casa, sem poder, que eu tinha uma enxaqueca desgramada, só faltava morrer de dor na cabeça, o vômito provocando, mas passava a noite todinha com ela, aí no outro dia eu pedi uma vizinha, oh toma conta da minha mãe, que ela era muito boa, que eu vou me embora dormir um pouco, tomar um comprimido pra ver ...eu não comia lá, eu nem comia aqui em casa e nem comia na Santa Casa, não sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque as comidas da Santa Casa era muito ruim, sem gosto. De hospital, né? Eu não tinha vontade de comer. E ela não comia mais nada, só tava só no soro. Aí ela pegou uma ferida aqui do lado, porque a minha cunhada foi ficar com ela, uma noite e não trocou ela, sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Não trocou ela e ela só ficava dum lado, tinha que se virar ela dum lado pro outro lado. Aí, minha cunhada não trocou ela e ela ficou com uma ferida dum lado. Aí quando eu fui, ela já tava com essa ferida. Aí, mulher, eu tinha que trocar ela, eu pedia a mulher pra trocar o soro. Lá tinha enfermeira, não é, pra fazer curativo. Lá na Sta. Casa. Aí quando eu cheguei em casa quem fazia tudo era eu, eu comprei septol, eu comprei gaze, comprei tudo que precisava pra ela.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque minha irmão recebia o dinheiro dela, mas não dava nem um tostão era só pra comprar feijão, comprar arroz, comprar não sei o quê, não queria nem comprar os remédios dela. Nem os remédios, ela não queria comprar. Aí eu me virava com meu dinheiro, com meu dinheiro eu comprava minhas coisinhas. Eu não to falando, não. Eu to dizendo, porque é uma entrevista, eu to falando. É a verdade. Comprava umas coisinhas pra ela, eu fazia, comprava é, verdura. Eu fazia a comidinha dela direitinho, passava no liquidificador, ela tomava, provocava, porque nunca tomou nada com líquido, né?

Pesq.: Sim.

Entrev.: Aí, ela precisava tomar soro, O soro caseiro eu dava, porque é muito ruim aquele soro caseiro. Aí eu dizia, não mais eu não posso. Aí, eu digo, meu Deus do céu, o que que eu vou fazer? Já tava perto do dia dela falecer. Aí, eu lutei fui pra aqui, pra acolá, fazia curativo nela. Aí, quando foi no dia que ela faleceu, aí. Eu digo: Eu não vou mais internar minha mãe, porque minha mãe só tinha o coró e o osso, chegava lá, enfiar aquela agulha aqui. Aonde, que não tinha mais nem lu... não tinha mais nada, né?

Pesq.: Uhum

Entrev.: Aí, a Edília disse assim: Você tá tomando conta muito bem da sua mãe, tudo limpinho, não sabe? Tudo lavadinho os lençóis, trazia tudo limpinho, aí eu trocava ela tudo direitinho. Lá na Sta. Casa, quem trocava a cama dela era eu, trocava pr'um lado, virava pra outro. Lavava os lençol, lavava tudo direitinho.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: O pessoal se admirava: Nossa, como você cuida bem de sua mãe. Melhor do que a outra, que a outra não tinha paciência.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, eu cuidei dela direitinho, porque era a mãe, eu queria ela muito bem. Aí quando foi no dia que Deus quis ela foi embora, né?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, eu fiquei, tirei no dia que ela... aí, lavei tudo, tirei as colchas de cama. Eu não tinha nojo da minha mãe, não, não sabe?

Pesq.: Claro.

Entrev.: Aí, lavei tudo as colchas de cama, lavei tudo, tirei ... deixei a cama lá, o colchão, os lençóis. Arrumei minha mala, aquelas coisas eu dei tudo, dei gaze, dei algodão, porque tinha uma mulher que tinha uma ferida na perna.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Minha vizinha, eu dei tudo pra essa vizinha. Aí a Maria de Lourdes deu as coisas tudinho, lá pra outro pessoal, lá pobrezinho. Mas quem me ajudou, quem me ajudou foi o Nonato Albuquerque. Nonato Albuquerque, que me ajudou a cuidar dela. Você conhece? O Nonato é aquele homem que trabalha no Barra Pesada.

Ah, sim, do Programa, né?

Entrev.: É, eu conheço o Nonato, a Socorro, irmã dele. Conheço a família dele todinha. Minha mãe trabalhou pra eles.

Pesq.: Uhum, sei.

Entrev.: Aquele repórter, ele foi quem me ajudou e a família dele, sabe? Me ajudou com a minha mãe. Aí, ele ajudava trazia tudo pra mim, trazia as coisas que eu precisava. Aí no dia que a minha mãe foi embora... Aí a Maria de Lourdes: Olha, quando for no dia 8, que era um dia de segunda-feira, ainda passei ... sexta e sábado, domingo, lá em casa, com a minha irmã aguentando aquela aquilo na cabeça... não dormi de noite, é aquele não sei o quê que tu não presta ela me chamava de rapariga, dizia que eu tinha ido pra São Paulo era pra ser sapatão. [...] Aí eu cheguei aqui desesperada, e a irmã arrumou esse quarto pra mim. Esse quarto aqui é muito grande, é arejado, não fica de muito encostado nas outras.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, quando eu cheguei aqui... era desesperada, chorando, sem consolo, aí mandaram chamar a Maria de Lourdes. Nesse tempo, a Alzira me deu um banho, me levou lá fora pra passear. Aí me pediu pra eu me acalmar, mas como eu podia me acalmar se não em davam calmante. Aí ela me deu um calmante. ...Aí um dia tinha uma mulher que morava aqui, mas ela trabalhava fora, aí ela me disse que ia me levar num psiquiatra, porque o povo aqui já tava me chamando de doida, que eu não devia estar aqui, devia estar era num asilo. Aí, ela foi e se interessou por mim, aí me levou na psiquiatra. Quando chegou lá ela ficou do lado de fora e eu fiquei dentro de um quarto com a psiquiatra. Aí ela perguntou desde a hora que eu nasci até a hora que eu cresci. Perguntou como era a minha vida, como era a convivência, como era a família, a união? se era unido. Se eu era casada, se eu tinha filho.

E eu contei tudo, eu disse que era uma pessoa muito doente, que com quatro anos eu não andava, a minha mãe era que cuidava de mim, que a minha família toda era pobre, meu pai bebia muito e batia muito em mim, batia na minha mãe. Aí, batia na minha mãe, quando ele bebia. Apesar dele ser muito bom pra gente, era muito bom, quando não bebia, trazia as coisas pra gente, que nós éramos tudo pequeno, ainda não era mocinha. Os mais velhos trabalhava fora, Nós éramos seis, seis filhos. Fora os que já morreram pra trás. Era quatro homens e duas mulheres.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, eram dois menores, pequenos e dois mais velhos trabalhavam fora. E eu era menor e trabalhava com a minha mãe. A minha irmã era mais velha. aí, Silvana contei tudo a ela que se

passava. Aí ela foi e disse: tá certo. Aí tudo o que dizia ela escrevia tudo. Aí eu disse pra ela que eu vim pra cá, pra uma casa de repouso, que meu irmão te me botando pra fora, que ele também bebia cachaça, agressivo, não queria que eu ficasse nenhum dos dois. Eu só queria que ficasse uma família unida, eu queria ajudar, mas eles queria cada um pro seu lado.

Aí ela chamou minha amiga e disse: Olhe, ela não é doida, ela tá com muita muita saudade da mãe dela, que ela cuidou da mãe dela, queria muito bem a ela, ela tá com sentimento da mãe dela. Eu vou passa uns comprimido pra ela tomar, ela vai dormir, e se acalmar. Aí ela passou uns comprimidos pra mim. E eu recebi lá. Nesse tempo o CAP's dava os comprimidos pra gente. Agora não dá mais. Eu peguei lá mesmo. Aí comecei a tomar os comprimidos de noite e comecei a dormir.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aí ela disse: Não fique no quarto, procure conversar com as pessoas, com as irmãs, com pessoas que tem cabeça, mas não fique no quarto trancada, isolada, porque é perigoso pegar uma depressão.

Agradecimentos.

### Entrevista 10 – D. Zélia

Entrevistada – Entrev.:

D. Zenite – D. Zélia

Pesquisadora – Pesq.:

Pesq.: Eu vou começar pegando o seu nome completo e a sua data de nascimento.

Pesq.: Nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: A data de seu nascimento:

Entrev.: Eu sou do dia 23 do 09 de 1937. Mas, só que eu sou de 36, mas tem que botar 37

Pesq.: Por causa dos documentos, né? Então, a senhora tem 70 e ...

Entrev.: Dos documentos. E cinco.

Pesq.: Agora eu queria saber, a senhora vai me dizer depois a senhora vai me dizer o nome do creme.

Entrev.: (risos da senhora)

Pesq.: E qual foi o lugar que a senhora nasceu.

Entrev.: É, Capistrano.

Pesq.: Capistrano, aqui mesmo é no Ceará? É, aqui mesmo não conhecia, já ouvi muito nome estranho, muito nome diferente, é Pacujá, mas esse Capistrano eu ainda não tinha ouvido, não.

Pesq.: E o estado civil?

Entrev.: É, solteira. ( dos seres que vão para abrigo, porque não tê que lhes abrigue na velhice)! (Dos motivos par se ter de ir a um abrigo)

Pesq.: A primeira pergunta que geralmente, eu faço é assim: Quantos parentes a senhora ainda possui? Pode ficar à vontade. Pra você falar um pouco deles.

Entrev.: Treze irmãos, sendo que era um casal de gêmeos. E outro que faleceu, inclusive lá em Teresina.

Pesq.: Certo, aí que você fizesse um resumo de quando você veio morar aqui, como foi...

Entrev.: Foi assim, eu morava com minha irmã, só nós duas num apartamento lá no Papicu.

Pesq.: Sim.

Entrev.: Então-se ela resolveu entregar o apartamento e veio morar com outra irmã aqui na Bela Vista, no apartamento dela, que é dela mesmo, não sabe?

Pesq.: Sei.

Entrev.: Aí era muito apertadinho, lá. Quando era de manhã, eu tenho dois sobrinhos adolescentes que é filho dessa minha sobrinha-irmã.

Pesq.: Sim.

Entrev.: Então, as coisas deles eram guardadas no nosso quarto, quando era de manhã, bem cedinho que eles iam pro colégio ... aí era aquela coisa, cuidado pra não acordar a tia.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí eles derrubavam uma coisa: Olha, eu não disse que ia acordar a tia. (risos da senhora). Era aquilo sabe, e aquilo me perturbava e eu ficava assim chateada, sabe? Eu: Oh, meu Deus tô...

Pesq.: Dando trabalho.

Entrev.: É, preocupando essa bichinha. Já vão pra aula assim, eu... ainda sou o pivô dessa discussão. Aí, eu digo: eu vou procurar um lugar pra mim. E lá também, eu só fazia dormir, comer e rezar. Era, sabe, aquela coisa assim. Vou procurar... Aí eu disse assim: eu vou procurar um lugar pra morar. Aí ela disse: Você é doida, deixa pra tu ir depois, quando tiver mais velha. Aí eu digo: mais velha, eu digo: mais velha, não eu quero ir agora porque eu já sou velha. E aí, eu quero fazer amizade. Porque se eu for pra lá muito idosa aí eu vou ficar lá, muito... (do porquê de ter ido procurar ainda jovem, um abrigo).

Pesq.: Solitária, é verdade.

Entrev.: Aí, elas não queriam. Fui lá no Torres de Melo, cheguei lá não gostei nem um pouco. Vixe, o negócio não é bem... é muito...

Pesq.: A Viviana, antes de vir pra cá, foi lá também e não gostou.

Entrev.: É muito homem e mulher. E é assim...

Pesq.: Tudo misturado.

Entrev.: É muito grande, lá, viu? Aí, a Assistente Social me deu o endereço daqui e da... lá da Medalha Milagrosa, que também é a mesma daqui.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aí, eu vim aqui, aí quando cheguei aqui conversei com a irmã. Aí a irmã: Minha filha não tem, não tem vaga. Eu digo: Oh, irmã na faça isso, não. Aí ela disse: mas eu não posso fazer nada, porque não tem. Aí, deixa que ela queria me botar num quarto de R\$ 800,00. Eu digo: Irmã, só se for pra entrar num dia e sair no outro, porque não pode ser.

Pesq.: Não tem condição, né.

Entrev.: Não tem condição. Queria que eu fosse rica. Eu digo: Mas, Irmã, eu não sou rica, eu não posso.

Pesq.: Eu não tenho herança.

Entrev.: Não tenho condição de ficar num quarto de R\$ 900,00 e nem de R\$ 800,00, não. (a questão financeira e de auferição de lucro)

Pesq.: Aqueles ali que são grandes, né?

Entrev.: É, aí ela, ela. Aí eu fiquei, fiquei só ali. Na outra semana, vinha de novo. Aí, ela dizia: Tem, não, minha filha. Não tem. Que eu fiz, essa irmãzinha aqui, o nome dela é Irmã Clemência de Oliveira, ela, ela ainda não é santa. Ela é só beata, né?

Pesq.: Beatificada, né?

Entrev.: Aí, eu fiz uma promessa com ela. Pois tu acredita, que foi assim, como uns anjinhos que Deus botou no meu caminho. Interessante.

Pesq.: Foi?

Entrev.: A minha irmã trabalhava num posto com a filha da Socorro, sabe quem é socorro, né?

Pesq.: Ahã, sim, a Assistente Social daqui, né?

Entrev.: Não, ela não é Assistente Social, não. Ela é, ela é, o quê que ela é, meu Deus do Céu. Ela toma conta, ela faz os projetos. Que trabalha ali na sala logo na entrada.

Pesq.: Eu sei qual é, é porque ela já me disse que era Assistente Social.

Ah, então ela é. Ela pode ser Assistente Social.

Pesq.: É, mas o cargo dela aqui é outro. Certo.

Entrev.: Minha irmã trabalhava com a filha dela no posto, que a filha dela era, era diretora... não é diretora da minha irmã, né?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: A chefe.

Pesq.: Sim.

Entrev.: Se aproxima dela, era amiga da minha irmã. Tu vai, tu pergunta a Cíntia se ela não conhece assim, uma casa de responsabilidade, que, que possa hospedar uma pessoa idosa. – “Mas, Didite”... ela só me chama de Didite. Mas, Didite, tu não tá vendo que a Cíntia não sabe disso, mulher? Eu não vou perguntar isso, não. – Não, minha filha, pergunte. Aí, ela: Pois eu vou perguntar. Chegou lá perguntou a Cíntia. A Cíntia, disse: minha filha, a mamãe cuida das

idosas de lá. Aí, eu: Meu Deus, como é que pode? Aí a Manoela entrou em contato com a Socorro e a filha dela também. Aí ficou. Quando eu vim, aí, a Irmã quase que não aceitava, mas aí aceitou.

Pesq.: Eu sei, mas porque, que ela queria que você ficasse do outro lado, era?

Entrev.: Ela queria que eu ficasse num quarto caro, porque dizia que eu era rica. Mas é, porque parece que o povo olha muito é pela aparência, né? (Isso mostra, de fato, o intuito do abrigo, que é o lucro e não o de ajudar as pessoas necessitadas).

Pesq.: É, aparência, é verdade.

Entrev.: Aí, eu não gosto de andar muito desleixada, sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Eu não ando... rica, não mas não gosto de andar ...

Pesq.: Muito desarrumada, né? Aí ela julgou, né.

Entrev.: Você tem condição. Aí, eu digo: Tenho, não Irmãzinha. Aí, até que consegui graças a Irmã Clemência, né, que botou parecia uns anjinhos no meu, né?

Pesq.: Ajudando, né?

Entrev.: Ajudando. Aí, ela aceitou, eu vim, só que quando eu cheguei aqui, a maior decepção, o meu quarto ia ser do lado do da Maria, o da esquina.

Pesq.: Hã.

Entrev.: Ela disse: só que esse quarto, a Maria, ela se levanta de noite, é sonâmbula, não sei o quê. Aí, não deu certo, aí me levaram pra aquele outro quarto. “Eu já tô aqui, Irmã. É o jeito eu ficar. Aí, pronto. Fiquei aqui e gosto até hoje.

Pesq.: No quartinho escuro, ali, né?

Entrev.: Era, era, mas aí, aqui morava uma grande amiga minha. Era a Maria da Dores. Maria dos Anjos.

Pesq.: Hum.

Entrev.: E aí, nós ficamos muito amigas. Ela tinha 90, noventa e três anos. Era bem velhinha, viu, mas eu era louca por ela.

Pesq.: Hã.

Entrev.: E nós ficamos conhecida e a gente era amiga. E um dia, ela mudou-se pra aquele quarto onde mora a Irismar, sabe?

Pesq.: Hum.

Entrev.: Mas, aí ela disse não quero voltar pro meu quartinho, porque, aí eu fiquei toda contente, né? Aí, eu disse: Vai desocupar meu quarto. Aí, ela disse: não, quero voltar pro meu quartinho. Aí a Irmã arrumou de novo, ela voltou pra cá. Aí, eu vinha aqui, conversava com ela e tudo, pois não deixe que a bichinha morreu? Aí, quando ela morreu, aí passou bem uns quinze dias aí eu falei com a Irmã Terezinha. Aí, pronto, vim pra esse quartinho e pronto.

Pesq.: Aí ficou tudo do jeito que você sonhava.

Entrev.: É, acho bom, bom mesmo. Aqui é, a minha vida é maravilha. Quê que eu quero mais, né? Já sou idosa, aí vou pra missa. Saio quando eu quero, vou pros aniversários. Minhas irmãs vem me buscar e vem me deixar. (diferentemente das idosas, que por limitações físicas e de condição de poder sair por não ter os ares indo buscá-las para sair e voltar, pelo contrário, elas foram postas ali, sem perspectiva de sair, de ter alguém que as venha ver, que as venha pegar para sair) É isso o que diferencia – a condição de estar abrigado em uma casa de repouso não significa o mesmo que ter sido deixada nesses lugares..

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí faço ginástica ali na no IFC, aí faço dança cênica. E faço amizade por lá, gosto de fazer amizade, pronto. (ainda tem condições de se deslocar sair e fazer amizades, diferentemente das outras idosas)

Pesq.: Quer dizer que, então, é como se você tivesse num apartamento sozinha, não é?

Entrev.: Tá tudo bem, chego aqui eu durmo a hora que eu quero.

Pesq.: Acorda a hora que quer, né?

Entrev.: A hora que eu quero tem meu almoço, meu jantar, minha merenda, né?

Pesq.: Tem amizade com as meninas.

Entrev.: Tenho amizade com as meninas todas, graças a Deus.

Pesq.: Olha, que bom...

Entrev.: O que mais que eu quero, né? Aí a minha vida toda... até quando ... eu tiver pra morrer aí elas vem me levam , faz o. E e é uma coisa que eu já disse pra minha irmã: Olhe, quando eu tiver doente, mesmo pra morrer não me bote em, em... como é aqueles negócios que liga em...

Pesq.: UTI?

Entrev.: Não.

Pesq.: Aparelho, né?

Entrev.: Não, autanásia (sic).

Pesq.: Ah, os aparelhos, né?

Entrev.: Não bote, que eu não quero, eu quero morrer do jeito que Deus quer que eu morra mesmo. Não, pelo amor de Deus.

Pesq.: Você não tem medo da morte, não?

Entrev.: Assim, o papa, o papa quando ele tava, quiseram levar ele. Ele disse: não, eu quero morrer aqui mesmo no meu cantinho. O João Paulo II, né.

Pesq.: E não, eu não sabia disso, é?

Entrev.: Pois, foi, já hoje o padre tava dizendo na televisão.

Pesq.: Ahã, ele dispensou os aparelhos, né?

Entrev.: Não quis: Não, deixe eu morrer aqui, eu quero morrer aqui mesmo. E morreu, o João Paulo. Aí digo: então, olha eu quero como João Paulo II, quero morrer no meu cantinho, não quero, negócio, não, mulher. A minha mãe, ela teve, eu que cuidei dela, do começo, mas eu sofri tanto, pegou uma escara muito grande, no hospital, aqui em cima da, da... Deus... cega, não falava, comia por uma sonda, eu que fazia aquela alimentação que botavam, meu Deus, mas eu sofri. Sofri muito. (primeiro cuida da mãe - assim ainda era útil, mas logo após a morte da mãe, não ter mais porque ficar nas casas dos outros dando trabalho conforme se corrobora em sua fala relatando o episódio de ter saído do apartamento da irmã, para não incomodar aos sobrinhos)

Pesq.: E viu o sofrimento dela.

Entrev.: E vi o sofrimento dela. Era, aí era que eu sofria mesmo, sabe?

Pesq.: Sei.

Entrev.: Mas, graças a Deus passou. Tudo passa, né? Só não passa a palavra de Deus.

Pesq.: Exatamente.

Entrev.: Mas, é assim, a minha vida.

Pesq.: E, e a sua opinião sobre a velhice, o que você acha a respeito da velhice?

Entrev.: Eu, eu ... eu tô indo muito bem com a minha velhice, graças a Deus. É uma das décadas melhor que eu já tive. Eu tô vivendo a década melhor da minha vida. Por que, porque, assim, agora que apareceu essa doencinha. (O lado negativo da velhice é a doença, porque traz limitações físicas, sociais e psicológico é então afetado, porque se vivencia a solidão em sua maior profundidade).

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Viu? Mas eu sei que eu vou tirar de grande. Vou ficar logo boa, boa. Eu tenho certeza.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque eu fiz exame de vista, não sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: E fui, eu ia pra um médico não dava certo. Aí fui pra um "iridólogo".

Pesq.: Hum.

Entrev.: Ele consulta pela íris do seu olho.

Pesq.: Nossa!

Entrev.: Pois, foi! recente, agora. E aí ele passou duas lavagens por dia.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Mulher, mas tua acredita que eu boto tanta coisa pra fora. É um aparelhinho, eu mesma faço as lavagens, sabe?

Pesq.:

Uhum, não precisa ir pra médico nem nada?

Entrev.: Não, eu mesmo faço. Ele me deu o aparelhinho. E ... mais sai aquelas bolinhas do ... ressecada, do intestino. Aí já tô melhorando. As bolinhas estão saindo bem pouquinhas e saindo já as fezes moles, sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Mas, eu tô com a esperança que vou ficar boa, sabe? E vou mesmo.

Pesq.: Vai, sim, com fé em Deus.

Entrev.: E, assim, fora esse problema aí, você não tem mais nenhum problema de saúde, né?

Entrev.: Não, porque, eu fui foi pela vista, não é?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque eu não bebo água.

Pesq.: Por quê?

Entrev.: Não sinto sede.

Pesq.: Vixe, mas não é bom, não.

Entrev.: Pois, não, aí foi a causa da minha doença. Que ele disse que o intestino tá preso assim, porque eu não tomo água.

Pesq.: Vixe.

Outra coisa, prejudica os rins.

Pesq.: Ah, com certeza.

Entrev.: Viu, aí ele disse: Olhe, quando você terminar. Deu um mês, sabe? Daqui a um mês eu vou ter que voltar lá. Você vai ver como tudo vai melhorar. E tá melhorando.

Pesq.: Olha, que coisa boa, né?

Entrev.: Tá melhorando. Tá melhorando tudo, não? Porque eu fui mais por causa da minha visão.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque essa vista aqui, eu sou doente desde adolescente.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Mas, quando eu ganhei um notebook, e quando eu ia pra aula, a vista atrapalhava a outra, sabe?

Pesq.: É quando uma tem o problema e a outra tem menos, não é?

Entrev.: Aí, eu saí. Agora eu tô aprendendo só. Mas, vou aprender se Deus quiser.

Pesq.: É, tem tempo pra, pra

Entrev.: Pra tudo, não é?

Pesq.: Pra treinar.

Entrev.: Eu vou devagarinho, eu sei que eu vou aprender. Eu já consegui até uma menina ali, a filha da Georgiana, que sabe muito bem, mas eles parecem que tem vergonha de vir. É um menininho.

Pesq.: Ah, deve ter vergonha, criança, geralmente, né?

Entrev.: Também, disse que vai pros estudos. Não, meu filho, não se atrapalhe, vá pra seu estudo.

Pesq.: Se eu tô aqui, porque eu não gosto de atrapalhar os outros, né D. Zenite?

Entrev.: Pois é, exatamente.

Entrev.: Aí, depois a filha se ofereceu, mas também parece que não quer vir, eu não sei como é, não. Uma hora vem, outra hora não vem e nunca vem, sabe?

Pesq.: Eu sei.

Entrev.: Aí tudo fica nessa espera. Eu só sei abrir, mas eu louca pra procurar o facebook, pra conversar com minha família. (Apesar de tudo de positivo, a senhora ainda necessita da atenção, convivência companhia de sua família, mesmo que seja só de forma virtual).

Pesq.: Ah, é. E é muito bom, mesmo.

Entrev.: Muito bom, né?

Pesq.: Mas, aqui tem internet?

Tem, tem, é com um modem. Só é ligar, funciona perfeitamente.

Pesq.: É rápida, a velocidade?

Entrev.: Num sei que, vou arranjar uma pessoa que me ensine ao menos fazer esse facebook. Já tá o facebook, mas eu não ... pejejo pra botar... hoje acertei uma vez, tu acredita?

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aí, da outra vez, pejejei, não consegui mais.

Pesq.: Mas, é muito simples, é só colocar o e-mail, colocar a senha...

Entrev.: Pois, é tu sabe, pois depois tu me ajuda.

Pesq.: Posso lhe ajudar, sim. Você tá me ajudando e eu vou lhe ajudar também. (Risos da idosa que fica feliz com possibilidade de realizar seu objetivo comunicativo)

Pesq.: Sim, aí sua opinião sobre a felicidade, o que que você acha? O que faz a felicidade.

Entrev.: Felicidade, acho que a felicidade... é a gente que faz, viu?

Pesq.: Você é um exemplo, né disso?

Entrev.: Não, eu acho que a felicidade você é quem faz a sua felicidade. Não depende de ninguém.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Né?

Pesq.: É você que...

Entrev.: Você, vem de você, você procura se animar, né? E animar os outros também e aí pronto, aquilo vai indo e você fica feliz. Que a felicidade é assim, não é, você vem, você tem que me fazer feliz. Que você tem que me fazer feliz?

Pesq.: Você é que tem que se...

Entrev.: Eu tenho que me fazer feliz, eu mesma. (Do sentimento de resignação para alcançar-se a felicidade).

Pesq.: Aí depois é que parte pra fora, né?

Entrev.: Uhum.

Pesq.: Pros outros, né?

Entrev.: Uhum, é pros outros. Aí, os outros, aí e vem aquela alegria uma com a outra aí você sente aquele...Eu acho que, assim, ninguém vai me fazer feliz, não. Eu que tenho que procurar a felicidade. E procurando, ela vem, com certeza.

Pesq.: E você sente aqui, isso?

Pesq.: Ah, com certeza, quem procura acha, né, a felicidade. Tá na bíblia, né? Buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á!

Entrev.: É, verdade.

Pesq.: As portas de Deus, elas nunca se fecham, né?

Entrev.: E assim, em relação à solidão aqui, você se sente só aqui? Ou você acha é bom essa?

Entrev.: Eu acho bom, acho bom, sabe porque, porque eu gosto de ler. Tem um bocado de livrinhos aqui pra eu ler, sabe? Eu gosto de autoajuda. De Coisa de autoajuda, sabe. E, eu gosto de coisa assim nova, não sabe? Eu tô procurando, arranjei um livro pra mim ler, que dizem que é muito legal, é O Segredo.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Só que eu ainda não li, não. Já leu O Segredo?

Pesq.: Não, não.

Entrev.: Diz que é, é... bota você pra frente mesmo, não sabe?

Pesq.: Ah, certo.

Entrev.: Eu digo: É desse que eu gosto. Negócio de tristeza, eu não gosto, mulher. Eu gosto de ficar só não é pra ficar solitária, é pra arrumar minhas coisas, é pra ajeitar, não sabe? (De precisar de tempo para si próprio, algo de que as pessoas que não se dedicam a autoconhecer-se não atentaram ainda e talvez até tenham medo de se procurar, do que vão encontrar)

Pesq.: É pra você ter tempo pra você.

Entrev.: É, pra mim, mas que, ave Maria, tristeza é muito ruim. Solidão é muito ruim, né?

Pesq.: Mas, me diga, eu vou lhe fazer uma pergunta meio particular...Você é aposentada?

Entrev.: Sou aposentada. Ganho um salário mínimo, viu?

Pesq.: Uhum. Mesmo com a cara de rica, mas não é rica como a irmã pensou.

Entrev.: Pois, não é? Agora, eu gosto de me virar. Eu faço pano de prato. Eu junto cupom fiscal. Eu faço tudo pra angariar mais um. um... (Lei da sobrevivência – lutar para melhorar de vida, ou pelo menos pela sobrevivência...)

Pesq.: Mais recursos...

Entrev.: Mais recursos. (risos) E aqui, acolá, tem um afilhado que me dá um dinheirinho, uma coisinha assim, mas muito pouco. Mas, graças a Deus. Eu dou graças a Deus, né?

Pesq.: É, tá num lugar bom, tem um lugar bom pra morar, não é?

Entrev.: Pois é.

Pesq.: Tem saúde boa.

Entrev.: Tenho saúde. Ave, saúde é muito bom. É a melhor coisa da vida. Não existe coisa melhor do que saúde, porque com saúde, você enfrenta qualquer, né, trabalho, qualquer coisa. E sem saúde você fica logo mole. Eu, olhe pra dor eu sou mole. Olhe, me deu dor eu fico doen... eu não tenho medo de morrer, não. Eu tenho medo é da doença.

Pesq.: Ficar prostrada.

Entrev.: Porque você sabe que pra morrer tem que surgir uma coisa.

Pesq.: Claro, tem que ter um pezinho, uma doença, né?

Entrev.: Eu peço muito a Deus pra não morrer de desastre, assim, porque eu acho assim, a coisa mais horrível. Eu peço a Deus pra morrer na minha caminha. Do jeito que ... Tem que ir, né?

Pesq.: Se demorar, mas que seja da vontade de Deus.

Entrev.: Na vontade de Deus, não quero me botar aqueles aparelhos. Meu irmão, agora ave Maria, coisa triste.

Pesq.: Aqueles tubos.

Aqueles tubos, não. Deixe Deus me levar. Ele sabe o tanto que é pra sofrer.

Pesq.: Você tá aqui na vida é pra viver, né?

Entrev.: É pra viver, mas tem umas que dizem, mas tu sai demais. Eu digo: minha filha, eu quero aproveitar, porque daqui a um tempo eu não vou mais poder sair só. (Corroboração de que o ápice da velhice é o momento da limitação física que acarreta, traz outras limitações)

Pesq.: Claro.

Pesq.: Ah, então você gosta de aproveitar, né?

Entrev.: Gosto, minha filha, eu gosto de dançar. Adoro dançar. É muito bom. Oh, coisa boa é dançar. E quando é com uma pessoa que você gosta, aí pronto. Acabou-se.

Pesq.: Você esquece de tudo, né?

Entrev.: É. (risos)

Não gosto de fazer coisas erradas, não gosto de fazer tudo dentro da linha.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Na juventude, a gente faz coisas erradas, né? Já tive grandes amores.

Pesq.: Ah, bom.

Entrev.: Mas levo tudo assim, na esportiva. O que tem de passar, passou, né?

Pesq.: E, e é bom você ter recordações, né? Sinal de que você viveu, né?

Entrev.: É, mas eu não gosto de recordar aquelas coisas velhas ruins que passou, não.

Pesq.: Só o que é bom.

Entrev.: Só gosto de recordar o que é bom. Aí vem mais bondade, né?

Pesq.: É. Com certeza.

Entrev.: Eu vou pensar em coisa... Não, não gosto. Aquelas coisas tristes que eu passei, eu não gosto nem de falar. Só gosto de falar em coisa alegre, que me alegre, que me bote pra cima. Ah, eu adoro ir lá pro CEFET. Aquela turma de...

Pesq.: Da ginástica.

Entrev.: Tudo é de pessoas idosas, né? Professora maravilhosa, cada um melhor, muito bom.

Pesq.: Quais são os dias da sua ginástica?

Entrev.: Terça, quinta e sexta.

Pesq.: Hum.

Pesq.: E é dança mesmo. Dança de salão, é?

Entrev.: É, não, é dança pra mente, essa dança aí que eu vou, é pra mente. Eu gosto mesmo de dança de salão, mas essa dança é dança pra mente. São movimentos que você... pra você lembrar na hora, sabe? Pé esquerdo, mão direita, sabe?

Pesq.: E é bom também, porque faz amizades, né? (Da necessidade da socialização e de ter algo pra ocupar seu dia em forma de rotina)

Entrev.: É, amizade (relacionamentos sociais que fazem bastante falta), tem festa lá, aniversário, carnaval. É, dia das mães, tudo elas festejam, sabe? (Lá na casa onde a idosa está também tem tudo isso, mas ela procura em outro lugar. Porque será??) É aquela alegria...

Pesq.: Dá pra curtir bastante.

Entrev.: Dá, dá. Eu adoro.

Agradecimentos pela colaboração.

**Entrevista 11 – D. Cacilda**

Pesq.: Nome completo:

Entrev.: nome suprimido

Pesq.: nascimento:

Entrev.: 09.05.1933

Pesq.: Estado civil:

Entrev.: casada padre civil

Pesq.: Mas seu marido já faleceu?

Entrev.: Já, eu sou viúva.

Pesq.: Nasceu aonde?

Entrev.: Nasci em Camocim.

Pesq.: É aqui no Ceará mesmo?

Entrev.: Me criei em Massapê e a minha mãe morreu só tinha 30 anos.

A sua mãe só tinha 30 anos quando faleceu?

Entrev.: Morreu, oito dias com uma dor. Aí quando foi, meu pai casou-se com 6 meses. Ela deixou três meninazinhas, sabe?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí, a minha avó disse: eu quero a mais velha. Eu morei com ela, quando foi com 27 anos eu vim trabalhar na Assembleia.

Pesq.: Foi? com 27 anos você veio trabalhar na Assembleia?

Entrev.: Aí, um primo meu ganhou três empregos. Aí eu era muito amiga da mulher dele, ela era carioca, ela vivia em Massapê, sabe. Aí eu andava nas políticas, não sabe, quando os deputados ganharam três empregos, cada um. Aí ele mandou escolher um pra mim. A Cacilda, nem se fale, um é da Cacilda, o resto você distribui. Aí, mandaram me chamar. Aí minha avó, eu morava com ela. Só ficava nós duas.

Você morava com quem?

Entrev.: Minha avó.

Pesq.: Ah, morava com a avó, né?

Entrev.: Ai minha avó tava com os pés assim na cadeira, nós morava de trás da igreja, aí eu cheguei e mostrei o telegrama. Eu disse: Mãezinha eu recebi um telegrama de Fortaleza, mas eu não vou porque eu não quero lhe deixar você me pegou chupando bico. Aí ela disse: Você vai, minha filha, você vai porque quando eu morrer você fica por aí bolando. Com quarenta... ela morreu com 84 e anos e eu vim com oitenta. Eu saí de Massapê ela tava com 80, com 84 anos ela morreu. 4 anos, ela morreu.

Pesq.: Depois que você saiu, 4 anos depois ela morreu?

Entrev.: Morreu.

Pesq.: Sim, pois eu tenho umas perguntas pra lhe fazer. Você pode, né, responder?

Entrev.: Posso.

Pesq.: Me diga, assim quais são os parentes que você ainda possui?

Entrev.: Minha filha, do meu pai em Camocim, não tem mais ninguém.

Pesq.: Ahã.

Entrev.: Em Massapê, eu tenho (..) muita prima e as tias tinha dez. Mas uma tá falecida, não falecida, não tá em coma.

Pesq.: Tá em coma? Ah, então quer dizer que só tem prima.

Entrev.: É, irmão... Irmão, eu tenho de criação, a minha avó criou eu e ele, nós dois netos.

Pesq.: Sim...

Entrev.: Criou ele, e ele é meu irmão.

Eu sei. Então de parentes você só tem primos, mas me diga uma coisa: esses seus parentes. Esses seus parentes, eles vêm por aqui lhe visitar, como é?

Entrev.: Vem, esse meu primo, as vezes vem. Tá na parede, ele mora na Aldeota, o telefone dele, da mãe dele, como é, da mulher dele. Tá lá tudinho. Eu tenho muita amiga.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Amiga mesmo do Banco do Brasil, da Assembleia. Muita. Quem recebe meu dinheiro é uma funcionária da Assembleia, minha amiga e ela agora vai pra Itália, domingo e eu tão preocupada com meu dinheiro.

Mas, ela volta antes do dia do pagamento?

Entrev.: Não, ela vai passear em Itália.

Pesq.: Ah, mas ela volta, né?

Entrev.: Vai passar só dez dias.

Pesq.: Ah, bom. Então não se preocupe, não.

Entrev.: É, sim...

Pesq.: Antes de você vir pra cá, você morava onde?

Entrev.: Eu morava com minha vó na praça da matriz de Fortaleza. Como é, de Massapê.

Pesq.: De Massapê, né? Aí depois que você veio de Massapê, você veio pra trabalhar na Assembleia, aonde, aqui mesmo em Fortaleza?

Entrev.: Aí eu fiquei com uma tia, que já morreu também. Morava na casa dela.

Faça um resumo, aí você ficou morando na casa dessa tia...

Entrev.: Aí eu contei, depois, com minha herança eu comprei uma casinha pra mim. Aí chamei umas tias minhas que moravam no interior pra morar comigo, em Santana do Acaraú. Aí eles venderam tudo lá que eles tinham e vieram morar com minha avó pra poder eu vir. Não deixei minha vó só, não.

Pesq.: Mas, no caso aí, você veio, e quando foi que você casou que você contou a história aí, chamou as primas... E o casamento, como foi que aconteceu?

Entrev.: Meu casamento, na Assembleia, eu achei meu casamento.

Pesq.: Ah, você encontrou seu esposo, lá?

Entrev.: Foi. Eu me casei...

Pesq.: Como foi que você conheceu ele? Ele trabalhava lá também?

Entrev.: Não, é que eu tinha uma irmã, nora de um irmão dele. Aí eu fui passear na casa do meu pai, aí o irmão dele tava lá, ficou doído pro mim.

Pesq.: Foi, na hora que ele lhe viu?

Entrev.: Foi. Aí fez um almoço na casa da minha irmã, aí me chamaram aí, lá nós combinamos o casamento.

Pesq.: Já, na hora que se viram?

Entrev.: Ficou doidinho, ele. Porque eu era bonita.

Pesq.: Ainda é.

Entrev.: Oh, minha filha, eu era, eu vou lhe mostrar o meu retrato. Aí ele marcou pra logo, logo, foi um prazo de um ano.

Pesq.: Foi rápido, né.

Entrev.: Eu quero conhecer ele bem de perto, né da primeira vez, não.

Ele que disse isso, foi? Ah, você que disse.

Entrev.: Quando passou um ano todo dia ele frequentando minha casa. Eu comprei uma casa própria.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, saí da casa da minha tia pra minha casa própria.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Porque morar com tia, minha filha eu tendo condição de ter minha casa própria. Aí fui chamar minha tia pra morar comigo.

Pesq.: A mesma tia que você morava, não? Outra?

Entrev.: As de Santana. Ela tinha uma meninazinha e hoje ela é casada mora aqui em São Gerardo. E a minha tia morreu. A mãe dela, né?

Pesq.: Sei.

Entrev.: Aí me diga assim, aí quando você casou aí você foi morar com essa tia?

Não, meu marido tinha uma vila de casas, tinha sítio. E tinha uma mercearia muito boa... Era rico. Minha casa era em cima e embaixo, um casarão... Ele vivia bem.

Pesq.: Ele vivia bem, né, graças a Deus. E vocês passaram quantos anos até que ele falecesse? Quantos anos de casamento?

Entrev.: Minha filha, eu nem sei, porque quando meu filho morreu ele fez 21 anos. Aliás, ele morreu, meu filho fez 21 anos.

Pesq.: Seu filho morreu aos 21 anos?

Quando meu filho fez 21 anos...

Pesq.: Aí seu esposo faleceu.

Pesq.: Ah, foi coração, não é?

Entrev.: Meu filho, a festa toda arrumada aí o meu filho disse eu não quero mais nada, meu pai morreu.. jogou tudo no chão, bolo, guaraná, tudo. Era louco pelo pai. Aí eu fiquei só com meu filho.

Pesq.: Uhum. Mas ainda ficou com o filho, né?

Entrev.: E a empregada.

Pesq.: Aí, mas morando onde, ainda nessa época?

Entrev.: Morava na Domingos Medeiros. Aí quando eu vim pra cá, meu filho já tinha, (...) ainda não tinha morrido. Fui morar na Gustavo Sampaio, perto da igreja do seminário.

Pesq.: Uhum, então, e como foi que você veio pra cá? Quando foi, se você se lembra assim, a época, quando, foi, porque que você veio pra cá?

Entrev.: Aí, eu não me lembro. Eu sei que eu vim pra cá, porque meu filho casou e a mulher não prestava.

Pesq.: Como assim?

Entrev.: Era ruim pra mim.

Pesq.: Ah, não gostava de você.

Entrev.: Péssima. Aí ele dizia assim: Se você for ruim pra minha mãe eu lhe largo. Ela dizia assim: eu mando lhe matar. Mas aí, ele conquistou. Aí, eu vim pra cá, passei seis anos, aí ele veio me buscar pra morar com ele. - Eu vou buscar minha mãe, vamos combinar, vamos ficar bem eu com você, você comigo. Mas eu quero morrer... eu quero morar com minha mãe. Eu quero ver a morte da minha mãe junto a mim. Ah, minha filha aí me levaram. Com cinco dias, entrou dois ladrões pra levar um carro...

Pesq.: Depois que você veio pra cá?

Entrev.: Foi, ele me levou pra lá, pegou tudo, minhas coisas tudinho do mesmo quarto que eu voltei pra lá. aí com um caminhão pra levar minhas coisas, tudo combinado com ela. Quando foi com cinco dias, entrou dois ladrão lá, mataram ele, meia noite, ele correu pra de trás de mim, podem matarem minha mãe, como é, pra não matarem minha mãe, mas caiu nos meus pés. Aí, a bala pegou nele, duas balas. Ele caiu nos meus pés chorando. Já em coma. Em coma, não. Sem sentido. Não abriu mais os olhos... só fez chorar. Lá, olhando pra mim.

Pesq.: Triste, né?

Entrev.: Aí veio pro hospital, quando foi no dia 10 de dezembro ele morreu. 2, 2, 2009. 2009, né?

Entrev.: Tá com três anos e três meses.

Pesq.: hum...

Entrev.: Aí pra mim, o mundo se acabou. Quem recebe meu dinheiro da Assembleia é uma colega minha da Assembleia. Eu botei no nome dela. Como foi?

Pesq.: Passou a procuração.

Entrev.: A procuração. Não é perigoso, não, não?

Pesq.: É, não.

Entrev.: Fui lá no cartório. Ela passou três anos recebendo o dinheiro do meu filho, como é, do meu marido, e o meu, sem procuração.

Pesq.: Sem procuração.

Entrev.: Agora ela exigiu, tá com uns 4 meses que ela pediu, porque eu não podia recadastrar. Ela vinha me buscar.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Eu tava com os cartões. Aí eu entreguei os cartões a ela. Ela é que é responsável por tudo. Eu tenho uma prima que ela é que é responsável por mim, aqui nessa casa.

Pesq.: É?

Entrev.: E tem, ela ... meu dinheiro.

Pesq.: Ah, sim, certo. Então você veio pra cá depois do falecimento do seu filho, né? Não dá pra você ficar morando lá com a sua nora, não, né, que ela não...

Entrev.: Com ele, minha filha, ele morreu por causa dela agora eu ir morar com ela...Deixou dois bichinhos.

Pesq.: Deixou dois filhos? Eles vem aqui lhe visitar?

Entrev.: hein?

Pesq.: Eles vem lhe visitar aqui?

Entrev.: Eu não quero. Porque ela pode vir e ela quer é o meu dinheiro.

Pesq.: Hum...

Entrev.: Aí ela queria me botar na polícia pra dar dinheiro aos filhos, aí o advogado daqui me deu o cartão pra que se ela viesse me procurar eu desse o cartão a ela, porque eu não tenho mais obrigação com eles, eu dou se eu quiser.

Pesq.: Não, não é obrigada, não. De jeito nenhum, você não é nada dela, não é parente dela, né?

Entrev.: Não.

Pesq.: Se ela fosse sua filha, você ainda não era obrigada, porque isso aí é uma conquista sua.

Entrev.: A pensão pras filhas dela, mas o advogado disse: Vá traba... mande ela trabalhar como você trabalhou... Eu trabalhei 30 anos, na Assembleia.

Pesq.: Uhum. Na Assembleia, né.

Entrev.: Eu sou aposentada de lá.

Pesq.: Qual era o seu trabalho, lá?

Entrev.: Eu chegava lá às 8h e saía às 12h.

Pesq.: Era? E qual é sua impressão, assim, a respeito da velhice, né? Pra você, se você pudesse definir numa palavra, como é que você definiria, a velhice?

Entrev.: Como é?

Pesq.: O que que você acha da velhice?

Entrev.: Péssima.

Pesq.: Por que?

Entrev.: Eu pensava na morte. Eu penso na morte.

Pesq.: Por quê?

Entrev.: Porque morar aqui a gente não tem mais família. Essa prima. Eu tenho prima assim, da parte da minha mãe, sabe? Mas é muito...

Pesq.: Mas você pensa na morte, como assim, eu não entendi.

Entrev.: Eu tenho muita amiga, tem a Dilva, que se dá com o povo da Assembleia todinho e ela frequenta a Assembleia toda sexta-feira. Eu só não vou, porque não tenho direito e porque não posso, mas eu temo... Eu só penso naquele buraco.

Pesq.: Que buraco?

Entrev.: Ficar dentro.

Pesq.: Ah. Mas, então você não quer, né? Por mais que a vida não seja fácil, mas é melhor tá vivo, não é?

Entrev.: Eu tenho muito medo, minha filha.

Pesq.: Tem medo de morrer, mas pra você, você disse assim: A velhice é péssima, porque, o que que você acha assim?

Entrev.: Eu acho a velhice péssima, porque ...eu sei que aqui é muito bom, a gente tem (...) garantia de emprego e médico, vacinação, mas é muito triste a gente ficar sem a vida da gente, a casa da gente é que é bom, não é?

Pesq.: uhum...

Entrev.: Na casa da gente, a gente tem mais liberdade. Marido morreu, o filho morreu... roubou todas as joias minhas. Eu tinha doze joias lindas, cada qual a mais linda. Na Assembleia eu andava muito arrumada, muito alinhada. A menina que é cozinheira olha pra mim e diz: - A vida é assim, quando ela trabalhava na Assembleia toda orgulhosa. E agora, tô aqui.

Pesq.: É, né?

Entrev.: Essa minha colega cuida de mim, ela comprou isso aqui pra mim, ela paga aqui o convento. Traz meus remédios, traz minhas merendas. Traz meu dinheiro pra pagar aqui.

Pesq.: Quanto é que você paga aqui?

Entrev.: R\$ 800,00.

Pesq.: É, mas ainda bem que você tem o salário, né, você tem sua aposentadoria.

Entrev.: É.

Agradecimentos pela colaboração.

## Entrevista 12 – D. Helena

Pesq.: Helena eu tenho algumas perguntas para lhe fazer, na verdade, algumas são perguntas e outras, são apenas informações. Sobre você, a respeito de você.

Pesq.: Seu nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: Data de nascimento:

25.02.1943. Faz século quase... (rindo)

Pesq.: Hum, faz, não. 1943. A idade, né, ...

Entrev.: A minha mãe dizia assim... quando a gente fica velho a gente não faz mais idade ...faz eras. (Falando sobre o envelhecimento e a sua metaforização, como sendo algo negativo).

Pesq.: Eras... (risos) é uma fala engraçada..., né? E Helena e seu estado civil? É Solteira...?

Entrev.: Solteira. Solteira.

Pesq.: Nasceu, em que cidade, Helena?

Entrev.: Manaus, Amazonas.

Pesq.: Ah, você é de Manaus? A primeira pergunta, Helena, é saber quantos parentes, que parentes você ainda possui...

Entrev.: Assim tios, essas coisas?

Pesq.: Sim, sim...

Entrev.: Assim, tios ... só tem três, já foi tudo para o túmulo, como se diz, né... já foi tudo para outra dimensão. É, tudo tá na casa dos noventa anos, e uma tia e dois tios homens. Não, menina, um acaba de morrer ... faz sete dias.

Pesq.: Foi?

Entrev.: Quer dizer, só tem dois... tinha doze tios, doze ...

Pesq.: E só restaram dois.

Entrev.: Só tem dois vivos.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Uma mulher e um homem.

Pesq.: Tem irmãos?

Entrev.: Um irmão.

Pesq.: Um irmão, vivo?

Entrev.: Casado. Vivo. Vivo, ainda. Mais novo do que eu...

Pesq.: Aí, ele vem por aqui lhe visitar?

Entrev.: Vem, de vez em quando vem. Médico, ele.

Pesq.: É médico!

Entrev.: Mas, ele disse que tá doido para deixar a medicina para se aposentar logo, não sei o quê... (Que relações esse comentário teria com a velhice????) (risos) E a mulher dele tu sabe ele casou-se à força bruta, já tinha engravidado a mulher, ... hoje em dia a lei não obriga, né o homem a casar...

Pesq.: É...

Entrev.: Ele sustenta a criança, né?

Pesq.: É obrigado a pagar a pensão, né.

Entrev.: Da criança, mas não é mais obrigado a casar. Ele, Quando ele engravidou essa mulher ele não quis casar eu não sei porque, né? Ele que sabe.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí não tinha essa lei, ainda...

Pesq.: E ele foi ..

Entrev.: E ele foi obrigado a casar minha filha e se deu mal, viu... Hum, o casamento num... Uma mulher de classe muito baixa... e ele abaixou-se para a classe dela, caiu lá em baixo.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Por causa dela. Ele faz tudo o que ela manda. E assim ele vai levando, né?

Pesq.:Então ele não gosta dessa situação, né?

Entrev.:Coitado, tem dois filhos, um é pedagogo e é corretor (...) de imóveis. E o rapaz de dezessete anos está no primeiro ano de psicologia.

Pesq.:Ai que legal.

Na UNIFOR. Estão vivendo, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.:Tem um netinho de dois anos, vai fazer três agora... agora no dia 15 de abril e já está estudando no Anísio Cunha. Ele que paga o oo ... o rapaz é sedutor... só porque era bonito, né... um taxista. Só porque o homem era bonito, né? Para você ver como a beleza é um poder, né.

Pesq.:É verdade...

Entrev.:A beleza é um poder... Se apaixonou por esse homem criatura... engravidou e aí o pai não quer que ela case porque acha que ele quer dar o golpe do baú... e essas coisas, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.:E é um inferno,né.

Pesq.:Toda família, tem né?

Entrev.:Tudo! Tem isso... E aí só sei que sorte da família que não tem, né...sorte de quem não tiver...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: E aí eles estão criando o menino, o menino é lindo, a criança é linda... mas a mãe vive brigando com a filha porque não quer nem trocar a fralda da criança. A filha foi criada como uma rainha ... de Sabá. E (...) nunca essa moça lavou uma calcinha, porque a mãe era quem lavava tudo... Fazia tudo... Era dona de casa...sabe como é? Ela nunca trabalhou fora, casou-se com dezoito anos com meu irmão, meu irmão já com trinta anos, já bem mais velho do que ela. E. Essa criatura nunca soube o que era um emprego fora de casa. Saiu de casa para casar. Para casar... Sempre dona de casa, né? Dona de casa, ela só fez o ginásio logo quando casou-se. Um velho casar com uma moça de dezoito anos que só tinha o ginásio, de família baixíssima, só queriam dar era o golpe do baú, tudo combinado e deram o golpe até hoje.

Pesq.:É isso aí, me diga uma coisa...e como foi que você veio morar aqui? quando?

Entrev.:A minha história é muito triste e aliás, é de quase todas essas mulheres aqui e ...

Pesq.:É, são muito parecidas as histórias, não é, Helena?

Entrev.:As histórias ... ninguém vem para abrigo porque quer eu não acredito...E não acredito, não. (referência às motivações que trazem uma pessoa a um abrigo)

Pesq.:Não, né?

Entrev.:A D. Fulana... ai aqui é ótimo! Eu digo é... (fazendo um aceno negativo com a cabeça) eu não posso dizer nada, né? Tem as que gostam, tem as que não gostam...Eu gosto porque é o jeito. (referência ao fato de não gostar de um abrigo).

Pesq.:Sim...

Entrev.:Sou obrigada, mas eu, eu queria estar na minha casa, compreendeu?

Pesq.:Sim, Sozinha?

Entrev.:Não, sozinha, não, eu queria morar com uma família, que eu gosto muito, tem um casal amigo que eu gosto muito... Essas criaturas me respeitam...tratam com o maior carinho... Com quem você tem amizade... Ave Maria, eu considero assim, sei não, meu Deus do céu, às vezes eu penso será que existe reencarnação?

Pesq.:É...

Entrev.:Eu penso porque às vezes você gosta mais de uma pessoa que nunca viu do que do próprio sangue.

Pesq.:Fora da família, né?

Entrev.:do que do próprio sangue.

Pesq.:É.

Entrev.:E outra coisa, viu, às vezes nós temos inimigos horrendos que são sangue da gente.

Pesq.:É...

Entrev.:Inimigos horrendos... quando a gente menos espera aí...Pois é...

Pesq.:Mas assim e quando foi que você...

Entrev.: Não, não foi por minha vontade, não que eu vim pra cá.

Pesq.: Não foi por sua vontade... E você lembra (...) qual foi o ano que você veio, quanto tempo está que você tá aqui?

Entrev.: Vai fazer sete anos em novembro agora... seis anos.

Pesq.: Certo... E você veio por intermédio do seu irmão, foi?

Entrev.: Não...foi uma prima minha que eu fui me hospedar na casa dela...no ... deixa eu ver... terceiro dia que eu tava lá eu saí da minha casa ... a minha casa porque tava já no nome do meu irmão e da mulher dele.

Pesq.: Hum... Você morava com seus pais, não era?

Entrev.: Eu morava com a minha m... Não, meu pai morreu quando eu tinha um ano e dez meses.

Pesq.: Foi, Helena?

Entrev.: Num tinha nem dois anos e meu irmão tinha quarenta dias de nascido. Compreendeu? Lá em Manaus. A mãe pegou vendeu casa, vendeu móveis vendeu tudo. E o Getúlio Vargas, aquele tal (risos) de Getúlio Vargas é, não deixou ela receber a pensão do meu pai. Aí, minha mãe ficou na miséria.

Pesq.: Meu Deus...

Entrev.: Aí, ela vendeu tudo o que tinha e ficou na casa de uma tia do meu pai, até juntar tudo, vender tudo... teve que vender as coisas, móveis, casa aí foi pegou um navio... que lá em plena guerra mundial, segunda guerra mundial, era 45. Aí, veio, plena, não já tava no fim da guerra...

Pesq.: Uhummm

Entrev.: Foi depois que meu irmão nasceu ... tava no fim da guerra, pegou o navio ai ai meu Deus, que tinha até blackout no navio, porque se os aviões passassem, né, não, não verem, né? Que no navio, jogavam granada... E veio com duas criancinhas sozinha e veio para casa da minha avó que era muito rica...tinha muitos imóveis. Meu avô era como é que se diz riquíssimo... quer dizer riquíssimo, não, rico, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E... E a minha avó era de uma família muito rica também comerciante de borracha da Amazônia.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: O pai dela ... enriqueceu ... foi... daqui para Manaus como sabia que Manaus tava dando muita borracha, começou a trabalhar com a borracha...

Pesq.: Explorar esse... mercado, né?

Entrev.: Mercado... Enriqueceu... ficou rico e che... voltou para Fortaleza chegou aqui comprou aqueles imóveis da Liberato Barroso ... aquelas lojas de joia que tem tudinho acolá,

Pesq.: Uhum...

Entrev.: aí ele comprou tudo, viu? É, aí ele fez a sopa, né? Se descansou...

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Tanto que eu tenho uma prima segunda, que é irmã da minha avó, como é que é filha de uma irmã da minha avó, que a minha avó era a mais nova...que nunca trabalhou fora na vida porque era dona de casa foi muito boa e tudo, estudou pouco, mas inteligentíssima...

Pesq.: Culta, né?

Entrev.: É inteligência para os negócios ...

Pesq.: Ah! sim...

Entrev.: Negociou com o dinheiro que os pais deixaram para ela... olha essa mulher comprou casa, essa mulher botou dinheiro no banco e do dinheiro do banco ela fez aplicações e num sei que mais... eu sei que ela tem todo mês dinheiro para viver e tem o apartamento dela para morar e ainda criou uma menina para ser empregada dela, para ser futura empregada dela na velhice, entendeu?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Mas deu toda educação à menina. A menina é professora do normal.

Pesq.: Humm... Olha que coisa boa. Mas aí você tava contando a história aí sua mãe veio para cá...aí vocês vieram para cá...

Entrev.: A gente ficou na casa da minha avó.

Pesq.: Da sua vó...

Entrev.: Aí nós se criamos na casa da vovó...

Pesq.: Até ficarem adolescentes?

Entrev.: A minha avó tinha sabe quantos filhos? Doze. Teve quinze, morreu três, ficou com doze. Todos. Cinco homens e sete mulheres. É? Sete e cinco doze, né?

Pesq.: É. Sete e cinco doze.

Entrev.: Pois bem, aí os cinco homens formaram, dois eram generais de exército, foram pro Rio de Janeiro... porque naquele tempo no Ceará aqui não tinha, né? Era tudo areia, né?

Pesq.: E hoje é tudo evoluído...

Entrev.: É. Mas, quando eu cheguei aqui eu me lembro que ainda tinha os trilhos do bonde, sabe?

Pesq.: Aqui em Fortaleza?

Aqui em Fortaleza. Eu era pequenininha desse tamanho eu observando ... aí iam tirar os trilhos para passar só o carro.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Ali, na Major Facundo... era a casa da minha avó. A casa da minha avó era linda.

Entrev.: Hoje, é a coisa mais horrível do mundo. Depois que ela morreu começaram a alugar, alugar, e aí tudo, arreventou a casa dela.

Pesq.: E quem tomou de conta das coisas da sua avó, foi seu irmão?

Entrev.: Não, a minha ... a casa da vovó era para três filhas... o inventário foi todo... injustiçado, sabe?

Pesq.: Hum...

Entrev.: Era mais para um.. do que para outro... os que ela gostava mais ela dava mais os que ela gostava menos ela dava menos...

Pesq.: Não foi igual, né?

Entrev.: Não, tudo desigual... Então um tem ódio do outro. E assim, a vida toda foi esse inferno... por causa de dinheiro. Meu irmão cresceu ali dentro vendo só isso. Quando ele ficou adulto aí chegou a vez de me roubar, né? A minha casa, herança da minha mãe. A convivência com pessoas de má índole faz as pessoas adquirirem falhas de caráter... A vida é uma sucessão de repetições. o que você cresce vendo ser feito, você aprende.

Pesq.: Você? Ele roubou de você?

Entrev.: Aí, ele roubou mesmo... tanto que eu tô aqui por causa disso...

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Tomou tudo, praticamente tudo, só não conseguiu tomar uma casa aqui na Floriano Peixoto que a mãe deixou... e aí... Que eu não assinei, a mamãe não assinou... E ele continua perguntando: - Eu quero vender a casa... Eu digo, ... Que ele quer vender para ficar com o dinheiro todinho para ele...

Pesq.: E não vai dar para você.

Entrev.: Ele não me dá um tostão, um real (...) ele não dá. Aí eu disse: - Não assino, aí ele alugou para dois viados. Sabe do que é que os viados vivem? (..) De pornografia. Botaram um cinema de pornografia e isso eles pagam o aluguel. Digo: Ai, meu Deus, a minha casa que eu gostava tanto (risos tristes) tornar-se cinema de pornografia. E assim a gente vai engolindo, né?

Pesq.: Vai suportando, né. Helena?

Entrev.: Vai suportando.

Pesq.: Muito bem, Helena. (risos) Assim, pois... Porque a gente pergunta, né ... Às vezes a pessoa diz: não eu vim para cá porque eu não queria ficar na minha casa, mas você ainda se desenvolvia sozinha ... você fazia suas coisas...

Entrev.: Não, eu era nova ainda, eu tinha sessenta e três. Agora eu estou com setenta ... já tô cansada. Tô mais velha, meu organismo já tá chato ... tudo eu pego gripe, tudo eu adoço, sabe e assim... (...)

Pesq.: Mas você não tem problemas de saúde assim graves, não, né?

Entrev.: Não, Eu tenho muitos problemas.. eu tenho veia quebrada na perna, tenho a aorta doente sabe? Artrose... Eu tenho catarata...

Pesq.: Mas ainda não tá na hora de operar, não?

Entrev.: Não, eu tô enxergando. Com óculos eu enxergo tudo, até leio, eu leio tudo, graças a Deus.

Pesq.: Uma beleza, né? Certo, mas aí quem, quem indicou esse lugar aqui para você foi sua prima, né?

Entrev.: Não, foi ela não, ela queria me mostrar porque eu ganhava muito pouco.

Pesq.: Você trabalhava em quê, Helena?

Entrev.: Não eu fui, eu terminei como professora do Instituto de Idiomas Yázigi, sabe inglês, só inglês. Sabe?

Pesq.: Sei...

Entrev.: Fiz quatro nãos lá. Terminei em primeiro lugar ... E a d... e a superiora ... Helena você foi primeira aluna da classe ... eu vou lhe chamar para ensinar...

Pesq.: Ah, então você domina o inglês?

Entrev.: Eu falava corretamente. Quer dizer não como os que estudam no IB. O IB é muito melhor do que o Yázigo.

Pesq.: Você acha? Eu acho que o Yázigo é uma excelente escola, né?

Entrev.: Não, o Yázigo é bom, mas é mais para turistas.

Pesq.: É?

Entrev.: Para turismo, você quer viajar pro exterior, você estuda no Yázigo, mas você quer ser uma boa professora, ou então, lidar até com o presidente da república, você tem que ir para o IB, você não vá para o Yázigo. Sabe como é? Se você quiser ser tradutora ... do ... do, lá nas altas do presidente ... sabe como é... nas altas, sabe como é? Nas altas, como é?

Pesq.: Altas rodas, né?

Entrev.: Altas rodas, (risos) você tem que ir para o IBEU? Porque o IBEU ensina.

Pesq.: Como é, como é o nome. Ibeu?

Entrev.: IBEU – Instituto Brasil Estados Unidos.

Pesq.: Ah.....IBEU.

Entrev.: Eu já estudei no IBEU, quando eu tinha quinze anos tirei o primeiro lugar...

Pesq.: Aí você foi convidada para trabalhar lá?

Entrev.: Não, não... Não. eu tinha quinze anos. Estudei só primeiro ano. Aí depois com dezenove anos eu voltei de novo e tirei novamente o primeiro lugar nos dooooois IBEUS. Aí o povo ah essa menina dá para o negócio. Aí eu comecei... Nisso eu começo a adoecer... a primeira doença foi apendicite aguda grave.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí me derrubou, né? Aí, né, mas eu continuei estudando... fiz datilografia, aí fiz um mês só, não fiz faculdade. Hoje eu agra... não, eu ainda fiz um concurso para os correios(...) para ser funcionária pública federal, né, dos correios... que era meu sonho (...) com dezenove anos, aí mas eu não passei porque eu não sabia nada de taquigrafia, eu não tinha... mas eu nunca estudei taquigrafia... se eu tivesse feito outro concurso, estudado, né... tivesse me preparado melhor e feito outro concurso talvez hoje eu fosse funcionária ...

Pesq.: Pública Federal.

Entrev.: Pública Federal dos Correios. Foi eu e meu primo todos dois saíram reprovados. (risos)

Pesq.: Hum (risos)

Entrev.: Hoje ele é engenheiro...

Pesq.: Mas taquigrafia até hoje não se estuda assim, a não ser que você esteja estudando para concurso, né?

Entrev.: É....

Pesq.: Que não é uma coisa que tenha na escola mesmo...

Entrev.: Não, eu acho isso um erro.

Pesq.: É, verdade...

Entrev.: Devia ter ... porque muita gente pobre precisa para fazer um concurso pra entrar num... no Banco do Brasil, né?

Pesq.: É...

Entrev.: A p. (...) Num pode tá entrando em faculdade. Então (tosse) eu não era rica, a mamãe ficou numa situação horrível, né? Papai morreu.

Pesq.: Se não fosse a sua vó, né?

Entrev.: Minha mãe era professora primária, depois fez um concurso pro DAE. E foi funcionária do DAE. Ganhava uma mixaria.

Pesq.:E o que era DAE?

Entrev.: DAE é DERT hoje. É Departamento Autônomo de Estradas de Rodagens. Olha, estadual não se ganha nada, né?

Pesq.:Aham...

Entrev.: E outra coisa se ...se ela tivesse morrido deixava os filhos na miséria.

Pesq.:É, né?

Entrev.: Porque nós não tínhamos direito de receber.

Pesq.:Uhum...

Entrev.:a pensão, entendeu?

Pesq.:E por que não tinha direito?

Entrev.: Não tem direito.

Pesq.:Ah e não?

Entrev.: Não.

Pesq.:Aí no caso quando a sua mãe faleceu você ficou só com a ...

Entrev.:Ai, não. Aí eu fiquei... a minha mãe tinha imóveis que a minha avó deixou para ela, aí ela alugava os imóveis todos os quatro imóveis, todos alugados. Fora o que ela morava aí ele pegou,.. pagava. Eu . Eu ia no banco todos os meses pagar o INPS...

Pesq.:Para ela poder se aposentar...?

Entrev.: Para eu poder me aposentar,

Pesq.:Ah...

Entrev.: E meu irmão do outro lado também fazia a mesma coisa, só que meu irmão era inteligentíssimo, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Dava para negócio, dava para tudo, né? Começou a lutar, só queria fazer medicina, passou no vestibulo... passou em engenharia, passou em agronomia, mas só queria medicina. Aí passou em medicina.

Pesq.:Passou pra medicina, né?

Entrev.: É. Até que enfim que passou, né. Porque custou passar, sofreu muito para passar. Foi fazer em Alagoas, Maceió...

Pesq.:Foi, né? Ah, então ele fez medicina lá e depois veio? Lá e depois veio para cá. Ah e ele mora aqui, né?

Entrev.: Mora aqui, na cidade dos funcionários.

Pesq.:Uhum... E a ..da sua vinda para cá que a gente vai e volta e ... como foi?

Entrev.: Ah, a minha vinda para cá (pausa, meio hesitante) eles me botaram para fora de casa, meu irmão com a (...) a mulher que mandou ele me botar. Olhe bem, não foi ele... (a vinda para o abrigo foi obrigatória em função do roubo de sua casa pelo próprio irmão)

Pesq.:Não foi vontade dele.

Entrev.: Não, foi a mulher que mandou ... e ele obedeceu. A casa já tava no nome deles

Pesq.:Uhum...

Entrev.: E eu nem sabia. Eu telefonei para o homem que vendeu a casa... e disse: - Olhe D. Helena, seu irmão fez negócio sujo com a senhora...E outra coisa ele é um enrolão, num faço mais negócio com ele. (Num tom baixo, como se envergonhada...) ...Sabe?

Pesq.: Ele foi desonesto, né?

Entrev.: Aí, eu vim para cá, eu passei quatro anos mal com ele, sem falar. (Pelo roubo, porque sem esse fato. (Até hoje ela poderia dispor de sua casa para morar na companhia de quem ela quisesse).

Pesq.:Hum...

Entrev.: um dia...

Pesq.:Sim, mas quem foi que falou para você desse lugar aqui?

Entrev.: Sim, eu ia passando aqui... eu perdi minha carteira de identidade.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí, foi milagre de Deus ... eu perdi minha carteira de identidade e fui tirar minha carteira alí ... porque nem tem o ... Instituto de identificação... É identidade e tudo? Levei certidão de nascimento...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí cheguei lá e tirei a carteira e... aí eu passo por aqui quando volto... quando vejo Recanto Sagrado Coração... Aí, minha mãe tava já muito doente... era dois mil... ano dois mil e quatro por aí... por aí... Ela morreu em dois mil e seis, sabe? (A morte de alguém com quem se morava também traz a necessidade de ir morar num abrigo, mas em seu caso ela não foi para o abrigo por esse motivo).

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Tava muito ruim, aí eu passei por aqui e entrei, entrei, cheguei para a Irmã... Nesse tempo, a Irmã Superiora era a irmã Perpétua (balbucia algo para dentro de si, imperceptível aos ouvidos) ... eu achava bonito freira, achava tão boas essas freiras...

Pesq.:Maravilhosas, né? A impressão que agente tem, né?

Entrev.: É a impressão, só a impressão, né? Porque vá atrás... tem umas que não vale dois vinténs, outras são boas...Tem, é e em todas as profissões, minha filha, né?

Pesq.:É verdade. É.

Entrev.: É a triste realidade da vida, não é? Aí,... tem as que presta, tem as que não presta...ninguém pode julgar todas..., não é?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí... eu cheguei para a irmã e perguntei ... aqui não tem um quarto para alugar para mim? Aí ela disse... Qual é a sua situação? Eu disse... eu vivo em discórdia com a minha cunhada e a minha sobrinha também. Aí é por isso eu queria vir para cá. Ela disse e a sua mãe é viva? Você tem mãe viva, ainda?... Eu disse: eu tenho mãe viva, mas ela tá muito doente...Ela disse ... pois você não venha para cá, não deixe sua mãe só...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Eu voltei para casa e (...) fui enfermeira da minha mãe, fui empregada doméstica como se diz. (Você tem direito de ficar em casa até ser útil, poder cumprir seus próprios afazeres, bem como os de outrem. Ou seja, enquanto sua mãe estava viva e adoentada ele teve que cuidar da mãe. Ela o fez até o momento da morte da mãe).

Pesq.:Cuidou dela, né?

Entrev.: Cuidei da casa, cuidei dela, né? Até ela morrer. Depois que ela morreu eu fiquei dois meses na casa, olhe bem. (Novamente se reitera a condição de que a idade é medida na vida das pessoas conforme a sua utilidade e não somente os outros têm esta impressão como as pessoas têm de si próprias. Há algumas entrevistas nas quais a idosa diz que só quer estar viva, mesmo em se tratando de estar na casa, até o momento em que conseguir se cuidar sozinha. Depois disso, segundo algumas das idosas: isso não é vida.)

Pesq.:Na casa sozinha, né? Sem a sua mãe...

Entrev.: Só, sem a minha mãe, com uma empregada de dezesseis anos que ELE botou.

Pesq.:Hum...

Entrev.: E a patroa era a mulher dele. Não era eu, não. (risos tristes).

Pesq.:E era, Helena? Mas, porque você diz isso?

Entrev.: Porque eu nem sabia.

Pesq.:Ah...Era tudo...

Entrev.: Tudo, já combinado ... ora uma moça de dezesseis anos que nem pode se empregar ...que a lei nem permite...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ele arranhou na favela, nas favela.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: A mulher podia até ter me matado... botar uma mulher de favela dentro do meu quarto para dormir comigo

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí, ela sabia de todas as imoralidades do mundo ela sabia... mas eu procurei amizade com ela e tudo (num tom parcimonioso), aí ela me tratava bem e tudo...Ela vivia cuidando dos cabelos...e eu deixava, né? Aí...um dia ela começou a gritar comigo...Perdeu a ...

Pesq.:O respeito.

Entrev.: O respeito, só queria ser a dona da casa, aí começou a gritar comigo (das violências que os idosos sofrem nessa fase) aí eu disse pro meu irmão, eu telefonei para ele. Não, ele telefonou para mim... perguntou: Como é que estão as coisas? Dois meses depois... Eu disse:... é, eu não

quero mais essa moça aqui, não. Ele disse: - Então você não quer, então você pode despachar, você dê o resto do dinheiro do mês a ela e despache ela...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Olhe bem, foi uma três horas da tarde ... e esse homem quando chegou de noite... esse home veio como uma f... Ah e a a tal da empregada ...foi bater na casa que era bem pertinho... a casa dele... da ...três quarteirões... foi bater na casa da mulher dele que era a verdadeira patroa, aí... – Olha ela tá fazendo isso e aquilo, tá dizendo isso e isso e aquilo comigo... Sabe o que foi que ela disse: - Volte para casa, vá tomar banho e cuidar dos seus cabelos...viu? Aí, ela voltou, foi tomar banho, quando eu vejo as horas passando e a mulher nada de sair, viu? Ficando de noite. Aí, lá essa... Aí, eu telefono para minha prima, contei tudo.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí, minha prima: você fique, você fique na rua, na porta da casa, esperando seu irmão chegar. Vamos ver o quê que vai acontecer, não entre dentro de casa. Agora eu já, já tava, já, macaca velha, né? Peguei... eu tinha uma tira aqui por dentro da roupa ...com um... uma bolsa ... de pano, aí eu botava o dinheiro e o cartão do dinheiro.

Pesq.:Uhum.

Entrev.: Eu andava muito bem vestida, vestido feito em atelier, essas coisas, que roupa feita em atelier (...) de medida, sabe?

Pesq.:Uhum.

Entrev.: Aí (...) e eu fiquei esperando ele, né. Qualquer coisa, né? (risos). Aí, lá vem ele?

Pesq.:Já tava preparada, né?

Entrev.: Já tava preparada... – Maninha, você quer botar essa santa criatura de dezesseis aninhos de idade, para fora? Você que vá para fora e ela fique para dentro, olha bem. Ele virou o quadro. Então, depois que passou pela casa da mulher, compreendeu, na casa dele.

Pesq.: Entendi.

Entrev.: Entendeu?

Pesq.: Ela conversou com ele, né?

Entrev.: Ele deixava o carro lá, na casa que eu morava, né? Que eu pensava que era minha... (risos) eu já sabia que não era minha, porque eu já tinha conversado com o ex-proprietário, e ele já tinha contado tudo, né? Aí ele disse: - olhe eu não quero conversa com o Benaion. O seu irmão, eu não quero conversa nem de longe. Sabe, o homem disse. Ele era policial, ex policial, né, da (...) da polícia, né? Oficial da polícia.

Pesq.:Sim.

Entrev.: Porque ele sofreu um desastre, cortou o nariz, sabe e... foi horrível, foi um ...teve que fazer não sei quantas plásticas, um sofrimento horrível, mas ele se recuperou, né (...) E a mulher dele era enfermeira. Formada, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Então, aí, as coisas da vida, como são, né. Tudo foi uma coincidência eu soube do telefone desse homem por meio da mulher dele, porque a mulher ia (...), olha como é as coisas, ia numa boutique que tinha lá, comprar roupas e eu ia nessa boutique comprar roupas lá... eu fui mandar endireitar uma roupa que eu tinha comprado pra minha mãe.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí, nisso eu ... pegou o telefone dela, foi assim que eu telefonei para ele, marido dela. Ele atendeu e contou toda a história. Como é, não é contrato... Como é que a gente chama?

Pesq.:Escritura?

Entrev.: Escritura. Escritura da casa estava no nome dele e da mulher. Aí eu soube e fiquei horrorizada. Aí eu já preparada, né? Aí, a minha prima disse fique na rua, você não tem mais nem direito... Ele pode lhe botar para fora na hora que ele quiser. Aí, eu digo: - está certo. Aí eu fiquei quando lá chegou ele: Você quer botar essa santa criatura, inocente, de dezesseis anos.

A mulher sambada na vida, sabe?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ah, essa mulher tá brigando comigo... Eu não acredito. Você vá para a rua e ela fica dentro de casa. Aí ele entrou quando ele entrou, oh, eu, pernas para que te quero. Thum! Corri, sabe? Para a casa de uma grande amiga minha. Que ave Maria, sabe? Tem que subir uma ladeira horrorosa.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Mas, eu eu tava assim, não tava bem... um aperto no coração.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí subi a ladeira fui bater na casa dela. Era bem dez horas da noite. Ela dormia muito cedo que acordava de madrugada, né? Ela era marmiteira e o marido vigia. Gente humilde, mas muito boa. Sabe como é?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Gente pobre, mas nobre. Ela era uma grande cozinheira. Fazia milhões de marmita para fora. E o marido ia deixar as marmitas, nesse caso. E de noite ia vigiar. Nisso, eu peço: Antonia, Antonia, abre a porta depressa que eu quero me esconder aqui. Sabe?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Meu irmão me botou para fora de, da casa. Aí, ela abriu e eu entrei. Aí ela disse: Telefone para suas primas. E eu com os telefones tudo aqui dentro, olhe... (mostra o colo). Não, ela disse: - se esconda no meu quarto. Aí eu me escondi no quarto de casal dela.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: E como ela foi boa, viu? Ofereceu o quarto dela. A casa pequena. Quer dizer, a casa era muito grande. Eles moravam no fundo da casa do sogro. O quatinho dela era pequeno. Aí eu fui para o quarto dela. Aí, ela disse: Veja televisão para você se acalmar. - Está certo. Aí eu fui vendo e deixando o tempo passar. Aí,ela veio me dizer: Helena, ele está te procurando com a mulher por todo canto, já disse que ia te procurar na polícia para ver se tu tinha desaparecido.

Eu: - Deixa ele procurar. Aí eu telefonei para a minha prima que é socióloga, doutora... toda a minha família é formada, tudo, por parte de pai e de mãe todos lá em casa só quem não é doutora, sou eu, o resto tudo é doutor e doutora. Graças a Deus, né, É. Porque é bom a gente ter uma família importante, né?

Pesq.:É muito importante.

Entrev.: É tão bom, agora só... Deus queira que com o poder na mão eles não façam mal a ninguém, né?

Pesq.:É.

Entrev.: Porque, quando... tem gente que quando está com o poder na mão lasca os outros, né?

Pesq.:Verdade.

Entrev.: Aí eu sei que (...) eu telefonei para essa minha prima, Ângela - Ana, Dra. Ângela. Aí chegou, o carro veio em casa. Ela disse: - Helena, vou já aí te buscar. - Pois vem, depressa. Aí, lá vem a Helena. Já era, altas horas da noite, era bem onze para as doze horas.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí ela veio, aí me botou dentro do carro, disse: vou lhe levar para a casa da Helena, no Murilo Torres. A Helena só tem um filho adotivo e um neto. Netinho dela nesse tempo era criança de sete anos... por aí. Hoje tem dezessete, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ele tinha uns onze anos...era por aí... Era por aí... Era onze anos que ele tinha. É da idade do meu sobrinho, sabe? Olha as coisas da vida. Meu sobrinho nasceu treze anos depois que a minha sobrinha nasceu, sabe como é?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ele é mais novo do que a irmã treze anos.

Pesq.:Sim...

Entrev.: E o menino me tratava assim...oh. Ele era criança.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: E a menina toda vida me expulsou de casa. Passaram sete anos dentro da casa de minha mãe e essa criança com dois anos de idade já me expulsava de casa. Ela tinha ódio em mim... só às vezes eu fico pensando ... será que é reencarnação ou se é, porque que um já nasce ruim e o outro é bom? Eu não posso compreender isso, sabe?

Pesq.:É Verdade.

Entrev.: Eu, eu estudo muito as religiões, sabe espiritismo... Judaísmo, eu nunca estudei, não. Também nunca frequentei sinagoga porque aqui não tem. Meu pai era judeu, mas se converteu para o casamento com a minha mãe que era católica. Aí, ...

Pesq.:Hã...

Entrev.: Ele casou-se na igreja dos frades, aqui em Fortaleza.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Franciscanos, sabe?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Pois é, aí, né... não sei nada de judaísmo. Lia muito, ele deixou livros árabes. Lá, a família dele era árabe com judeu misturado. Sabe?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: E aí, ele deixou livros árabes para a mamãe. Então, que ele era escriturário do N, como é o nome? ...IAPC<sup>2</sup>. Funcionário concursado, público federal. Quer dizer, a mamãe ia ficar bem de vida se o Getúlio Vargas não tivesse feito isso. E ele fez com milhões de famílias brasileiras, viu? Tantas, tanto que ele acabou se suicidando ... disseram... já, talvez nem fosse suicídio, que mataram foi ele...e agora ninguém ...

Pesq.:Ninguém sabe da verdade.

Entrev.: Ninguém sabe. Até hoje se ele se matou ou castigo de Deus, né? Ou mataram ele, mas não morreu de morte natural.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí, como eu ia dizendo...

Pesq.:Aí você ficou na casa dessa sobrinha...

Entrev.: Fiquei na casa dessa irmã, oh, dessa prima.

Pesq.:Dessa prima...

Entrev.: Da Ana. Aí, né... passaram-se os dias, passei um mês e doze dias lá...e ela procura... Aí ela começou a procurar pensão, né? Não quis que eu ficasse na casa dela, olhe bem, ninguém quis. (Como se sente uma pessoa que expulsa de casa constata que ninguém de seu círculo de relações é capaz de abrigá-la?)

Pesq.: Uhum.

Entrev.: E eu disse: - Menino e eu também tá invadindo a privacidade dos outros é tão chato.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Você não sabe como é horrível morar na casa alheia.

Pesq.:Eu já passei assim uns dias ... eu ...

Entrev.: Como é, né? A gente fica vendo tudo o que se passa, né? As brigas, as confusões, tudo. Aí, num é bom, não. Eu só me dava mesmo com a Antonia e seu Edom.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Olhe, que não é o meu sangue...

Pesq.:Não era família e era como se fosse da família.

Entrev.: E era como se fosse meu sangue... Aí, amizade estreita, nunca vi. Desde que eu vi assim de cara parecia que eu já conhecia há mil anos.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Por isso que eu digo, será que a gente reencarna? Será que é uma reencarnada, uns amigos reencarnados, não é? (risos) Eu sei lá...minha irmã... um irmão da gente fazer uma coisa dessas com a gente... Uma injustiça. O único irmão, criatura!

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Porque assim, como a vovó que tinha doze irmão eram doze.. era um brigando com o outro, lascando o outro...aí é diferente que a... a... herança toda dividida errada, né?

Pesq.:Sim.

Entrev.: Né, porque o inventário foi todo feito errado...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ai quem fez o inventário foi um, depois foi outro...sabe como é? meu avô morreu quem fez o inventário, foi um filho, quando a minha vó morreu, já foi outro inventário que já foi outro filho...

Pesq.:Uhum

Entrev.: E assim foi vivendo, né?

Pesq.:Uhum

---

<sup>2</sup> IAPC- Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes.

Entrev.: Ah, sim! Aí, minha prima não quis que eu ficasse lá, né? Foi procurar pensão para mim, menina ela arranhou... com o pouco dinheiro que eu tinha ela arranhou uma pensão para mim, a coisa mais horrível, ali debaixo do viaduto ali da treze de maio.

Pesq.:Hum.

Entrev.: Não sei se ainda existe hoje. Era uma pensão sem janelas, parecia um presídio, não existia janela, só existia um buraco na parede para a gente respirar.

Pesq.:Uhum.

Entrev.: Os móveis. Tinha móveis todo de aço, tudo enferrujado. E um colchão na cama todo imundo, viu? Eu fi... Quando eu olhei aquilo eu digo: Meu Deus, minha casa tão linda com todo conforto. Não é para me gabar, não...mas eu...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Não era riqueza, não, mas era tão linda a minha casa. Não que a minha casa fosse adequada para uma pessoa velha. Não foi. Eu comprei, quando eu comprei ela, porque eu assinei, né? Assinei de besta, pensava que tava comprando, né, para mim, eu fiz um... ei fiz um erro muito grande, uma burrice muito grande...

Pesq.:Uhum.

Entrev.: Porque eu não pensei na minha velhice nem na velhice da minha mãe, porque tinha escada.

Pesq.:Hum...

Entrev.: E escada para subir, olha eu morria do coração quando eu via a mamãe descendo escada, subindo escada. Ela cai já. E eu atrás dela e atrás dela. Era aquela preocupação horrível dela cair. Então, foi uma casa mesmo amaldiçoada, como se diz... Eu, se fosse minha, eu vendia e comprava outra, não quero morar lá de maneira nenhuma.

Pesq.:Hum...

Entrev.: Eu não quero voltar para lá, sabe? Só se vendesse comprava uma térrea pequena, pouca coisa, aí para morar com a... esse casal, né?

Pesq.:Pois bem, aí como era que a gente tava?

Entrev.: Sim, a minha prima... Ela estava procurando pensão, né? Aí, a minha prima com uma tal de uma amizade com uma comunista, sabe?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Tu sabe que comunismo, minha filha (...) pelo amor de Deus são pagãos, né, eles não acreditam em nada...morreu, acabou-se...eles não acreditam em céu, inferno, purgatório...nada aí eu, mas eles gostam muito de fazer bem aos pobres, né?

Pesq.:Uhum.

Entrev.: Isso é, eu não acredito que eles façam bem aos pobres e e... e cada vez enriquecendo mais, né?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Eles ficam bem ricos e disse que fazem muito bem aos pobres. Eu num sei, num sei desse negócio de comunismo. Aí, eu só sei que ela com uma amiga, né? –Helena, fica aqui, aqui está ótimo, num sei o quê. Eu já conhecia aqui, Eu já tinha visto os quartos daqui. Eu digo: Não, eu vou para as irmãs é a única que eu conheço mais decente.

Pesq.:Uhum.

Entrev.: E lá era de homem e mulher, velho, moça, jovem, geralmente estudante.

Pesq.:É um pensionato, será que... tem perto daquele viaduto da Pontes Vieira.

Entrev.: Era e outra coisa...tem que comer... fazer toda a alimentação fora.

Pesq.:Porque lá não tem alimentação.

Entrev.: Não tem alimentação. Olhe, debaixo de chuva, debaixo de sol ir comer. Era horrível e ela: Helena, fica, fica. Eu digo: não fico, não. Aquilo me deu uma dor no coração, num sabe? Menina, a pressão chega subiu lá pra cima, subiu a pressão...Tomei depressa o remédio da pressão. Aí (...) fiquei numa tristeza horrível. Aí disse para uma amiga minha: Ai, eu tô triste. E ela: -Helena, tua prima não quer que tu more com ela, não? E eu: De jeito nenhum. Ela já tinha me feito muita grosseria na casa dela.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ela cobrava dinheiro, olhe eu comprava uma banana e o filho dela comia as bananas todinhas, eu comprava café, o filho dela pegava, ela com o filho pegava, tomava ...ca... aquele

café solúvel, pegava meu café acabava... comprava leite... eles acabavam o leite se aproveitava, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Ainda disse assim: - Se você ficar aqui você vai pagar o tanto que você vai pagar no pensionato. Se você ficar mais tempo aqui. Disse isso para mim. Aí eu disse, é mas é o jeito, mais eu não vou ficar aqui, não. Eu vou pro pensionato e que Deus me leve. Aí quando foi... nove de novembro, ainda me lembro, as três primas, uma que é podre de rica, não sabe nem o que que possui, casada, sabe? Os filhos todos formados. O marido é que é podre de rico, o marido era pobre, era bem pobrezinho ficou rico de uma hora para outra, formou-se em Direito e começou a agiotar, né? Fazer agi... num sei o quê, que hoje é proibido, né? É proibido por lei. Por lei é proibido e ele começou a comprar imóveis e mais imóveis e fazer edifícios, sabe como é?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Tem não sei quantos edifícios de apartamento por aqui. Aí eu sei que esse homem enriqueceu de uma maneira, que é sério mesmo. Eu não sei se é o diabo que dá a riqueza ou se é Deus que dá ninguém sabe...porque o diabo também dá.

Risos.

Entrev.: É, dá...principalmente que o diabo tentou Jesus e disse: Isso tudo é teu, né o diabo tentou Jesus. Nas citações de Jesus, Até manda Jesus se largar lá d.. Do precipício. Para Jesus se matar, né? Suicídio, precipício. E outras coisas, né? A tentação do demônio. Aí, só sei que eu acho que às vezes tem gente que se pega com o demônio para enriquecer e perde a alma, nem tá ligando que Deus... porque quando morre vai para o inferno... Assim, o povo diz, né? Aí, sei, nessa minha longa vida eu tenho visto cada coisa. Aí, né o que que eu ia dizer?

Pesq.: Ai você disse que... Sim, decidiu...que vinha para cá mesmo.

Entrev.: Aí vieram as três. Aí olha o que aconteceu ... assim que o carro da da poderosa, né? Aí disse, chegou aqui, caiu dentro do buraco (risos) o ...o pneu...

Pesq.:Meu Deus...

Entrev.: Aí, ela: Ah, eu não posso tirar o carro do lugar, o carro não sai do lugar. Aí a irmã dela que sabe dirigir muito bem conseguiu tirar o carro do buraco. Aí tiraram o carro do buraco, aí quando... Aí o carro dobrou assim para pegar esse portão de cá, né? Que naquele tempo, o portão era bom, abria e fechava. Era tudo novinho, aí que com o tempo tudo envelhece, né? Ninguém cuida, acaba, vai se acabando.

Pesq.:É.

Entrev.: Aí, só sei que quando o carro parou... que uma prima minha saiu... a Ana, que quem tava dirigindo era a Elaine ... foi no carro da Elaine que eu vim com duas malas dentro. E aí quando... não mais eu já tinha ... nisso, nesse meio tempo que eu tava na casa da Helena eu fui buscar roupa na minha casa, as malas.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: E esse tal de meu irmão que tava com a chave da casa... eu tinha passado três meses na casa da minha prima, que a gente já tava tudo combinado para vir para cá.

Pesq.:Uhum.

Entrev.: Escondi dele, tudo. Aí, né eu sei que pronto... aí vim para cá e eu não falei mais com ele. Fiquei mal, mesmo, mal mesmo.

Pesq.:Quatro anos, né, que você ficou sem falar com ele?

Entrev.: Quatro anos. Eu firme, mas com muita oração, as irmãs... se você não perdoar seu irmão, você não se salva, não sei o quê. Aí, eu nessa história, né, liguei para ele, não mandei, botei no correio uma carta que tinha perdoado o que ele tinha feito e que ele também me perdoasse que eu tinha me desesperado, não sabe?

Pesq.:Hum.

Entrev.: Essas coisas, porque ele dizia as coisas e eu também dizia outras, né?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Chamei ele de ladrão, chamei. E tudo. Aí que ele me perdoasse que eu perdoava. Aí ele veio me visitar, aí passou a me visitar, né? Quando quer.

Pesq.:Frequentemente.

Entrev.: Não, frequentemente, não, uma vez por mês... por aí, né? Aí sim, mas olhe o que acontece, quando a minha prima Ana sai de dentro do carro dá uma bruta queda na calçada.

Pesq.:Hum...

Entrev.: Tu acredita, o carro primeiro caiu num buraco, a Ana deu uma queda. E a Helena foi andando saiu do carro quebrou o salto do sapato. Olhe coisa, parecia que Deus estava revoltado.

Pesq.:Era...

Entrev.: Com elas, com toda a família, não é?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Com tudo. Aí eu, eu só na minha, caladinha. Chegou aqui a irmã: - Olha precisa de um responsável, porque já tá ficando velha, pega uma doença, não sei o quê.

Bote aí nosso nome, sabe?

Pesq.:Uhum..

Entrev.: Qualquer coisa que ela tenha a gente vem visitar...e de fato quando eu ficava doente, desmaiava, porque eu sou dada a dar desmaio, às vezes mesmo, eu caio qualquer coisa, arranquei um dente por aqui, ai pá. perdi muito sangue aí desmaiei. Mas, não é ataque.

Pesq.:Uhum

Entrev.: Porque teve uma aqui que dava ataque, quebrava tudo...era débil ment, é não sei o quê, débil mental, era especial, sei lá...

Entrev.: E a coitada veio parar aqui, mas felizmente uma irmã dela levou para morar em Santa Catarina, mas essa mulher quando tinha raiva, olhe lá. E quando ela dava os ataques dela, fazia assim (com um movimento com o braço) quebrava tudo quanto tinha em cima da mesa. Aí, ela disse que ficava cega, né? Aí caía durinha no chão. Começava a estrebuchar e sair baba, essas coisas, né. É uma doença, não sei. Eu sei que sua irmã finalmente teve a caridade de tirar ela daqui.

Pesq.:Uhum.

Entrev.: E levou para a casa dela. Lá em Santa Catarina. Aí eu disse você que é feliz. Ela me contou horrores da família. Ela me disse até que tinha um irmão ou foi uma irmã que pegou uma panela quente e botou na perna dela, queimou a perna dela.

Pesq.:Meu Deus!

Entrev.: Ela me mostrou a queimadura. Ela disse: Olhe disseram que eu não dissesse, ficasse calada, não espalhasse para ninguém que ele tinha feito isso comigo e a pobrezinha “abestada”, não dizia para ninguém. Tem coisas “horrível” que se eu fosse contar você caía era para trás dura.

Pesq.:Dava um livro, né, Helena?

Entrev.: Dava, eu queria até escrever um livro ... se Deus me der saúde eu ainda vou escrever um livro da minha vida, para vender (risos). Risos

Pesq.:Para ganhar dinheiro.

Entrev.: Ahã.

Pesq.:Sua biografia, né, autobiografia.

Entrev.: Não, é nem autobiografia, não. Era para dar exemplo e o povo evitar e ver como é o mundo, sabe como é, evitar o sofrimento. (Um chamado à reflexão sobre o fato de se colocar as pessoas em asilos, confinadas, do amor exagerado ao dinheiro, a falta de amor e compaixão pelas pessoas). E amar, e as famílias desenvolverem mais amor entre si. Mais amor, ensinar mais caridade, mais solidariedade, num digo nem caridade, que essa palavra caridade para mim é até uma ofensa. Mais solidariedade humana, mais fé em Deus, temor de Deus, que ninguém tem. Ninguém teme a Deus.

Pesq.:É.

Entrev.: Ninguém. Ninguém, eu conto assim (expõe nos dedos da mão) o justo da terra.

Pesq.:Não tem...

Entrev.: Você conta os justo nisso aqui (apontando para a mão). Você procura um justo sem... ah, aquele fez isso, aquele fez isso...

Pesq.:É verdade... Helena, me diz uma coisa, o que você acha da velhice?

Entrev.: A minha opinião sobre a velhice. Nem sei, quando ... eu tive para morrer com dezessete anos, né?

Pesq.:Hum.

Entrev.: Nunca tive medo da morte, nunca. Com dezessete anos sabia que tava morrendo com apendicite aguda, já tive peritonite, tive que operar com dezoito anos, já tive mal, mal, tomei um monte de injeção penicilina, para sarar...passei um mês de cama, de rede, aliás, de cama e de rede...e aí, minha mãe me limpava todo o tempo, mas ... higiene também minha mãe pagava enfermeira e médico para ir me limpar para... A enfermeira ia altas horas da madrugada para me dar injeção, né. É Não fui para hospital, né? Porque naquele tempo tudo era muito fácil, chamava o médico, o médico ia em casa. Hoje, as coisas, nós, coitadas...

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Todos nós, né? Se desloca “do inferno” (O INFERNO É UM LUGAR DISTANTE- O INFERNO É NO FIM DO MUNDO) para ir para o hospital. Lá do fim do mundo para ir para o hospital. Eu acho isso muito errado.

Pesq.:Aí quando chega ainda é mal atendido.

Entrev.: E ainda é mal atendida. Entra numa fila horrorosa, né? E morre na fila, tem umas que morre na fila. É triste, minha filha. Ah, eu acho a saúde no Brasil está cada dia pior, eu acho.

Pesq.:É verdade, mesmo nas grandes capitais a gente percebe muito isso.

Entrev.: Ah, pior ainda.

Pesq.:Pior... Então a velhice para você...

Entrev.: Não a velhice, para mim, eu vou lhe dizer o que é uma é a purificação de nossos pecados da mocidade para entrar numa dimensão melhor. Suponhamos, se a gente for temente a Deus. (VELHICE – PURIFICAÇÃO DOS PECADOS DA MOCIDADE PARA ENTRAR NUMA DIMENSÃO MELHOR)

Pesq.:Sim...

Entrev.: Fazendo tudo para não pecar ... com seu próximo... Para alcançar, né? Para alcançar um planeta superior, porque dizem os espíritas que há vários planetas. A terra é um planeta de expiação e provação. Eles dizem. Já os católicos... eles... Não acreditam nisso... Mas os espíritas falam disso...Jesus disse: na casa de meu pai há muitas moradas, não é? Agora nós não sabemos que moradas são essas, porque ele não dizia. Só quem entendia era os apóstolos o que ele dizia e ninguém entendia nada. É dos pó...olhe: é dos pobres o reino dos céus. Não é? Jesus não disse?

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Mas a gente vá contar quem são os pobres. Eu não sei.

Pesq.:Uhum..

Entrev.: Se é o que não tem dinheiro...o que tá pedindo esmolas na rua ou aquele que ... por exemplo, essa criatura que me fez as piores ruindade... essa empregada era pobre, ela vai para o céu? Não vai...

Pesq.:É tem que saber quem é esse pobre.

Entrev.: E ela não era pobre? Aí, Jesus falava tudo por meio de parábolas e ninguém entendia, nada. Nós, os pecadores não entendemos, nada agora os santos devem entender, eles entendem. Que aparece que o Espírito Santo desce e eles entende as parábolas de Deus.

Pesq.:É.

Entrev.: E Jesus falava por parábolas, então...ele falando assim, a gente não entendia só aqueles que ele queria que entendesse.

Pesq.:Que entendesse, né. E a felicidade, assim para você, o que é?

Entrev.: A felicidade não existe na terra, né?

Pesq.:Você não acredita?

Entrev.: Segundo os espíritas, a felicidade não existe nesse planeta. Nós temos momentos felizes, mas felicidade não existe nesse planeta. Diz até que é um bobo quem diz ah, eu sou muito feliz. Eu, eu alcancei isso e aquilo, aquilo outro. A gente pensa que é feliz, mas às vezes acontece uma desgraça de uma hora para outra.

Pesq.:Aí, lá se vai embora a felicidade.

Entrev.: Lá se vai embora, então não existe na terra... porque o planeta é de expiação, não é?

Pesq.:Uhum

Entrev.: E de provas. Então é um planeta inferior. Você veja que disse que o pior animal que tem é o homem.

Pesq.:Que era para ser o melhor, né?

Era para ser o melhor porque tem raciocínio. É o pior. Tem gente que diz. Aí quando vê as morte horrorosa, os jovens tudo morrendo baleado, né? O crack e tudo, aí.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Meu Deus, cada vez eu aprecio mais os animais do que os homens.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Diz assim.

Pesq.:É porque os animais ...

Entrev.: Os animais não sabem o quê que está fazendo, quando eles matam é porque estão morrendo de fome. Só o único, né. Outras coisas ele está sem raciocínio, né? Eles matam sem raciocínio.

Pesq.:O único, é o único fim do animal quando ele mata o outro é para alimentação.

Entrev.: É.

Pesq.:Você não ver um animal matar o outro porque está com raiva, como o homem se zangar, se for traído, né?

Entrev.: Eu por exemplo, quando eu tenho um inimigo que me faz muito mal, eu tenho mania, eu tinha... mania de rogar praga. Ave Maria, mas eu rogava muita praga. É um pecado que eu tinha.

Pesq.:Certo, mas você...

Entrev.: Diante de Deus é pecado e dos outros, também. Era um pecado que eu tinha eu rogava praga, guardava rancor...e quilo vai matando a gente.

Pesq.:Faz mais mal a gente do que aos outros.

Entrev.: Do que a eles porque enquanto eles estão indo, mangando da gente, a gente tá com aquela mágoa no coração, porque fulano fez isso comigo? E eles dando gargalhada ainda, que fizeram a maldade.

Pesq.:Verdade. E a solidão, você sente assim solidão?

Entrev.: Não, não, não sinto. Aqui eu não sinto, não. Agora eu penso em sair daqui ainda, viu?

Pesq.:Ainda, Helena?

Entrev.: Ainda, penso. Não sei como é que vai ser não...

Pesq.:Mas, você pensa de ir para onde assim, tem algum lugar?

Entrev.: Eu penso em procurar uma casa, casa, casa descente, né? Pedir o meu irmão a herança da minha mãe que ele tá com ela.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Não sei o que foi que ele fez da herança.

Pesq.:Nunca conversaram sobre isso?

(pausa longa) silencia.

Entrev.: Até agora...

Pesq.:Quando ele vem aqui?

Entrev.: Não tive coragem...não, não ...Quando ele vem aqui ele compra um bocado de comida para mim como se eu vivesse de comida... e pernas para que te quero, deixa... pernas pra que te quero, vai embora fazer as compras...deixa a mulher aqui para me indagar as coisas...A mulher assustada veio me perguntar se eu tinha advogado...Eu digo: Quem é que não tem advogado hoje em dia? Até homem de rua tem advogado, porque que eu não tenho direito de ter, me diga?

Pesq.:Uhum

Entrev.: Num é?

Pesq.:É...

Entrev.: Claro que eu procuro minhas melhora. Eles vivem com medo que eu pegue um advogado, oh e caia em cima deles...

Pesq.:Porque você tem direito, né, você sabe?

Entrev.: Tenho, direito. Eu não tenho obrigação de morar em abrigo, não. Eu tenho direito, agora a minha saúde não é boa. É péssima. (Dar-se a entender que a falta de condições de manter-se a si e a um(a) cuidador(a) pode também ser um dos fatores que façam com que a pessoa vá ou seja levada para um abrigo. Mas me vem a questão: Então, porque mesmo as famílias que têm condições de pagar uma pessoa (cuidador) ainda assim, deixa o idoso no abrigo. Será que a motivação seria mesmo somente financeira?)

Pesq.:E para morar sozinha não seria, não?

Entrev.: Não, o médico já me disse: a senhora não pode morar só. Você tem que morar com uma pessoa que faça companhia para você. E com empregada, eu não vou morar para ela me matar, como dizem. Vou nada. Eu só vou morar se for com uma pessoa ... uma família, como eu digo, eu já achei que Deus me ...

Pesq.:Essa família amiga, não teria como?

Teria, olhe ela é tão boa essa minha amiga, que ela já me disse: Helena, se eu tivesse dinheiro e minha casa você vinha morar comigo, porque eles não têm filhos.

Pesq.:Hum...

Entrev.: É um casal sem filhos. Mas, eles tiveram e os filhos morreram, viu? Todos dois morreram. Ela teve uma filha e a filha morreu. E ela teve que operar o útero. E ele teve um filho, e o filho com quinze anos se suicidou. Quer dizer...não foi suicídio, foi aquela brincadeira roleta russa?

Pesq.:Uhum..

Entrev.: O revolver tava com uma bala.

Pesq.:Acidentalmente,né?

Entrev.: E ele foi jogar de roleta russa, né? Com o colega. Por isso que eu digo, esses jovens de hoje não têm limite.

Faz cada besteira, né? Cada besteira! Lindo, ele. Morreu. O pai quase fica doido. Mas se conformou depois, fizeram o enterro, né?

Pesq.:Uhum..

Entrev.: A missa de sétimo dia e tudinho... Sim e sabe que foi que ela disse: Helena, se eu tivesse uma casa você vinha morar comigo... Olhe, foi a única... Que disse isso... Não foi minha prima rica, minhas prima tudo rica...nenhuma disse isso para mim. Foi ela que veio dizer...

Pesq.:Que não é da sua família...

Entrev.: Que não é da minha família.

Pesq.:Mas, tem amor por você.

Entrev.: Por isso que eu digo: Será que há reencarnação, será que há missões na terra. Eu tô aqui de missão para servir de exemplo para outras pessoas não caírem na besteira que eu caí? Sabe como, é?

Pesq.:Sim.

Entrev.: Sabe, como é? se eu pudesse eu escrevia um livro justamente para isso...

Pesq.:Mas, você pode Helena, comece a escrever

Entrev.: Quem sabe, né? ... Nada é impossível, né?

Pesq.: Pois Helena, pois eu quero agradecer pela sua colaboração.

Entrev.: Eu é que agradeço.

Risos . Agradecimentos pela colaboração.

### Entrevista 13 – D. Carla

Pesq.: Nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: Como foi que você veio pra cá, com que idade, se você lembra?

Entrev.: Com cinquenta e oito anos.

Pesq.:Você tava com cinquenta e oito anos. Aí, você que escolheu vir pra cá, como foi?

Entrev.: Não, meu irmão com a mulher dele me botou pra cá, porque quando meu pai e minha mãe morreu eu tava morando na ca/ na minha casa, que era junto do Alfonso Albano. A casa é própria, não sabe?

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, tava morando lá aí meu pai e minha mãe morreu, aí eu tava na casa da minha irmã, depois eu vim pra cá. Eles me botaram pra cá, eu não queria não, aí...

Pesq.: Você morava com sua mãe?

Entrev.: Ah?

Pesq.: Mas você morava com a sua mãe e seu pai?

Entrev.: Com meu pai, é aí foi o tempo de... ele adoeceu aí morreu, né?

Pesq.: Uhum, os dois, né? (incompreensível)... porque não podia morar só a casa era grande.

Pesq.:Uhum...

Entrev.: Aí, eu tava na casa/ aí depois me botaram pra cá. (Botaram-lhe, ou seja, não foi de sua vontade que veio para o abrigo)

Pesq.: Foi, né? Mas, assim, você gosta daqui...

Entrev.: Gosto. Gosto daqui.

Pesq.: O que que você mais gosta aqui da casa?

Entrev.: Eu gosto, assistir televisão, repousar.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Eu gosto de passear, gosto de ir à missa. Sou católica apostólica romana.

Pesq.: Uhum, e assim, pra você, é, você, você, assim, é se considera já na fase da velhice, ou o quê você acha disso, assim? você acha que já tá na velhice? E se está essa velhice pra você tá sendo boa? Ou não, o que que você diria?

Entrev.: Não, o que incomoda sabe o que é ... é a doença. Por exemplo, eu tenho, eu, eu sei que tô, mas o que ataca é a doença...por exemplo, artrite, artrose nos pés.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Como é? Reumatismo nos pés, dor no braço, dor nos quarto, só isso, sabe? Porque o que ataca mais é a doença, né? Né, que eu tenho problema dos pés dos braços, nos quartos e é isso aí?

Pesq.: Mas essas, esses problemas são de coluna que você tem?

Entrev.: É, pois justamente, que eu não tinha isso, não aí, que chega a um tempo a idade que aparece doença, né? (A velhice traz a doença).

Pesq.: É verdade. E me diga uma coisa, assim você se sente às vezes só, aqui, ou não? Assim, como é que você se sente, a solidão, o que que você acha?

Entrev.: É muito ruim, mas é o jeito, porque pelo menos eu me divirto com a televisão, né?

Pesq.: É, né?

Entrev.: É, mas é o jeito, a gente deve se acostumar ao que é bom e ao que é ruim.

Pesq.: E você tem visitas, assim da sua família, no caso, seu irmão, a sua família?

Entrev.: Meu irmão, até tá vindo, parece que deixou um pouco de vir, minha prima tá, é passou esses dias sem vir, não sei o que está se passando, ficou de ligar pra mim, mas é isso aí, não é? Deixa pra lá, pelo menos...eu, passando aqui bem é o que vale, né? (Prova do abandono, mesmo quem tem parentes fica sozinho no abrigo, porque a família vai se afastando ...)

Pesq.: É, e assim, mesmo também não tem só.(/)

Entrev.: Gosto de passear.

Pesq.: Gosta de passear. Gosta de música?

Entrev.: Adoro. Adoro música.

Pesq.:E aqui tem assim, algum momento, que tenha música?

Entrev.: Bem, eu assisto mais televisão. Ontem eu assisti um radiozinho, é uma musicazinha, sabe? (cara de quem não gostou da música)

Pesq.: Você não gostou não da música?

Entrev.: Gosto, eu gosto, qualquer música eu gosto.

Pesq.: Hum. E as companhias aqui da casa, assim, as colegas?

Entrev.: Gosto, eu gosto também.

Pesq.: É bom, né?

Pesq.: E o tratamento, assim, que vocês têm aqui?

Entrev.: Bem, é bem tratado.

Pesq.: E a estrutura assim, pra vocês fazerem atividade física. Tem atividade física?

Entrev.: Bem, tinha o negócio dos projetos, da mani / que mandava pintar, fazer essas coisas, aí quando os projeto acabou aí... pronto, sabe, aí... (incompreensível) fazer pintura, essas coisas que eu gostava, né?

Pesq.: Uhum. Você só tá com um ano aqui, né?

Entrev.: Não, seis.

Pesq.: Seis anos? Mas você disse pra mim que veio pra cá com cinquenta e oito anos?

Entrev.: Não, a minha idade é cinquenta e...

Pesq.: Não, a sua idade é cinquenta e nove.

Entrev.: É, porque eu cheguei aqui em 58 faz pouco tempo, viu? Foi o tempo que meu pai e minha mãe morreu, tava na casa da minha irmã. Aí depois eu vim pra cá. (Mais uma vez se corrobora a ideia de que se perde os pais ou quem lhes era amparo para poder vir para um abrigo, ninguém vem, por opção, a não ser que mesmo não sendo idoso, não tenha o seu próprio espaço).

Pesq.: Eu sei e atividade física, tem aqui, ou depois que o projeto parou, pararam todas as atividades físicas?

Entrev.: Bem, eu fazia, era pintura, principalmente da maninha. É pintar esses objetos assim de miçanga, qualquer coisa, sabe, eu pintava. Eu gostava.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Ainda gosto, ainda.

Pesq.: E médico? Vem médico, aqui fazer exame em vocês?

Entrev.: Tinha fisioterapia, mulher, mas o projeto acabou.

Pesq.: O projeto acabou e acabaram todas as atividades, foi?

Entrev.: É, até da maninha acabou, não sei como é que vai ficar esse ano... O negócio tá é meio... E eu tô muito contrariada porque eu queria fisioterapia e não tem pra mim, porque tem que pagar particular.

Pesq.: Particular e você não tem assim, um convênio, não, né?

Entrev.: Eu tenho o ISEC.

Pesq.: O SUS, né?

Entrev.: É, até minha prima ficou de levar no dia 11, não sei se vai, que ela não ligou mais, não sei o que que tá havendo? Aí, eu ia fazer fisioterapia, mas ainda tem massagem. A menina ficou de vir hoje, não veio, talvez amanhã ela venha. Eu tô fazendo massagem com ela, sabe?

Pesq.: Massagem, é bom, né? Você gosta?

Entrev.: É, mas não tem como fisioterapia, sabe porquê? Porque tem ultra luz, tem essas coisas que bota no braço, sabe?

Pesq.: Uhum. Que vai melhorando, as dores.

Entrev.: Vai melhorando, as dores e tudo, não tem como fisioterapia, né? Porque melhora, tem forno, bota o forno nos pés. É bom, né?

Pesq.: E quem era que ia trazer, que ia levar você ao médico? Pra fisioterapia?

Entrev.: Era a minha prima.

Pesq.: Mas, até agora ela não deu resposta, né?

Entrev.: É, não deu resposta, não ligou mais, não sei o que está havendo?

Pesq.: Certo, mas alguma coisa é, né? Daqui a pouco ela entra em contato com você e explica, né? Aí, me diga uma coisa em relação, assim, à felicidade, aqui você se sente uma pessoa feliz? Você tá feliz por estar aqui?

Entrev.: Tô muito feliz.

Pesq.: Ou gostaria de tá em outro lugar, se fosse, aonde seria, assim?

Entrev.: Não, eu tô feliz aqui, graças a Deus.

Pesq.: Graças a Deus, né. Pois então, pra você, aqui, assim, o início da velhice tá bom, né?

Entrev.: Tá tudo bem, graças a Deus. Agente quer é paz, sossego, amor.

Pesq.: Hum. E aqui você encontra isso, né?

Entrev.: Justamente, é.

Pesq.: Pois, é D. Carla, você gostaria de deixar alguma mensagem, fazer algum pedido? Não sei, tipo se as autoridades políticas tiverem acesso a esse trabalho saber o que vocês sentem necessidade aqui na casa?

Entrev.: Olha, eu tenho horror à política, mas...

Pesq.: Não gosta de política?

Entrev.: Não, eu tenho verdadeiro horror a político, ave Maria eu não gosto de político nem... Eu até tava fazendo a, como é, eu tava até votando, mas meu irmão não quis de jeito nenhum votar, votar nos candidatos.

Pesq.: Eu sei. Você não pôde.

Entrev.: Eu queria muito, mas aí chegou um ponto que ele não deixou. Ele ficou com o documento do (...) da carteira de votação, não sabe? Título de eleitor, aí pronto, eu deixei.

Pesq.: Sim, mas aí e o pedido? se você fosse fazer o pedido, o que que você pediria, hoje?

Entrev.: Qual o tipo?

Pesq.: Uma coisa pra se realizar, uma coisa que você tem vontade ou uma coisa que você tem vontade que aconteça com você, na sua vida?

Entrev.: Eu... tô tudo bem, o que vale é a minha saúde e pronto. E queria passear, sabe eu adoro passear. Gosto do Iguatemi. Viajar, porque até tava viajando com minha prima.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Você conhece a praia da Tabuba? Que é uma maravilha, fui com ela tinha uma casa grande, tinha piscina, a praia era boa, eu acho uma maravilha. Agora é cara, porque essa casa que tem é da prima minha não sabe? Filha de uma prima minha que ela tem, casou-se, o marido dela mora no Rio, São Paulo, interior de São Paulo. Aí, eu fui pra casa dela, gostei muito, eu adorei lá, que ela vai morar, já pensou na praia. Porque ela tá morando na Cidade 2000, não sabe? Aí eu não sei o que que houve, que, que o marido dela e ela tava certo pra trabalhar no local que tava, o marido fora não deu certo e ela também, aí passou lá pela praia da Tabuba, tu já pensou? Lá no inferno da praia pra banda do Pecém. É longe, né?

Pesq.: É, eu conheço o Pecém.

Entrev.: E mesmo que(/) tu já passou lá?

Pesq.: Já fui no Pecém.

Entrev.: Ali é uma maravilha. É, né? Já fui lá, passamos circulando naqueles negócios de luz, né?

Pesq.: Uhum... Indústria de energia, né?

Entrev.: É, tu já viu?

Pesq.: Já vi.

Entrev.: É uma maravilha, aquela vista é uma maravilha.

Agradecimentos pela entrevista.

#### Entrevista 14 – D. Ilza

Nome completo: nome suprimido.

Pesq.: D. Ilza.

Entrev.: Eu pago aqui 470.

Pesq.: 470, 00 mais com alimentação, né?

Entrev.: É, mas a alimentação é muito, muito precária.

Pesq.: É, né? A senhora não acha a alimentação muito boa, não, né?

Entrev.: Hum, é assim mesmo, né? É a vida. É minha filha.

Pesq.: E lá na sua sobrinha não dá pra senhora ficar por lá, não?

Entrev.: Eu fui lá, minha filha em 2010, em 2011 aí vim de lá dia das eleições e cheguei aqui em Fortaleza passei três meses. Mas eu não me dou com o clima do Piauí, de lá, não.

Pesq.: Ah, porque é muito quente. Verdade.

Entrev.: Lá é horrível.

Pesq.: Lá é quente demais, pois pra começar a nossa pesquisa eu queria dizer que a senhora não é obrigada a participar, como eu lhe disse ontem, né?

Entrev.: Hum.

Pesq.: Seu nome completo é Ilza Firmino Pereira, não é. Tá aqui em seus dados.

Pesq.: Só pra ficar gravado a senhora pode repetir o seu nome completo?

Entrev.: Ilza Firmino Pereira.

Pesq.: D. Ilza, a senhora nasceu no dia 10 de fevereiro de 1930, correto?

Entrev.: Correto, tem 83 anos.

Pesq.: É boa de matemática. Na escola, a senhora sabia muita matemática?

D. Ilza: Eu aprendi matemática só através da pesquisa.

Pesq.: Foi mesmo?

Entrev.: As vezes eu tinha a explicação do professor e ... Minha filha, interrompendo a história... O Piauí tem um ensino de primeira qualidade.

Pesq.: Não tem problema, não. ...É bom o ensino de lá. É, bom.

Entrev.: Pois bem, aqui eu sou formada em professora, mas primária, num é?

Pesq.: Hum... A senhora fez pedagógico, escola normal?

Entrev.: Fiz escola normal e fiz quarto normal que dá direito a ensinar matéria, que eu fiz em línguas. Comunicação e expressão.

Pesq.: Ah, que bom, pois eu também sou professora de português, sabia?

Entrev.: Ahã.

Pesq.: Esse curso que eu tô fazendo é doutorado em Português.

Entrev.: E você vem fazer aqui, por quê? Porque era especial é? Eu tô dizendo, lá não tem?

Pesq.: Não tem, lá no Piauí não tem, doutorado ainda.

Entrev.: Tem não, né?

Pesq.: Tem, não. Por isso que eu tive que vir pra cá.

Entrev.: Ah...

Pesq.: E me conte aí a história da sua vida, os parentes que a senhora possui.

Entrev.: Minha filha, eu só possuo uma menina que eu criei.

Pesq.: Ah, a senhora tem uma filha é?

Entrev.: É de criação.

Pesq.: Ah, de criação. Ela mora aqui?

Entrev.: Ela mora aqui em Fortaleza. Tá sem casa pra morar, situação difícil.

Pesq.: É?

Entrev.: Tem uma meninazinha, que tem três anos e teve pneumonia. Nos dois pulmões. Quem tem hérnia de disco não se... não pode demorar muito tempo sentada nem em pé.

Pesq.: Uhum, a senhora quer ficar deitada ali, encostada na cama? Se a senhora quiser eu lhe ajeto pra senhora ficar.

Entrev.: Deitada, minha filha, é melhor.

Pesq.: Num é?

Entrev.: A hérnia...

Pesq.: Eu a acomodo deitada e continuamos a conversa: Pois tá bom, não tem importância, não o importante é ouvir a senhora. Certo, voltando aqui à nossa conversa, né? Podemos voltar? Aí quer dizer que a senhora tem uma filha de criação, né?

Entrev.: É, minha filha, só que ela morava com a sogra e a sogra vendeu a casa e não quer dar um tostão pra ela alugar uma casa.

Pesq.: Ah, eu sei e o esposo dela?

Entrev.: O esposo dela é filho dessa senhora.

Pesq.: Sim.

Entrev.: Não quer dar, ela tá sofrendo muito. A menina teve pneumonia nos dois pulmões, ela foi internada, ela trabalha, ganha pouco e ele trabalha à noite pra tomar conta de menina durante o dia.

Pesq.: Uhum..

Entrev.: Eu tenho saudade de minha menina, eu tenho dois anos aqui desde o dia sete, eu tenho saudade, vontade de ir me embora tão grande, mas o padre não deixa, porque foi o padre que me botou aqui.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aquele que celebrou hoje.

Pesq.: Sei.

Entrev.: Ele veio falar comigo e disse que eu não saísse daqui, não. Ele num quer deixar porque se não eu, o sala.. a renda que eu tenho eu ia ajudar ela, né? Lá na casa e aí ela guardou silêncio, não me telefonou mais.

Pesq.: Uhum. Aí antes de a senhora vir pra cá...

Entrev.: Eu morava em casa alugada, minha filha. Eu tinha casa. Eu tinha três casas. Aí ela botou na cabeça pra trocar essas três casas por uma casa, tá entendendo.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Quando eu fiz o negócio eu tava com labirintite, sozinha, morando só, não podia, não podia resolver, aí fiquei desesperada e fiz o negócio, joguei tudo no mato, aí vendi a casa e os doze mil eu botei no banco e roubaram o dinheiro do banco todinho.

Pesq.: Como assim roubaram o dinheiro do banco?

Entrev.: Tiraram emprestado o dinheiro e acabou-se. Um sobrinho.

Pesq.: Ah, quer dizer que a senhora tinha três casas.

Entrev.: Tinha três casas, minha filha, (.) três casas que valia a pena trocar por uma? Ela botou na cabeça, tá entendendo? (ar de denúncia sobre o mal negócio feito)

Pesq.: Hum.

Entrev.: Ela hoje vive arrependida, mas não fala nada, não. Ela sabe que foi conselho dela. Ela ficou sem casa, ela tinha uma casa, eu tinha outra, tinha outra para os animais. Era casa boa, eu fiz reforma. Alta, ventilada. Era uma beleza, mas o demônio meteu a mão na frente (o demônio, que é um ser sobrenatural de existência abstrata, foi corporificado no depoimento). Esbagaçou tudo, inveja, tá entendendo? Esse pessoal que tomaram a casa, invejaram e ficaram incentivando muito pra eu fazer. Eu tenho eles como inimigo, eu rezo todo dia por eles que são inimigos, entrego na mão de Deus, Deus tome conta. Elas tão de riba, rica. (bom é para cima – eles tão de riba- de cima- ricos). Essa pessoa que aconselhou a fazer isso. Foi que tomou minha casa. Tomou e construiu uma casa grande, tá entendendo? (denúncia contra vizinhos com maus conselhos)

Pesq.: Uhum.

Entrev.: As três casas construíram uma casa, um palacete (..) a minhas custas, aí eu fiquei abandonada aí eu adoeci. Adoeci da coluna. Das perna. Porque o médico minha filha, o médico aqui foi tão mal do IFEC, aplicou uma injeção na coluna, cinco injeção dizendo que eu ia ficar boa da dor que eu tinha na perna, mas a dor que eu tenho na perna é da hérnia de disco. (vítima de erro médico – mais uma violência sofrida pelo idoso no Brasil, o mal atendimento na rede pública de saúde)

Pesq.: Hum.

Entrev.: Me dói muito, dói de quebrar osso. Dói, eu fui na emergência umas trinta vezes.

Pesq.: uhum...

Entrev.: Aí, adoeci fiquei prostrada. Aí quando meu sobrinho me levou pra casa duma mulher que ele morava com ela, aí fui p Teresina, passei três meses, cheguei lá na casa da minha sobrinha. Eu ensinei ela, alfabetizei ela. Ela saiu da minha companhia com a oitava série ginásial. Ela hoje me diz assim na minha cara que me ... tem ódio a mim, porque eu dei umas lapadas nela que ela mereceu. Ela tem ódio a mim e guardou vingança. Aí eu não podia ficar lá e vim me embora. Eu digo, eu vou pro Ceará, porque o Ceará tem um clima bom. Ela queria me jogar lá na casa do abrigo numa quentura terrível. Eu disse não, eu prefiro voltar ao Ceará. Aí tá o último dinheiro foi pra pagar passagem de avião ida e volta. Acabou-se tudo minha filha, encerrou e fizeram empréstimo em meu cartão. Deixaram o empréstimo aqui quase um ano, mais de uma não, foi pagar, agora que normalizou. (violência do roubo do salário da idosa, através de empréstimo)

Pesq.: Agora a senhora tá recebendo seu salário.

Entrev.: É, mas eu ganho muito pouco R\$ 690,00, só. Aí paga aqui R\$ 400,00. Pago aqui, fico com R\$ 215,00; R\$ 210; R\$ 204. É sofrimento, minha filha. É uma história.

Pesq.: É, né, mas me diga assim, eu vou lhe fazer a pergunta. A senhora veio pra cá por meio de quem? E como foi que a senhora veio pra esta casa, né? A senhora morava na sua casa...

Entrev.: Morava numa casa alugada. Tava numa casa alugada, que eu já tinha vendido a casa. E botei o dinheiro no banco e comeram. (eufemização do roubo do dinheiro do banco)

Pesq.: Sim.

Entrev.: Aí (...) eu fiquei prostrada. Quando eu vim do Piauí.

Pesq.: Ahã.

Entrev.: Aí, minha menina, alugou uma casa, me botou. Ela ficava em cima e eu em baixo. E deixou uma morena comigo, uma negra vagabunda, de homem, só vivia atrás de homem.

Pesq.: Sim.

Entrev.: Aí, minha filha eu dei uma queda à noite da cama, a cama me cuspiu lá e desse lado que eu tô.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Passei a noite no chão gritando, ninguém veio me acudir. Por que ela tava na rua, com homem. Eu sofri tanto, minha filha, aí quando eu tava morrendo, não tinha mais comido, a minha menina tinha se operado, que ela fez cesariana, tava operada, não podia tomar conta de mim, ficou revoltada, desesperada. Aí o padre foi falar com ela, ela disse ao padre que não queria nem me ver, porque não podia tomar conta de mim e tomar conta da menina. O padre

levou a mal me trouxe pra aqui, me arranjou, uma irmã me trouxe pra aqui. A Irmã Terezinha foi lá, foi me ver, então eu nem comida tinha, porque a pobrezinha devia a casa, tava parada no emprego, passando necessidade, aí uma pessoa, aí, uma senhora é que me dava comida, duas senhoras, uma levava o café, outra levava o almoço, elas ajudava tudo coisa pouca, tá entendendo? (fome /necessidade)

Pesq.: Uhum, doações, né, pra senhora?

Entrev.: É, doações.

Pesq.: Sei...

Entrev.: Por caridade.

Pesq.: Eu entendo.

Entrev.: Aí o padre viu, quando viu essa situação ficou apavorado.

Pesq.: Quis lhe ajudar, né?

Entrev.: E quis me ajudar, trouxe eu pra aqui. E num quer que eu saia daqui de jeito nenhum.

Pesq.: Mas, pela senhora, a senhora queria sair?

Eu queria, minha filha. Eu queria ajudar minha menina. Eu sou uma pessoa que perdoou.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Graças a Deus.

Pesq.: A senhora queria ficar junto com ela, era?

Entrev.: Eu queria, mas ela não tem condições de me tratar, não. Ela trabalha, tem uma menina, o marido dela trabalha a noite, no mercantil, no Extra, trabalha a pulso, porque o chefe não quer que ele trabalhe à noite. Ela trabalha à noite, pra durante o dia tomar conta da menina. E ela trabalhar também.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: E assim vai a vida. E agora tô sem casa pra morar. Ela esperava que eu fosse embora pra ajudar pagar a casa. É duro, minha filha, a história...

Pesq.: É! E, assim, pra senhora, o que é a velhice, o quê que a senhora, como é que a senhora acha da velhice?

Entrev.: Minha filha, a velhi... A vida é boa, viu? Por mais que a gente sofra a vida é boa. Que enquanto mais a gente sofre, mais se purifica, né? (resignação diante da vida e da velhice)

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Mas, eu num, num sou uma pessoa que peço pra morrer, não. Deus me livre. Se é da vontade de Deus, mas eu não queria morrer aqui, não. Porque aqui enterra no mesmo dia. (Querida ter o direito de ter o corpo velado) E num leva a médico, nem nada (falta de assistência médica) Entrega à família, tá entendendo e a minha menina num pode me levar a médico, nem aqui se dispunha a fazer isso. Aí me falta remédio pra eu tomar, porque num cura, não, porque hérnia de disco num cura.

Pesq.: uhum...

Entrev.: E num posso operar, tem a dor na perna, que eu não posso passar muito tempo sentada, nem de pé, porque tem que esticar o corpo. A dor é nas costas.

Pesq.: E as refeições, a senhora faz lá (referindo-me ao refeitório), é? Ou é aqui (referindo-me ao quarto)?

Entrev.: É lá, minha filha, eu saio me arrastando, puxando e o povo ainda acredita que eu não tenho nada. E o pior de tudo que tem as vértebras tá estragada, os ossos. Eu tenho osteoporose e artrose. (Os próprios funcionários não entendem a situação da idosa. Estariam, então aptos a tratar de pessoas idosas?)

Pesq.: Uhum.

Artrite. eu tenho muita coisa, eu tenho problema no estômago, eu tenho refluxo. (Alguém que leia esta declaração da idosa pode pensar tratar-se de exagero, mas a sua aparência física: magra, pálida, pele e osso, fraca, cabelos que foram raspados crescendo desalinados... reflete o que a idosa deunica em sua fala)

Pesq.: Ai, meu Deus.

Entrev.: Não posso tomar cálcio e tem que tomar cálcio, fico com um peso, uma pedra rachada, é uma pedra dura, tá entendendo?

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E vem já vem até o pé da barriga, já.

Pesq.: Mas, assim, qual o remédio que a senhora acha que deveria tomar?

Entrev.: É o reumatologista que tem que me passar.

Pesq.: Ah, tem que ir ao médico, né?

Entrev.: É. Mas ninguém dispõe de me fazer esse favor. Hoje eu ia falar pro padre isso, mas não deu nem tempo. Eu também tenho hérnia de disco.

Pesq.: E a senhora tem algum remédio que a senhora usa, hoje em dia, assim, pelo menos para diminuir essas dores?

Entrev.: Não, tem não, minha filha, eu tomo tilex, eu tomava tilex, passei mais de dois anos tomando tilex, pra dor da perna, tá entendendo? Eu sem saber que era hérnia de disco.

Pesq.: humhum

Entrev.: Quando fizeram radiografia, exame da coluna, foi que acusou

Pesq.: hum

Entrev.: Passaram outro exame pra fazer da pel, pel, pélvis.

Pesq.: uhum.

Entrev.: Aqui, pescoço, sabe?

Pesq.: uhum.

Entrev.: Aí, foi que lá do IPEC, eu tenho IPEC, deu seis meses pra esperar, esperei até (.) eles se recusaram de ir atrás. Aí passou, perdeu o exame.

Pesq.: Nossa, que horror.

Entrev.: É minha filha, aqui você pensa... você vê cara, mas não vê coração. Tem sofrimento, aqui...(No caso, a idosa se refere com a metáfora do ditado – quem vê cara não vê coração – não a uma pessoa, mas ao lugar, o Recanto Sagrado Coração – convento e abrigo de idosas).

Pesq.: E assim, a gente começou a falar, mas às vezes... assim a velhice pra senhora não tá sendo uma coisa boa...

Entrev.: Não tá sendo por causa da saúde. (estar na velhice é não ter saúde)

Pesq.: Pelo problema de saúde, né?

Entrev.: É, mas se não fosse esse problema eu era uma pessoa feliz.

Pesq.: E a senhora acha que não tá feliz aqui não?

(A idosa faz um aceno negativo com a cabeça)

Entrev.: ... Assim, desse jeito, não, né? Não, eu me esqueci até de dizer pro padre. Tem dias que eu me acordo com o coração intranquilo, assim como sem paz, sabe? É tão ruim. É ruim, porque eu fico pensando, preciso e não tenho.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: O padre, não deu nem tempo eu conversar direito, porque eu me esqueço. (da metáfora de não ser ouvido constantemente, pois se fosse constante e não fosse tão rapidamente, não haveria pressa ou ansiedade para conversar-se)]

Pesq.: Uhum... Mas me diga uma coisa D. Ilza, assim uma massagem com aqueles cremezinhas que ajudam nas dores não melhoraria, não?

Entrev.: Era bom, mas não tenho creme, minha filha.

Pesq.: A senhora quer que eu traga um pra senhora?

Entrev.: Mas, é creme de passar em perna, é?

Pesq.: Não, assim, ele é pra dores dos músculos, dores nas costas.

Entrev.: Quero, minha filha. Eu tô sem nada.

Pesq.: Quer?

Entrev.: Quero.

Pesq.: Pois eu vou trazer pra senhora, viu?

Entrev.: Oh, maravilha, você tem? Oh, lhe agradeço, minha filha. Só o céu é quem lhe paga.

Pesq.: Não se preocupe com pagamento, não. O melhor pagamento que eu posso ter é ver a senhora melhor. Porque é tão ruim a gente sentir dor, não é?

Entrev.: É, porque a dor é contínua.

Pesq.: A senhora não toma nenhum remédio pra dor, assim uma novalgina, assim?

Entrev.: Eu tô com remédio pra comprar, eu tenho o dinheiro, tenho o nome do remédio, não tem quem compre.

Pesq.: Tem o nome do remédio? Pois a senhora me dá o nome do remédio. Entrev.: Você compra, minha filha?

Pesq.: Eu compro.

Entrev.: Oh, meu Deus, eu lhe dou o dinheiro.

Pesq.: Não, não precisa, não.

Entrev.: Oh, minha filha, você aqui é uma graça do céu.

Pesq.: Com certeza, a senhora acha que ele esquece da gente? Esquece, não, né?

Entrev.: É.

Entre lágrimas e um choro contido, fala a idosa:

Entrev.: Nosso Senhor, manda os anjos dele.

Agradecimentos pela colaboração com a pesquisa.

### Entrevista 15 – D. Marina

Pesq.: Nome Completo?

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: E a data de nascimento, Miriam?

Eu sou de 1942.

Pesq.: Sabe o dia e o mês?

Entrev.: Sou do dia 10 de maio...

Pesq.: De 1942, né?

Entrev.: De 1942.

Pesq.: Sabe quantos anos?

Entrev.: Uns dizem que é setenta, outros dizem que é mais.

Pesq.: Olhe, no dia 10 de maio, você vai fazer 71. Sabia? No próximo mês.

Entrev.: risos, setenta e um...

Pesq.: E você nasceu aonde?

Entrev.: Eu nasci no interior... era assim, se chamava Sítio do meio. Era entre, um pouco longe.

Era entre Sobral e Viçosa. Era mais longe pra Sobral, mas pra Viçosa era mais perto.

Pesq.: Certo.

Entrev.: No meu registro mudaram, botaram que eu nasci em outro lugar, que eu nem falo nesse lugar, que eu não sou de lá mesmo, foi que botaram errado no meu registro, mas eu nem conheço esse lugar.

Pesq.: Certo. E qual é seu estado civil, solteira, casada, viúva...

Entrev.: Solteira, que maravilha! (risos)

Pesq.: Com muito orgulho, né, Marina?

Entrev.: Não tem dinheiro que pague a gente viver sozinha, a gente viver só pra gente. Eu tenho meus irmãos, inclusive, eu não sou filha legítima, mas eu quero bem meus irmãos. (começa a chorar) Quando eu vim pra cá eu chorei, a minha irmão disse que era porque eu não queria vir, mas não era, não. Porque eu já sou acostumada em pensionato. Já tive em pensionato.

Pesq.: É?

Entrev.: Mas não era, não era só pra não deixar elas. E elas são tudo casada. Aí eu pensei que pudesse ficar mais as irmãs, mais a mãe adotiva, mas depois de aposentada a gente não fica mais a mamãe da gente. (A metáfora do não serve mais para ...)

Pesq.: É, não é? E a sua mãe ainda é viva, é?

Entrev.: Eu não chamo, realmente eu chamava madrinha, mas acolá eu chamo minha mãe.

Pesq.: Ahã.

Entrev.: Ela, tá inclusive, no hospital, e eu fico ligando pra lá o tempo todo, mas não fico só aperrando, não, porque também, né? Sabe que celular, se a gente ficar só gastando quando pensar que não (...)

Pesq.: Tá alta, a conta, não é? Os parentes que você tem, você tem irmãos?

Tenho.

Pesq.: Eles vêm aqui visitar você?

Entrev.: Não, não. Eu acho que a pessoa recebe visita quando tem precisão que a família vem (Não seria esta uma ideia incutida em sua mente???? eis uma questão para reflexão). Mas uma pessoa que já vai fazer setenta e um anos, precisa das meninas tá... Já vieram uma vez, mas eu

fiquei ai meu Deus! Maravilhoso, como é que a gente diz. Eu muito apegada com as minhas irmãs, muito.

Pesq.: Sente saudade, né?

Entrev.: A gente... Ah, bom! Quantas vezes eu chorei aqui! No dia, no dia que eu cheguei, na hora do almoço, botaram aquela comida pra mim, eu não falei nada, mas eu não gostei daquele tanto da comida. (Falta do direito de emitir opinião ou de pedir algo)

Pesq.: Uhum...

Entrev.: (risos inocentes, como se não percebesse de fato, o motivo da tristeza, mas fala na quantidade da comida). Ah, mas eu passei uns dias aqui, que foi não foi, nas próprias festas a lágrima tava descendo. (A tristeza da idosa de estar vivendo na casae não querer)

Pesq.: E quando foi que você veio pra cá, você lembra?

Entrev.: Eu vim, foi, foi (...) em 2004.

Pesq.: E quem foi que lhe trouxe pra cá?

Entrev.: Foi ela.

Pesq.: A sua irmã?

Entrev.: Não, a minha mamãe.

Pesq.: A sua mãe, né?

Entrev.: Mais o motorista e o funcionário da casa.

Pesq.: Ah.

Pesq.: E porque ela lhe trouxe, ela tava doente, era?

Entrev.: Não, ela me trouxe porque eu já tava aposentada, porque eu já tinha ajudado todo mundo. (metáfora de não servir mais para...) Eu ajudei pra me aposentar. Eu nunca fui de chegar na casa de uma irmã minha e servir de visita. (trabalho e sua importância). Agora eu posso... eu posso chegar e posso... não é totalmente visita, né, mas aí a gente procura, é...procura, não é porque eu seja visita, não, na casa de minhas irmãs, mas elas também me recebe muito bem. Eu fui criada fazendo meus gostinhos, quando eu gosto de uma coisa eu faço até setenta anos, né, que eu vou fazer 71.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Quando eu gosto de uma coisa.

Pesq.: Sei.

Entrev.: Ah... Dizendo bem, sendo uma coisa que ... que a gente pode fazer aí a gente faz o gosto da gente, ninguém vai fazer é uma coisa que não tá certa.

Pesq.: Ah, tá certo.

Entrev.: Não é? Pesq.: É, sim. com certeza, tem razão, não é?

Pesq.: Minha filha, e qual é a sua opinião sobre a velhice?

Entrev.: Ave! (um grito) Eu nem... olhe eu vou fazer 71, mas eu nem (...) penso assim... em ficar, logo eu gosto muito de movimentar, nesse instante eu tava... se eu não fizer no sábado, no domingo. Não é precisão que eu tenho, não é precisão que a gente tem e não é com pena de ocupar as funcionárias.

Pesq.: É porque você gosta mesmo, né?

Entrev.: As funcionárias (...) com o pouco tempo que eu cheguei aqui, as funcionárias, eu sei que tá sendo gravado, mas a verdade tem que ser dita.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: E a funcionária disse assim: eu não vim pra cá pra trabalhar pros moradores. Eu fiquei calada, porque se eu fosse falar, ai, ai.

Pesq.: risos.

Entrev.: Se eu fosse falar... eu só tenho essa perna fraca (mostra a perna deficiente). Eu tenho essa perna fraca.

Pesq.: Uhum..

Entrev.: Eu tenho essa perna fraca, inclusive, eu fiquei boa com um milagre, bem dizer só e Deus e N. Sra. N. Sra. das Graças, mas eu não perdia um terço. Eu ia pra capela chega eu me entortava assim...

Pesq.: Uhum..

Entrev.: Mas ia pra capela, mas eu fiquei boa dessa perna por um milagre, o médico me desenganou. Foi a ciência. Você vai ter que amputar a perna e eu fiquei caladinha, né?

Pesq.: E o que foi isso, foi queda?

Entrev.: Foi, não, quando eu era criança, depois do sarampo, daquelas doenças todas.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Sabe, que eu tive aquela doencinha, aquela doencinha todinha em mim, aí por último foi o sarampo, aí eu fui chupar uma manguinha, lá debaixo do pé de manga, com poucos dias, ninguém não se “incomodou-se”, eu era uma menina, eu lá tava sabendo que aquela manga ia, ia me fazer mal. Eu digo pra todo mundo, olhe, qualquer problemazinho que a pessoa tiver, não coma manga, porque, manga é, manga, ata, sapoti, quando não tem as coisinhas doces como tem é reimosa. (Penso que a idosa teve um problema de paralisia infantil, que ela atribuiu ao fato de ter comido uma manga depois de ter tido sarampo)

Pesq.: É?

Entrev.: Mas, o pessoal são teimosos, acha que é porque a gente quer ser a sabida, eu não sou, não. Eu não tenho sabedoria. Eu tenho a minha cabeça pra falar quando é preciso.

Pesq.: Uhum, tá certo.

Entrev.: Não tenho sabedoria em cima de mim, mas muita coisa, a gente...

Pesq.: Entende, né Marina, pelas coisas que vive, né? Acaba entendendo, né? Você entendeu que ficou doente por causa da manga, não é?

Entrev.: Foi, e ninguém incomodou-se e eu fiquei lá, fiquei lá fazendo estripulia, né? Aí foi, as coisinhas na perna, ninguém se incomodou comigo...

Pesq.: E a felicidade, Marina, o que você acha da felicidade?

Entrev.: A felicidade, às vezes a pessoa que... a felicidade é a gente levar as coisas. As coisas que a gente não gosta a gente não pode dizer que é felicidade, mas a gente pode ser uma pessoa feliz.

Pesq.: E você se considera feliz?

Entrev.: Sorriso, silencia e não responde.

Pesq.: E a solidão, você se sente solidão aqui?

Entrev.: Nada, eu gosto quando eu tô nesse quarto, sozinha. O pessoal diz assim, que a gente não deve dormir com a lâmpada aberta. Eu posso passar a noite todinha com os olhos fechados, mas eu não durmo.

Pesq.: Só se tiver apagada, né?

Entrev.: Mas aí, é lâmpada dacolá, é lâmpada daí...

Pesq.: Tudo acesa, né?

Entrev.: É, então não precisa da gente ficar com aquela lâmpada aberta a noite toda.

Pesq.: A do quarto pode ser apagada, né?

Entrev.: Quando eu quero saber das horas eu encontro um despertadorzinho que eu tenho assim, eu boto assim, aperto, aí aquela lampadazinha acende, aí eu sei da hora. Inclusive, eu tenho um relógio no celular, tenho relógio na parde e tem um despertador que eu ganhei da minha irmã.

Pesq.: Tá todo o tempo, com o tempo certinho, né, Maria?

Entrev.: É.

Agradecimentos pela colaboração na entrevista.

## Entrevista 16 – D. Ester

Pesq.: Nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Entrev.: É tanta coisa, né pra gente chegar o fim. Eu tô livre de estudo.

Entrev.: A minha sobrinha estuda demais. Estuda até de madrugada. Ela já passou na segunda fase. Ela já é advogada.

Pesq.: Ah, que coisa boa. E seu nome completo:

Entrev.: Maria Estefânia Costa

Pesq.: Data de nascimento:

Entrev.: 19.06.1925

Pesq.: Estado civil:

Entrev.: Eu sou sol... sou viúva.

Pesq.: Nasceu, aonde?

Entrev.: Em Massapê.

Pesq.: É ceará mesmo?

Entrev.: É depois de Sobral. Pertinho de Sobral.

Pesq.: Quais os parentes que a senhora possui?

Entrev.: Eu tenho irmão, tenho sobrinho, tenho muito enteado.

Pesq.: É? Certo.

Entrev.: Eu tenho um irmão só. Eu tenho a minha cunhada que é casada com meu irmão. Muitos sobrinhos. Eu tenho cinco sobrinhos homens e uma mulher.

Pesq.: Certo.

Entrev.: Filha do meu irmão. Eles são filhos do meu irmão e ela também. E tenho enteado, eu tenho oito enteados.

Pesq.: Que a senhora casou seu esposo já tinha filhos, é?

Entrev.: Já. Tudo já era dele, eu nunca tive filho com ele, não.

Pesq.: Ah, a senhora não teve filhos, não...

Entrev.: Eu não tive sabe o porquê... porque eu tive um mioma no útero. Antes de eu ter namorado, o médico me disse que ia me dizer uma coisa que eu ia ficar triste: que quando eu casasse eu não ia ter filho. Aí ela respondeu: ah e é por isso aí que eu vou ficar triste? Eu não sei nem se eu vou casar, como é que eu posso ficar triste duma coisa que eu não tenho certeza. Ele disse: - Não, mas você vai casar. Mas você vai casar, você é bonita, é educada. Eu digo: quem lhe disse, eu não tenho estrela na testa. Como é que você sabe o que vai acontecer. Eu não sei, você sabe. Pois é, eu tenho certeza que você vai casar, só que você não vai ter filho, porque você tirou um mioma do útero e o útero é o que faz a mulher ter filho.

Entrev.: Mas, você não fez nada, não, não foi? Você não tem filho, mas não fez nada, não?

Pesq.: Não, eu já tirei um mioma também, mas não foi por isso, não. É porque nunca deu certo mesmo.

Entrev.: Pois então é por isso, não pega, né?

Pesq.: Eu nunca evitei, não e eu tenho cinco anos de casada.

Entrev.: Pois é por isso, porque o médico me disse: Olha quando for pra namorar você diz logo: Olhe, você quer namorar comigo, eu não vou ter filho. Você diz logo. Eu disse: não se incomode, não porque eu sei que não vai acontecer.

Pesq.: A senhora achava que não ia casar, não era?

Entrev.: Achava.

Pesq.: Por quê?

Entrev.: Porque eu era muito esquisita e com homem nenhum eu me dedicava, eu não me entregava assim, de gostar, de me dedicar, de ser aquela mulher dedicada, de ser assim, sabe? De eu tomar partido daquilo como toda mulher toma quando tá namorando, tem vontade de casar. Comigo era diferente.

Pesq.: Não tinha esse interesse assim, não?

Entrev.: Totalmente diferente. Hoje eu podia estar muito bem, e amanhã tava toda esquisita. Toda diferente, sabe. Eu não era aquela de ontem eu não era aquela de hoje.

Pesq.: Ah!

Entrev.: Eu era assim.

Pesq.: A senhora mesma reconhece que era desse jeito.

Entrev.: Eu sei que eu era desse jeito.

Pesq.: Então como foi que deu certo seu casamento com seu marido?

Entrev.: Porque, sabe porque. Ele era viúvo. Então, ele quando a mulher dele morreu. Sim, eu era muito amiga dele.

Pesq.: Ah!

Entrev.: Eu queria um bem louco a mulher dele como também queria a ele. A primeira vez que eu vim aqui em Fortaleza, foi ela que me trouxe. Pagou passagem pra mim e veio, pediu a mamãe pra mim vir com ela, tudinho, sabe? Ela me tinha um amor doido. Eu acho que foi ela que fez esse casamento. Porque ela me queria muito bem, me queria um bem de verdade.

Pesq.: Sei.

Entrev.: Não era de brincadeira, então quando ele ficou viúvo, uma filha dele disse assim, pra uma mulher de um primo meu: Irene, vamos fazer o casamento do papai com a Ester, porque ele

quer muito bem a ela e ele já disse que se tiver de casar é com ela. Vamos fazer o casamento dela com ele. Aí a Irene disse: vamos, eu quero muito bem a todos dois, tanto a ele como a ela, pois vamos.

Pesq.: Sem você saber de nada...

Entrev.: Aí a Irene, casada com um primo meu me telefonou e pediu que eu fosse passar o dia com ela. Aí eu perguntei se ia ter algum aniversário. Aí ela disse que não era porque tava com vontade de me ver, tava com saudade. Fazia dias que não me via e queria que eu fosse. E que o marido dela vinha me buscar. Aí eu concordei. Aí quando eu cheguei lá ela me disse: Oh, beleza, vai realizar meu sonho. Eu disse: Sonho de quê, mulher, porque eu venho pra cá, é um sonho? E ela respondeu: é um sonho lindo, maravilhoso.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Dá com um pedaço a Olga chega. Essa Olga era filha dele. Aí eu tava sentada com a Irene, na sala, na mesa de jantar. Aí ela me disse: Ester eu quero te pedir uma coisa, e eu respondi: O que eu tenho pra te dar? Aí ela disse que era uma coisa importante na vida dela. Aí eu disse: Diga, logo. Porque eu fico doidinha quando a pessoa diz que vai me dizer uma coisa e não termina logo. Eu vou lhe pedir pra você casar com o papai. Aí eu disse: Olga, brincadeira tem hora. E ela disse: Olhe, não e brincadeira, não, o papai já rejeitou mulheres, pais e filhas que vão atrás dele pra ele casar. E ele não quer, só quer casar se for com você. Eu disse: Mulher, eu já te disse que brincadeira tem hora. Deixa que ele se vira como ele queira. Aí ela disse: Pois, como ele queira é você. Ele pode se virar, mas é com você. Aí, eu fiquei calada.

Não respondeu ainda, se queria ou não.

Entrev.: Não, eu fiquei calada aí a Irene me perguntou se eu ia ficar calada. Aí eu disse: vou que eu não sei o que a Olga tá tramando na vida dela e eu não gosto de coisa assim, eu prefiro ficar calada. Bom, fiquei calada. Quando foi depois do almoço... sim, aí ela foi embora pra casa dela, pra casa do pai dela, porque a casa dela era em Massapê. Mas ela tava na casa do pai dela. Quando foi depois do almoço ele chegou na casa da Irene.

Pesq.: Uhum...

Entrev.: Aí disse: Oh, Estezinha, você por aqui! Aí eu disse: eu vim de manhã, que o Caramuru foi me buscar. Ele: Que beleza que você tá aqui. Aí fez aquele elogio, sabe?

Pesq.: Aquela festa de lhe ver.

Entrev.: De me ver. Eu notei aquela alegria, aquela aparência, aí eu perguntei: Você tá bem, não tá? Aí ele disse: Agora, tô! Aí, eu pergunto, agora porquê? Ele: Porque você tá aqui. Agora eu estou, porque eu estou lhe vendo. Aí eu disse: Engraçado, você me vê sempre e só ficou alegre agora. E ele: Não toda vida que eu lhe via eu tava alegre, só porque agora é uma coisa diferente. Você se lembra que você fez comigo e a Célia? Célia era a mulher dele. Que nós lhe levamos pra Fortaleza. Aí eu disse: lembro, nunca me esqueci, não. Aquele foi o primeiro passeio que eu fiz. E eles me deram tudo. A Célia gostava muito de você. Sim, e eu já tinha sido madrinha de vela de um filho dele, que até já morreu. Ele me contou que foi a mulher dele que pediu pra eu ser madrinha do filho dela porque ela disse que gostava muito de mim. Ela gostava tanto de mim, que todo domingo ela queria que fosse passar o dia com ela. Aí ela ficava no portão, mesmo que eu não avisasse que ia ela sentia e me esperava no portão. Ela dizia que o coração dela avisava. Por isso que eu digo que meu casamento foi ela quem fez.

Pesq.: Verdade. E aí deu certo, você se casaram?

Entrev.: Sim, aí tinha uma cunhada que morava em Recife e tinha vindo passar as férias aqui. Aí eu contei pra ela e ela me disse que concordava e que queria ser minha madrinha. Aí ela me perguntou se eu já tinha contado pra mamãe, aí eu disse que não tinha dito e nem ia dizer, porque eu achava que a mamãe não queria que eu me casasse. Aí, minha cunhada contou tudo pra mamãe.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí, minha mãe me perguntou sobre a história. E disse que aceitava porque ele era um homem muito bom, bom pai, bom esposo. Dependia só de mim. E ele me pediu pra mamãe por meio de uma carta.

Pesq.: Sabe, sua história de amor é muito bonita. Sim, D. Ester, e a senhora foi feliz?

Entrev.: Eu digo que se toda mulher tivesse a felicidade que eu tive não tinha casamento que se desfizesse. Porque o meu foi desfeito porque Deus levou meu marido para o céu, mas nós nunca tivemos nem uma pequena discussão na vida.

Pesq.: Aí como foi que a senhora veio aqui pra essa casa?

Entrev.: Pra cá eu vim da seguinte maneira, porque ele tinha a casa própria, a casa dele.

Pesq.: Sei.

Entrev.: Aí, eu não fiquei mais na casa. A mamãe tinha morrido e ele dois meses depois ele morreu.

Pesq.: Oh, meu deus!

Entrev.: Aí eu fiquei doida. Sabe o que é a pessoa enlouquecer? Eu fiquei foi doida. Aí a mamãe tinha uma casa, que eu morava com a mamãe na Cidade 2000. Aí eu disse: eu vou pra Cidade 2000. Eu vou morar na Cidade 2000. Agora chegou a hora, eu vou morar na Cidade 2000.

Pesq.: Você lembra quando ele morreu?

Entrev.: Umás duas semanas depois do aniversário dele. Quando eu fui fazer esse aniversário o filho dele me perguntou se eu estava fazendo a despedida dele. E eu disse que ele não se importasse com isso. 24.07.1988, foi o falecimento dele.

Pesq.: Sim, aí você foi pra Cidade 2000 depois que ele faleceu.

Entrev.: Sim, aí meu irmão começou a se preocupar comigo aí eles me aconselharam a vir pra cá, porque eles achavam o bairro inadequado pra mim. Eles achavam que eu não ia ser feliz lá. Ela me explicou tudo. Que ele queria que eu fosse pra um pensionato onde tivesse muita gente pra ver se eu me salvava da tristeza.

Pesq.: Você ficou deprimida, não é?

Entrev.: Sim. Ela disse pro meu irmão que eu tinha aceitado ir pro pensionato. Pesq.: Ela mentiu. Aí quando ele foi me falar que tinha arrumado o pensionato.

Aí você disse o que pra ele?

Entrev.: Aí, eu aceitei. Já tá com quatro anos e cinco meses.

A idosa fala como se houvesse aceito vir para o abrigo quase como se não tivesse escolha, como é perceptível em sua fala: “Ela disse pro meu irmão que eu tinha aceitado ir pro pensionato”.

Pesq.: Então, você tá feliz aqui? Pois, muito bem, você veio pro lugar bom e tá feliz aqui.

Entrev.: Não, pra mim, a felicidade é o céu.

Pesq.: Eu queria saber sua opinião sobre isso, sobre a velhice. Quer dizer que pra você a felicidade é o céu, é?

Entrev.: É.

Pesq.: E sobre a velhice?

Entrev.: Não eu não tenho dificuldade, nem me sinto mal com a velhice, não. Porque pra mim, eu nem sou velha. (Negação da velhice)

Percebe-se na fala da idosa a negação da velhice, como é característico em alguns trabalhos sobre a temática velhice.

Pesq.: Você não se sente, não?

Entrev.: Não.

Pesq.: Você tem a saúde boa?

Entrev.: Não, eu não tenho saúde boa, mas eu não me preocupo com a saúde. Porque quando eu tô doente eu só penso que eu vou morrer e na morte eu só espero o céu e encontrar com a minha mãe e o meu marido. Não me entristece, a morte. *A morte, pra mim, não é tristeza.*

Pesq.: Então, você nem tem medo da morte?

Entrev.: Não, nem um pingão.

Pesq.: Está preparada pra ir a qualquer momento.

Entrev.: A qualquer momento, na hora que Deus quiser, na hora que Jesus me chamar, eu vou.

Pesq.: E aqui, você sente solidão? Se sente só, às vezes?

Entrev.: Não me sinto só, não. Não sinto solidão não, porque tem muita gente aqui, né. Entra um entra outro, né?

Pesq.: E você acha bom esse movimento, né?

Entrev.: E faz aquela confusão. Agora eu sinto é tristeza. É saudade. A saudade é uma coisa que não passa nunca.

Pesq.: Ah, é verdade, né?

Entrev.: Não passa nunca.

Pesq.: Quando você fala nessa saudade, é saudade dos que já se foram, né?

Entrev.: É. É saudade do meu marido, saudade da minha mãe ... que eu sinto uma saudade louca. Eu ainda não me conformei com esses anos de morte do meu marido, que você já viu aí.

Pesq.: Eu anotei aqui.

Entrev.: Eu não me conformei ainda com a minha separação.

No caso, a separação à qual a idosa se refere é a morte de seu cônjuge.

Pesq.: Eu sei.

Entrev.: Eu sinto uma tristeza, eu sinto saudade dele. Tanto eu fico olhando, aí eu digo: Será que eu tô pecando de ficar pensando no que eu já passei?

Não, não, não é normal, né? Todo mundo que viveu alguma coisa tem que se lembrar, né? Ainda mais que foi bom, né, não foi coisa ruim.

Entrev.: Não, ave Maria graças a Deus.

Pesq.: Como a senhora diz, né? A senhora foi tão feliz, muito feliz, casamento feliz, a convivência não tinha briga, não tinha confusão, né?

Entrev.: Um dia, ele chegou, a menina tinha pedido pra ir pra praia, aí eu não sei o que que eu fui fazer, não sei o que foi. Aí ele chegou e disse: Na cozinha? Aí eu disse que a menina tinha ido à praia e eu tinha ido resolver uma coisa na cozinha, aí ele me disse que não casou pra ter empregada, não. Ele disse que casou pra ter uma esposa. Ele se preocupava com minha alimentação, com a forma como as pessoas me tratavam. Ele tinha uma nora, que gostava muito dele. Aí um dia ele se sentou na cadeira que eu tava sentada, quando eu fui buscar suco pra servir aos filhos dele e minha nora, pois ele pediu pra ela sair de minha cadeira.

Pesq.: Foi mesmo?

Entrev.: Foi.

Pesq.: O que você acha da felicidade?

Entrev.: Eu sou muito benquista das irmãs, todas elas me tratam muito bem, se dedicam muito a mim. Quando eu era moça eu era muito feliz na minha terra.

No trecho em destaque percebe-se que a juventude é a felicidade. Quando eu vim pra cá, eu morava na Vila dos Marítimos, ela me disse que aquilo não era ambiente pra mim.

Pesq.: Mas, ela falou isso por quê?

Entrev.: Por causa da vizinhança.

Agradecimentos pela colaboração.

## Entrevista 17 – D. Mariana

Pesq.: Nome completo?

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: Sua data de nascimento:

Entrev.: 03 de novembro de 1926.

Pesq.: Está com quantos anos?

Entrev.: não sei não.

Pesq.: Pois eu vou lhe dizer, a senhora está com 87 anos.

Entrev.: Orra.

Pesq.: E é solteira, né isso?

Entrev.: Isto.

Pesq.: Nasceu em que lugar?

Entrev.: Milagres.

Pesq.: A primeira questão é saber quais os parentes que a senhora ainda possui.

Entrev.: Eu nem sei, fica muito isolado, e eu nunca mais andei por lá, aí não sei...

Pesq.: Não sabe quais são, não, né?

Pesq.: Irmãos?

Entrev.: Tinha muito irmão.

Pesq.: E quando foi que a senhora veio pra cá, se a senhora se lembra de como, quando foi.

Entrev.: Minha filha, não me lembro mais, não. Faz tanto tempo.

Pesq.: Tá com quantos anos que a senhora tá aqui, a senhora lembra?

Entrev.: Também não sei.

Pesq.: Mas antes da senhora morar aqui, morava aonde?

Entrev.: Sítio.

Pesq.: Mas a senhora não lembra quem lhe trouxe pra cá, não?

Entrev.: Eu vim pra cá, foi assim, uma espécie de um sequestro.

Pesq.: Como assim?

Entrev.: A pessoa pegou em meu braço, me botou em cima dum cavalo aí eu não pude descer, porque eu fiquei com medo de cair, aí quando eu parei foi aqui.

Pesq.: Foi? Mas a senhora não lembra em qual ano foi isso, não, né?

Entrev.: Não sei.

Pesq.: Seus pais ainda eram vivos nessa época?

Entrev.: Não.

Pesq.: Já tinham falecido, né?

Entrev.: Tinha.

Pesq.: E me diga uma coisa, agora é da sua opinião, pra senhora o que que significa a velhice?

Entrev.: A velhice é um período que a gente passa a gente nem sente, não sabe quando tá velho nem quando tá novo. (Sentimento de indefinição como tudo o que essa idosa falou na entrevista).

Pesq.: Hum.

Entrev.: Como todo dia, bebe todo dia, se veste, sabe, chega...é isso é um entendimento que você passa e nem sente, só que é boa que é danada, adoro viver.

Pesq.: Adora viver, né? Não reclama da vida, não?

Entrev.: Pelo contrário, agradeço a Deus por ela.

Pesq.: Tá com saúde, né? E a felicidade, pra senhora o que é a felicidade?

Entrev.: É a gente ter dinheiro pra gastar, pra comprar o que comer, comemorar, ter amigos.

Pesq.: É preciso ter gente perto, né, conviver as amizades. E a solidão, a senhora sente solidão, já sentiu, o que a senhora acha?

Entrev.: Solidão é uma coisa que acontece no dia a dia da vida gente. Não me casei pra ter filhos, tinha muito irmão forma embora desapareceram tudo. Aí a pessoa passou, se levantou e disse vamos ali? (De como não tinha ninguém para ficar cuidando dela na velhice, nem se quer os filhos, como ficou implícito, alguém a trouxe para o abrigo, de porque veio para o abrigo).

Pesq.: Passou, disse: Vamos ali, convidou a senhora e trouxe pra cá.

Entrev.: Foi.

Pesq.: E quem foi essa pessoa a senhora lembra?

Entrev.: Não conheço, não.

Pesq.: Não era conhecido seu?

Entrev.: Não. Nunca tinha visto.

Pesq.: E se a senhora pudesse fazer um resumo da sua vida, suas lembranças, sua infância, o que a senhora pode dizer?

Entrev.: Um negócio tão conturbado, minha filha.

Porquê?

Entrev.: Pobreza.

Pesq.: E esse lugar que lhe trouxeram pra cá é bom, a senhora gosta daqui?

Entrev.: Eu gosto. Não tenho pra onde ir, minha filha. Não tenho o que reclamar, não tenho a quem reclamar, é entregar a Deus e pronto. Rezo quando eu vou dormir, quando acordo vejo os passarinhos... “sassaricando”...

Pesq.: Oh, coisa boa, né acordar e ouvir os passarinhos cantando.

Entrev.: É bonito. Aqui tem tanto passarinho, de manhãzinha, mulher é cheio de passarinho piupiu...É bonito, aí... assim passa o dia.

Pesq.: Hum.

Entrev.: De manhã tem um café, meio dia, o almoço; de tarde um café, de noite é o jantar, antes de dormir uma cafezinho com leite. Assim, não tem pra onde ir, tem que aceitar. Aqui é fingir se acostumar e suportar pra não tá reclamando da vida.

Pesq.: É...

Agradecimentos.

### Entrevista 18 – D. Mentinha

Entrevista - D. Mentinha

Pesq.: A senhora é solteira, nasceu aqui em fortaleza mesmo?

Entrev.: Foi.

Pesq.: Aí, eu gostaria de saber os parentes que a senhora ainda possui.

Entrev.: Eu possuo dois irmãos.

Pesq.: Dois irmãos, né? Moram aqui em Fortaleza?

Entrev.: Não, um em Guaretinguetá e outro em Juiz de Fora. Morreu o José e morreu o Fernando agora tá com 4 meses e minha irmã, que era só eu e ela.

Pesq.: Agora que tá com 4 meses, ainda tá de sentimento, né? Sim, e como foi que a senhora veio pra cá e quando, a senhora lembra?

Entrev.: Eu, foi uma amiga minha que me informou.

Pesq.: Lhe indicou, né.

Entrev.: Indicou, mas não sei, não me lembro mais nem como é o nome dela.

Pesq.: Esqueceu o nome da amiga?

Entrev.: Esqueci, eu morava lá na Silva Paulo, ainda quando minha mãe era viva. Ela morreu, aí ela me indicou: Olha, Mentinha.

Pesq.: A senhora morava só a senhora e a sua mãe?

Entrev.: Era, aí ela morreu e eu fiquei só.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Aí eu disse, aí essa amiga: Olha Mentinha... E eu tinha era vontade mesmo que... eu não achava muito bom lá só não que eu tinha que botar uma pessoa que eu trabalhava lá na educação.

Pesq.: Ah, você é professora?

Entrev.: Não, funcionária.

Pesq.: É técnica, né? Funcionária Administrativa.

Entrev.: É, técnica.

Pesq.: Aí, quer que dizer que a senhora...

Entrev.: Aí ela me indicou e eu vim pra cá.

Pesq.: Humhum.

Entrev.: Achei melhor do que ficar só. Só, também, o Estado tu sabes que não paga bem.

Pesq.: Hum.

Entrev.: Eu morava com a mamãe porque os meninos mandava dinheiro pra ela.

Pesq.: Pra ajudar, né?

Entrev.: E ajudava, né. É diferente. Mas ela morreu, aí cortou tudo. Quando ela faleceu eles pararam de colaborar. Aí, eu fiquei só com o meu dinheiro não dava, pra pagar casa, aluguel...

Pesq.: Água, luz, né?

Entrev.: Água, luz e condomínio e uma empregada, de onde é que eu tirava. Aí me indicaram aqui.

Pesq.: E a senhora achou bom, né. foi uma boa indicação, né?

Entrev.: Foi.

Pesq.: Graças a Deus, né que tem esse lugarzinho aqui.

Entrev.: É, ao menos tem um lugar, né?

Pesq.: É, e a senhora gosta daqui?

Entrev.: Eu gosto.

Pesq.: É bom, o atendimento, as relações com as pessoas, tem amigas, não é?

Entrev.: Pra conversar...

Pesq.: Pra não ficar sozinha, né?

Entrev.: Não, eu ficava em casa sozinha. Aí quando tinha uma pessoa tudo bem, mas pra pagar as coisas tudinho aí não dava. O governo. Principalmente, o Cid. Sabe que o Cid é assim, né? É, o Cid é assim ele não gosta de pagar nem professor, nem o pessoal da educação, não, né? Olhe e o aumento, minha filha, ele queria dar este aumento de 2%. E o que é 2%? Aí, a Ritinha que é

da nossa Associação, essa pobre trabalhou tanto, fez lá um catatau de história, ia pra Assembleia, ia pro Palácio, ia não sei pra onde, ia pros deputados, tudo pra ver se ajeitava. Sei que ele acabou dando 5%. Foi, deu 5%, mas se segurando pra não dá. Se segurando pra não dá. E pronto, acabou-se, ninguém ouve nem falar em aumento mais.

Pesq.: Pois é, D. Mentinha, me faça assim um resumo da sua vida como foi a sua juventude...onde a senhora nasceu, como foi.

Entrev.: Minha irmã, nasci aqui, morava com minha avó e minhas tias. Aí, a mamãe morava no Rio, com os meninos, né?

Pesq.: Estudou...

Entrev.: Estudei, fiz primário, fiz interno no Patronato, com a Profa. Auxiliadora, depois, eu terminei aí eu fui, não foi o tempo que ai, ela mamãe morreu, fiz o ginásio no Santa Cecília, que naquele tempo, o ginásio ainda era aqui ainda, o Sta Cecília.

Pesq.: Humhum. É qual a sua opinião sobre a velhice? O que que a senhora acha assim da velhice?

Entrev.: Eu...eu não acho nada, eu não sinto nada. Pra não dizer que não sinto, eu agora apanhei essa labirintose, né.

Pesq.: Fica meio tonta, né?

Entrev.: Tonta, não, é desequilibrada.

Pesq.: Quando vai caminhar, né? Labirintose, né?

Entrev.: É. O médico ficou até de passar remédio, mas ele tá aguardando uns representantes que prometeram pra ele, de trazer uns remédios, uns remédios, pra ele, que não tem aqui.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: E eu to aguardando o telefonema, que ele me disse que assim que os meninos trouxessem os remédios aí eles me telefonavam pra eu ir buscar. Eu tô aguardando, né?

Pesq.: Tá aguardando, né? E, e a respeito da solidão, pelo que a senhora falou a senhora não gosta, porque não gostava de morar só, né?

Entrev.: Não, eu não gosto de solidão, não eu gosto é de folia. eu tava lá na casa da Paula, em Recife, o marido dela só faltava morrer de rir, ave, Maria quando a gente diz vamos passear, quando a gente diz vamos a Mentinha já tá pronta, que era pra ir passear.

Pesq.: Quem é que gosta, né de ficar só?

Entrev.: Eu conheci o Recife todinho, Olinda aquelas partes, tudo.

Pesq.: Lindo, né.

Entrev.: É.

Pesq.: A cidade de Olinda só podia ter aquele nome.

Entrev.: É.

Pesq.: Linda mesmo, a cidade. Também conheço eu fiz Mestrado lá.

Entrev.: Tu conheceste a casa daquele cantor famoso.

Pesq.: Não, eu não conheci, não.

Entrev.: Pois, nós fomos, a Paula me levou até lá, me mostrou a casa. É bonita, Olinda, você olhando lá de cima, você vê a cidade todinha de Recife. Muito Bonito.

Pesq.: É, verdade. E, e a felicidade? Pra você, o que é a felicidade?

Entrev.: Felicidade é você tá com saúde.

Pesq.: É ter saúde, né?

Entrev.: É, eu agora com esse negócio dessa labirintose, eu tô mais parada dentro de casa, porque eu só gosto de sair com uma pessoa que eu seguro, né. Eu tenho medo de cair.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: É bom uma pessoa sempre pra segurar.

Pesq.: Mas, assim, se não fosse isso dava pra você sair sozinha e tudo, né?

Entrev.: Ave Maria, eu saia era só, eu não fazia nada com ninguém, eu ia pra rua, procurava, rodava essa cidade todinha, mas achava e fazia tudo.

Pesq.: Certo, também fica difícil, né com esse problema?

Entrev.: E tá pedindo as pessoas pra sair é muito chato.

Pesq.: É. Aqui, assim, porque vive fechado, é?

Entrev.: Não, não é fechado, é porque tem que arranjar uma pessoa pra ir comigo.

Pesq.: Ah, sim, uma pessoa que lhe acompanhe.

Entrev.: Se não, não tem como eu andar, eu tenho medo de cair.

Pesq.: Certo.

Entrev.: Tem dia que é até melhor, até que dá, mas tem dia que não dá. Hoje, se eu fosse sair pra ir só, não dá. Eu amanheci foi ruim, desequilibrada. O remédio ainda não chegou. Ele me disse ontem que aguardasse que hoje os representantes iam e diziam alguma coisa.

Pesq.: Certo. Mas me diga uma coisa, essa labirintite é a mesma labirintose?

Entrev.: A labirintose.

Pesq.: Essa labirintose é a mesma coisa da labirintite?

Entrev.: Não.

Pesq.: E qual é a diferença?

Entrev.: A diferença é que a labirintite você fica tonta e a labirintose, você não fica tonta você fica desequilibrada.

Pesq.: Eu tenho labirintite, se eu tomar muito café, comer muito chocolate, passar a noite sem dormir, no outro dia eu ando assim.

Entrev.: Aí o que você usa?

Pesq.: Aí, o que eu uso é Ginko-Biloba. Um neurologista passou pra mim.

Entrev.: eu também, ele já mandou eu tomar ginko-biloba e dramim B6 e um Alcadim, uma bandinha, pra mim passar a noite dormindo. E ficar sem sono, desde que eu... eu fiz aneurisma.

Pesq.: Você teve um aneurisma?

Entrev.: Tive.

Pesq.: Fez cirurgia?

Entrev.: Tive sim, abriu essa minha cabeça aqui todinha, até isso aqui destocar.

Pesq.: Foi mesmo?

Entrev.: E eu fui... O Dr. Sérgio disse que é porque quando eu senti a dor de cabeça eu fui logo...

Pesq.: Não chegou a explodir, mesmo assim?

Entrev.: Não.

Pesq.: Graças a Deus, porque se não tinha ficado sequelas, né?

Entrev.: Fica, ele disse que eu tive a dor de cabeça e fui logo pra lá. Que ele, como ele disse: tem gente que tem a dor de cabeça da labirintose e tem a dor de cabeça da (...) aneurisma. Que às vezes a pessoa... enxaqueca, não é? Tá com dor de cabeça, é enxaqueca tomar um remédio e passa.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Aí ela não sabe se tá com a enxaqueca ou se tá com aneurisma. Tanto que quando eu fui pra lá, ele media a pressão, a pressão tava muito alta. Ele disse: Não, Mentinha, vê se baixa essa pressão que ela tá muito alta, todo dia você mede, quando ela tiver baixa você vem aqui. Aí eu fiz, fui. Então nesse intervalo eu dei uma golfada preta. Eu tava lá na Cecília. Aí ela disse: tu vai de novo.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Quando eu cheguei lá ele bateu a tomografia.

Pesq.: Da cabeça, né?

Entrev.: Quando ele bateu a tomografia ele viu que tinha um coágulo, aí ele teve que abrir, e já(/) e quando ele abriu já tava o sangue derramado aqui. Depois ela ainda fez, eu ainda passei 5 dias lá no hospital, porque ele fez a limpeza que escorregou pra cá, aí ele deslocou o queixo, limpou tudinho. Aí me deu alta.

Pesq.: Por isso, que você não ficou com sequela nenhuma, né?

Entrev.: Não.

Pesq.: Não tem quem diga que você fez cirurgia. Ele disse logo que eu não ia ficar com sequela.

Entrev.: Agora, ele disse que essa labirintose não tem nada a ver com a minha operação.

Pesq.: Não é, é outra coisa, né? Apareceu outra coisa.

Entrev.: É.

Pesq.: E uma bengala, não ajudaria, não?

Entrev.: Vixe.

Entrev.: Não gosta, não?

Pesq.: Eu acho tão xique, elegante.

Entrev.: Não, eu já experimentei e achei que ficou foi pior.

Pesq.: É, não dá certo pra você.

Entrev.: Não, não, dá certo é segurando numa pessoa.

Pesq.: Aí, é bom, né?

Pesq.: E você gosta de passear, né?

Entrev.: Aí, eu vou até pra Honolulu.

Agradecimentos pela colaboração da entrevista.

### **Entrevista 19 – D. Mazé**

Pesq.: Nome completo:

Entrev.: nome suprimido.

Pesq.: Qual a sua data de nascimento?

Entrev.: Ouvi a mamãe “coisar” no dia 04 de agosto.

Pesq.: 04 de agosto? Qual o ano?

Entrev.: Agora não sei, ela nunca falou no ano.

Pesq.: E você nasceu aonde, Mazé?

Entrev.: Vixe, parece, num sei se foi Aracati ou Cangati.

Pesq.: Aracati?

Entrev.: Aracati ou Cangati?

Pesq.: Um desses dois, não é? Eu tenho aqui, Mazé.

Entrev.: Perdeu?

Pesq.: Não, é que eu queria saber qual era o lugar pra eu poder lhe dizer, que eu tenho uma fichazinha de cada uma de vocês. Mas ela está aqui incompleta, depois eu procuro.

Entrev.: Depois você procura.

Pesq.: não é? Achei, Maria José Serra Abreu, nasceu no dia 31 de janeiro de 1932. Você sabia disso?

Entrev.: Eu sei lá, to só olhando pra você, pra você me dizer. (risos) Eu via a mamãe sempre me dizia que eu sou de agosto, agora qual foi o ano que eu não sei.

Pesq.: 32.

Entrev.: Isso, que foi na época das secas...

Pesq.: Foi na época das secas. (No Nordeste, há o costume de se dar os filhos a pessoas que tenha condição de criá-los quando há uma condição de pobreza ou de necessidade temporária, como no caso do fenômeno das secas)

Entrev.:... que me entregaram a ela, que eu sou filha de criação dela.

Pesq.: Ah, você é filha de criação, né?

Entrev.: É, sou, ela morreu aí eu vim pra cá pra ficar perto. Ou foi em Aracati ou em Cangati.

Aracati, eu sou não tenho contato com esse pessoal eu não quero... ocupar elas pra nada, não.

Pesq.: Eu sei, você fica mais aqui dentro, né, Marina. Você já tem sua casinha tudo organizado.

A minha família não vem aqui, não.

Pesq.: Eu já ia lhe perguntar quais são os parentes que você possui?

Entrev.: Eu não te... não posso... sou filha de criação. A família chamava-se Abreu, Serra Abreu, aí meu nome é Maria José Serra Abreu.

Pesq.: Abreu, né?

Entrev.: Porque ela disse, foi o tio dela que me registrou. Disse que ela vai ser gente, eu quero é nome dela.

Pesq.: Botou o nome da família todinha em você.

Entrev.: Já faleceu tudo, tia Maroca também já faleceu. A Ildinha faleceu, a Anita faleceu.

Pesq.: Então você não tem parentes vivos, não?

Entrev.: Francisqinha, faleceu... E o Abreu faleceu.

Pesq.: hã. E tem gente que vem lhe visitar aqui, Maria?

Entrev.: Num sei como foi essa jogada que eu tô aqui dentro.

Pesq.: Não sabe como foi, não?

Entrev.: Não me disseram foi nada.

Pesq.: Sabe com quantos anos que tá aqui?

Entrev.: Não sei, não sei se foi... Não, aqui ainda não tem um ano, não.

Pesq.: Ah e não tem ano, não?

Entrev.: Tem, não agora que deve tá entrando num dois anos, como é?

Pesq.: Meses?

Entrev.: Mês, é.

Pesq.: É, né, mas você também não lembra quem lhe trouxe?

Entrev.: Não, eu só descobri que era filha de criação, porque às vezes ela tava na janela, conversando, ela gostava de ficar na janela, aí eu pegava a saia dela, puxava a saia dela. Aí o homem perguntou: “É sua filha?” aí ele meteu uma conversa tão danada, vira volta que não disse de nada. Não disse nada, não falou foi nada.

Pesq.: Ah...

Entrev.: Eu sei, então a senhora não se lembra quem lhe trouxe, a pessoa.

[...]

Pesq.: E me diga uma coisa, qual a sua opinião sobre a velhice?

Entrev.: Eu tenho que aceitar a velhice, minha filha, porque tô velha mesmo. (metáfora da aceitação da velhice – tô velha mesmo!)

Pesq.: É, né, mas você acha se é boa ou se é ruim?

Entrev.: Não, isso aí é tudo igual. É igual.

Pesq.: Tudo é igual. Todas as idades?

É, todas, acho que deve ser mesmo.

Pesq.: E a felicidade, que você acha da felicidade?

Entrev.: A felicidade, tá muito longe da minha. Felicidade foi embora e a saudade no peito ainda mora, pronto cantei.

Pesq.: Bonita essa música, né minha filha. Marina, você se sente só aqui?

Eu já tô acostumada a viver tão só, minha filha, que eu nem estranho. (metáfora da solidão – já tô tão acostumada que nem estranho...)

Pesq.: Não, né?

Entrev.: Acho até bom.

Pesq.: Antes de você vir pra cá, você morava só?

Entrev.: Morava só, no conjunto Ceará. Eu vim do Conjunto Ceará pra cá.

Pesq.: Foi, né?

Entrev.: Foi.

Pesq.: Aí, morava lá com quem?

Entrev.: Só.

Pesq.: Sozinha?

Entrev.: Toda vida foi sozinha que eu moro. Só faço, só fico sozinha mesmo. Negócio de acompanhamento, oh, uma vez lá no Rio foi fazer o quarto. A Celeste tava comigo. aí eu disse assim: Celeste, você paga a metade e eu também vou pagar a metade. Aí depois houve uma fofoca danada que aí eu não quis mais saber mais de nada.

Pesq.: Não deu certo?

Entrev.: Não deu certo, de jeito nenhum.

Tudo, bem, os agradecimentos pela colaboração na entrevista.

## Entrevista 20 – D. Maroca

Pesq.: Certo. A data de seu nascimento:

Entrev.: Dia 29 de abril de 1929.

Pesq.: Eita, tá pra fazer aniversário, hoje são 13, né.

Entrev.: É 20. Sabe porque eu boto dia 20, porque foi registrado como dia 20, mas é dia 29.

Pesq.: Sei, mas o dia correto é o dia 20, né? Dia 29 é só o dia do registro e o dia 20 é o dia do nascimento.

Entrev.: É.

Pesq.: Correto. E você nasceu aonde?

Entrev.: Em Bela Cruz. Nasci e me criei lá.

Pesq.: Ah, é aqui mesmo no Ceará?

Entrev.: É.

Pesq.: E seu estado civil?

Entrev.: Solteira.

Pesq.: Quais são os parentes que a senhora possui?

Entrev.: Éramos oito irmãos, é cinco irmãs e três irmãos. Mas agora, só tem eu e a Denise.

Pesq.: Ah, você é irmã da Ir. Denise, né?

Entrev.: Sou.

Pesq.: Quando foi que a senhora veio morar no convento?

Entrev.: Foi em dezembro, tá com cinco anos.

Pesq.: E porque a senhora decidiu vir pra cá?

Entrev.: Porque eu fiquei lá, só.

Pesq.: E me diga uma coisa, pra você o que que significa a velhice? O que você acha da velhice?

Entrev.: A velhice...sei que as pessoas chamam, como é?

Pesq.: A melhor idade, a 3ª. idade.

Entrev.: Pra mim, é a pior idade.

Pesq.: Você acha a pior idade?

Entrev.: Sabe, porquê?

Pesq.: Não.

Entrev.: Porque, minha filha, quando a gente é nova, tem força, tem coragem. E quando a gente fica velha... Bom é quando a gente é nova, que tem coragem, tem saúde, tem coragem e tem força. Agora, fica como ela, que pra tudo depende dos outros (referindo-se a uma das suas vizinhas de quarto que não anda, não fala e recebe o alimento na boca, porque não se alimenta mais).

Pesq.: Ruim, né?

Entrev.: É horrível.

Pesq.: E a felicidade, o que significa a felicidade pra você.

Entrev.: A felicidade, eu acho que é aceitar tudo, toda a vontade de Deus, né?

Pesq.: Toda a vontade Deus, né? (resignação, uma característica muito comum entre as idosas)

Entrev.: Nós somos feitos pela vontade Deus se não aceitar tudo, tem que sofrer muito, né?

Pesq.: Verdade, tá certa.

Pesq.: E a solidão?

Entrev.: Por mim, não tem solidão. Pra mim, não tem solidão.

Pesq.: Aqui você tem companhia, né?

Entrev.: Aqui eu acho melhor, porque aqui tem mais gente.

Pesq.: Uhum.

Entrev.: Lá em casa tinha que encontrar uma pessoa pra dormir comigo.

Aqui, não eu fico no meu quarto. Não é que eu ache aqui bom, aqui, não. Porque bom mesmo é na casa da gente. Lá a gente faz e desfaz. Mas não é só pra isso, né?

É, se é de ficar sozinha, melhor ficar aqui, né?(Dentre as piores, o abrigo é a menos pior).

Agradecimentos.